



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-graduação em Sociologia

**COTIDIANIZANDO A UTOPIA: UM ESTUDO SOBRE A ORGANIZAÇÃO
DAS ATIVIDADES CULTURAIS E POLÍTICO-SOCIAIS DOS ANARCO-
PUNKS EM JOÃO PESSOA**

YURIAL LIS FERNANDES BASTOS

TEREZA CORREIA DA N. QUEIROZ
(Orientadora)

João Pessoa- PB
Junho/2008

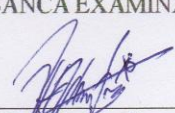
YURIAL LIS FERNANDES BASTOS

**COTIDIANIZANDO A UTOPIA: UM ESTUDO SOBRE A ORGANIZAÇÃO
DAS ATIVIDADES CULTURAIS E POLÍTICO-SOCIAIS DOS ANARCO-
PUNKS EM JOÃO PESSOA**

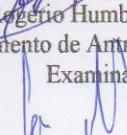
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da
Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre
em Sociologia.

Aprovado em 04 / Julho / 2008

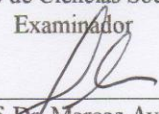
BANCA EXAMINADORA



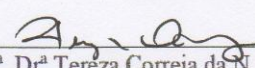
Prof. Dr. Rogério Humberto Z. Nascimento
Departamento de Antropologia – UFCG
Examinador



Prof. Dr. Terence Mulhall
Departamento de Ciências Sociais – UFPB
Examinador



Prof. Dr. Marcos Ayala
Departamento de Ciências Sociais - UFPB
Examinador



Prof.ª Dr.ª Tereza Correia da N. Queiroz
Departamento de Ciências Sociais – UFPB
Orientadora

Yuriallis Fernandes Bastos

Cotidianizando a utopia: um estudo sobre a organização das atividades culturais e político-sociais dos anarco-punks em João Pessoa

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia/UFPB, Campus I, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a **Tereza Correia da N. Queiroz**

JOÃO PESSOA- PB
Junho/2008

FICHA CATALOGRÁFICA

B327c BASTOS, Yuriallis Fernandes

Cotidianizando a utopia: um estudo sobre as organização das atividades culturais e político-sociais dos anarco-punks em João Pessoa / Yuriallis Fernandes Bastos. – João Pessoa, 2008.

177 p.

Orientadora: Tereza Correia da N.

Queiroz

Dissertação (mestrado) –

UFPB/CCHLA

1. Sociologia; 2. cultura anarco-punk – João Pessoa (PB). 3. Atividades sociais; Atividades politico-culturais.

UFPB/BC

CDU:

316.723 (043.2)

DEDICATÓRIA

Aos coletivos e indivíduos anarco-punks, anarquistas, punks, simpatizantes, colaboradores e curiosos que fazem a cena anarco-punk acontecer em João Pessoa. Para que vocês nunca desistam de seus ideais e lutas.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ, que me apoiou com uma bolsa (a qual conquistei com muita batalha e esforços intelectuais, políticos e pessoais, mas) que foi importantíssima para o andamento do meu curso, configuração dessa pesquisa e dissertação.

Aos meus pais Selma Fernandes Bastos e Adalmério Moreira Bastos, família e amigos do bairro da Torre e da universidade (estudantes e professores), que me apoiaram e incentivaram a prosseguir em momentos difíceis do curso e da vida política (e politqueira) acadêmica.

À minha amada Karla, pelos anos de amor, amizade, carinho e paciência. Pelo apoio moral, paciência e vigor que me transmitiu nos momentos psicologicamente difíceis do curso, pesquisa e redação dessa dissertação, como os que mencionei acima.

À Prof^a Dr^a Tereza Queiroz, por mais esta vitoriosa orientação. Pelos anos de amizade, companheirismo acadêmico, confiança, todo apoio e credibilidade que tem depositado no meu potencial de pesquisador. Pela paciência e respeito às diferenças de pontos de vista que tivemos durante os encontros de orientação.

À Nena, secretária do lar de Tereza, pela educação e paciência nos telefonemas e pelos cafezinhos, bolachas e biscoitos nas tardes de orientações.

À Natasha, filha de Tereza, pela tradução do resumo (abstract) da dissertação.

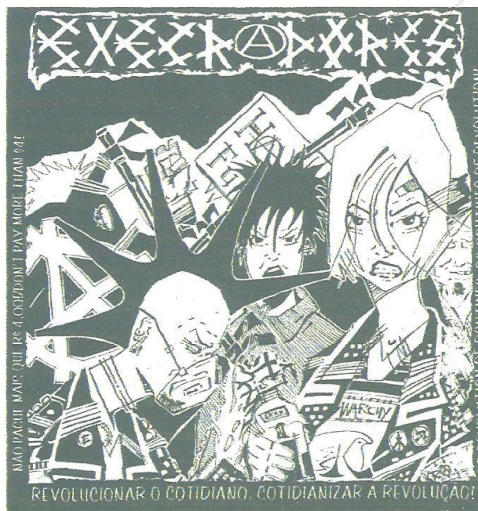
Aos professores Rogério Nascimento, Terence Mulhall e Marcos Ayala, por aceitarem o convite para serem axaminadores da minha banca, pelas contribuições críticas e respeito que cada um individualmente pode ter por mim enquanto estudante e ser humano, e também pelo meu trabalho de pesquisa.

Ao parceiro libertário anarco-punk “soteropolitano” Remo “Plebe” Demétrius, pela sua garra militante, pelo reconhecimento, apoio e incentivos que me deu.

Aos anarco-punks de João Pessoa (de outras cidades da Paraíba e outros estados do país) simpatizantes e colaboradores que fazem acontecer às movimentações na cena desta cidade, e que em campo muito conversaram e interagiram comportamentalmente comigo, esclarecendo-me muitos e importantes aspectos da cultura e estilo de organização anarco-punk, tornando-se assim praticamente có-autores desse trabalho.

À todos aqui mencionados meus mais sinceros agradecimentos! Sem estas relações que estabeleci com vocês este trabalho não seria possível.

À todos vocês meus sincero agradecimentos!



Capa do EP *Revolucionar o cotidiano, Cotidianizar a revolta*, da banda anarco-punk *Execradores*, São Paulo (SP)

Punk!!! Força e coragem!!!

PUNK DO SUBÚRBIO

Olhares perdidos
No mundo falido
Cabeças cansadas, mentes decididas
Passos apressados, bem definidos
Sempre com atos de ataque ao sistema

Punk!!! Punk do subúrbio!!!
Punk!!! Lutar pra viver!!!

Pratica a revolta, tumulto, barulho
Foge das guerras padronizadas
Nunca se entrega pra não parasitar
O alvo está na frente, não há como errar

Punk!!! Punk do subúrbio!

Se anarquia é utopia
Então o que faz um punk tudo dia?
Se anarquia é utopia
Então o que faz um punk tudo dia?

Punk!!! Punk do subúrbio!!!
Punk!!! Viva a anarquia!!!

Banda ex-anarco-punk *Delinquentes*, Belém (PA)

LA UTOPIA ES POSSIBLE

A humanidade em anarquia,
Tem liberdade, tem rebeldia,
Não querem os anarquistas,
Nem dinheiro nem prisões
Empregados ou patrões

La utopia es possible!!!

Banda anarco-punk *Inexistência Divina*, João Pessoa (PB)



Fonte: Encarte do CD *Ingovernables*, da banda de hard core anarco-punk *Sin Dios*.
Esperanza Gravaciones: Jarkore Records, Universo/2000.

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa embasada no método da observação participante, complementado por uma postura de participação observante, que objetivou compreender, através de uma análise das atividades culturais e político-sociais organizadas por dois coletivos atuantes na cena anarco-punk da cidade de João Pessoa/PB, os processos através dos quais estes, inspirados na cultura punk e na ideologia anarquista, constroem em suas movimentações uma alternativa autonomista e contracultural de organização que se contrapõe aos modelos hierárquicos e burocráticos das políticas oficiais da sociedade vigente, contrapondo-se também à indústria cultural e sua cultura de massas. procurando compreender este estilo peculiar de organização das atividades e eventos protagonizados pelos coletivos atuantes na referida cena, realizei um debate teórico com sociólogos e antropólogos urbanos estudiosos das culturas juvenis e dos movimentos sociais, dentre estes alguns que escreveram sobre os movimentos anarquista, punk e anarco-punk. Nesta pesquisa ainda foram analisados materiais de militância como boletins informativos, relatórios de encontros anarco-punks da região nordeste do Brasil e sites de organizações anarco-punks. Com base nesses esforços de pesquisa, cheguei ao entendimento de que o estilo de organização dos anarco-punks atuantes na cena de João Pessoa, funda um "novo" estilo de atuação, influenciado, mas diferente dos estilos de atuação anarquista e punk, ao mesclar em suas atividades elementos e aspectos culturais e político-sociais que antes se encontravam separados ou ausentes em cada um desses dois estilos de atuação.

Palavras-chaves: Cultura anarco-punk; Organização; Atividades Sociais; Atividades Político-culturais; Movimentações.

ABSTRACT

This work is consequence of a research based on the participant observation method, complemented by a posture of observant participation, which objective was to understand, through an analysis of cultural and political-social activities organized by two collective actors in the anarchic punk scene in João Pessoa city, the processes through which these, inspired in the punk culture and in the anarchist ideology, build in their movement an alternative autonomist and contra cultural of organization that is contradiction to the hierarchical and bureaucratic models of the current official politics. Also it contradicts the industrial culture and its mass culture. . Trying to understand the peculiar style of organization of activities and events propagandized by collective actors in the mentioned scene, it was made a theoretic debate among urban sociologists and anthropologists that study young cultures and social movements, including some that wrote about movements anarchist, punk and anarch-punk. In this research it was also analyzed militancy source materials, such as informative bulletins, reports of anarch-punk meeting of the northeast region of Brazil and websites of anarch-punk organizations. Based in the research efforts, we realized that the style of organization of the anarch-punk acting in the João Pessoa scene, creates a new style of actuation influenced however different of the styles anarchist and punk. That happens because it is mixed in their activities cultural and political-social elements and aspects that before is only found separated or absent in each of these two styles of actuation.

Key-words: Anarch Punk Culture; Organization; Social Activities; Political-cultural Activities; Movements.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....11

CAPÍTULO 1: DA CULTURA E DAS IDÉIAS SURGEM AS
MOVIMENTAÇÕES.....17

CAPÍTULO 2: ENTRE OS BIRÔS E OS ARREBITES: A SAGA DE UM
PESQUISADOR AO ADAPTAR OS MÉTODOS ACADÊMICOS PARA A
PESQUISA DE UMA
CONTRACULTURA.....52

CAPÍTULO 3: UM ESTRANHO FAMILIAR MO MEIO DA ALCATÉIA: A
OBSERVAÇÃO DAS ATIVIDADES DE MOVIMENTAÇÕES DOS ANARCO-
PUNKS.....62

3.1 - As
Gigs.....63

3.2 -
Debates.....89

3.3 -
“Palestras”debates.....106

3.4 - Exposição de lançamento do vídeo “Conseguiste tua liberdade, mas não tua
emancipação” (Seguida de debate) 31/08/200 -
.....119

3.5 - Mostra Zine Punkontrautoridade. Organização: NAD e Punx da Cidade -
09/06/2007.....127

3.5 - Boicote(s)-.....139

3.7 - Manifestação de Rua: durante o 2º Encontro de Confraternização Anarco-
punk à Nível Nordeste - 14,15 e 16 de
Jul./2000.....144

3.8 - Oficina de dinâmica de
grupo.....149

3.9 - Evento em parceria com um movimento “aliado”.....	151
---	-----

3.10 – Outra fonte: análise do relatório do 5º Encontro Anarco-Punk Nordeste – dez. 2001.....	155
---	-----

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	163
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	173
---------------------------------	-----

ANEXOS

1-Texto (panfleto): Anarco Feminismo é Clube da Luluzinha??. Rede Anarco Feminista Obirin Onijá. CX. Postal: 3297 – CEP: 01060-970 – São Paulo – SP.

2-Boletim Unificado: Informativo do Movimento Anarco-punk do Nordeste, nº4.

3-Carta de Presentacion de la Internacional Anarco Punk (I.A.P.), [HTTP://espora.org/iap/](http://espora.org/iap/), 21/01/2008.

4-Carta de Presentación de la F.A.P. (Federación Anarco-punk (ESP)), <http://fap.alphasy.com/?=presentacion>, 20/02/2008.

5-Relatório do 3º Encontro Anarco-punk do Nordeste, dez, 1999.

6-Relatório do 5º Encontro Anarco-punk Nordeste, dez, 2001.

INTRODUÇÃO

Este projeto desenvolve-se dando continuidade ao projeto de pesquisa que resultou na produção do meu trabalho de conclusão de curso de graduação (Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk¹), defendido em março de 2004 e orientado pela Prof^a Dr^a Tereza Queiroz, como parte integrante das pesquisas exploratórias desenvolvidas pelo extinto GRUPEJ (Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Juventude) junto às tribos juvenis da cidade de João Pessoa.

Esta pesquisa objetivou compreender os processos através dos quais os anarco-punks de João Pessoa, inspirados na cultura punk e na ideologia anarquista, constroem uma alternativa autonomista e libertária de militância (contra) cultural e político-social no cotidiano de suas movimentações e em contraste com a cultura de massa e as políticas oficiais da sociedade vigente.

Buscando concretizar este objetivo procurei alcançar algumas metas de pesquisa, tais como: 1) fazer um levantamento das atividades culturais e político-sociais (inclusive as de caráter propagandístico) organizadas por dois grupos anarco-punks de João Pessoa, o extinto C.C.S. (Centro de Cultura Social de João Pessoa) e o N.A.D. (Núcleo de Ação Direta), tais como: reuniões, “gigs” (festas de confraternização punk com apresentação de bandas), debates, panfletagens, atos públicos e manifestações de rua, encontros anarco-punks a nível nordeste etc., enfocando os processos de estruturação, a dinâmica de realização e a participação nestas atividades; 2) analisar algumas destas atividades, sobretudo no tocante à caracterização cultural e comportamental de seus organizadores e ao contexto no qual estas atividades são realizadas (loais de realização, necessidades e alternativas materiais, apoio ou cooperação de indivíduos e grupos “solidários”, etc.); 3) analisar as

¹ Este monografia foi ganhadora de uma menção honrosa no Concurso de Monografias Florestan Fernandes - Edição 2004, promovido pela Coordenação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. A partir dessa premiação, esta monografia ganhou uma publicação na Revista Caos: Revista Eletrônica de ciências Sociais (Site: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/>) em seu número nove (Dossiê Prêmio Florestan Fernandes de Monografias), Setembro de 2005.

atividades e eventos² acima citados, buscando observar à práxis destas movimentações, procurando assim constatar em que proporções a proposta de organização anarco-punk é exercida na prática, no cotidiano da militância local do movimento, verificando possíveis e eventuais êxitos, imprevistos, falhas estratégicas, contradições e limitações ocorrentes durante estas atividades e eventos; 4) elaborar uma relação de movimentos e entidades sociais com as quais os coletivos anarco-punks de João Pessoa interagem no cotidiano de suas movimentações, procurando identificar causas e objetivos comuns entre eles e compreender em que proporções e, em quais ocasiões, para os anarco-punks tais grupos sociais podem ser considerados aliados.

Pesquisar um movimento como o anarco-punk, a organização estrutural e a dinâmica de suas movimentações culturais, políticas e sociais, é adentrar num universo de expressões e eventos como as gigs, o hardcore (ritmo musical punk), o pougo (tipo de dança individual e coletiva dos punks). Também na organização e dinâmica de debates, manifestações de rua, encontros do movimento e outras atividades que, em suas execuções, muito ocupam, concentram ou distraem bastante os membros da comunidade pesquisada.

Neste sentido, o método da observação participante, sempre seguida da feitura de relatórios para a organização de um diário de campo, e complementado por uma postura de participação observante, foi a base para a investigação e o entendimento de toda a lógica das atividades analisadas pelos grupos pesquisados.

A observação participante foi considerada o instrumento metodológico principal para o entendimento da estruturação e da dinâmica das atividades de caráter mais intervencionista, de ação direta (“espetaculares”, encenativas) como as manifestações de rua, e também para o entendimento da produção de significados nas atividades de caráter mais cultural, como as apresentações das bandas nas gigs.

A participação observante devido à viabilidade e à necessidade de seu emprego numa comunidade de cultura muito participativa como a dos anarco-punks, na qual, de vez em quando, o pesquisador, assim como qualquer outro espectador do momento, pode ser ou já está, de antemão convidado a ajudar na organização de uma ou outra atividade, ou a participar ativamente de sua execução.

² Com o termo evento, na análise da cultura anarco-punk, quero designar conjuntos de atividades desenvolvidas num ou em mais dias, por exemplo, os encontros anarco-punks que serão analisados no terceiro capítulo desta dissertação.

Complementando e auxiliando a coleta de dados da pesquisa, as conversas informais foram outro importante instrumento para a aquisição de informações e esclarecimento de quaisquer questões relacionadas aos aspectos inerentes à pesquisa, uma vez que já tendo pesquisado esta comunidade, sabia que as entrevistas, sobretudo as com utilização do gravador, são incomodas aos colaboradores.

Realizei análise de materiais produzidos pelo meio anarco-punk de João Pessoa e do nordeste, tais como, relatórios de encontros e boletins unificados, além de consultas de sites e análises de cartas de apresentações de organizações anarco-punks como a I.A.P. (Internacional Anarko-Punk) e da Federación Anarko-Punk da Espanha, que muito contribuíram para uma identificação e entendimento dos (anti) princípios político-organizativos presentes no ideário anarco-punk.

Também realizei leitura de livros e textos (produzidos no Brasil ou no exterior) sobre os movimentos punk e anarco-punk, alguns desses textos retirados de revistas, que serviram de base auxiliar de discussão sobre o objeto pesquisado, assim como a leitura e a discussão com sociólogos e antropólogos estudiosos das culturas juvenis e da organização política dos movimentos sociais.

Na pesquisa anterior a esta, ainda durante a minha graduação, e na qual busquei compreender, através da análise da produção de três elementos básicos da cultura anarco-punk (estilo visual (de vestir), (letras de) música e os (fã) zines), os processos através dos quais surge esta cultura, cheguei à compreensão de que esta cultura surge através de um processo de descoberta de afinidades ideológicas, assimilação e reelaboração da ideologia anarquista por parte de certas parcelas do movimento punk em vários países onde existem movimentos ou grupos de punks que entraram em contatos com movimentos ou grupos anarquistas, ou pelo mesmo com a literatura anarquista.

Esta assimilação e reelaboração constituíram-se como resposta a certa crise de perspectivas de atuação sócio-político-culturais que este movimento sofreu um pouco antes e durante o período conhecido como *revival* (reviver, ressurgir) do movimento punk, mais ou menos entre 1978 e 1982 (e 1984 para alguns), período em que os punks europeus e das Américas, preocupados com os estereótipos de violência, “alienação” e “modismo” passada à sociedade pela mídia, indústria cultural e bandas que assinaram contratos com gravadoras (tentando comercializar a cultura punk) abandonando a proposta underground (anticomercial e autonomista) do movimento, passaram a fazer

incursões em vários movimentos sociais, dentre eles os movimentos e grupos anarquistas.

Os processos de influência e identificação de certas parcelas de punks, em vários países do mundo, para com a filosofia e ideologia anarquista foram propiciados por alguns fatores como, a visão crítica que tanto os punks quanto os anarquistas compartilham com relação a certos valores, instituições e convenções sociais e a toda lógica patriarcalista e capitalista das sociedades onde vivem e atuam, ambos se opondo de várias maneiras às várias formas de exploração, opressão e comodismos protagonizados (as) por seus inimigos em comum como o Estado, a Igreja, a burguesia, o machismo, o patriarcalismo, a homofobia, a burocracia e a própria população acomodada.

Outro fator que propiciou os processos de influência/identificação que culminaram no advento da cultura anarco-punk foi a semelhança de aglutinação política interna não hierárquica e não burocrática existente entre movimentos e grupos anarquistas e punks, que sempre rechaçaram os modos de estruturação política tradicionais, estatais, religiosos e partidários (de direita ou de esquerda), tão fortemente marcados pela especialização, racionalização e hierarquização de funções entre seus integrantes.

Desta maneira, cheguei á compreensão de que a cultura anarco-punk é uma microcultura surgida no movimento punk a partir de processos de influência receptiva e reelaboração da ideologia anarquista aplicada à produção de sua cultura. E de que a influência do anarquismo contribuiu para a construção de uma postura mais social, política e ideológica desta tendência do movimento punk (os anarco-punks), que não era manifesta pela esmagadora maioria dos punks até então, chegando até mesmo a influenciar, em certas proporções, o movimento com o um todo, tornando, sobretudo a tendência anarco-punk, mais próxima de outros grupos, movimentos, causas e trincheiras de lutas sociais.

Desde já, torna-se necessário ressaltar que sempre que falarmos em ideologia anarco-punk, tal como no caso do parágrafo anterior, não estaremos usando a palavra no sentido de limitada, deturpada, estática ou falsa visão da realidade muito usual na crítica marxista da realidade e das ideologias, e sim no sentido sinônimo de ideário, ou seja, conjunto de idéias. Uma vez que a ideologia ou ideário anarco-punk, assim como todos os tipos de ideários anarquistas, tendem geralmente para uma crítica iconoclasta

da realidade, idéias, valores, sistemas, ações e relações sociais, bastante reflexiva e dinâmica.

Sobre esta questão, vejamos o que nos diz Caio Túlio Costa ao comentar as definições de Luis Mercier sobre o anarquismo:

... [o anarquismo] para ele, surgia da vontade de conhecer-se e a sociedade em que se vive para, com os outros, chegar a ser dono de seu próprio destino; para que a sociedade seja uma comunidade livre e fraterna de seres livres. Dizia que o anarquismo não é uma repetição, uma autojustificação, [...] mas uma pergunta, uma inquietação, uma curiosidade. Que o anarquismo não são querelas de grupos e organizações em torno da verdade ou da linha correta, mas uma atenção permanente aos problemas sociais, às manifestações de rebeldia, aos mecanismos de poder e às resistências aos mesmos (1985, p.30. colchetes nossos).

Ao término da referida pesquisa da graduação, percebi que ela e os resultados a que me levaram geraram a necessidade de uma apreciação mais direcionada para as práticas dos coletivos anarco-punk atuantes em João Pessoa que me levasse além da esfera da cultura e da compreensão da produção dos três elementos básicos da cultura anarco-punk, para compreensão do tipo específico de organização protagonizado pelos anarco-punks.

E foi então que, dispondo de uma razoável compreensão do processo de surgimento (a nível global e local) e da essência ideológica desta microcultura do movimento punk, me empenhei em pesquisar a cultura anarco-punk em sua configuração mais manifesta enquanto política, sociabilidade (estilo de relacionamento humano) e “movimento”³ social e contracultural.

Desta forma, dediquei-me, nessa pesquisa, a compreender a lógica de organização das atividades culturais e político-sociais protagonizadas pelos grupos (e também bandas e indivíduos) anarco-punks atuantes na cena⁴ de João Pessoa.

Esta dissertação é composta, além dessa introdução e de algumas considerações (como preferi fazer e chamar, ao invés de conclusões ou considerações finais) ao final do trabalho, também de um capítulo teórico (o primeiro, chamado “Da cultura e das idéias surgem as movimentações”), no qual procurarei debater com a literatura especializada sobre movimentos juvenis e contraculturais buscando referências

³ A palavra movimento está entre aspas para lembrar e marcar as diferenças existentes entre os tipos de organização e atuação político-(contra)culturais anarco-punks (não hierárquica, não burocrática, mais espontaneísta e fluidas) e as das instituições, partidos e movimentos mais tradicionais.

⁴ Cena é a palavra que os anarco-punks usam para denominar a relação existente entre o seu meio (o contingente de militantes, simpatizantes, expectadores e outros agregados que interagem nas atividades culturais e político-sociais que organizam) e as suas movimentações (conjunto de atividades e eventos que organizam ao exercerem sua atuação (militância)) sócio-político-cultural.

teóricas e históricas que me auxiliassem na compreensão e análise atividades culturais e político-sociais desenvolvidas pelos coletivos anarco-punks pesquisados.

No segundo capítulo, denominado “Entre os birôs e os arrebitos: a saga de um pesquisador ao tentar adaptar os métodos acadêmicos para a pesquisa de uma contracultura” eu discuto a relação pesquisador-campo-meio pesquisado, enfatizando certa relação de antigo conhecimento, familiaridade e respeito entre mim e os sujeitos da pesquisa e problemas de interferência e distanciamento na observação de campo.

No terceiro capítulo, intitulado “Um estranho familiar no meio da alcatéia: a observação das atividades de movimentações dos anarco-punks”, relato e analiso as experiências de observações de campo identificando os princípios e aspectos inerentes ao estilo⁵ de organização característica das atividades de movimentações vigorantes na cena anarco-punks de João Pessoa. Tenham uma boa leitura! Divirtam-se! E passar bem.

⁵ Aqui emprego o conceito de estilo no sentido empregado por Abramo (1994) ao analisar o modo de vestir dos punks, no qual esta autora ressalta que o “termo ‘estilo’ remete a um modo peculiar de expressão... referindo-se a um modo distintivo, que pode ser reconhecido, de fazer algo (International Encyclopaedia of the Social Ciencias)” (p.87). Desta forma, ao analisar o estilo de organização dos anarco-punks, objetivo identificar os aspectos característicos inerentes às atividades (contra) culturais e político-sociais que organizam.

CAPÍTULO 1

DA CULTURA E DAS IDÉIAS SURGEM AS MOVIMENTAÇÕES

Neste capítulo procurarei revisar a literatura sobre movimentos juvenis e contraculturais na perspectiva de buscar referências teóricas e históricas para a análise das movimentações anarco-punks em João Pessoa, as atividades culturais e político-sociais desenvolvidas por dois coletivos⁶ anarco-punks de João Pessoa, o C.C.S. (Centro de Cultura Social) e o N.A.D. (Núcleo de Ações Diretas), em meio à prática de suas movimentações entre os anos de 2000 e 2007.

Desde já, torna-se necessário explicitar que ao longo deste trabalho chamarei de movimentações anarco-punks todo o conjunto de atividades culturais e político-sociais desenvolvidas pela comunidade pesquisada tendo como referenciais idéias, valores e propostas sócio-político-culturais características e oriundas da sua híbrida cultura, composta basicamente de influências político-ideológicas e culturais advindas das filosofias, ideologias e culturas anarquista e punk, sejam tais atividades desenvolvidas em âmbito mais social ou comunitário.

O objetivo geral desta pesquisa é buscar compreender os processos através dos quais os anarco-punks de João Pessoa, inspirados na cultura punk e na ideologia anarquista, constroem em suas movimentações uma alternativa autonomista, libertária e contracultural de organização que se contrapõe aos modelos hierárquicos e burocráticos manifestos através das políticas oficiais da sociedade vigente, bem como às organizações de esquerda tradicional, também se contrapondo à indústria cultural e sua cultura de massas.

O problema ou questão que orienta esta pesquisa é tentar desvendar: considerando a fluidez dos grupos pesquisados, e sua crítica às relações de poder implícitas nos modelos organizacionais dominantes, como se constrói na prática uma

⁶ Segundo Cabral (2005): “Alguns grupos de artistas e ativistas que atuam no Brasil utilizam o termo *coletivo* para se auto designarem. Tal expressão tem origem no movimento anarquista e seu objetivo fundamental é o de diluir a autoria das produções midiáticas e artísticas e das críticas realizadas por esses grupos (para maiores detalhes, ver MONACHESI, Juliana. “A explosão do a(r)tivismo”. *Folha de S. Paulo*, Mais!, p. 4-9, 06/04/2003) ” (p.2), certamente uma estratégia para deselitizar a produção (anti) artística contracultural e escapar das repressões e perseguições sociais.

alternativa organizacional voltada para a crítica autonomista, libertária e contracultural?

Desde já, torna-se necessário referenciar historicamente e discutir um pouco o conceito de libertarismo que foi bastante importante para esta pesquisa, pois é um princípio que ocupa lugar de destaque na cultura e no estilo de organização das atividades de movimentações dos anarco-punks.

Como nos explica Rodrigues (1988), “libertário [...] é um terno alternativo para designar partidário da liberdade máxima, plena. Ganhou maior dimensão a partir do congresso de Haia (1872) para designar os operários que na Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores se opuseram aos marxistas designados como corrente autoritária (p.16).

Da atmosfera de lutas econômicas que os trabalhadores do século XIX travavam contra a burguesia e, politicamente, entre si, na qual os anarquistas preferiram uma organização política operária federalista e autogestionária, em detrimento da proposta revolucionária marxista, que visava à tomada de controle do Estado, o termo libertário e o conceito de libertarismo passaram a englobar e considerar progressivamente liberdades e igualdades relativas a outras dimensões da vida social (objetiva e subjetiva) dos seres humanos, além das esferas da economia e da política, tais como: liberdade de opção sexual, emocional e de pensamento; igualdade entre os gêneros e as etnias; oposição às padronizações estéticas e às convenções sociais conservadoras; harmonia ecológica com a natureza; oposição (contraculturalista) às massificações culturais; etc.

Procurando concretizar o objetivo desta pesquisa, e tendo como intuito auxiliar a própria compreensão da organização de tais atividades e eventos, torna-se necessária uma discussão do que venha a ser a cultura e a identidade anarco-punk, que se dará mais à frente, de forma tanto paralela quanto associada à discussão acerca das questões relativas à organização.

No Brasil, quando se discute acerca do movimento punk em geral, através de trabalhos publicados ou não, logo se identificam dois diferentes estilos básicos de escrever e tratar o tema e seus respectivos autores que se empenharam em escrever sobre este objeto. A primeira destas tendências, fortemente marcada por um viés jornalístico, e integrada por autores como Antonio Bivar, Silvio Essinger e Helena Salem, caracteriza-se por certa fixação e limitação em descrever o movimento mais pelos seus aspectos musicais e estilo visual (de vestir) e a partir das bandas mais

conhecidos ou destacadas de determinada época e lugar onde este movimento foi observado.

Este tipo de visão, fortemente disseminada no Brasil, restringe a análise do movimento basicamente aos seus elementos musical e visual, chegando até mesmo a considerá-lo razoavelmente bem relacionado (através de certas bandas que reivindicam o rótulo e ostentam a estética musical e visual do movimento) com a indústria cultural e a cultura de massas, deixando assim de analisar outros elementos culturais e políticos inerentes ao movimento, como a imprensa alternativa dos fanzines e sua atuação sócio-político-cultural, bem como, de considerar seu caráter contracultural/autonomista e libertário.

Outra tendência, da qual mais me aproximo, integrada por cientistas oriundos das áreas das Ciências Sociais e da História como, Janice Caiafa, numa perspectiva mais etnográfica, Helena Abramo, com um olhar mais sócio-antropológico e Rafael Sousa, em sua análise histórica, lança sobre o movimento punk um olhar mais aprofundado e complexo, abrangendo à análise dos vários elementos da cultura e do movimento punk e construindo um olhar mais criterioso de compreensão deste movimento, atentando para o conflito sócio-cultural e ideológico que tem a cultura punk para com a indústria cultural e a cultura de massas.

Como auxílio compreensivo indispensável a este viés analítico-científico, e para uma compreensão mais apurada das (contra) culturas punk e a anarco-punk, podemos utilizar autores militantes de movimentos alternativos e contraculturais que contribuem com informações e teorias embasadas em óticas de observação primárias sobre estes movimentos, como, Ken Goffman e Dan Joy (2004), Joseph Huber (1985), para uma observação das características e especificidades culturais e políticas manifestas por estas (contra) culturas ou movimentos, Stewart Home (1999) e Craig O'hara (2005), que contribuem com uma visão e discussões de experiências vividas no seio e em relação com estas (contra) culturas.

Além disso, Huber e O'hara, também tem formações “acadêmicas” nas áreas das ciências humanas e sociais⁷, nos legando também reflexões de caráter científico e/ou bastante críticas, do ponto de vista das relações conflituosas existentes entre estas culturas e/ou movimentos e a sociedade. Dando-nos ainda, o segundo, excelentes

⁷ Huber na área da sociologia, e sub-área das pesquisas sobre movimentos sociais, e O'hara na área da filosofia.

contribuições no sentido de nos mostrar uma visão da complexidade de ideologias que influenciam a filosofia *Do it Yourself* (faça você mesmo) underground (anticomercial/autonomista) do movimento (anarco) punk, como, o anarquismo, o feminismo, ambientalismo e ecologia, vegetarianismo, veganismo⁸ e *straight edge*⁹, além de atentar para a crítica das distorções e deturpações orquestradas pela mídia jornalística e televisiva contra o movimento (anarco) punk.

Os pesquisadores que estudaram o movimento punk no sudeste do Brasil durante as décadas de 1980-90, como Antonio Bivar, Janice Caiafa e Helena Abramo, nunca focalizaram a dinâmica de organização das atividades deste movimento – que serviram da base para o surgimento e proliferação da cultura, grupos de militância ou mesmo “movimentos” anarco-punk em muitos estados do Brasil - como ângulo central de suas análises, o que nos lega uma grande lacuna sugestiva para novas pesquisas que poderão contribuir para ampliar a compreensão desta(s) cultura(s).

O movimento punk foi um dos pioneiros, no Brasil, de toda uma gama de movimentos juvenis que surgiram ao longo da década de oitenta, provocando a necessidade de estudos específicos direcionados para eles, uma vez que se percebeu que os jovens brasileiros estavam optando por ações coletivas de caráter cultural e comportamental, diferentemente de como acontecia durante as décadas de sessenta e setenta quando eram privilegiados os movimentos estudantis e político-partidários.

A partir da década de 1980, o movimento punk passou a influenciar cultural e comportamentalmente a juventude brasileira, seja por via direta ou indireta, através de outros movimentos por ele influenciados ou em parte nele inspirados, como são os casos dos diversos movimentos de rock underground, espalhados pelos estados do país, o movimento hip-hop de São Paulo e de outras cidades do Brasil e, até mesmo, embora com o diferencial de ter um viés mercadológico e não autonomista, o pop rock nacional. Isso apenas para citar alguns exemplos mais conhecidos.

Tratar de qualquer tema relacionado ao movimento (anarco) punk¹⁰ e outros movimentos juvenis surgidos no Brasil na década de oitenta, significa fomentar e

⁸ É um tipo de vegetarianismo mais radical e político-social que chega a constituir-se, em certos casos, em movimentos sociais, preocupado em boicotar e combater a matança e aprisionamento (zoológicos, circos, parques, etc.) de animais, bem como toda a indústria que explora matérias primas de origem animal, promovendo protestos, manifestações, atos públicos e outras formas de ações diretas.

⁹ Movimento de jovens que surgiu no seio do movimento punk estadunidense, segundo O'hara, como uma negação a pressões e coerções ao uso de drogas existentes naquele meio, e ao próprio uso de drogas.

¹⁰ Com a grafia “(anarco) punk(s)”, quero dizer o mesmo que anarco-punk(s) e/ou punk(s) ou vice-versa.

adentrar na roda de discussão acerca dos motivos que levaram os jovens brasileiros a desbravar outros caminhos sociais e criar esta nova trincheira de expressão e luta social em detrimento das rígidas e hierárquicas organizações partidárias e fora das instituições estatais e das políticas públicas dos governos brasileiros que, aliás, muito excluíram e ainda excluem os jovens de seus programas sociais.

Outra coisa relevante de se estudar nas culturas punk e anarco-punk é o ímpeto criativo e a capacidade de superação de situações extremamente adversas, cheias de escassezes e precariedades, existentes no seio destas culturas que, tendo seus integrantes marcados pelas conseqüências desastrosas de privações e falta de perspectivas características do período pós-guerra (tensões da guerra fria, altos índices de desemprego, políticas sociais excludentes, etc.), refletia, no caso dos punks não-anarquistas, uma feição niilista e distópica (desprovida de utopias e preocupações político-sociais). Tal ausência de ideais utópicos no seio de coletividades e culturas juvenis como o punk, deu-se, em parte, como conseqüência da percepção das insuficiências e falências dos regimes comunista/socialistas do mundo.

Sendo que, das cinzas desta situação surgiu uma tendência dentro do movimento punk (os anarco-punks) que, afinando-se ideologicamente com o anarquismo e adaptando-o ao seu modo característico e áreas específicas de atuação, criou uma base para ajudar a manter vivo o movimento punk e tornar seus integrantes protagonistas mais efetivos de mudanças sociais que contribuam para sua emancipação individual e social, ao propor uma nova postura de atuação mais social, política e ideológica. Estratégia que pode servir de exemplo para outros grupos juvenis e tendo como influência os ideais de movimentos mais antigos, como foi o caso dos (anarco) punks, que receberam influências do(s) movimento(s) anarquista(s).

Dando início à discussão sobre a cultura e a identidade anarco-punk, temos que de antemão colocá-las como integrantes daquilo que muitos chamam de tradição da contracultura. Segundo o teórico Luiz Carlos Maciel,

o termo ‘contracultura’ foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente. Contracultura é a cultura marginal [fundada por jovens, pelo menos a partir do pós-guerra], independente do reconhecimento oficial... Pode-se entender contracultura, a palavra, de duas maneiras: a) como um fenômeno histórico concreto e particular, cuja

origem pode ser localizada nos anos 60; e b) como uma postura, ou até uma posição em face da cultura convencional, de crítica radical. No primeiro sentido, a contracultura não é, só foi; no segundo, foi e certamente será (Maciel, Revista Careta, Ano LIII, nº 2736, de 20/07/1981, p.19 citado por Pereira, 1983, p.13-14, colchetes nossos).

Sem negar a essência desta consideração, mas, comungando de uma visão historicamente mais ancestral da contracultura, com a qual também concordo, Goffman e Joy (2004) nos levam à compreensão de contracultura enquanto uma tradição social existente em várias civilizações e formada por movimentos, filosofias e atitudes alternativas (insurrecionais ou pacifistas) de negação e resistência à regimes sociais autoritários. Neste sentido, segundo esses autores, a contracultura seria um fenômeno quase tão antigo quanto a própria sociedade. Fenômeno este que teria protagonistas como Sócrates, Diógenes, os cristãos primitivos, os anarquistas (operários, anarco-sindicalistas) clássicos, e as contraculturas contemporâneas como os hippies e os punks, além dos tecnológicos hackers da chamada cultura digital surgida no final do século XX e início do século XXI¹¹, só para citar alguns exemplos.

Dada à abrangência desta última concepção, e para não perder a especificidade da forma de atuação dos anarco-punks, podemos situá-los entre os movimentos (contra) culturais juvenis surgidos e influenciados pelo clima político-cultural da década de 1960, e os quais têm como foco de sua atuação a crítica cultural ao capitalismo:

O grande traço que distingue o radicalismo dos anos sessenta é o fato de ter elaborado uma política contestatória e conscientemente anti-capitalista que rejeitava abertamente as formas mais convencionais de fazer política da esquerda, isto é, o desenvolvimento do que ela (...) chama uma /anti-disciplinary politics/: ‘its rejection of the discipline of politics: the surrendering of the idea of political resistance as a struggle involving sacrifice, obedience, order and constraint. Planning, reliable tactics and unambiguous aims were dismissed alongside bureaucracy and organization’¹² (p. 25)... Para a contracultura, o projeto era precisamente ir além dos limites das formas de política convencional ou ‘disciplinar’, para inventar, na medida do possível, ‘/a/ /completely new language of politics’¹³ (Adelman, 2001, p. 53).

Outro aspecto a ser destacado é que se trata de um movimento

“... [que tem como uma de suas características um viés] eminentemente teatral e auto-consciente. Assim, utiliza a /performance /e o espetáculo como métodos de ação: em lugar de “planejar uma revolução futura”, trata-se de viver a mudança na transgressão direta e cotidiana, o que significa parodiar tanto a sociedade quanto a si mesma. Apropria-se da cultura

¹¹ Atualíssimos e super futuristas.

¹² Tradução nossa: política anti-disciplinar/: “é a rejeição da disciplina da política: a abdicação da idéia de resistência política como um esforço envolvendo sacrifício, obediência, ordem e coação. Planejando, táticas confiáveis e propósitos claros onde o apego à burocracia e organização é dispensado”.

¹³ Tradução: “uma nova linguagem completa da política”

popular para burlar a sociedade, os valores burgueses e a mesma (Adelman, 2001. colchetes nossos).

Apresentando-se como um dos herdeiros destes movimentos, o movimento punk constitui-se de forma extremamente polêmica, o que se evidencia na constante discussão acerca de sua identidade.

Neste sentido, a polêmica e inegligenciável questão “O que é punk?” ou “O que é ser punk?” não dá sintomas de querer calar facilmente. Apesar do desdém que alguns já tentam lhe dar, “O que é punk?” ou “O que é ser punk” são questões muito presentes e estão sempre em pauta no transcorrer de ensaios jornalísticos e pesquisas sociais, bem como no seio das comunidades punks das mais variadas tendências, como por exemplo, entre os anarco-punks de João Pessoa e de outros lugares do Brasil e do mundo.

A questão que serviu de batismo para o livro de Antonio Bivar (1982)¹⁴ está sempre em pauta em rodas de conversas informais, bem como em vários tipos de debates organizados pelos anarco-punks de João Pessoa e, pelo que pude captar em oito anos de pesquisa, desde os tempos da graduação, é que à pergunta “O que é punk?” os anarco-punks sempre procuram responder, de diversas maneiras, opondo sua postura e identidade contracultural à indústria cultural e sua cultura de massas. Ou seja, esta identidade está sempre a construir-se e reconstruir-se, num permanente conflito com os modos dominantes de atuação cultural e política. Fazendo sempre questão de se afirmarem, se comportarem e interagirem com a produção de uma cultura underground e anticomercial, embasada na filosofia autonomista do “do it yourself” (“faça você mesmo”) e do “no profit” (“não ao lucro”, ou, “sem lucro”).

Com esta afirmação e postura, buscam fomentar sua (contra) cultura desprezando grupos musicais como The Ramones, The Sex Pistols, Green Day, Blink 182 e muitos outros que na opinião dos anarco-punks “nunca foram punks”, pois não passam de “for funs”¹⁵ (bandas comerciais), “estrelas do rock” que deturpam a cultura punk ao se assumirem como punks tentando apropriar-se e comercializar parte da estética sonora e visual do punk.

¹⁴ Talvez pelo fato do seu livro “O que é punk” pertencer à Coleção Primeiros Passos, uma coleção de livros de bolso organizada pela Editora Brasiliense, a qual seus títulos tratam de temas muito diversos e têm, em sua maioria, a questão “O que é?” seguida do assunto tratado, como por exemplo: O que é punk; O que é anarquismo, O que é contracultura, etc.

¹⁵ Do inglês, **for**, que significa **para ou por**, e **fun**, que significa **diversão**. A expressão significa então para ou por diversão, no ideário (anarco) punk, alusão a uma postura desprovida de compromissos (sócio) político-culturais underground (autonomista/anticomercial) e libertário.

Quanto à pergunta “O que é ser punk?” - que aqui pode ser adicionada a partir da menção feita por Turra Neto - e pode ser confundida e às vezes significar o mesmo que “O que é punk?”, pude perceber que além de englobar esta resposta contracultural de antagonismo à indústria cultural e à cultura de massas, também manifesta a valorização de uma moral embasada numa ideologia libertária, em parte influenciada pelo anarquismo ¹⁶, que busca se opor a todas as formas de autoritarismos, preconceitos, discriminações, explorações e opressões sociais.

Antagonismos socioculturais e ideológicos como estes que, infelizmente não foram percebidos ou explicitados por Bivar, ao menos foram, felizmente, identificados por Turra Neto, uma vez que apesar de ter dito que não encontraríamos respostas às questões do tipo “O que é ser punk” ou “O que é punk” em seu livro, este último manifesta em meio à sua etnografia, e através da análise dos discursos dos anarco-punks, a noção da existência desses antagonismos identitários e da valorização da moral libertária que muito contribuem para o entendimento das culturas punk e anarco-punk.

Desta maneira, ao praticarem uma postura sócio-político-cultural e ideológica underground/contracultural (autonomista) e se distanciarem de um modelo burocrático e hierárquico de organização os anarco-punks tornam-se um grupo que precisa a todo o momento definir o sentido do ser (anarco) punk. E este sentido é moldado de acordo com a conjuntura, as lutas que travam em sua atuação, os antagonismos e inimigos, causas e aliados sociais com os (as) quais se relacionam.

Podemos perceber assim a influência e identificação com o movimento anarquista na cultura anarco-punk, lembrando que em outros países do mundo e aqui no Brasil, sobretudo nos estados da região sudeste, o movimento anarquista (que se apresentava de maneira anarco-sindical) das últimas décadas do século XIX e início do século XX já se manifestava enquanto uma contracultura à sociedade capitalista como nos termos definidos por Goffman e Joy. Esta influência se revela não só no combate ao modelo de exploração capitalista, mas também por via de suas produções culturais nas áreas do teatro social anarquista, na literatura (as poesias e contos anarquistas), e nas práticas de sociabilidades libertárias comunitárias a exemplo dos piqueniques anarquistas de fim de semana.

¹⁶ Mas também em parte influenciada pela ideologia punk.

Todas essas ações tendo como objetivo fomentar uma cultura oposta¹⁷ à cultura burguesa e influenciar suas famílias e outras parcelas da sociedade¹⁸. Os anarquistas operários já davam, naquela época, importância e atenção especial à produção de uma cultura antagônica à cultura burguesa dominante e ao estabelecimento de relacionamentos humanos igualitários que se refletiam nos seus modos de se organizarem política e culturalmente. Características que, em minha opinião, acabaram por influenciar indireta e diretamente os movimentos contraculturais juvenis contemporâneos surgidos nos anos entre e no período pós-guerras mundiais, dentre eles, é claro, os punks e (principalmente) os anarco-punks.

Desde aqueles tempos os anarquistas já viam nesse modo cotidiano de revolucionar a sociedade uma condição e um fator indispensável para o advento de uma sociedade mais igualitária e libertária.

Como bem observou Raggo (1985), aqueles anarquistas operários já percebiam naquela época a necessidade de fomentação de outra cultura, artística, poética, literária, política e relacional humana, como uma maneira de contribuir e auxiliar as suas lutas trabalhistas por uma emancipação social plena, e em oposição à cultura que os patrões de fábricas queriam implantar na vida cotidiana da classe operária paulista da época, propondo programações culturais ideologicamente burguesas e feitas para melhor disciplinar e administrar proletários, como: concertos musicais e peças teatrais vazias, alienantes e até de conteúdos “profissionalmente disciplinantes”, no sentido da exploração do trabalho.

Além disso, os burgueses faziam campanhas e propagandas disciplinantes de conteúdo ideológico patronal para seus empregados, através da redação de regras trabalhistas e cartilhas que eram fabricadas e discutidas com os operários e textos profissional e moralmente disciplinantes que eram veiculados através da imprensa burguesa, propondo a criação de jardins e hortas caseiras para ocupar os operários nos dias e horas em que não estavam trabalhando e combatendo o freqüentar dos operários aos bares e o consumo de bebidas alcoólicas, situações “perigosas” onde estas pessoas trocavam idéias, experiências e dividiam suas angustias e revoltas sobre a dura vida de labuta e exploração trabalhista que vivenciavam, podendo vir a manifestar (e manifestavam) essa revolta de forma coletiva contra os patrões e a sociedade como um todo, colocando em risco a estabilidade desse sistema de exploração.

¹⁷ Ou seja, uma contracultura.

¹⁸ Ver mais sobre isso em Prado (1987), Rodrigues (1988) e Raggo (1985).

Já no caso dos anarco-punks, que fundam e constituem uma maneira distinta tanto de ser anarquista quanto de ser punk, este lado das lutas travadas entre operários e patrões, na esfera relacional do chamado “mundo do trabalho”, é muito diminuída e restrita aos poucos lugares do mundo onde ainda existem tradições e movimentos (anarco) sindicais relativamente fortes e coesos, como na Espanha, onde, tenho informações, muitos anarco-punks militam em anarco-sindicatos.

Desta forma, não se constituindo na maior parte dos casos, como um movimento de solidariedade e luta classista feito por trabalhadores operários, e atuando na maior parte das oportunidades em situações de tempo livre e “ócio”, os anarco-punks geralmente atuam em outras esferas ou trincheiras de lutas sócio-político-culturais, desenvolvendo atividades como gigs (organizadas de maneira o mais autonomista possível e onde tocam e cantam suas “músicas” com composições de conteúdos anarquistas e fazem discursos de caráter autonomista e libertário), debates (de teores libertários e sobre diversos temas e atores sociais, como: liberdade sexual, homossexualismo, feminismo, prostituição, ecologia, etc.), manifestações de rua, atos públicos e boicotes de vários tipos, por diversas causas e contra diversas instituições e corporações (Estado, Exército, Igreja (s), MacDonalds, etc.), panfletagens, exposições de cultura (anarco) punk, dentre outras atividades.

Por tudo que foi dito nesses últimos parágrafos, podemos entender a cultura anarco-punk como uma (contra) cultura híbrida.

Pois, embora saiba que a cultura anarco-punk, assim como todas as culturas, sofre processos de influências e mistura de aspectos culturais advindos de outras culturas que lhes são antecessoras e/ou contemporâneas, o termo “hibridismo” por mim utilizado na compreensão da cultura anarco-punk refere-se, neste caso, ao processo de afirmação consciente de uma dual ancestralidade cultural embasada em processos de descobertas de fortes afinidades político-culturais e ideológicas que foram capazes de fundar, como não ocorre em outros casos, uma identidade manifesta e assumidamente hibridizada que se configura na própria denominação da identidade anarco-punk. Processo este no qual a derivação prefixal **anarco** e o sufixo **punk** são as duas faces dessa dualidade identitária.

Tal característica cultural manifesta pelos anarco-punks muito provavelmente é uma influência da cultura anarquista, uma vez que os anarquistas já se distinguiam entre si por derivações sufixais que afirmavam e afirmam as suas especificidades sócio-ideológicas e/ou suas respectivas áreas de atuações sociais, tais como: anarco-

individualistas, anarco-coletivistas, anarco-comunistas, anarco-sindicalistas, dentre outros.

Nesta perspectiva de compreensão, os anarco-punks seriam anarquistas (contraculturalistas) punks, por um lado, e punks (libertários/anti-facistas) anarquistas, por outro.

Sendo eles e sua (contra) cultura herdeiros cultural e ideologicamente influenciados por outras duas contraculturas que lhes são antecessoras e suas principais bases ou alicerces de influências culturais, ideologias e, porque não dizer, “intelectuais”. A saber: o anarquismo e o punk, que, todavia são ambos reelaborados na construção da cultura e da identidade anarco-punk.

Como característica básica dos movimentos, grupos ou indivíduos contraculturalistas, Goffman e Joy afirmam que

quaisquer que sejam as diferenças [entre eles] havia uma intenção mútua específica que motivou praticamente todos os que se definiram em termos contraculturais até os últimos anos. Eles eram todos antiautoritários e não-autoritários. Nossa definição é a de que a essência da contracultura como fenômeno histórico perene é caracterizada pela afirmação do poder individual de criar sua própria vida, mais do que aceitar os ditames das autoridades sociais e convenções circundantes, sejam elas dominantes ou subculturais (2004, p.49).

Goffman e Joy enunciam três princípios fundamentais das contraculturas que as distinguem das culturas hegemônicas, subculturas, minorias étnicas e religiosas e grupos dissidentes não-contraculturais, são elas: a preponderância da individualidade acima de convenções sociais e restrições governamentais; o desafio ao autoritarismo de forma óbvia, direta, mas também de maneira sutil e a defesa de mudanças individuais e sociais.

Explicando o princípio da individualidade contracultural, esses autores consideram que ela prima por “encorajar e defender a expressão pessoal, não apenas no sentido de ‘liberdade de opinião’ mas também no que diz respeito a crenças, aparência pessoal, sexualidade e todos os outros aspectos da vida” (Goffman e Joy, 2004, p.51), e acrescentam que,

“o espírito contracultural rejeita apenas aquelas expressões de individualidade que claramente oprimem os outros [...] A individualidade contracultural é uma profunda individualidade compartilhada. Ela inclui pessoas e culturas que seguem o conselho socrático de ‘conhece-te a ti mesmo’” (idem, p.51),

rejeitando tanto o simples egoísmo quanto a noção de puro comunalismo, ou seja,

as culturas que impedem ou desencorajam o indivíduo de explorar plenamente e expressar seu autêntico ser – seja por coerção direta, seja por pressão populista de seus colegas – não podem ser consideradas contraculturais [...] Tudo o que é exigido é um compromisso com o processo de eliminar a submissão à autoridade externamente aplicada e internamente inculcada, de modo que a verdadeira individualidade possa florescer (idem, p.51).

Para Goffman e Joy, a individualidade e o individualismo (princípio muito importante das contraculturas) surgem com Sócrates¹⁹ e têm íntima relação com o pensamento livre, uma vez que com suas propostas de “pensar sobre como pensar” e “conhecer a si mesmo” ele inaugura o que se pode chamar de psicologia alternativa para denominar o tipo de estratégia psico-social e política que pode ser usada pelos indivíduos para negarem valores, tabus, papéis e convenções sociais consideradas conservadoras, obsoletas ou opressoras. Para melhor entendermos este tipo alternativo de psicologia, consideremos as seguintes passagens:

Em um sentido muito real, Sócrates foi o primeiro indivíduo. Até os socráticos, a cultura coletiva da cidade-estado, fosse ela autocrática ou democrática, era o *locus* do pensamento e da identidade. Você era aquilo que sua tribo era, mesmo que você fosse o líder. O indivíduo funcionava como uma molécula indistinta na entidade singular que construía uma comunidade particular, programada pelos hábitos, rituais, crenças e papéis atribuídos por aquela cultura. Sócrates foi o primeiro a sugerir que um indivíduo poderia ‘conhecer a si mesmo’, de que potencialmente havia algo de único em todos os seres humanos. Nas palavras do filósofo austríaco do século XX Frank Brentano: ‘Ele arrancou o indivíduo de seu contexto histórico’ (2004 p.73-74).

E acrescentam, sugerindo o caráter contracultural que o livre pensar teve na época de Sócrates e ainda possui nos tempos atuais: “ter a posse de sua própria psique independente continua a ser algo controverso, e algumas vezes passível de punição, ainda hoje²⁰” (idem. p.74).

Saltando da antiguidade para a aurora da modernidade, Goffman e Joy ressaltam que o livre pensar passou a ser direcionado por filósofos e intelectuais radicais hoje esquecidos, sobretudo a partir da segunda metade do século XII, contra a cosmogonia deísta da religião e a autoridade da Igreja, questionando e se opondo às suas concepções de universo que influenciaram e ainda influenciam a hierárquica e desigual estrutura das sociedades.

Destacando o papel histórico de John Locke neste processo de incentivo à mudança social, comentam estes autores:

¹⁹ Embora possamos considerar que o fenômeno da individualidade e o individualismo já existiam entre os pré-socráticos, como Heráclito e Diógenes.

²⁰ Referem-se à condenação de Sócrates à morte por envenenamento, por pregar suas idéias.

A partir do ataque à religião e à autoridade da Igreja, os alvos passaram a incluir a política. Os filósofos começaram a questionar a hierarquia tradicional e a defender que os interesses do indivíduo deveriam ser primordiais. Alguns spinozistas radicais chegaram mesmo a questionar toda a estrutura da moralidade e do comportamento tradicional e divinamente sustentado. Pra horror das elites, por volta de 1700 os filósofos mais radicais pareciam estar lutando por um mundo em que a busca pela felicidade individual nesta vida estava tomando o lugar da obrigação de atender a Deus.

De muitas, formas foi o inglês John Locke que deu início à mudança política. Em *Tratado sobre o governo civil* e em outros tratados ele descreveu o homem como tendo o direito de acreditar, dizer e fazer o que quiser, dentro de certos limites razoáveis para a sociedade civil. Locke não era um libertarista civil per se; suas liberdades e seus poderes democráticos ainda deveriam ser limitados a uma elite de ‘notáveis’. Mas suas idéias foram um passo gigantesco nesse caminho (idem, p.165-166).

Desta maneira, considerando o sentido da transposição e inclusão das críticas movidas pelo pensamento livre ao longo da História, torna-se possível entender que com o advento da revolução industrial o movimento operário (fortemente influenciado pelo anarquismo e o marxismo) acrescentou a estas críticas à política uma crítica à economia política muito mais avançada e radical do que a feita pelos burgueses do século XVIII (influenciados pelo iluminismo) e, a partir do pós-guerra, as contraculturas juvenis contemporâneas²¹, integradas majoritariamente por jovens pobres, desempregados e com pouca perspectiva de futuro social, acrescentaram a tudo isso e se apegaram de maneira enfática a uma crítica e negação à cultura hegemônica e dominante do sistema capitalista através da contracultura.

Com relação ao princípio do antiautoritarismo, uma característica das contraculturas que esses autores consideram como sendo fruto direto do seu tipo de individualismo, eles destacam que

elas desafiam o autoritarismo tanto em sua forma óbvia quanto sutilmente. Algumas contraculturas podem desafiar o explícito controle dos indivíduos pelo Estado ou por poderes religiosos. Mas todas desafiam o autoritarismo mais sutil exercido por sistemas de crenças rígidos, convenções amplamente aceitas, paradigmas estéticos inflexíveis e tabus explicitados ou não (Goffman e Joy, 2004, p.52).

Para Goffman e Joy, “o anarquismo é a própria síntese de filosofia política não-autoritária”, destacam, por isso, que “alguns indivíduos e grupos contraculturalistas identificam a si mesmos como anarquistas²²” e que assim como os contraculturalistas “os anarquistas acreditam que as pessoas podem viver melhor e organizar suas vidas

²¹ Sobre a conceituação de contraculturas juvenis contemporâneas, ver um pouco mais á frente, na página 29.

²² Por exemplo, os anarco-punks e/ou mesmo punks de outras tendências.

sem hierarquia e coerção” (idem, p.52), daí a conseqüente vasta identificação dos movimentos, culturas, grupos e indivíduos contraculturalistas com o anarquismo.

É claro que, para efeitos de uma compreensão social científica séria e crítica, temos de relativizar o discurso desses autores e admitir que certo grau de coerção e acúmulo de status (mesmo que embasados em elementos carismáticos²³) sempre existem na sociabilidade e organização de qualquer grupo humano, inclusive entre os contraculturais, assim como, em certos momentos, também uma “organicidade” mínima (apoiada numa divisão simplificada (às vezes improvisada), politicamente horizontalizada, espontaneísta e, muitas vezes cíclica, das tarefas ou funções) que os ajuda a se organizarem nas ocasiões de desenvolvimento de certas atividades coletivas, sem que essa organicidade manifeste práticas opressivas e/ou exploratórias.

São muitas as interpretações possíveis acerca dos sentidos atribuídos à palavra organização. Porém podemos identificar duas considerações básicas sobre ela. Segundo Benedicto Silva (1987), o termo organização pode ser interpretado em termos estruturais, como estrutura, e vir a designar “qualquer padrão estável [formal] de inter-relações de partes componentes, padrão esse que forma um todo que possui características não manifestas nas partes consideradas isoladamente” (p.847. Chaves minhas), o que nos sugere um forte poder supra-individual. Também pode ser interpretado como processo, modo através do qual se formam instituições, entidades, coletivos etc., ou seja, como se formam coletividades mais ou menos formais do ponto de vista da racionalidade (da burocratização).

Pra este mesmo autor,

outro traço importante da organização é o aspecto formal e informal. O primeiro logo aparece no organograma, nos seus regulamentos internos, nas normas de trabalho e de administração, geralmente traçados por técnicos que só levam em conta problemas [...] de racionalização [...] desprezando as peculiaridades de local, etnia ou cultura (Silva, 1987, p.849).

E acrescenta:

Já a organização informal é resultado de processos sociais, de relacionamentos humanos e influxos [influências] culturais. É uma maneira própria de fazer as coisas que advém de condições locais, de uma tradição cultural, de atrações e aversões hostis ou autoprojetadas, que por sua vez geram símbolos [significados] e tabus [valores] (idem. P.849. colchetes nossos).

Dessas duas interpretações básicas acerca do sentido das organizações, a que mais se aproxima do tipo característico de organização desenvolvida pelos anarco-

²³ E dessa forma menos perceptível para muitos, ou para alguns.

punks é o segundo²⁴. Ou seja, a organização considerada em quanto processo organizacional coletivo e de caráter informal, enquanto projeto (s) próprio (s) de organização de atividades e eventos embasados em influxos culturais básicos (a cultura punk e a ideologia anarquista) e em determinadas condições materiais locais.

Neste sentido, podemos acrescentar a tudo isto e destacar que, o tipo de organização de atividades protagonizadas pelos anarco-punks muito difere e mesmo se opõe, por uma questão de negação política e culturalmente consciente - relacionada à influência das ideologias anarquista e contracultural - aos tipos de organizações embasadas no que Max Weber (1991) chamou de dominação burocrática ou legal, ou seja, organizações dotadas de um quadro administrativo integrado por pessoas que constituem o contingente de um funcionalismo dividido em cargos hierarquizados e suas respectivas funções especializadas²⁵.

Diferentemente desse tipo de organização, as atividades de movimentação dos anarco-punks, bem como a própria estrutura da organização de seus coletivos de militância sócio-(contra)culturais, não possuem cargos fixos ou funções especializadas que obedecem a uma hierarquia racional e legalmente estabelecida. Para os anarco-punks o formato da organização é indissociável dos valores da democratização das relações sociais e da autonomia individual e social. Os modelos de organizações do tipo burocrático, por sua vez, prezam bem mais, e estão mais associados, às idéias de racionalidade, disciplina e eficiência.

Voltando a falar dos princípios contraculturais e, no tocante ao princípio da propensão às mudanças individuais e sociais, Goffman e Joy ressaltam que ele “pode ser formulado de forma quase abstrata, como na descoberta do filósofo taoísta Lao-Tsé de que a mudança é a única constante ou na afirmação semelhante à do grego Heráclito de que ‘tudo muda, nada permanece’” (idem, p.53). Destacam ainda que a contracultura, embora seja constantemente confundida com modismos, não se confunde com eles, ou seja, com a aceitação de qualquer mudança, pois, “mesmo correndo o risco de parecer óbvio, algumas mudanças, como uma mudança da democracia para a ditadura, ou de uma cultura libertina para uma cultura matrimonial claramente não são contraculturais por natureza” (idem, p.53).

²⁴ Com a diferença de que na cultura anarco-punk (ao contrário das culturas das sociedades tradicionais que inspiraram esta conceituação) a constante reflexividade e reelaboração culturais ocupam o lugar do tradicionalismo cultural.

²⁵ Como exemplos de organizações deste tipo podem citar os Estados, partidos políticos, certos tipos de sindicatos e associações, dentre muitos outros.

Como ressalva geral acerca dos três princípios contraculturais básicos, Goffman e Joy explicam que eles se expressam de acordo com parâmetros estabelecidos pelos contextos históricos nos quais as contraculturas se manifestam em cada lugar.

Destacam também características quase universais que, segundo eles, se manifestam na maioria das contraculturas e são derivadas dos três princípios fundamentais que foram aqui comentados, são elas: rupturas e inovações radicais em arte, ciência, espiritualidade, filosofia e estilo de vida; diversidade; comunicação verdadeira e aberta e profundo contato interpessoal, bem como generosidade e a partilha democrática dos instrumentos; perseguição pela cultura hegemônica de subculturas contemporâneas; exílio ou fuga.

A esta última característica, o isolamento, citado pelos autores como exílio ou fuga, eu acrescentaria o tipo de isolamento manifesto através de processos de guetificações contraculturais, muito característicos de contraculturas juvenis urbanas contemporâneas como as do punk (e, lógico, os anarco-punks), certos grupos de raves, hip-hop, e outras que, ao conquistarem e gerirem seus espaços de fomento contraculturais²⁶ desagregam-se parcialmente da cultura hegemônica sem precisarem fugir dos centros sociais urbanos, como fizeram muitos grupos hippies em suas comunidades alternativas rurais durante a década de 1960 nos Estados Unidos.

Com o conceito de contraculturas juvenis contemporâneas, no qual englobo a (contra) cultura anarco-punk, quero definir os movimentos e grupos contraculturais juvenis surgidos a partir do período do pós-guerra, quando a juventude surge para o mundo enquanto categoria social de características identitárias, sobretudo culturais, próprias e distintas dos outros grupos sociais etários²⁷, passando a fomentar uma cultura embasada em comportamentos, valores, estilos visuais e musicais específicos que passaram a marcar a experiência social da maioria dos indivíduos (também, mas não somente os) ocidentais, nesta muito privilegiada idade (fase) da vida²⁸.

Rafael Lopes Sousa (1996) considera os movimentos punk e anarco-punk como sendo

²⁶ Como nos exemplos dos squats punks, anarco-punks, anarquistas, raves e híbridos existentes na Europa.

²⁷ Como exemplos de contraculturas juvenis contemporâneas, podemos citar, além dos anarco-punks e outros punks de várias tendências, também certos grupos hippies, raves e experiências de movimentos contraculturais como o fluxus e o provos europeus (sobre estes dois movimentos, ver em: Home, 1999).

²⁸ Sobre o emprego do conceito de “idades da vida”, ver em Áries (1981), onde ele discute a mudança do privilegiamento social das idades da vida ao longo da História.

comunidades juvenis subversivas, incluindo-os em toda uma gama de comunidades juvenis que surgiram no período pós-guerra, constituindo uma tradição de resistência e insubordinação que os jovens desenvolveram contra a ordem estabelecida ao longo do século XX (p.78).

Para este autor, estes movimentos constituem comunidades “[juvenis] porque se identificam, segundo a definição sociológica, por laços de simpatia [identificações/afinidades culturais etárias e históricas específicas]” (Idem, 1996, p.78, colchetes nossos.) e “são subversivas porque buscam novas referências de vida para a formação de uma consciência social que, em diversos graus, recusa as formas de viver do presente” (Idem, 1996, p.78). No fundo, no meu entendimento, esta é outra definição daquilo que mais acima chamei de contraculturas juvenis contemporâneas.

As discussões e teorizações acerca das causas ou motivos que deflagraram o surgimento histórico desse tipo específico de contracultura são na maioria das vezes bastante discordantes entre os sociólogos e antropólogos pesquisadores das culturas e movimentos juvenis, todavia, sinto-me seguro para aqui citar uma passagem de minha monografia onde raciocinei sobre essa questão discutindo com dois antropólogos mexicanos, chegando a uma posição que acaba por mesclar suas teorias sobre a questão do surgimento das contraculturas juvenis:

o conflito pelo qual surge a contracultura se dá devido ao jovem ‘no poder satisfacer sus ancias consumistas por la parquedad de sus recursos crea una contracultura para oponerla a la cultura dominante’ (Lopez Castro²⁹, 1984, p.71 apud Encinas Garza, 1994, p124).

Encinas Garza tem uma opinião diferente da expressa por Lopez Castro, colocando o ímpeto criativo da juventude como causa principal do surgimento da contracultura. Entretanto, considero com o mesmo peso a interferência tanto do fator crise econômica, quanto do fator criatividade juvenil, no processo de surgimento da contracultura [juvenil] (Bastos, 2004, p.98, chaves nossas).

Também de minha monografia aqui utilizo algumas noções teóricas por mim desenvolvidas sobre o advento da cultura e da identidade anarco-punk, a qual foi por mim compreendida como sendo uma microcultura surgida no seio da cultura punk mais ampla e a partir de um processo de identificação, reelaboração e adaptação da ideologia anarquista ao estilo contracultural de atuação (ou militância) punk, por parte de certas parcelas de integrantes do movimento punk em várias localidades onde existem movimentos ou grupos punks. Neste sentido, e sobre uma teorização mais

²⁹ Lopez Castro, Gustavo. “El cholismo em Michoacán. Revista de Estudios sobre la juventud, CREA, Nueva Época, n 1, fev-mar, 1984, apud ENCINAS GARZA, José Lorenzo. **Bandas Juveniles:** perspectivas teóricas. México: Trillas, 1994, p. 124.

detalhada da cultura anarco-punk, qual seria então o cordão umbilical que uniu os (anarco) punks à ideologia anarquista? Que conteúdos existentes no ideário e nas propostas de práxis anarquista teriam possibilitado a adesão de várias parcelas do contingente do movimento punk a aderirem ao anarquismo. Sobre isto vejamos as seguintes passagens:

Desta forma, o conceito de microcultura por mim empregado na análise compreensiva da cultura anarco-punk, será utilizado sobretudo na observação das principais influências que propiciaram o surgimento desta cultura (o punk e anarquismo), procurando esclarecer o processo de construção da cultura anarco-punk, sua condição de descendente da cultura punk mais ampla, e por outro lado, sua descendência, sobretudo ideológica, mas também cultural, da tradição anarquista.

Nesta perspectiva, compreendo a cultura anarco-punk como uma microcultura com relação às principais culturas das quais ela descende, microcultura esta que surge no interior do movimento punk e a partir de contatos culturais exploratórios implementados por grupos punks que entraram em contato com grupos anarquistas e/ou chegaram, através de outras vias (por exemplo: através de contatos com literaturas anarquistas), a conhecer o anarquismo.

Neste sentido, percebo que a cultura anarco-punk surge por intermédio do contato entre a cultura punk e a ideologia anarquista, e quando chega a existir afinidade e identificação ideológica de punks para com esta ideologia (Bastos, 2004, p. 96).

E é nesta perspectiva que se torna oportuno e necessário contribuir para as discussões sociológicas sobre os movimentos contraculturais - melhor do que falar de uma única “Contracultura”, com “C” maiúsculo, como de costume de muitos pesquisadores - com o insight (a sacada) de que esta contracultura juvenil contemporânea (assim como outras) possui um caráter bastante ideológico, e neste caso libertário, que vai além dos aspectos culturais, musicais e das táticas de atuação encenativas observadas por Helena Abramo (1994), abrangendo à esfera da organização política.

Este caráter ideológico, no caso específico dos anarco-punks, manifesta-se, é claro, não apenas na esfera (contra) cultural, mas também nos âmbitos e situações mais propriamente políticos (ou melhor dizendo, político-culturais) da cultura anarco-punk, como na organização e dinâmica de suas atividades culturais e político-sociais, como veremos mais a frente e no capítulo 3 sobre a observação dessas atividades.

Ainda durante a monografia, procurei refletir sobre os “porquês” desta identificação dos (anarco) punks com relação à ideologia anarquista que acabou por possibilitar o advento da cultura anarco-punk. Nesta perspectiva, em determinado estágio da pesquisa que desenvolvi durante a graduação, passei a me perguntar o que teria levado certas parcelas do movimento punk, em muitos dos países onde este

existe, a adotarem o ideal anarquista como uma filosofia de vida ao lado da cultura punk?

Refletindo sobre esta questão cheguei às três seguintes considerações lógicas: 1^a) desde os primórdios do movimento punk, ainda em seu estágio glacial³⁰ nos Estados Unidos³¹, e até a época atual, os punks têm convivido e/ou se organizado de maneira anárquica – não burocrática ou institucional - no seio de seus grupos (culturais, “musicais”, de atuação social ou convivência pessoal) e comunidades, sem manifestar a necessidade ou a imposição de filiações, cargos, lideranças ou hierarquias internas; 2^a) durante o período do chamado revival³² (“ressurgimento”) do movimento punk, buscando manifestar uma postura mais político-social em seu movimento, os punks passaram a explorar vários movimentos sociais em vários países, chegando a conhecer grupos e movimentos anarquistas que puderam lhes legar uma proposta de vivência e associação, uma filosofia e uma utopia (o libertarismo) que mais se aproximava da contracultura anárquica que o movimento punk vinha forjando desde seus primórdios; 3^a) outro fator que aproximou os punks do anarquismo foi a crítica visão de mundo libertária e iconoclasta que punks e anarquistas compartilham em relação aos sistemas sociais humanos (e que foi percebida pelos punks no ideal anarquista), ambos possuindo e rechaçando inimigos comuns como o capitalismo, a burguesia, o patriarcalismo, os estados nacionais, as igrejas (dentre muitos outros) e seus respectivos modos de hierarquização, exploração, opressão, repressão, conservadorismos, preconceitos e discriminações que contribuem para as condições de desigualdades entre os indivíduos³³.

Em seu clássico artigo “As tradições ocultas da juventude³⁴”, David Matza (1961) nos fornece algumas noções que podem nos ajudar a entender as culturas juvenis contemporâneas em sua ampla variedade e complexidade de aspectos.

³⁰ O que chamei, em minha monografia, de estágio glacial da cultura e do movimento punk, trata-se da etapa inicial do movimento, nos Estados Unidos, e que compreende o período desde 1965 (ano em que surgem as primeiras bandas que seriam chamadas e se assumiriam como punks, em Nova Iorque, passando a constituir uma identidade coletiva) até antes do surgimento do movimento punk inglês, quando o movimento ainda estava restrito, basicamente, à postura underground das bandas e à contestação das padronizações estéticas, manifestas pelo estilo visual dos punks, aliados à certo comportamento e atitudes públicas de irreverência e deboche contra valores da ordem dominante, que marcou esta fase do movimento e persiste até a época atual.

³¹ Sobre o meu ponto de vista acerca do advento da cultura e do movimento punk em Nova Iork, nos Estados Unidos, a partir de 1965, ver mais em: Bastos (2004) e, principalmente em Macneil & Maccain (2004): Matem-me por favor: uma história sem censura do punk.

³² Ler mais sobre esta fase do movimento punk em: Bivar (1982) e em Bastos (2004).

³³ Para uma apreciação mais detalhada dessas três considerações, ver em: Bastos (2004 pgs. 99-102).

³⁴ Traduzido de “Subterranean traditions of youth”, publicado no número especial de The Annals dedicado a “Teen-age culture”, Filadélfia, 1961, volume 338, de novembro de 1961, págs. 102-118.

Guardando-se algumas relativizações de contexto histórico, espacial, e também culturais, que procurarei apresentar adiante, podemos aproveitar suas análises como instrumentos de auxílio para a compreensão da cultura anarco-punk, uma vez que elas nos fornecem uma variedade de ângulos para a observação de certos aspectos culturais razoavelmente aplicável a esta cultura.

No referido ensaio, Matza nos faz algumas interessantes considerações acerca da condição juvenil nos Estados Unidos da década de 1960 dissertando sobre o que ele chamou de “as tradições ocultas da juventude”, referindo-se à: delinquência (ou marginalidade), o radicalismo e a boêmia.

Desde já, torna-se necessário explicitar que as discussões deste autor sobre as chamadas tradições ocultas da juventude muito me interessam, dentre muitos outros motivos de ordem conjuntural, porque sob determinados aspectos, e partindo da noção weberiana de que não existem tipos puros, a comunidade por mim pesquisada apresenta através de idéias, valores e comportamentos dos seus membros, algumas das características que podem ser encontradas nas três tradições ocultas discutidas pelo referido autor.

Também muito importante de se ressaltar é o fato de que a cultura anarco-punk pesquisada apresenta certas características peculiares que diferem de certos aspectos presentes nas descrições das três “tradições de revolta juvenil” analisadas por Matza, e que serão por mim elucidadas no transcorrer do meu debate teórico com este autor.

Parte da teoria funcionalista, que influenciou Matza, dá idéia de que existe um estado “normal” da sociedade, frente ao qual é possível analisar os comportamentos sociais em termos de sua contribuição para a manutenção ou ruptura com a ordem da social. Assim, as culturas juvenis são analisadas a partir deste ângulo, de sua maior ou menor capacidade de ruptura ou contribuição para com a consolidação do sistema. Daí a expressão delinquência, usada no sentido “negativo” e “pejorativo” de não observância das normas sociais, independentemente do caráter dessas normas.

Outros estudiosos dos movimentos sociais (me incluo nessa fração) rompem com essas perspectivas colocando os movimentos sociais no campo da criatividade social e do engajamento na construção da emancipação. O interessante na releitura do estudo de Matza é sinalizar que os jovens estão construindo culturas próprias e agindo como atores sociais a partir do fomento de suas culturas e situações sócio-econômicas e condição etária.

Para que não haja confusões em torno da aparição da nomenclatura da tradição oculta delinqüência³⁵ (também chamada por Matza de tradição marginal), o que poderia dar trelas para interpretações de que eu poderia estar sendo conservador, funcionalista e discriminar a comunidade pesquisada usando a palavra delinqüência de maneiras pejorativas, é bom frisar que aqui e por mim ela será utilizada no sentido de observação da valorização, por parte dos anarco-punks, de idéias, comportamentos e atitudes consideradas negativas e transgressoras (desviantes) por ampla parcela dos cidadãos sistemicamente estabelecidos³⁶, tal como as proezas marginais³⁷, e a marginalidade opcional de não participação e discordância com relação a convenções e processos fundadores e legitimadores de sociedades do tipo patriarcal/capitalista, como as discriminações sexuais e as eleições, só para citar dois casos.

Embora pessoalmente ache que o termo marginal é, no sentido acima descrito, mais aplicável à cultura e a identidade anarco-punk do que o termo delinqüente, devido a toda a polêmica de pejoratividade, discriminação e exclusão que o circunda e foi considerado na nota 23, ele aqui será sempre empregado de maneira sinônima e no sentido do conceito socio-político-cultural de marginalidade descrito no parágrafo anterior. Até mesmo para destacar a reinterpretação e valorização transgressora, criativa e autonomista do termo que é feita por atores sócio-culturais que são, opcional, situacional e ideologicamente, marginais ao modo de vida da sociedade capitalista (como os anarco-punks), o que contribui para uma melhor compreensão da identidade e da cultura dos mesmos.

³⁵ O que seria bastante compreensível dado o grande peso do estigma discriminatório que a palavra carrega, tanto por influência do desenvolvimento de teorias conservadoras, discriminatórias e excludentes por parte de cientistas sociais burgueses/conservadores, quanto por influência da moral social conservadora, que em certa medida é influenciada pelas teorias de cientistas desse tipo.

³⁶ Janice Caiafa (1983) já tinha percebido essa valorização de coisas consideradas negativas e perigosas (como a agressividade simbólica, o feio, o velho, o sujo) para a sociedade capitalista, na montagem do estilo visual dos punks cariocas daquela época, nos quais observou uma cacofonia de símbolos considerados hostis e perigosos por grande parte da sociedade, como: uso de tecidos imitando peles de animais, o “A” circulado do anarquismo, a foice e o martelo do comunismo e a cruz suástica do nazismo. Produzindo uma simbologia caótica, contraditória e incoerente que esvaziava os sentidos originais de cada um desses símbolos criando uma outra simbologia que visava agredir visualmente refletindo o caos social e tentando repelir as tentativas da indústria cultural de tentar comercializar a sua cultura.

³⁷ A proeza marginal é um aspecto destacado por Matza como sendo uma tática de subsistência e atuação sócio-cultural bastante manifesta e típica das comunidades juvenis que podem ser identificadas como fazendo parte da tradição marginal (ou “delinqüente”) juvenil e de seus integrantes, convertendo-se em atitudes transgressoras das várias ordens (como a desobediência civil, o burlar das leis e pequenas expropriações) e exercidas, tanto individual quanto coletivamente, em vários lugares, situações e contra os mais variados tipos de pessoas e instituições opressoras/repressoras, na perspectiva de realização o mais autonomista/marginal/alternativa possível de seus anseios individuais e projetos coletivos.

Desta maneira, quero deixar claro que aqui utilizarei recortes adaptados da ótica analítica e das teorias de Matza na medida em que estes olhares e recortes teóricos, adaptados histórica, espacial, cultural e subjetivamente possam me auxiliar de alguma maneira na observação e compreensão de certos aspectos inerentes à comunidade ou grupos pesquisados e suas respectivas circunstâncias comunitárias e sócio-conjunturais, sem com isso precisar ser necessariamente fiel às teorias deste autor ou a qualquer escola sociológica que seja. Negando-me, através deste procedimento, a contribuir para a perpetuação de purismos escolistas e seus respectivos tabus de fidelidade teórica e não utilização de teorias de “outras” tendências (escolas) analíticas da sociologia, que são tão corriqueiros e freqüentes nos meios acadêmicos mais tradicionalistas e convencionais.

Comentando sobre teorias desenvolvidas por Kingsley Davis³⁸, e atentando para as questões de relacionamentos geracionais, Matza nos explica que, ao contrário do que acontece nas sociedades consideradas mais “tradicionais” ou “primitivas”, o exercício do princípio do mérito, nas sociedades ocidentais, provoca tensões (entre os próprios jovens, deles com relação às outras gerações e também para com as instituições) que são muitas vezes seguidas de frustrações e rejeições ao mundo da institucionalidade, pois, por trás das disputas meritocráticas existe um número muito reduzido de posições (empregos, cargos) sociais disponíveis. Além do que, ao contrário dos jovens,

os adultos tendem ao realismo por motivo do maior risco de perdas que incorrem no sistema e porque eles estão ligados às responsabilidades necessárias a uma evolução da ordem social. A juventude, [por sua vez] permanecendo fora da ordem estabelecida e não sendo responsável pelos defeitos da mesma, talvez assuma uma atitude entre, o que parece aos adultos, um idealismo demasiadamente exigente e um cinismo desapiedado (1961, p.82, colchetes nossos).

Segundo Matza, as tradições ocultas de juventude (marginalismo, radicalismo e boêmia) possuem alguns aspectos comuns que nos ajudam a definir uma conceituação da expressão, são eles:

Primeiro, são tradições denunciadas publicamente. Segundo, as versões extremas dessas tradições são adotadas por uma pequena proporção da população jovem. Terceiro, essas tradições são conhecidas e toleradas por grande parte da população adulta. Quarto, as versões convencionais dessas tradições são vividas por uma proporção considerável da população jovem. Quinto, essas tradições são vistas sob o prisma de ambivalência, em passiva

³⁸ DAVIS, Kingsley, “Sociology of Parental Youth Conflict”. In. American Sociology Review, vol. 5 (agosto de 1940), e “Adolescence and the Social Structure”, The Annals of the American Academy of Political and Social Science, vol. 236 (novembro de 1944).

contemplação pela, maioria dos adultos; e, portanto, as reações públicas se restringem a ocasiões em que o assunto volta a ser moda, variando desde uma tolerância simpatizante a uma radical desaprovação (idem, p.85).

Além dos aspectos comuns acima mencionados, o autor nos mostra semelhanças e diferenças entre as tradições ocultas da juventude com relação aos graus de conflito destas para com a cultura da classe burguesa e o sistema político econômico capitalista, bem como com relação aos seus tipos característicos de cultura intelectual. Desta forma esclarece que, em termos de semelhanças,

em primeiro lugar, as tradições em questão parecem exercer maior atração à juventude do que à população em geral. Em segundo lugar, as três modalidades têm implicações distintas de anticivilidade, pelo menos dentro de uma escala restrita. Todas três constituem ‘ameaças’ à estabilidade e à ordem de um sistema vigente. Todas três são especificamente antiburguesas, embora em diferentes maneiras (idem, p.86).

Neste sentido, Matza atesta que o delinqüente geralmente não se dispõe abertamente contra as disposições burguesas sobre a propriedade, embora não raramente as transgrida³⁹, destaca também a rejeição do delinqüente com relação aos sentimentos burgueses de método e rotina manifestos no cotidiano social, sobretudo no sistema escolar.

No caso dos anarco-punks, mesmo possuindo certas características delinqüentes (e também boêmias), eles se opõem político-ideológica e culturalmente às disposições burguesas sobre a propriedade, uma vez que também possuem características semelhantes às da tradição radical. De certa maneira, poderíamos até considerar que os anarco-punks, embora manifestando características das três tradições ocultas da juventude estão mais inclinados no sentido da tradição radical, uma vez que tem preocupações e um projeto de mudanças sociais mais ou menos articulado no seu ideário. Também pelo fato de possuírem um razoável grau de organização e articulação, com grupos/coletivos de militância locais, redes de comunicações e até federações em níveis regionais, nacionais e internacional.

Os punks drunks (do inglês: punks bêbados), por exemplo, outra microcultura do punk que enxerga na consumação de álcool (e outras drogas) e num modo de vida punk-boêmio um potencial e uma alternativa contracultural ao modo de vida da sociedade vigente, estariam um pouco mais inclinados à tradição boêmia.

³⁹ Com relação a isso, no caso dos anarco-punks, a crítica à propriedade é um ponto muito manifesto uma vez que sendo influenciados pelo anarquismo, um tipo de socialismo libertário muito anticapitalista, consideram exploração opressiva a alta concentração da propriedade nas mãos de poucas pessoas detentoras.

O caráter indisciplinar da personalidade dos anarco-punks também é bastante manifesto, não só com relação ao sistema escolar, mas também em outras esferas e áreas da vida social, como no seio da família e com relação ao patriarcalismo, só para citar este exemplo.

A atitude mais freqüente do tipo de boêmio conceituado por este autor, com relação às disposições burguesas sobre a propriedade, seria a de indiferença⁴⁰, tendo sua ira reservada ao puritanismo e metodismo da ética burguesa, opondo-se ao capitalismo ao rechaçar as inovações da sociedade burguesa em sua tendência à mecanização, organização centralizada e progressivamente coletiva desse sistema.

Já com relação à tradição radical, o autor apresenta uma postura de oposição mais diferenciada, com relação às outras duas tradições, ante o capitalismo e a ética e cultura burguesa, alegando que esta tradição

especialmente nas variedades do marxismo revolucionário, que representam os exemplos mais importantes do radicalismo moderno, o principal objeto do ataque radical foi o sistema capitalista de dominação política e econômica, e o papel imperialista supostamente desempenhado por tais sistemas em assuntos internacionais (idem, p.87).

E completa a sua consideração afirmando que “os aspectos metódicos, puritanos e industriais da ordem burguesa foram mais ou menos aceitas” (idem, p.87).

Diferentemente do radicalismo observado por Matza na década de 1960 nos Estados Unidos, que tinha um forte componente identitário marxista estudantil, o radicalismo anarquista e contracultural dos anarco-punks, não se limita à crítica da dominação político-econômico do sistema capitalista. Dotada de forte teor (contra) cultural e (anti) artístico, que, é claro, é dotado de forte teor político-ideológico libertário anarco-contracultural⁴¹, a contracultura anarco-punk também tece duras críticas e realiza variadas atividades que contestam o lado moralista puritano e a massificação cultural promovida pelo industrialismo desse sistema.

No sentido de sua análise, este autor conclui que “cada tradição oculta se tem mostrado hostil à ordem burguesa, mas cada uma delas seguiu uma linha diferente de ataque” (idem, p.87). Desta maneira podemos concluir que a principal característica

⁴⁰ A nota anterior já explica a postura geral dos anarco-punks acerca desta questão. Todavia, cabe ressaltar que, contrariamente ao que teorizou Matza, no caso dos anarco-punks, punks drunks e outros tipos de punks não vemos uma indiferença a estas questões, pois, apesar de serem boêmios, sua cultura também possui um caráter radical contracultural, no qual estão embasados um ideário e valores antiburgueses que os torna radicalmente críticos e contrários à propriedade privada.

⁴¹ Ou seja, contracultural de caráter anarquista.

dos delinquentes seria a indisciplina, o boêmio teria como traço mais característico o antipuritanismo e o radical seria um crítico da economia política do sistema capitalista.

Já com relação às diferenças mais acentuadamente características, Matza vê quatro aspectos que as diferenciam entre si.

O primeiro deles seria a idade específica das quais as tradições sofrem a vulnerabilidade social. Segundo o autor a delinquência difere tanto do radicalismo quanto da boemia, pois

é um fenômeno da escola secundária; parece mais pronunciada entre jovens que terminam sua educação durante ou no fim da escola secundária. O radicalismo e a boemia, especialmente nos Estados Unidos, estão aparentemente vinculados ao sistema de educação de nível superior (idem, p.87).

Já no caso dos anarco-punks de João Pessoa estas constatações não são aplicáveis, pois o grau de escolaridade é bastante variado entre eles, existindo pessoas com nível educacional secundário e superior incompleto e completo.

Em segundo lugar, elas diferem entre si em relação ao grau de consciência de sua conduta individual, uma vez que

o radicalismo tem consciência de sua intelectualidade e representa por sua vez críticas personificadas e racionalmente coerentes da sociedade moderna; a crítica do delinquente se manifesta de uma forma implícita. Além disso, o radicalismo e a boemia são possuidores de uma literatura escrita; a delinquência é quase por necessidade uma tradição oral (idem, p.87-88).

Ao longo dos anos de pesquisa que realizo desde a graduação, tenho constatado que, não o grau de consciência⁴², mais sim o grau de espontaneidade dos anarco-punks de João Pessoa em participar ou não de certas atividades mais culturais e comunitárias, ou, mais político-sociais, organizadas por pessoas do meio anarco-punk da cidade, é bastante variável de indivíduo para indivíduo e depende bastante do momento que a vida pessoal (familiar, profissional, relacional) das pessoas da comunidade, ou esta última propriamente dita, esteja atravessando.

A “intelectualidade” dos anarco-punks é muito marcada por um existencialismo contracultural que às vezes se manifesta de forma utópica e ativista, outras vezes revertendo-se em práticas mais lúdicas e boêmias. Um viés anarquista espontaneísta, de caráter bastante autonomista e autodidata, são traços bastante marcantes de seu tipo de intelectualidade, que muito difere dos vieses vanguardista e acadêmico, de forte

⁴² Mais empregável à boemia e, sobretudo, ao radicalismo de forte influência marxista observado por Matza nos Estados Unidos na década de 1960.

influência marxista, manifestos na boêmia e no radicalismo observado por Matza nos Estados Unidos na década de 1960.

Com relação às tradições literária e oral, temos que, os anarco-punks, pelo menos teoricamente (“em tese”), tem uma ampla literatura anarquista, sobre o punk e a contracultura mais ampla para se atermem nos momentos em que acham, por algum motivo, necessário a elas recorrer. O grau de leitura dos anarco-punks com relação a esses e outros tipos de literaturas ainda é para mim bastante incógnito, mas suponho que também seja bastante variável de indivíduo para indivíduo, uma vez que eles são muito autodidatas, não havendo, como no caso de algumas juventudes partidárias, um padrão coletivo de leitura estabelecido. O que talvez se deva à defesa da liberdade individual e a não imposição de determinadas tarefas no seio desta comunidade.

Além disso, é importante destacar que os anarco-punks também gozam de uma ampla produção literária comunitária manifesta através da imprensa alternativa dos fanzines⁴³ que são trocados por correspondência⁴⁴ em âmbito regional, nacional e até internacional, através dos quais eles trocam informações sobre as cenas punks e anarco-punks nas diversas localidades; idéias críticas sobre o modo de vida das sociedades capitalistas; experiências de atuações comunitárias e sociais; ideais libertários; valores vigentes nos meios anarquista, punk e anarco-punk, dentre outros temas que contribuem para a reflexão de sua cultura e identidade.

Em terceiro lugar, Matza diz que as modalidades de revolta das tradições ocultas da juventude diferem com relação às suas ambições, uma vez que,

a delinqüência não tem planos para a sociedade; não existe um desejo por parte dos delinquentes de reconstruí-la... Os radicais, por outro lado, desejam reformar a sociedade de acordo com suas predileções ideológicas... [e] Os boêmios se encontram em uma situação intermediária, desejando de modo definido uma modalidade de vida particular e refratária, tendo raramente qualquer aspiração em converter o resto da sociedade (idem, p.88).

Por vezes, podem ser encontrados em alguns indivíduos anarco-punks, em alguns momentos mais pessimistas de suas vidas, os tipos de sentimentos, pensamentos e comportamentos que fazem lembrar a falta de ambição típica da tradição da delinqüência observada por Matza. Todavia, podemos dizer que as

⁴³ Os fanzines são um tipo de revista alternativa de fabricação autônoma onde os punks escrevem (textos, poemas, dizeres, pensamentos, slogans, frases de efeito, etc.) discutindo sobre vários temas que permeiam seu universo existencial. Também é um campo de expressões estéticas onde são desenvolvidas colagens iconográficas e textuais e desenhadas iconografias características da cultura e do imaginário (anarco) punk.

⁴⁴ Já existindo também os funzines eletrônicos no campo comunicativo da internet.

“ambições” dos anarco-punks, mais do que se dividirem entre os três tipos manifestos nas diferentes tradições ocultas, estão mais ainda caracterizadas, pelo menos podendo ser comprovadas em seus discursos, por uma posição tensa e intermediária entre os tipos de ambições das tradições radical e boêmia.

Isso, uma vez que os anarco-punks visam sim contribuir para a construção de uma nova sociedade, mas não de maneira coercitiva e de acordo apenas com suas “predileções ideológicas”, e sim através, sobretudo, de uma mudança comportamentalista e libertária manifesta através de suas próprios hábitos cotidianas e procurando estabelecer relacionamentos libertários e igualitários com os demais indivíduos, não se preocupando muito em se vão convencer os outros de que suas idéias estão certas, tal como os boêmios observados por Matza.

Em quarto lugar, e por ultimo, são destacadas as diferenças com relação à reivindicação de seus valores morais, pois, segundo o autor,

no caso da delinquência, as opiniões de seus adeptos parecem coincidir com aquelas pertinentes à sociedade convencional. Não há crédito por parte dos interessados, quanto ao valor moral do movimento delinquente. Por outro lado, tem havido bastante controvérsia quanto ao valor moral do radicalismo e da boêmia. Muitos intelectuais atribuem a essas tendências graus de variação de valor (...) Além disso, os radicais e os boêmios, em oposição aos delinquentes, estão convencidos do valor moral de seus movimentos (idem, p.88).

O reconhecimento do valor moral é um ponto de discussão delicado de ser discutido ao se falar da cultura anarco-punk, uma vez que esta cultura punk anarquista possui um teor contracultural e anárquico que tende a manifestar uma aversão à idolatria e, logicamente, também à auto-idolatria, que faz esta questão da auto-valorização aparecer de forma muito mais subjetiva na cultura anarco-punk do que no caso das teorizações de Matza acerca dos tipos de tradições ocultas da juventude por ele discutidas. Todavia, pelo próprio conteúdo radical, libertário e contracultural peculiar desta cultura, ela mesma se opõe de maneira incisiva à moral dominante das sociedades do tipo capitalista-patriarcal, seu modo de vida competitivo-excludente e seus valores machistas que estabelecem relações de desigualdade entre os gêneros masculinos e femininos, homofobia e repressões à liberdade sexual, só para citar alguns exemplos. O que nos leva a entender que existe uma valorização de princípios contrários aos valores dominantes vigentes das sociedades capitalistas patriarcais no seio da cultura anarco-punk.

Desta forma, e para efeitos de entendimento do que podemos chamar tanto de cultura, quanto de micro ou contracultura anarco-punk, podemos dizer que esta última

reelabora e mistura aspectos oriundos das culturas anarquista e punk, além de possuir alguns aspectos atribuídos por Matza às três tradições ocultas da juventude, em certas proporções, fazendo parte de cada uma delas sem, por outro lado, limitar-se a nenhuma delas.

Nesta mesma linha de constatação das mudanças histórico-sociológicas ocorridas na identidade juvenil ao longo das décadas subseqüentes do período pós-guerras, constatamos que uma necessária percepção de diferenciação identitária e de áreas e esferas de atuação sociais juvenis têm se manifestado em pesquisas desenvolvidas por antropólogas urbanas brasileiras, como Janice Caiafa e Helena Abramo, que pesquisaram a cultura punk nas décadas de 1980 e 1990, a partir do ruir e depois da queda da ditadura militar no Brasil.

Período a partir do qual, atesta Helena Abramo (1994), uma massiva mudança de direcionamento de jovens, tanto das classes menos abastadas quanto da classe média, para trincheiras de expressões sociais mais ligadas à esfera da cultura e à ambientes culturais, diferentemente dos jovens das décadas de sessenta e setenta que, no auge da ditadura militar, privilegiaram uma militância social mais identificada com as formas tradicionais de militância política, ao ingressarem nos movimentos estudantis e partidos radicais de esquerda, existindo ainda os que enveredaram por uma militância social religiosa ligada às diversas pastorais da Igreja Católica.

Também nas análises de sociólogos europeus que vem pesquisando movimentos juvenis alternativos e contraculturais desde a década de 1980, considerações acerca de mudanças identitárias, entre os atores sociais protagonistas dos chamados novos movimentos sociais, e no estilo de organização destes movimentos vêm contribuindo para o desenvolvimento de teorias que objetivam aprofundar consideravelmente a compreensão dos movimentos juvenis contemporâneos.

O sociólogo alemão Joseph Huber nos abre uma interessante janela para a compreensão de movimentos juvenis antcapitalistas, alternativos e contraculturais como o punk e o anarco-punk, os quais tendo surgido no período pós-guerra e sendo geralmente integrados por jovens pobres e desempregados, desenvolvem suas mais variadas atividades e expressões em locais e situações de tempo livre e ócio, em contraste com os movimentos de trabalhadores do século XIX e da primeira metade do século XX, que direcionavam sua militância social para os conflitos entre empregados e patrões inerentes ao chamado mundo do trabalho.

Considerando estes aspectos, Huber (1985) compreende que nestas condições

uma estratégia revolucionária não teria que se desenvolver tanto na esfera da 'produção', mas, antes e sobretudo, no 'âmbito da reprodução' [...] o

sujeito revolucionário se transforma: de uma vanguarda de trabalhadores produtivos, organizados nos partidos de trabalhadores [e também nos (anarco) sindicatos, é claro], em uma vanguarda de consumidores, organizada nos projetos do movimento alternativo [...] como os incompreendidos precursores de um sistema, no qual se é menos administrado e se exercita mais a autogestão [...] onde, enfim, produtores e consumidores se aproximam através da cooperação mútua, realizando estes papéis dentro do espírito do ‘do it yourself’ (p.43-44. colchetes nossos).

Ou seja, dentro do espírito do “faça você mesmo” (lema do movimento punk).

Ainda deste mesmo trabalho de Huber podemos retirar o interessante conceito de “autonomia relativa”, por ele elaborado em suas pesquisas sobre os movimentos alternativos europeus, que é bastante aplicável em alguns casos de organizações de atividades dos anarco-punks de João Pessoa.

Em sua conceituação, Huber denomina de autonomia relativa certa condição ou certas situações (momentos) em que os movimentos sociais precisam recorrer a recursos que lhes são cedidos via iniciativa privada, Estado ou outras instituições para a realização de determinadas atividades dentro de seus projetos específicos, buscando assim certa margem de autonomia apesar das, às vezes, necessárias relações que estabelecem com certos grupos e instituições sociais.

Nestas situações, nos alerta o autor, estas instituições (sobretudo o Estado) não cedem seu apoio aos movimentos sem o interesse de integrá-los ao sistema e com eles dividir a responsabilidade de realizar suas obrigações, bem como procurar frear as críticas e pressões que lhes são dirigidas pelos movimentos sociais ao procurar satisfazer suas demandas. Por outro lado, destaca o autor, os movimentos alternativos tentam sempre obter estes recursos (os quais são, direta e/ou indiretamente, públicos ou oriundos do trabalho dos explorados) procurando manter o máximo possível de autonomia e caráter crítico contestador com relação a estas instituições e ao sistema como um todo.

Ainda a respeito desta polêmica relação entre autonomia e integração ao sistema, inerente tanto aos indivíduos quanto aos movimentos sociais, podemos recorrer às reflexões de Sader (1988) sobre a emergência de “novos” sujeitos coletivos⁴⁵ entre as experiências e lutas sociais dos trabalhadores da Grande São Paulo

⁴⁵ Vejamos sua conceituação de sujeito coletivo, aplicada à emergência de movimentos populares na Grande São Paulo durante a década de 1970, que podemos também aplicar às movimentações contraculturais dos anarco-punks de João Pessoa: “Quando uso a noção de sujeito coletivo é no sentido

entre 1970 e 1980, onde ele destaca que o “sujeito autônomo não é aquele (pura criação voluntarista) que seria livre de todas as determinações externas, mas aquele que é capaz de reelaborá-las em função daquilo que define como sua vontade. Se a noção de sujeito está associada à possibilidade de autonomia, é pela dimensão do imaginário como capacidade de dar-se algo além daquilo que está dado” (p.56).

O tipo de autonomia concebido pelos anarco-punks possui características bastante semelhantes ao concebido pelos anarquistas, valorizando a liberdade de pensamento, expressão e ação individual, concebendo também as liberdades coletiva e individual como complementares, tal como podemos perceber nesta nota explicatória de princípios anarquistas desta página anarco-punk:

Autonomia: Esta palavra é a condição indispensável para obter a liberdade individual/coletiva. Significa o respeito às decisões, vontades e opiniões do indivíduo em relação ao grupo e vice-versa. Por exemplo, caso um grupo decida em prol de determinada ação, os membros discordantes não ficam obrigados a participar da mesma. Para isso não deve haver relações de dependência que impeçam as pessoas de se posicionarem livremente (<http://www.anarco-punk.hpg.ig.com.br/anarquismo.html#autonomia>, 17/04/2008).

Outra característica da proposta de autonomia anarco-punk é o seu caráter underground/contracultural (anticomercial), uma vez que, diferentemente dos anarquistas mais clássicos, as lutas anti-capitalistas dos anarco-punks não se dão nas relações do mundo do trabalho, entre operários e patrões, e sim (principalmente) no âmbito da produção, cultural, onde travam batalhas anti-consumistas e anti-modistas contra a indústria cultural e a cultura de massas por esta produzida em seu processo de industrialização massificada da cultura. Onde também travam guerras de posturas, opondo-se ao procedimento de pessoas que seguem e/ou são manobradas pela moda e às bandas que comercializam arte e cultura (as ditas e as não ditas punks). Dentre estas últimas, as bandas for funs, que tentam comercializar a sonoridade e a estética punk.

Melucci (2001), por sua vez, atesta as transformações ocorridas no seio dos movimentos sociais contemporâneos⁴⁶, como os juvenis, no tocante às formas de representatividade política e mobilização coletiva que estes assumem, rompendo com os sistemas e formas tradicionais de representação e participação políticas (sobretudo no tocante às suas formas organizativas internas), em contraste com os movimentos do

de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nestas lutas”.

⁴⁶ Que ele também chama de “novos movimentos social”.

passado, especialmente o operário. Desta forma, este autor destaca que nos novos movimentos sociais “a liderança não é concentrada, mas difusa; além disso, ela é limitada aos objetivos específicos e diversos indivíduos podem assumir passo a passo papéis de líder, para absorver determinadas funções” (p.96).

Encaixada em, praticamente, todas as caracterizações e considerações já expostas neste capítulo, o estilo de atuação (ou militância) sócio-político-cultural da comunidade por mim pesquisada possui ainda algumas especificidades essenciais que precisam ser explicitadas, juntando-as às considerações já feitas, possibilitando assim uma melhor compreensão e análise de sua cultura e organização das atividades analisadas.

Em meu trabalho de graduação teci sobre este tema algumas considerações que podem nos ajudar a entendê-lo:

o estilo prático e contracultural de anarquismo dos anarco-punks [...] chega a ser muito parecido com o que o anarquista italiano Salvo Vaccaro (1998) chamou de neo-anarquismo⁴⁷, ao analisar o pensamento de Foucault, para caracterizar um tipo de anarquismo dotado de um “componente irracional”⁴⁸ e, pretensamente, desprovido e despreocupado com relação á(s) utopia(s), onde a atuação ou movimentação anarquista devem derivar de necessidades, anseios, problemas e possibilidades da cotidianidade e da localidade em que se atua, valorizando as micro-políticas anti-hierárquicas, a-partidárias e a-estatais (Bastos, 2004, P.148. colchetes nossos).

Nesta perspectiva, torna-se indispensável destacar no estilo de militância (atuação) sócio-(contra)cultural geralmente apresentado por anarco-punks este pretendido cotidianizar⁴⁹ da utopia libertária através do estabelecimento de relacionamentos humanos libertários e da organização de atividades e eventos inspirados no estilo de organização política anarquista no “aqui e agora”, do jeito que

⁴⁷ Para efeitos de um melhor entendimento deste termo, cabe ressaltar que o prefixo “neo”, utilizado por Vaccaro, apenas alude às contínuas releituras feitas sobre o pensamento e as formas de atuação anarquista ao longo dos momentos históricos.

⁴⁸ Com isso, na minha interpretação, este autor quis caracterizar um tipo de movimentações rebeldes, espontâneas e com certa margem de improvisações, muito influenciadas pela ideologia da contracultura, manifestas pelos estudantes franceses durante o movimento de maio do ano de 1968. Num sentido mais conceitual e político-ideológico, a expressão traduz um tipo de organização “não burocrática” (quase que totalmente desprovida do que Max Weber chamou de racionalidade) caracterizada por, no máximo, uma organicidade mínima ou suficiente, sem cargos fixos e hierarquias impostas, contando apenas com uma divisão voluntarista de funções.

⁴⁹ Entenda-se, cotidianizar a utopia (no ideário dos anarco-punks), como a realização relativa do ideal anarquista e/ou libertário nas práticas de relacionamentos humanos, organizações e realizações de atividades culturais e político-sociais (inclusive protestos) desenvolvidas pelos anarco-punks no cotidiano de suas movimentações e do exercício de sua cultura, dentro dos limites das possibilidades relativas de exercício dessas atividades e relacionamentos humanos, em cada momento histórico, eventual ocasião e determinado lugar onde se pretende cotidianizar a utopia libertária, procurando realizar o ideal libertário do anarquismo através deste tipo de vivência.

der e com os recursos disponíveis no momento. Embasando-se, como expresso na citação acima, em necessidades, anseios, problemas e possibilidades derivados de momentos e lugares específicos onde se atua, e não numa determinada teoria da revolução social e à espera de um momento considerado propício para o exercício desta última.

No tocante a esta questão, e com relação ao ambiente cultural que impera na contemporaneidade e que é percebido e atualizado por movimentos sociais juvenis, Melucci nos explica que:

Nas sociedades pós-industriais, nas quais a mudança se torna condição cotidiana de existência, o presente assume um valor inestimável. A história, portando a possibilidade de mudança, não é orientada para fins últimos mas por aquilo que ocorre já hoje. A cultura juvenil exige, então, da sociedade o valor do presente como única condição de mudança; exige que aquilo que vale se afirme no aqui e agora; reivindica o direito à provisoriedade, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas. E, por isso, não pode desencontrar-se [e se encontra de maneira conflituosa] com as exigências do sistema que impõem previsibilidade, redução da incerteza, estandartização (2001, p.105, colchetes nossos).

Segundo Goffman e Joy esta noção de que podemos mudar a situação social “aqui e agora” já se encontrava presente no pensamento filosófico de Francis Bacon, uma vez que “ele acreditava que [...] conhecimento [científico e técnico] podia ser utilizado para beneficiar de modo prático a humanidade, reduzindo o sofrimento e aumentando o bem-estar” (2004, p.164). E acrescentam que “essa afirmação é o cerne da heresia do Iluminismo: que o aqui-e-agora pode ser melhorado – não precisamos esperar pelo paraíso” (idem, p.146. colchetes nossos).

Para que possamos ter uma melhor compreensão tanto da cultura quanto do tipo de sociabilidade que permeia a organização de atividades desenvolvidas pelos anarco-punks de João Pessoa, tanto os do C.C.S. e quanto os do N.A.D., torna-se imprescindível especificar que nesta cidade ao longo dos anos⁵⁰ e, sobretudo

⁵⁰ Segundo informações de (anarco) punks mais antigos da cidade, os primeiros punks de João Pessoa começaram a surgir em 1984, depois de viagens a São Paulo feitas por um rapaz que tocava bateria numa banda chamada Restos Mortais, o qual trouxe em sua bagagem discos de bandas punks européias e coletâneas de bandas punks de São Paulo. Já com relação ao advento da cultura anarco-punk em João Pessoa, podemos considerar que esta começou a se gestar a partir de 1986, quando um coletivo de anarquistas aproximou-se dos punks da cidade em um “show” no Teatro Lima Penante, tendo os punks posteriormente passado a frequentar a sede e as reuniões deste coletivo anarquista, passando também a ter contato com literaturas anarquistas que afloraram influências receptivas em certa parcela desses punks. Houve ainda um segundo e importante momento que contribuiu para concretizar a insurgência de uma cultura e referencial identitário anarco-punk em João Pessoa, quando em meados de 1991 os

ultimamente, a estruturação de grupos e a organização de atividades de caráter anarco-punk não chegam a constituir um movimento nos moldes mais tradicionais da conceituação, ou seja, dotado de uma boa margem de articulação e coesão, cargos ou funções fixamente definidos, calendário de atividades fixo, definido e seguido rigidamente, só para citar alguns aspectos.

A estruturação e coesão dos grupos são instáveis em muitos períodos, devido a afastamentos temporários, saída de antigos e entrada de novos membros, problemas familiares, interferência de ocupações estudantis e profissionais dos membros, problemas de relacionamentos pessoais e afetivos entre pessoas do meio, problemas de evasão nas atividades (em alguns casos relacionados também ao consumo de álcool) por parte de alguns indivíduos, dentre outros problemas.

Sobre estes aspectos característicos acima mencionados, é mais uma vez Melucci que nos ajuda a entender este que, sob sua ótica analítica e conceituação, poderia ser considerado como um dos (chamados) novos movimentos sociais, ressaltando que nos movimentos deste tipo:

A agregação tem caráter cultural e se situa no terreno da produção simbólica na vida cotidiana. Existe um inter-relacionamento crescente entre os problemas da identidade individual e a ação coletiva; a solidariedade do grupo não está separada da busca [pela realização] pessoal e das necessidades afetivas (...) dos membros, na sua existência cotidiana” (2001, p.97, colchetes nossos).

E é mais ou menos assim que ocorre no meio anarco-punk de João Pessoa⁵¹.

Desta forma, com a influência desses e de outros fatores, o meio anarco-punk de João Pessoa acaba por se constituir menos enquanto movimento e mais enquanto pequenos grupos segregados de indivíduos unidos por afinidades culturais, político-ideológicas e, indispensavelmente, **pessoais** que se reúnem com certa frequência⁵² e eventualmente desenvolvem atividades anarco-punks, o que torna coerente falarmos em movimentações e não de movimento anarco-punk em João Pessoa. O que do ponto

anarco-punks do MAP (Movimento Anarco-punk) de São Paulo foram entrevistados pelo apresentador Serginho Groisman no programa Matéria Prima, da TVE. Neste programa os anarco-punks do MAP de São Paulo falaram sobre sua cultura e idéias e divulgaram uma caixa postal para contatar punks do resto do país que tivessem idéias e interesses político-ideológicos semelhantes. Os anarco-punks de João Pessoa entraram em contato com os de São Paulo e fundaram no mesmo ano o MAP de João Pessoa.

⁵¹ Mais detalhes sobre este aspecto, no capítulo 3, página 77.

⁵² Dependendo muito dos fatores mencionados no parágrafo anterior a quantidade e frequência dessas reuniões pode ser maior ou menor.

de vista cultural é bastante comum entre as várias tendências microculturais do movimento punk, não obstante, torna-se um problema para a realização do lado sócio-político da ideologia libertária dos anarco-punks, uma vez que grupos mais coesos (unidos), melhor organizados e mais solidários uns com os outros tendem a desenvolver atividades com maior frequência e eficiência (em termos de realização de objetivos), possibilitando uma mais ampla divulgação de idéias e práticas que podem exercer maior influência e contribuir mais efetivamente para a mudança do sistema social repressivo e opressivo tão rechaçado pelos anarco-punks.

Uma pista para o entendimento desse tipo de militância grupal embasada em afinidades pessoais pode se dar a partir da consideração de uma hipótese á qual fui direcionado pelas minhas memórias dos tempos de militante do C.C.S., no início da década de 1990, época na qual era comum se ouvir dos militantes mais antigos sobre as benéficas da militância embasada numa agregação por afinidades pessoais, tal como, segundo estes, se dava entre grupos de militância que integravam movimentos anarquistas nos países bascos da Europa. Tal hipótese de influencição torna-se razoavelmente plausível quando sabemos que um influente coletivo de militância anarco-punk da cena de Natal (RN) (a qual sempre foi muito aproximada da cena anarco-punk de João Pessoa) atuante há muitos anos naquela cidade, denomina-se pela sigla AFIN.

Segundo o historiador autodidata anarquista Edgar Rodrigues, pesquisador dos movimentos anarco-operários do Brasil e de Portugal, a palavra afinidade

por extensão, designa aliança, ligação, atração entre as pessoas pela semelhança de sentimentos, gostos, etc... Para os psicólogos é a semelhança de sentimentos, temperamentos idênticos, maneiras de perceber e sentir as coisas, educação comum. No plano social, as afinidades baseiam-se no paralelismo, nas semelhanças, em caracteres técnicos, nos modelos culturais e ideológicos idênticos. A importância maior da afinidade reside na construção de sentimentos de simpatia, de amizade afetiva e do amor fraterno (<http://br.geocities.com/mundoacrata/definicoeslibertarias.htm>, 16/04/2008).

Sendo herdeiros da influência ideológica libertária do anarquismo, do clima sócio-político-cultural do pós-guerra e da contracultura (especificamente da (contra) cultura punk), manifestando os já destacados valores em oposições ao modo de vida da nossa sociedade capitalista-patriarcal, sofrendo as pressões culturais, morais e estruturais do status quo (ou o “sistema”, para muitos) e dentro da situação política organizativa interna aqui mencionada, os anarco-punks de João Pessoa sobrevivem

entre o cotidiano de suas vidas pessoais e as movimentações de suas atividades culturais e político sociais como as Gigs⁵³, a frequência de points⁵⁴, palestras, debates, atos públicos, manifestações de rua, mostras de cultura (anarco) punk, encontros anarco-punks deliberativos e de confraternização, dentre muitas outras atividades que analisarei no capítulo 3.

⁵³ As gigs são confraternizações (anarco) punks com apresentações de bandas da cena local e de cenas anarco-punks de outros lugares. Nelas os anarco-punks bebem e pougam (dançam) ao som das bandas. O pougo é um tipo de dança ao mesmo tempo individual e coletiva na qual os anarco-punks correm, em diversas direções, de um lado para o outro de um espaço onde pougam em frente das bandas que se apresentam nas gigs. Nas gigs, os que são das bandas tocam, fazem discursos de teor anarquista e punk usando o microfone e, quase sempre, pessoas que não fazem parte das bandas que estão se apresentando fazem participações de improviso, seja cantando ou tocando algum instrumento, às vezes tendo combinado previamente sua participação com os membros da banda.

⁵⁴ Os points, do inglês, pontos, são lugares, ou seja, pontos da cidade escolhidos pelos anarco-punks para conversar (“trocar idéia”), beber e fumar, tocar músicas punks com violão, trocar materiais como zines e CDS de bandas, e enfim conviverem praticando sua cultura.

CAPÍTULO 2

ENTRE OS BIRÔS E OS ARREBITES: A SAGA DE UM PESQUISADOR AO ADAPTAR OS MÉTODOS ACADÊMICOS PARA A PESQUISA DE UMA CONTRACULTURA

Este é o capítulo metodológico desta dissertação. Nele revelarei e discutirei o método, as técnicas e táticas de pesquisa adotadas nessa pesquisa, observando também as imposições de limites imputados pelos indivíduos integrantes dos grupos pesquisados em situações de execução de suas atividades de movimentações e no ambiente do campo de pesquisa.

De imediato, revelo que o método empregado nesta pesquisa foi o da observação participante. Becker (1993) assim define a atitude do pesquisador em campo ao fazer uso do método da observação participante:

Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabulando conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou (p.47).

O tipo específico de observação participante por mim utilizado nesta pesquisa foi seguido por uma descrição densa da realidade do campo pesquisado que a aproxima um pouco do método etnográfico, observando-se e descrevendo-se atenta e detalhadamente aspectos indispensáveis para a compreensão da cultura anarco-punk, tais como: as indumentárias e toda a composição do estilo (visual) de vestir, e os hábitos culturais e comportamentais dos indivíduos pesquisados. Também todo e qualquer fato ou acontecimento que, embora podendo ser a priori considerados secundários, irrelevantes ou dispensáveis à minha abordagem ou olhar particular, são na realidade de suma importância para a compreensão da cultura e organização político-cultural anarco-punk e podem servir para outras pesquisas e olhares de outros pesquisadores que poderão neles enxergar o que não enxerguei, ou aprofundar analiticamente o que eu não aprofundei nesta pesquisa.

Outra característica marcante do tipo de observação participante por mim empregado nesta pesquisa foi uma atitude ou postura comportamental de participação observante (apenas um complemento à observação participante, e não outro método que foi cruzado com ela na pesquisa), necessárias ao ofício de se pesquisar uma cultura de caráter autonomista a qual

despreza a atitude e comportamento parasitário de indivíduos que freqüentam e adentram no seu meio obtendo informações e conhecimentos sobre sua cultura e suas vidas sem que dêem nenhuma retribuição a esta comunidade.

Neste sentido, foram sensatas as ajudas em, por exemplo, organizar o ambiente das atividades arrumando cadeiras que serviram de assentos para os participantes dos debates, recolher (fan) zines depois de uma exposição, ajudar a distribuir textos durante panfletagem, dentre outras ações de solidariedade que ajudaram a tornar a relação pesquisador-comunidade respeitosa e razoavelmente harmônica.

Também contribuindo neste sentido, tivemos as “trocas de figurinhas”, que são trocas de materiais de militância ou sobre a cultura punk, como foram os casos de cópias de jornais e panfletos anarquistas e de livros, monografias (inclusive a minha) e dissertações de pesquisas sobre punks e anarco-punks que doeï para os grupos pesquisados. Vez por outra também recebendo doações ou fotocopiando zines e livro de pesquisa tendo o movimento punk como assunto discutido.

Este tipo de escambo informal e não planejado, muito comum no meio anarco-punk de João Pessoa, e no qual um dos lados da troca nem sempre precisa necessariamente se dar no mesmo dia em que um dos lados doou e o outro recebeu material, muito contribuiu nesta pesquisa para o estabelecimento de um maior grau de familiaridade e confiança entre o pesquisador e os membros dos grupos pesquisados, condicionando um clima e uma situação relacional mais propícia para a prática dessa pesquisa.

Devido a eu ser um antigo conhecido do meio anarco-punk de João Pessoa, ao fato de já ter militado em coletivos anarquistas conjuntamente com os anarco-punks dessa cidade e pelo fato deles serem indivíduos valorizadores de um comportamentalismo contracultural, não poderia me afastar tanto da postura comportamental que tive como militante no passado em favor de uma postura comportamental tipicamente clássica de pesquisador social, fazendo perguntas formais, assumindo um comportamento sóbrio e comedido - evitando a participação ativa e descontraída em atividades e situações de caráter mais ou menos formais⁵⁵ e/ou lúdicas⁵⁶ - uma vez que tal atitude poderia me tornar um ser aparentemente representante do sistema (conjunto de instituições políticas, culturais e religiosas da sociedade capitalista), indivíduo

⁵⁵ Como os debates em sua relativa seriedade ao tratar dos temas discutidos.

⁵⁶ Como as descontraídas gigs e suas corriqueiras bebedeiras.

careta e normatizado, ou seja, cooptado pela cultura oficial/convencional da sociedade capitalista, patriarcal e burocratizada vigente, portanto pouco confiável para pesquisar aos anarco-punks e sua cultura.

Desta forma, e para manter uma proximidade e confiabilidade necessária à tranquilidade na pesquisa, comportei-me de maneira o mais informal e natural possível durante as atividades que observei e participei. Por exemplo, pousando, conversando e bebendo natural e descontraidamente durante as gigs, fazendo uso da fala durante os debates, etc.

Assim como em Turra Netto (2004), me afligiu, durante muitos momentos da pesquisa, o receio de intervenção exagerada no campo durante as atividades observadas que poderiam comprometer meu trabalho com a falta de distanciamento necessário, sobretudo nos debates e palestras-debates, nos quais a própria dinâmica de execução e participação convida as pessoas participantes, inclusive o pesquisador, a participarem ativamente fazendo uso da fala em momentos de auto-apresentação, exposição de opiniões e comentários sobre os temas e questões discutidas.

Todavia, foi nessa mesma pesquisa realizada por Turra Netto que busquei inspiração metodológica tranquilizadora para estas minhas angústias de pesquisador de uma cultura que tem como uma das suas principais características a incitação da participação em meio às atividades de militância que organizam. Sobre esta questão, vejamos estas passagens:

... houve momentos em que me pegava dando opiniões, falando de minha visão do mundo que, muitas vezes, era diferente da visão dos/das punks. Então perguntava-me: será que não estou interferindo muito no grupo. Será que não estou influenciando a maneira de as pessoas verem e se posicionarem diante dos fatos acontecidos? Foote-Whyte (1980, p.81) dissipou essas preocupações com o argumento de que ‘discorrer sobre certos assuntos fazia parte do padrão social e que dificilmente alguém poderia participar de um debate sem se envolver’ (2004, p.37).

E prossegue, comentando esta passagem de Foote-Whyte:

Diante deste relato, fiquei mais tranquilo. E, com o passar do tempo acredito que os/as punks foram percebendo que eu já dispunha de uma certa bagagem sobre o movimento de Londrina e, então, perguntavam-me sobre o modo como eu via o movimento na atual conjuntura, e, assim, expressava minhas opiniões, dava sugestões, enfim, mostrava-me preocupado com a situação e deixava claro que gostaria que fosse diferente e que poderia ser diferente. Entretanto, sempre frisava que o movimento punk deve ser feito por punks, e por isso eram eles/elas que deveriam se agilizar para que os projetos caminhassem; eu poderia colaborar, mas não tomar iniciativas (idem, p.37-38).

No caso da minha pesquisa, a estratégia relacional e de participação nas ocasiões em que a minha intervenção crítica foi incitada pela dinâmica da execução e participação das

atividades, ou mesmo pedida pelos membros da comunidade, foi muito parecida com a postura adotada por Turra Netto em sua pesquisa, contando com o diferencial e a especificidade de que as opiniões sobre a conjuntura atual do movimento sempre se davam em momentos informais, de conversas informais, que tinha com os anarco-punks, e quase nunca durante suas atividades de movimentações, que foram o foco central de minhas análises. Porém, coincidindo o fato de sempre deixar claro, durante estas conversas informais, que eles é que devem ser os agentes responsáveis pelas mudanças ocorrentes no seu meio ou movimento.

Também houve momentos nos quais me deparei com oportunidades nas quais se apresentaram e fiz valer os insights metodológicos de Becker sobre a equação “grupo-informante-pesquisador”, na qual ele nos explica que

... uma pessoa pode dizer ou fazer alguma coisa quando está sozinha com o observador ou quando outros membros do grupo também estão presentes. O valor da evidência de uma observação deste comportamento pode igualmente ocorrer em ambas as situações. Por um lado, um informante⁵⁷ pode, enquanto está sozinho com o observador, dizer e fazer coisas que reflitam com exatidão sua perspectiva, mas que seriam inibidas pela presença do grupo. Por outro lado, a presença de outros pode estimular comportamentos que revelam mais exatamente a perspectiva da pessoa, mas que não seriam verificados exclusivamente na presença do observador (1993, p.54).

O primeiro desses dois casos, quando os sujeitos expõem suas opiniões na presença do pesquisador e mais ou menos isolados da presença de outros membros da comunidade pesquisada, ocorreu algumas vezes durante a pesquisa de campo, no tocante às questões dos interrompidos ou conflituosos relacionamentos pessoais entre indivíduos do meio e os grupos pesquisados. Não obstante, a exposição de opiniões sobre esta questão também possa se dar e se dê também em conversas informais ou outras ocasiões coletivas, com ou sem a presença do pesquisador, em situação de pesquisa ou não.

Todavia, estas situações se manifestaram de forma acentuada algumas vezes durante a pesquisa de campo, demonstrando ocupar um lugar de destaque nas relações pessoais e grupais que se estabelecem no meio, provocando novos questionamentos sobre as quais se fez necessário um esforço de reflexão mais aprofundado.

Neste momento, cabe ressaltar que apesar de certo grau de afinidade com a cena pesquisada, como já explicitado, há também certo grau de distanciamento sócio-cultural entre o

⁵⁷ Prefiro falar em sujeitos da pesquisa, em detrimento de informantes pela conotação policial que esse último termo apresenta. Neste sentido, o termo sujeito é mais apropriado pois suscita a participação ativa e decisiva dos membros da(s) comunidade(s) pesquisada(s) nos rumos do processo de pesquisa, influenciando significativa e decisivamente na configuração da mesma.

pesquisador e os grupos pesquisados que foi bastante útil e importante para a configuração da objetividade desta pesquisa, sobretudo com relação ao integrantes do coletivo N.A.D. e alguns anarco-punks de outras localidades (que eventualmente incursionam e atuam na cena anarco-punk de João Pessoa), dos quais me distancio etária, geracional e socialmente, uma vez que sou anos mais idoso e que trilhamos diferentes caminhos nas nossas respectivas vidas sociais, sendo eu hoje em dia alguém mais ligado à situações profissionalizantes e bem mais afastados de situações militantes do que nos tempos em que era mais jovem. O que acaba por implicar em certo grau de distanciamento (não total) sócio-político e cultural com relação às pessoas do meio anarco-punk pesquisado, tornando-me de certa maneira, ou em certo grau, uma pessoa de fora, estranha ao meio.

A percepção desta condição de estranho com relação ao meio anarco-punk de João Pessoa tornou-se clara pra mim quando em certa ocasião, durante o período da pesquisa da graduação, os anarco-punks do C.C.S. pediram que me retirasse da sala de sua sede, então localizada no Teatro Ciláio Ribeiro, quando estavam querendo discutir e decidir se a já extinta banda Inexistência Divina, integrada por quatro de seus integrantes, deveria ou não acabar⁵⁸. Também durante o período da pesquisa em que eu estava no mestrado, na ocasião de uma mostra de (fan) zines organizada pelo coletivo N.A.D.⁵⁹, quando percebi que um dos integrantes deste coletivo, de pseudônimo Animal, escutava escondido e curioso uma conversa entre mim (um pesquisador de sua cultura e em seu meio) e alguns outros estranhos que são simpatizantes da cultura anarco-punk distanciados, em termos de afinidades pessoais, com relação aos membros do coletivo N.A.D.

Segundo Florense Kluckhohn (1946), o observador participante

... nunca pode livrar-se inteiramente de seu papel de estranho e estou de acordo com aqueles que mantêm que não é aconselhável fazê-lo. Algumas informações extremamente valiosas são obtidas pelo estranho simplesmente porque é estranho. É tarefa [do observador], entretanto, ageitar todos os seus papéis inclusive este, como instrumentos; e o papel de estranho pode ser [...] excelente se alguém dispõe dele (p.6. colchetes nossos).

E foi o que procurei fazer durante as observações da pesquisa de campo. Nessas ocasiões, procurei e pude ajustar os papeis de antigo conhecido e ex-militante (que me deram certo grau de proximidade identitária e, conseqüentemente, certa confiança), pesquisador (que me deu alibi para tornar-me mais curioso do que em outras épocas e motivos para perguntar) e

⁵⁸ Naquela ocasião, soube posteriormente, a referida banda não se dissolveu.

⁵⁹ Atividade relatada e analisada no terceiro capítulo desta dissertação.

estranho (que fez com que os anarco-punks falassem sobre sua cultura através de atos e comportamentos, ao condicionarem meu comportamento, repelirem minha presença e espreitarem minhas atitudes, em algumas ocasiões) de modo que estes me propiciassem as devidas condições necessárias à pesquisa no campo pesquisado.

Como destaca Kluckhohn,

este ajustamento dos papeis do pesquisador observador participante no campo de pesquisa é indispensável pois este, forçado a analisar seus próprios papeis, é de um lado menos ludibriado pelo mito de objetividade completa em pesquisas sociais, e, de outro lado, mais conscientemente posto de sobreaviso contra seus próprios “biases”⁶⁰ (1946, p.12).

Servindo desta forma, este ajuste de papéis, como tática repelente do pesquisador contra os possíveis tendenciosismos se sua subjetividade durante a ocasião e na atitude de pesquisa social.

A coleta de dados da pesquisa se deu, além das informações obtidas através das observações participantes, também mediante conversas informais, enquanto um instrumento complementar de coleta de dados que muito contribuiu para o entendimento de certos aspectos inerentes a cultura anarco-punk, tais como, valores libertários, (anti) princípios e estratégias de atuação e comportamentalismos contraculturais autonomistas, aversões a valores convencionais e a instituições, dentre outros aspectos.

Ainda durante a pesquisa da monografia aboli o uso do gravador enquanto instrumento de registro de dados, uma vez que membros do meio anarco-punk de João Pessoa, e também de outros estados da Região Nordeste, que de vez em quando participam de movimentações nesta cidade, se mostraram hostis, cismados e intranquilos com a presença e o uso do gravador em meio às suas atividades. Fato que se deve a certo clima de conspiração e de ameaça de perseguição que vigora no meio anarco-punk pesquisado e é originário do sentimento e consciência de pertença a ideários contraculturais e libertários que sofrem tantos preconceitos e são tão discriminados e perseguidos como o anarquismo e o punk.

A inviabilidade do uso do gravador também se deu por que ele transmite-lhes certo ar de formalidade e vigilância que muito desagrade as suas mentes desobedientes e conspiratórias, instaurando neles um clima de conspiração/perseguição no qual se sentem ameaçados de terem

⁶⁰ “Biases”: Predisposição do espírito a certas idéias, devido à participação do indivíduo na realidade (sociedade, cultura, classe, etc.) que está observando. (Nota da autora).

suas idéias e estratégias de transgressão e sobrevivência sócio-político-culturais detectadas pelo sistema. Assim, desde as observações que fiz durante o 5º Encontro Anarco-punk Nordeste, realizado entre os dias 22 e 25 de dezembro de 2001, e durante o qual queria gravar as falas nos debates, aboli o uso do gravador enquanto instrumento de coleta de dados.

Desta forma, os relatos de campo que serviram de base informacional empírica para a análise das atividades observadas contou (com a exceção de algumas poucas informações anotadas em uma pequena agenda de campo ou, de improviso, nas costas de panfletos e em zines) quase que totalmente com a salvaguarda da minha memória.

Durante os períodos de observações das atividades, muitas vezes chegava em casa tarde e cansado depois de horas de conversas informais seguidas de debates e observações de exposições de materiais; de conversar, dar rolê e beber por points; outras vezes cansado de pougar e beber nas gigs, ainda com o as panturrilhas e ombros doloridos de tanto correr de um lado para o outro da roda de pougo e dos esbarrões amistosos e corriqueiros dos anarco-punks.

No dia seguinte ao das observações de certas atividades, quando por ocasião de eventos como os encontros anarco-punks, que duram mais de um dia, ainda cansado e de ressaca, precisava ir observar outras atividades. Nesse ritmo pesado, e ainda contando com as obrigações cotidianas da vida acadêmica, muitos dos relatos de campo foram escritos dias e às vezes semanas depois do dia da observação.

Nessa situação, a estratégia que usei para não perder as informações, mesmo cansado, de ressaca e/ou com algumas ocupações que atrasavam a agilização dos relatos do meu diário de campo, foi a de tentar reconstituir de vez em quando, na memória, o que tinha acontecido de “mais” e de “menos” importante durante as atividades observadas, isso durante os mais variados momentos entre as observações e os momentos de escrita (tomando banho ou almoçando em casa; dentro do ônibus e a caminho de ir observar outra atividade, ou indo à universidade, só para citar algumas dessas ocasiões). Tudo com o intuito de descrever o mais detalhadamente possível todo o processo de organização, a dinâmica da execução e participação dos indivíduos nas atividades observadas.

Algumas vezes, quando a memória falhou e algumas informações (como o nome de bandas que tocaram nas gigs) se perderam da minha lembrança, relembrei-os durante conversas informais que tive durante outras atividades que observei (às vezes depois de meses) ou quando me encontrei por acaso com algum anarco-punk andando pela cidade.

Desta maneira, coletei e complementei as informações de campo necessárias para a concretização desta pesquisa.

Houve ainda consulta e análise de documentos de militância produzidos pelo movimento, tais como, relatórios de encontros anarco-punks e boletins unificados a nível nordeste e de um zine⁶¹ produzido individualmente por um militante. Além da análise das cartas de apresentação da internacional Anarco-punk (I.A.P.) e da Federación Anarko-punk de La España, obtidas em seus respectivos sites na internet.

Estas fontes (relatórios de encontros, boletins e sites) foram indispensáveis a esta pesquisa e ao entendimento dos valores culturais e princípios organizacionais que regem a cultura política anarco-punk, uma vez que nelas tais princípios são apresentados discursivamente de maneira articulada, sistemática e explícita.

Neste momento, torna-se necessário explicitar que, embora a pesquisa de campo durante o período do mestrado tenha se dado entre novembro de 2006 e junho de 2007, algumas das atividades observadas neste capítulo datam desde o ano 2000, época inicial da pesquisa para a construção de minha monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais. Atividades estas que, devido a um recorte que precisou ser feito durante a pesquisa da graduação, não puderam ser aproveitadas e apreciadas naquela oportunidade, e as quais aqui serão aproveitadas até mesmo por que durante o período da pesquisa do mestrado as movimentações anarco-punks foram escassas no meu campo de pesquisa, a cidade de João Pessoa.

Durante as pesquisas da graduação eu pretendia uma abordagem muito ampla da comunidade pesquisada, que incluía além da análise dos três “elementos básicos” da cultura anarco-punk - (anti) “música”, estilo visual (modo de vestir) e os (fã) zines -, que se deu durante aquele trabalho (BASTOS, 2004, p.111-154), também a análise das atividades culturais e político-sociais que me proponho a fazer na atual pesquisa.

Posteriormente, reconhecendo a amplitude da tarefa a realizar em um tempo de sistematização/interpretação dos dados e redação da monografia relativamente muito curto⁶², além da pretensão de aprofundar razoavelmente pelo menos um desses dois lados da cultura dos

⁶¹ Os zines são uma tipo de revistas produzida de forma autônoma pelos (anarco) punks, nas quais discutem em torno das quais discutem diversos temas sociais e sobre a sua cultura e em torno das quais agilizam uma imprensa alternativa (autônoma, informal) do movimento.

⁶² Estas e outras tarefas se deram em apenas seis meses.

anarco-punks de João Pessoa, recortei da abordagem inicial a parte da análise das atividades a qual me dedico na atual pesquisa.

Desta forma, as atividades observadas durante a pesquisa da graduação foram aqui aproveitadas tanto pela riqueza de detalhes que revelam sobre os hábitos (contra) culturais e ideologia dos sujeitos da comunidade pesquisada, quanto pelo próprio valor de registro histórico que elas têm em si, onde poderemos observar avaliações e transformações/reelaboraões ocorridas em seus valores, cultura e na sua lógica organizativa.

Também porque aqui estas atividades serão observadas na condição de foco central das análises, onde serão observadas características e influências oriundas da cultura punk e da ideologia anarquista, as quais associadas e reelaboradas entre si ajudam a forjar a cultura e identidade anarco-punk e, na esfera da organização das suas atividades de movimentações, formam seu estilo de atuação sócio-político-cultural.

Também cabe ressaltar que o conjunto de atividades aqui observadas não representa a totalidade de atividades de movimentação anarco-punks desenvolvidas pelos grupos anarco-punks observados (com a ajuda de punks, anarquistas, anarco-punks, simpatizantes e militantes de movimentos sociais eventualmente aliados, de João Pessoa e outros lugares) desde janeiro do ano 2000 até o término da fase de pesquisa de campo do mestrado, que desenvolvo desde novembro de 2006.

Durante quase todo o período da pesquisa da monografia, período em que pesquisava a cultura anarco-punk produzida pelo coletivo do C.C.S.⁶³ (Centro de Cultura Social) não sabia da existência do coletivo C.R.L. (Coletivo de Resistência Libertária) e do N.A.D. (Núcleo de Ações Libertárias), este último fundado por um dos remanescentes do C.R.L. (que se desarticulou e se extinguiu) e outros anarco-punks. Tampouco quem eram todos os seus integrantes, onde se reuniam e o que faziam de militância em termos práticos, o que me privou de observações de algumas atividades, sobretudo culturais, por eles desenvolvidas durante esse

⁶³ Depois da perda da sala que ocupavam como sede do coletivo, no complexo de entidades do Teatro Ciláio Ribeiro, após o início de uma reforma feita pela prefeitura de João Pessoa e que culminou no retorno da tutela do prédio à prefeitura, remanescentes do C.C.S. (três mulheres e um rapaz) fundaram outro coletivo chamado FARPA. Por motivos de ordem pessoal e, dizem alguns, até mesmo moral-ideológica, envolvendo pessoas do Farpa (remanescentes do extinto C.C.S.) e do N.A.D. (fundado por um influente ex-membro do C.R.L.), os dois coletivos são distanciados um do outro, não organizando atividades conjuntamente e chegando muitas vezes ao ponto de a maioria dos membros de um coletivo sequer prestigiar com sua presença os eventos organizados pelo outro.

tempo, tais como, a freqüentação e uso de determinados points e a realização de gigs, por exemplo.

Também houve algumas atividades desenvolvidas pelos dois grupos, tanto no período da graduação quanto no do mestrado, que não cheguei a observar, seja por que já tinha reformulado o recorte de abordagem da pesquisa da monografia, por falta de uma propaganda de atividades e eventos mais difundida ou por falta de um contato cotidiano mais estreito com os membros dos grupos anarco-punks, devido mesmo aos seus períodos de maior desarticulação.

No próximo capítulo apresentarei o resultado das observações de campo, que foram analisadas levando em consideração as questões suscitadas pelo problema da pesquisa explicitado no primeiro capítulo.

CAPÍTULO 3

UM ESTRANHO FAMILIAR NO MEIO DA ALCATÉIA: A OBSERVAÇÃO DAS ATIVIDADES DE MOVIMENTAÇÕES DOS ANARCO-PUNKS

(Neste capítulo apresentarei uma diversificada amostra dos principais tipos de atividades como: as gigs, a freqüentação de points, os debates e palestras-debates organizadas em conjunto com entidades e movimentos sociais, boicotes e manifestação de rua) organizadas pelos anarco-punks na cidade de João Pessoa entre janeiro do ano 2000 e junho de 2007 que dá para nos legar uma boa noção do seu tipo específico/característico de atuação sócio-político-cultural (“militante”).

Na cultura anarco-punk, praticamente tudo que se produz, em termos de materiais de militância, e as atividades que organizam são providas de preocupações sociais, sempre tem implicações político-culturais e são em certa medida comunitárias, pois sempre contam com os esforços mentais e físicos dos membros dos grupos anarco-punks que foram pesquisados (muitas vezes também de simpatizantes ou aliados). Fato que torna impossível dissociar as implicações comunitárias, culturais, políticas e sociais presentes nas atividades que foram observadas.

Desta maneira, observou-se que as esferas da cultura e da política, e também as do comunitário e do social, são bastante relacionadas e praticamente indissociáveis no cerne e para a própria compreensão desta cultura. Pois, embora algumas vezes tais atividades se dêem em ambientes, situações e manifestando características, intenções e objetivos que aparentam (aos olhares mais ligeiros e desatentos) ser meramente culturais e/ou comunitárias, tais como: o exercício de uma convivência inspirada numa sociabilidade libertária (que implica no estabelecimento de relacionamentos humanos igualitários, e num clima de permissividade⁶⁴) entre os integrantes do meio, a diversão, o reforço do sentimento de pertencimento à identidade

⁶⁴ Ou seja, de liberdade de ação e de comportamento em graus os quais os anarco-punks não encontram no cotidiano de suas vidas particulares no seio de suas famílias e em ambientes de trabalho (no caso dos ou em épocas em que estão desenvolvendo alguma atividade profissional mais ou menos formal).

anarco-punk e a coesão organizativa interna da cena, tudo isso objetiva uma relação de crítica com propósitos político-sociais.

Por outro lado, as atividades que se dão em ambientes, situações e tem em seus objetivos “principais” aparentemente limitados a intenções meramente político-sociais, como, a propaganda dos ideais, culturas e filosofias punk e anarquista, e a expressão dos descontentamentos, revoltas e críticas sociais em âmbitos e situações mais públicas e sociais do que comunitárias, manifestam aspectos (contra) culturais/comunitários que refletem as intenções do meio em se opor cultural e comportamentalmente às convenções culturais que consideram conservadoras, durante os momentos de execução das atividades que organizam. Tal como veremos a seguir.

3.1 – As Gigs

Durante os períodos de observações aos quais abrange esta pesquisa foram observadas duas gigs. Uma no Teatro Cilaio Ribeiro, em fevereiro do ano 2000 (sob organização do CCS em conjunto com o M.E.L.), e outra na livraria O Sebo Cultural, em janeiro de 2007, sob organização do coletivo N.A.D.

A primeira dessas gigs ocorreu durante o evento Arte Livre, que foi um evento organizado em dois dias, 04 e 05 de fevereiro do ano 2000 no Teatro Cilaio Ribeiro, Centro de João Pessoa, e contou com a organização conjunta do C.C.S. (entidade (auto) gerida por um coletivo de anarco-punks) e o M.E.L.⁶⁵ (Movimento do Espírito Lilás, um movimento de luta pelos direitos dos homossexuais).

Este evento teve um propósito de solidariedade e apoio a estas duas entidades, para que pudessem arcar com suas parcelas de contribuição para pequenas reformas e pagamentos de contas de água e luz atrasadas do prédio do Teatro. Desta forma, durante os dois dias deste evento foi cobrada a taxa de 2R\$ (dois reais) por pessoa para a entrada, menos para os integrantes das entidades organizadoras, é claro.

⁶⁵ Mais detalhes sobre as interações, afinidades ideológicas e pessoais entre os anarco-punks do C.C.S. e o M.E.L., ver mais abaixo neste capítulo, no tópico “A organização e a divisão de tarefas num evento em parceria com um movimento ‘aliado’”.

Na primeira noite do evento, sexta-feira 04 de fevereiro do ano 2000, houve um show com apresentações dos seguintes cantores da MPB paraibana: Escurinho, Pedro Osmar, Paulo Ró, Gláucia Lima, Guilherme Semedo (cantor africano de Guiné Bissau. Fundador, vocalista e violonista da banda Mama Jazz) e Adeildo Vieira, além da apresentação da banda de rock eclético Zumbir, do circuito alternativo de rock de João Pessoa⁶⁶.

Já na a segunda noite do evento, o sábado 05 de fevereiro de 2000, contou com a participação das seguintes bandas: Inexistência Divina (hard core anarco-punk) integrada por membros do CCS, Destroços (punk hard core), de Natal-RN, C.U.S.P.E. (hard core anarco-punk), de Campina Grande-PB, Césio 137, hard core alternativo, de João Pessoa, e a banda Projeto de Merda, também do circuito alternativo⁶⁷ de João Pessoa. Apresentaram-se também a transformista Priscila Braga e as drag queens Kika Para Tudo e Linda Selva Plutão.

Por volta das oito horas da noite o público foi começando a chegar ao teatro, que aos poucos ia se enchendo, como já dito, de pessoas das mais variadas procedências sociais, mas com a diferença de que como a noite do sábado estava quase toda dedicada às apresentações das bandas anarco-punks e das drag queens, o contingente de pessoas desses dois grupos ((anarco) punks e homossexuais) era muito maior do que no dia anterior.

De repente, aos poucos começaram a chegar ao teatro punks e anarco-punks de João Pessoa, de Natal, um do Maranhão, e até um casal de anarco-punks de São Paulo, com seu filho ainda criança, um rapaz anarco-punk da Espanha, que é militante da C.N.T. (Central Nacional dos Trabalhadores)⁶⁸, e uma moça anarco-punk francesa.

Estas visitas de punks e anarco-punks de outros estados brasileiros e até de outras nacionalidades ao meio anarco-punk de João Pessoa, e vice-versa, é algo que ocorrem de vez em quando no seio desta cena e nos revela certo aspecto beatnik/on the road (“pé na estrada”) manifesto em muitos indivíduos adeptos da cultura anarco-punk.

Estas viagens e visitas a outras cenas tem quase sempre o sentido de intercâmbio em termos de trocas de experiências de militância, que são socializadas através de conversas

⁶⁶ Mais detalhes sobre a primeira noite do evento, ver mais a frente no tópico 3.9 deste capítulo: “Evento em parceria com um movimento ‘aliado’”.

⁶⁷ O que sugiro como circuito alternativo de bandas da cidade de João Pessoa, engloba toda uma gama de bandas de ritmos influenciados pela cultura musical do rock e heavy metal, além das bandas de “hard core” alternativas que, apesar de certa influência estético-sonora do punk estão no underground por força das circunstâncias e não por uma questão filosófica, ou seja, são bandas undergrounds pela sua situação de relativa independência e precariedade de recursos e aparatos, mas não são undergrounds por opção político-cultural.

⁶⁸ Federação de trabalhadores, principalmente operários, da Espanha. De tendência anarco-sindicalista.

informais, troca de materiais de militância, reuniões comunitárias e debates públicos. Além disso, estes intercâmbios acabam por propiciar o reforço do vínculo de pertencimento cultural e ideológico entre (anarco) punks de diferentes estados brasileiros e outros países à cultura anarco-punk, além de reforçar cenas locais como a de João Pessoa, como por exemplo: bandas e indivíduos que vem de outras cidades e estados para participarem da realização de gigs e/ou encontros anarco-punks, apoiando e reforçando as organizações de atividades de movimentações na cena anarco-punk de João Pessoa.

Mas, voltando a falar da gig. Na medida em que iam chegando, ao teatro e para a gig, punks e anarco-punks se confraternizavam num clima de alegria, descontração e irmandade. Alguns demonstrando muita surpresa em se reverem uns aos outros depois de meses ou anos sem se ver, cada um morando num estado diferente do outro. Demonstrando assim satisfação e irmandade, gritando os nomes e/ou apelidos uns dos outros, enquanto se davam fortes apertos de mão e abraços, às vezes rolando no chão, alguns já embriagados.

Alguns às vezes uns agarravam outros por trás, dando-lhes fortes cheiros e beijos no pescoço, que chamaram a atenção e despertando a curiosidade e a simpatia de alguns dos homossexuais que já estavam presentes no teatro.

Com este tipo de comportamento cultural e simbólico, os (anarco) punks buscam rechaçar a ideologia e posturas comportamentais convencionais machistas que rezam que os homens não podem desenvolver carinhos e afetos entre si, pois seriam taxados de homossexuais. Contrários a esses valores, os anarco-punks não se rendem a estas pressões de convenções sociais discriminatórias e vêem e usam esse ato simbólico comportamentalista libertário para combatê-las entre si, chegando a influenciar (como observado entre os homossexuais presentes) o cenário mais “extra-comunitário” das suas relações no ambiente.

Depois de um pouco de cumprimentos, um anarco-punk de São Paulo expôs à venda alguns livros que tinham como temática a pedagogia libertária, anarco-sindicalismo e municipalismo libertário. Este tipo de exposição de materiais libertários, para venda ou simples exposição/divulgação desse tipo de literatura, de maneira planejada ou, como neste caso, de improviso é fato muito ocorrente e sempre permitido e valorizado em atividades e eventos organizados pelos anarco-punks.

Uma após outras as bandas anarco-punks foram se apresentando numa ordem improvisada de apresentações, e em meio à gig uma surpresa, a banda Discarga Violenta (de

Natal – RN), que não estava na programação, se apresenta no palco e anuncia o seu “fim”⁶⁹. Dois de seus integrantes (baterista e baixista) tinham vindo de Natal e um deles (que é vocalista e guitarrista) já há algum tempo morava e trabalhava em João Pessoa. Este distanciamento entre este membro da banda e os outros dois foi o maior dos problemas que os levou a decidirem pelo “fim” da banda.

No número um do zine Intimo Punk Estraçalhado, dando notícias da desarticulação da Discarga Violenta, seu protagonista, que é o vocalista e guitarrista da banda, fala também de outros motivos que contribuíram para seu fim, como: “excesso de chapações”⁷⁰ de uns e falta de tempo de outros”. E ainda certa mitificação da banda por parte de algumas pessoas que a idolatravam, também foram fatores que contribuíram para a consensual decisão dos membros de acabar com a banda, fato que atesta a aversão contracultural/underground dos anarco-punks para com a cultura idolátrica e de estrelismo do pop rock milionário ou ocasionalmente underground e sua cultura relacional ídolo-fã. Este último motivo tem inspiração libertária e visa evitar o estabelecimento de relações hierárquicas que geram desigualdades, bem como evitar a alienação do outro, implícita em toda forma de veneração de ídolos.

Voltando à gig, torna-se oportuno detalhar um aspecto geral do comportamento dos que dela participam. Uns pougam⁷¹ euforicamente ao som das músicas das bandas que vão se apresentando e outros, mais tímidos e/ou menos dispostos, curtindo as músicas do lado de fora da roda de pougo e observando o comportamento dos outros que pougam, correndo em várias direções dentro da roda, às vezes em trajetos circulares, sacudindo braços e pernas para os lados, pra frente e pra atrás, tendo sempre o cuidado de não machucarem uns aos outros.

Outras características da situação do pougo são a possibilidade e liberdade de extravasamento e não-contenção das emoções, como geralmente não se exercita no cotidiano

⁶⁹ A Discarga Violenta, já acabou e se reagrupou algumas vezes em seus mais de vinte anos de existência. Esta ocasião foi uma delas e os (anarco) punks presentes não tiveram muita surpresa ou lamento quando anunciaram mais este “fim”, provavelmente prevendo que não seria por muito tempo. Alguns meses, talvez um ano depois, correu a notícia de que a banda tinha se reagrupado. Depois de seu retorno e até o presente momento em que escrevo este capítulo de minha dissertação (hoje é 17/05/2007), a Discarga Violenta já se apresentou muitas vezes em Natal e aqui em João Pessoa.

⁷⁰ Excesso de consumo de bebidas alcoólicas.

⁷¹ A palavra “pougam” vem do verbo pougar, surgido por influencia da cultura punk e a partir da eclosão da cultura punk na Inglaterra, desde 1976. O pougo é um tipo de situação de confraternização na qual os (anarco) punks fazem uma espécie de “dança” comunitária, ao mesmo tempo coletiva e individual, ao som de suas bandas e numa área na frente de onde elas se apresentam nas gigs que organizam. Formando uma espécie de círculo imaginário no qual correm de um lado para o outro, às vezes circulando-o, jogando e balançando os braços e pernas em várias direções.

social, e o fato dela promover uma condensação coletiva das individualidades sem precisar dissolvê-las como ocorre em outras culturas. Pois, na situação do pougo, cada indivíduo pode expressar gestos, emoções, comportamentos, etc. à sua maneira particular, desde que a expressão desses seus gestos, emoções e comportamentos não privem outros participantes do pougo de exercer da mesma forma essas mesmas liberdades e potencialidades das quais cada indivíduo participante pode usufruir.

Bebendo e conversando com os anarco-punks desde antes do início das apresentações, também entro naturalmente, depois de algum tempo, na roda de pougo para com eles pougar em clima de confraternização e brincadeira, às vezes sendo escorado e empurrado ou escorando e empurrando-os enquanto nos esbarramos correndo de um lado para outro da roda em variadas direções, agitando braços e pernas e tornando o espaço do pougo desordenado, caótico.

Assim como na noite anterior, eram vendidas bebidas no terraço do teatro, também os livros que mencionei acima e camisas com telas de protesto confeccionadas por anarco-punks de São Paulo e Natal. As telas estampadas nas camisas traziam frases de protesto e conscientização sugestivas, como também eram os desenhos, às vezes agressivos e irônicos, mas sempre com o intuito de transmitir um protesto e/ou mensagem de conscientização contra as guerras, o militarismo, o machismo, o racismo, o Estado, a Igreja e outros valores, ideologias e instituições as quais os anarco-punks se opõem ideologicamente.

Este aparecer/apresentar-se publicamente fazendo uso deste tipo de vestimenta característico dos que aderem à cultura anarco-punk, mesmo que em situações mais confraternizativas, já se configura como um ato político. As roupas, as mensagens, os cortes e pinturas de cabelos falam de revolta, de protesto, e implicam no rechaço aos padronismos estéticos e comportamentalismos convencionais.

Por volta das 01h30min da madrugada a gig acabou. Depois do encerramento da gig, os anarco-punks que queriam continuavam conversando e bebendo alguma bebida alcoólica no terraço do teatro ou dirigindo-se para algum bar das redondezas ou, posteriormente, dirigindo-se para a praia (alguns poucos).

Eu que já estava bebendo desde cedo nessa gig, continuei a beber e conversar com os anarco-punks participantes da gig durante algum tempo. Por volta das 02h30min da madrugada despedi-me de todos e me encaminhei para a parada de ônibus em frente ao quartel da Polícia Militar, na avenida Guedes Pereira, por trás do Teatro Ciláio Ribeiro.

Estava exausto de tanto beber e pougar com os anarco-punks!

Precisava ir pra casa dormir...

A outra gig observada realizou-se numa tarde de sábado do mês de janeiro de 2007, sendo organizada pelo coletivo N.A.D.

Por volta das 14h30min saiu de minha residência no bairro da Torre dirigindo-me a pé para a livraria do Sebo Cultural no centro da cidade, onde, com horário marcado para a partir das 15h00min, iria acontecer uma gig organizada pelo pessoal do NAD e contando com a participação de bandas e indivíduos punks e anarco-punks de João Pessoa, Recife, Natal, Fortaleza e Campina Grande.

Esta gig foi um autêntico exemplo de atividades organizadas em rede (assim como os Encontros Anarco-punks à Nível Nordeste que serão analisados abaixo⁷²) por anarco-punks do Nordeste, contando com divulgação através de cartas e a participação de bandas e indivíduos de outras cidades e estados da região que para ela vieram de ônibus e com recursos próprios ou de carona.

Caminhando devagar de minha casa ao local da gig levei entre vinte e cinco a trinta minutos para cobrir o percurso, chegando, como de costume, mais ou menos na hora de início da gig marcada e divulgada no cartaz do evento.

Comigo vou levando duas garrafas de vinho em uma sacola de plástico, uma vez que sei que as bebidas alcoólicas são sempre bem-vindas em momentos de confraternização como as gigs das comunidades punks, aonde boa parte dos punks, seus simpatizantes e chegados sempre às consomem antes, durante e até mesmo depois do termino desses eventos.

No interior de uma comunidade punk é sempre bom apresentar atitudes e um comportamento cooperativo e participativo que o distinga de um possível “parasita”, por isso se vai participar da “biritagem” da gig e sempre bom contribuir sempre que possível com alguma bebida ou dinheiro nas horas dos “rachas” para comprá-las quando acabam. Esta é uma postura socialista que visa evitar procedimentos e situações exploratórias no meio. Todavia, aqueles que eventualmente não têm, de fato, como contribuir com dinheiro ou bebida não são proibidos de beber as bebidas socializadas.

⁷² Refiro-me ao 2º Encontro de Confraternização à Nível Nordeste e o 5º Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste, seção “deliberativa”, que serão analisados mais a frente.

Desta maneira, pelo fato de já conhecer muitos dos punks e anarco-punks que iriam estar presentes neste evento é um procedimento muito natural e prudente que eu sempre converse com eles durante as gigs em meio a muitos goles de bebidas alcoólicas, como de costume desde os tempos em que conheci e me aproximei do meio anarco-punk da cidade em 1992, tendo militado durante um ano no CCS de João Pessoa na condição de integrante do extinto grupo anarquista (na época) adolescente Reação Anarquista.

O fato de me comportar desta forma, o mais espontânea possível, tem também como objetivo tornar a minha presença, tanto enquanto antigo conhecido da comunidade quanto enquanto pesquisador, o mais naturalizada possível no interior desta comunidade, uma vez que tendo seus valores regidos por um ideário contracultural, e que possui um caráter muito comportamentalista, os punks e anarco-punks avaliam o grau de relativa proximidade, simpatia, respeito e confiabilidade que pode ser atribuído a determinado indivíduo com quem se relacionam através do exame de seus comportamentos, atitudes e posturas comportamentais.

Desta forma, se passasse a apresentar um comportamento clássico e típico de pesquisador acadêmico, afastando-me do clima de descontração das gigs, por exemplo, correria o sério risco de me tornar uma presença perturbadora, ameaçadora ou até mesmo indesejável no interior da comunidade, condenando-me talvez ao relativo ou completo isolamento, uma vez que os anarco-punks poderiam interpretar que eu estava apresentando um comportamento de quem estava demasiadamente fiel e bem mais comprometido com interesses e compromissos de ordem acadêmica, em detrimento da relativa intimidade pessoal e do respeito à cultura da comunidade que eu apresentara anos antes de me tornar um pesquisador social com formação acadêmica.

Falando de maneira mais direta, um comportamento considerado pela comunidade como sendo disciplinado demais poderia ser interpretado como o comportamento de uma pessoa que ali estava para espioná-los e transmitir informações sobre eles para a academia, instituição “elitista” e “burguesa” da qual são inimigos e a qual pertence ao “sistema”⁷³ e pode de alguma forma usar contra eles próprios o saber sobre eles produzido. Nesta lógica, se passasse a ser identificado com um pesquisador puramente acadêmico, teria dificuldade no acesso e na pesquisa desta comunidade, pois me tornaria um inimigo em potencial do meio pesquisado. Um indivíduo “**execrável**”!

⁷³ Ou seja, ao conjunto de instituições que, segundo eles, domina, controla e oprime a sociedade.

Chegando às imediações do Sebo Cultural pude notar a certa distância do local a presença de algumas pessoas trajando visual punk, com roupas pretas, muitos arrebitos e cabelos espetados com penteados moicano, em sua maioria.

Aproximando-me um pouco mais e chegando ao estacionamento frontal da livraria, pude apreciar melhor de quem se tratavam, expondo-me também aos punks que já tomavam vinho e outras bebidas, sentados em alguns bancos, canteiros de plantas e batentes existentes na fachada do lugar.

Eram, só na entrada do ambiente, uns quinze punks, em sua maioria das cidades de Campina Grande, Recife e Natal. Dentre eles duas mulheres punks, além de outra, não punk, que é daqui de João Pessoa e namora um punk de Campina Grande.

Cumprimentei-os aproximando-me e apertando as mãos de alguns punks de Campina Grande e Natal que já conhecia há anos, cumprimentando em seguida, um pouco mais de longe, os que eu já tinha visto em outras oportunidades, mas não tinha ainda muito conhecimento ou intimidade, e por extensão também os que ainda não tinha tido contato algum. Essa foi, geralmente, a seqüência relacional de interação entre mim e os indivíduos desses diferentes níveis de intimidade estabelecidos em cada época da pesquisa.

Em seguida, conversando com os mais conhecidos, começamos a identificar nossas bebidas. Reparei que eles estavam tomando vinho e disse-lhes que tinha trazido duas garrafas para beber e socializar, então começamos a beber e conversar de forma superficial sobre as vidas uns dos outros. Eu perguntava como é que iam as movimentações punks em Campina, Natal e Recife, se um ou outro estava trabalhando, e eles iam me respondendo. Sobre as movimentações todos disseram não haver muitas ultimamente em suas cidades. Um punk de Natal falou que recentemente desocuparam uma casa na qual eles há alguns anos tentavam organizar um squat⁷⁴.

Alguns deles me perguntaram se já tinha acabado o meu curso e terminado a minha monografia. Expliquei-lhes que tinha terminado o curso de graduação em ciências sociais e a monografia e estava agora cursando mestrado em sociologia e preparando uma pesquisa sobre a organização das atividades do movimento para produzir dissertação. Sem demonstrarem muita euforia disseram achar a idéia interessante.

⁷⁴ Os squats são casas ou prédios abandonados que são ocupados por militantes anarco-punks, anarquistas, punks e outros tipos de contraculturalistas e autonomistas, para serem transformados em habitações e/ou centros sócio-culturais.

Enquanto conversava com esses punks, chegaram dois outros que me são conhecidos. Um deles, que aqui chamarei de Galeão⁷⁵, é da cidade de Várzea Nova (região da Grande João Pessoa) e com ele já tinha tomado algumas cachaças e conhecia a alguns anos, em meio às gigs e outros eventos organizados no meio anarco-punk.

Cumprimentamos-nos com apertos de mãos e abraço e nos convidamos simultânea e mutuamente para “tomar uma” (biritar: beber).

O outro punk, que aqui chamarei de Marreta, é de Recife e nos conhecemos desde a primeira metade da década de noventa quando ambos já freqüentávamos gigs e outros eventos então promovidos pelo CCS quando esta extinta entidade fixava sede no prédio do Teatro Ciláio Ribeiro, antigo Grupo Escolar Dr. Tomáz Mindelo. Cumprimentamos-nos com um aperto de mão e aquelas palavras e frases corriqueiras e universais, tais como: E aí rapaz como é que vai? Tudo bem? Tudo beleza cara! Satisfação em revê-lo! E por aí vai. Ele então me lembrou que quase dois anos atrás, quando nos encontramos em outro evento eu tinha lhe pedido para me escrever enviando um zine que ele produzia e ele não tinha enviado por falta de tempo e esquecimento, uma vez que anda trabalhando muito em uma academia de musculação e tem se atarefado com outras ocupações pessoais.

Depois de mais de meia hora de conversa com estes punks de outras cidades notei que os rapazes do NAD entravam e saiam do pátio lateral da livraria, onde seria realizada a gig, dando tímidas e desconfiadas olhadas para o pessoal que estava bebendo na entrada do lugar, enquanto saiam ou entravam com alguma peça do material de som utilizado na gig. Som esse que parece ter sido alugado pelo pessoal do NAD a algum conhecido.

Passado algum tempo, estranhei o fato de ninguém do NAD e os punks que ainda estavam na frente do Sebo se falar. Bem como a ausência de pessoas do NAD ou punks e anarco-punks de João Pessoa por perto destes punks de outras cidades, à exceção de um antigo punk de João Pessoa, que não integra há muito tempo nenhum coletivo.

Senti um clima de certo separatismo no ar. Em determinado momento, antes do início da gig, um anarco-punks de fortaleza, que já me conhecia há anos, me falou, sem citar nomes e com certa insatisfação, de certo separatismo causado por inimizades e intolerâncias entre punks

⁷⁵ Referir-me-ei aos anarco-punks, como nestes casos, sempre através de pseudônimos que eles já possuíam como ocorre com muitos deles, através de pseudônimos inventados por eles ou por mim ou simplesmente relatando suas ações e ocultando seus nomes para preservar suas identidades. Uma recomendação dos próprios anarco-punks, por temerem futuras perseguições sociais.

e anarco-punks de João Pessoa, dizendo que lá em Fortaleza isso não existe, ou quando têm certas desavenças no meio anarco-punk as pessoas se chamam à conversa e dizem “olho no olho” o que estão pensando e sentindo, umas com relação às outras, para procurar se entenderem em prol de si mesmas, da comunidade e da atuação na cena. Disse ainda não entender muito bem porque isso acontece aqui em João Pessoa, mas que procura se relacionar bem com todos e não se atormentar (preocupar, sofrer) muito com esta situação.

Assim como este anarco-punk de Fortaleza eu também não compreendo bem o (s) porque (s) desse tipo de situação tão característico e ocorrente na cena anarco-punk de João Pessoa, mas talvez isso se dê porque os anarco-punks desta cidade privilegiam outro estilo relacional, em ocasiões de intrigas, desentendimentos ou rixas pessoais em detrimento do tão louvável “olho no olho” descrito pelo anarco-punk de Fortaleza: olha pra mim e diz o que estais sentindo/pensando sobre mim pra juntos chegamos a um acordo (ou trégua) que não prejudique e sim fortaleça a cena. Desta maneira o tipo de relacionamento interpessoal característico dos grupos anarco-punks militantes na cena de João Pessoa seria o “de coração pra coração”, ou seja: não temos problemas pessoais, gosto de você, sou seu amigo, ou pelo menos lhe tolero, podemos militar juntos, nos apoiar mutuamente; temos problemas pessoais, você é meu inimigo, te odeio, ou não lhe tolero, não é possível nos apoiarmos, militarmos juntos.

Sem este insight do tipo característico de relacionamento interpessoal existente entre indivíduos e/ou os coletivos anarco-punks da cidade de João Pessoa, não é possível uma pesquisa séria sobre este meio.

Mais tarde outro punk também de fortaleza me teceu comentários semelhantes reprovando tal situação ocorrente nesta cidade e achando que essas pessoas que têm ideais tão comuns deveriam deixar seus problemas pessoais⁷⁶ de lado e se unirem em pró de uma militância em torno desses ideais, porém, assim como seu contrerrâneo fez questão de frisar que o movimento tem diferentes contornos e enfrenta diferentes problemas nos diferentes lugares onde existe.

Do jeito meio penoso como me falou no momento, eu fui levado a entender que com este comentário final o rapaz tanto quis dizer que deve entender e se conformar com a realidade

⁷⁶ Esses punks não quiseram tocar no assunto, mas, há muito tempo me chegam informações e correm fortes rumores de que inimizades no meio anarco-punk, que impedem há muitos anos uma militância anarco-punk mais populosa, efetiva e abrangente em João Pessoa tem raízes em fins de namoros conturbados entre homens e mulheres que militaram e ainda militam, em diferentes coletivos, nesta cidade atualmente.

do movimento em certos lugares, como que não adianta os de fora quererem se intrometer nos problemas dos anarco-punks daqui, e que somente o pessoal daqui pode mudar esta situação, se um dia assim desejarem.

De repente, enquanto conversávamos, um curioso detalhe estético na composição do visual da maioria dos punks de Campina Grande me rouba a atenção de maneira incontrollável. Eram pedaços de tecido com estampas que imitam peles de animais, como onça, tigre e zebra, que os punks tinham costurado em sua maioria nos lados frontais de suas calças e bermudas⁷⁷. Outro punk, de Recife, tinha um pedaço de estampa de onça costurado no lado traseiro dos ombros de sua jaqueta jeans.

Encerrada a conversa com os punks de Fortaleza, me dirigi para perto desses punks de Campina Grande para puxar conversa sobre este detalhe do seu estilo visual. Logo que me aproximei e comecei a conversar com um dos que já conhecia, uma garota punk puxou conversa comigo dizendo que já me conhecia de vista de uma gig que aconteceu anos atrás no extinto bar Oficina do Capim (no bairro do Varadouro), evento que tinha sido “beneficente” (em ato de solidariedade) a um militante anarco-punk de São Paulo que estava precisando fazer uma cirurgia nos olhos em Cuba.

Lembrando isso neste momento, o seu rosto, que depois de mais de três anos estava muito modificado com diferente pintura e corte de cabelo⁷⁸, foi rememorado na minha lembrança. Eu então disse que também me lembrava dela aumentando um pouco o clima de familiaridade entre min e seu bando⁷⁹ (ou grupo).

De repente puxei conversa com eles sobre as estampas inspiradas em peles de animais, dizendo-lhes que fazia muito tempo que eu não via ou ouvia falar de punks usando esta referência no seu visual e que poucas vezes, desde 1992, tinha visto isto aqui em João Pessoa.

Lembrei-me que nos livros *O que é punk*, de Antonio Bivar (1982), e *O movimento punk na cidade*, de Janice Caiafa (1983), estes autores descrevendo o visual dos punks de

⁷⁷ É de uso muito freqüente, na composição do visual dos punks da região nordeste do Brasil, as bermudas jeans que eles improvisam na maioria das vezes cortando pedaços das pernas das calças e diminuindo seu comprimento. Segundo alguns deles, mais do que uma alternativa de variação do seu estilo visual, o uso de bermudas, bem como o uso bem mais reduzido de jaquetas de couro pretas nesta região, sobretudo durante o dia e nos períodos mais quentes do ano, são uma tática de adaptação do visual punk à região nordeste do país, fugindo um pouco do seu forte calor que se torna mais difícil de suportar com vestimentas mais compostas.

⁷⁸ Moicano tingido de vermelho.

⁷⁹ O termo bando é às vezes utilizado por alguns anarco-punks atuantes na cena estudada para referir-se aos seus coletivos e é reflexo contracultural da valorização de certo tipo de ruptura com a cultura e a política convencional.

Londres e do Rio de Janeiro, respectivamente, aludem a esta simbologia presente no visual dos punks que observaram.

Desta forma, tive a curiosidade de saber se o uso dessa simbologia no visual dos punks de Campina Grande tinha sido incorporado coincidentemente ou através de alguma influência de informações advindas dessas ou de outras fontes, por isso mencionei que tinha lido esses livros e tinha informações de que os punks de Londres, em 1976, e os do Rio de Janeiro, durante o biênio 1983-84, usavam estes tipos de tecidos na composição dos seus estilos visuais.

Perguntei-lhes se eles tinham lido estes livros ou tinham conhecimento dessas informações através de outras fontes e, como já esperava⁸⁰, alguns deles revelaram já terem lido estes livros, causando uma reação em outros de que sabiam das informações, embora não os tivessem lido também. Um deles, que já é punk há alguns anos, tendo se tornado uma referência entre os punks de Campina Grande, me disse que já tinha lido o livro da Janice Caiafa e nele tinha ficado sabendo do uso dessa simbologia no visual dos punks do Rio de Janeiro daquela época.

Perguntado o que esta simbologia vinha a trazer em termos de sentidos, alguns deles me elencaram alguns como: a naturalidade, a animalidade e a selvageria características do temperamento e comportamento dos punks, que podem ser interpretados, de maneira mais sistematicamente organizada, como a recusa do punk ao modo de vida predominante da sociedade vigente e sua agressividade e indomabilidade, com relação ao sistema, típicos aspectos componentes do tipo de desobediência civil presentes na ideologia punk, que são herdados de maneira bastante receptiva pelos punks de tendência anarco-punk. Na encenação simbólica desta selvageria existe uma crítica contundente ao modo de vida disciplinado e controlado da sociedade capitalista e da cultura burguesa com o qual os anarco-punks procuram romper.

Depois de algum tempo de conversa com os punks de Campina, fui dar uma olhada no interior do pátio lateral do Sebo, onde a gig iria acontecer. Numa parte mais ao fundo do pátio estavam montadas a bateria, algumas caixas de som e dois pedestais com microfones. Desde quando cheguei⁸¹ e até neste momento o pessoal do NAD, alguns dos quais integrantes da banda de hard core Desgraça Sonora, colocavam sons de bandas anarco-punks, dando de vez

⁸⁰ Sei que muitos punks lêem muitas das coisas que escrevem sobre eles e que estes dois livros são muito comentados entre os punks de todo o Brasil.

⁸¹ Neste momento já eram mais ou menos 16h00min.

em quando uma pequena aquecida nos instrumentos e nas caixas de som ao exercitarem algumas bases de músicas.

Depois de alguns segundos dando uma olhada de reconhecimento no local cumprimentei rapidamente alguns dos integrantes do NAD e, uma vez que esse pessoal não estava muito animado ou receptivo, retornei para fora para esperar o início efetivo da gig.

Minutos depois, do lado de fora do lugar ouvimos o som de uma banda tocando um pesado e ligeiro hard core, com algumas passagens mais leves de punk rock intercalando as pesadas passagens de hard core. Fiquei curioso pra ver quem estava tocando, mas também curioso fiquei para saber por que nenhum dos punks que estavam na parte de fora entrou imediatamente para apreciar a banda que estava tocando.

Depois de alguns minutos ouvindo este aquecimento com bases sonoras características da cultura punk, passamos a ouvir uma batida de rap na bateria acompanhada de alguns acordes improvisados de uma guitarra muito distorcida e de um debilitado vocal fino e rouco que, berrando em total desafinação, também improvisava estranhos versos que falavam da dura realidade de uma vida na rua, denunciando repressões e violências sofridas pelas mãos da polícia.

Neste momento eu e Galegão ficamos curiosos para saber qual era a banda que estava tocando no momento e decidimos entrar para o pátio. Ao entrarmos me deparei com integrantes da Desgraça Sonora tocando uma base improvisada de rap para um adolescente que aparentava ser morador de rua.

Eu já tinha visto este rapaz participando ativamente de um debate promovido pelo CCS em abril de 2004, quando antes de uma gig e a convite do pessoal do CCS eu mesmo puxava um debate sobre a influência do anarquismo no movimento punk e as origens do movimento anarco-punk. No momento em que cantava com a Desgraça Sonora, assim como no referido debate, o rapaz estava de pés descalço e sem camisa, expondo enormes cicatrizes de queimaduras pelos braços, todo o tórax e pescoço. No canto esquerdo do seu olho esquerdo ele tem uma velha tatuagem composta por três lágrimas desenhadas com tinta verde.

Em seus versos improvisados o rapaz dizia mais ou menos que: vivendo nas ruas, com fome e sem a ajuda de ninguém para matá-la se cheira muita cola; que nas ruas tem muitos malandros, malícia e covardias de montão; te queimam com gasolina e a polícia bate muito sem

pena e prende sem motivos. Em seu refrão improvisado o rapaz dizia que a música que estava cantando era O rap do Chorão, ou seja, o seu rap (que fala de sua vida e situação social).

Este acontecimento mostra outra característica da cultura do grupo, a abertura para o inesperado, o que não está planejado, que se expressa aqui no acolhimento de alguém excluído da sociedade. Trata-se de um gesto libertário e contracultural que inclui e valoriza os que são socialmente desprezados.

Um pouco depois de o rapaz começar a cantar por alguns minutos passaram a entrar no pátio alguns dos punks que estavam do lado de fora, outros ficaram olhando da entrada e só uns poucos permaneceram onde estavam. Estes, talvez muito empolgados com as conversas e a bebida que estavam tomando, só entrariam quando fossem tocar.

Depois dessa pequena abertura chamativa que integrantes da Desgraça Sonora agilizaram com a participação de Chorão⁸², e já tendo conquistado a atenção de muitos dos punks e simpatizantes presentes, Neurótico, guitarrista e vocalista da banda, convidou, num tipo de procedimento de anfitrião, qualquer banda que quisesse ser a primeira a tocar para dar prosseguimento à gig.

Aqui percebemos a declaração de valorização do espontaneísmo (característica anti-burocrática), para o andamento da dinâmica da gig, presentes no discurso de Neurótico. Também o implícito esforço dos anarco-punks em diferenciar suas gigs dos shows de bandas comerciais e sua cultura idólatra, nos quais existem bandas de abertura e bandas principais. Nas gigs que organizam não há estabelecimento de hierarquias entre as bandas que delas participam.

Logo depois do convite de Neurótico, uma outra banda punk de João Pessoa, a Rastros de Ódio, integrada por dois anarco-punks (Animal e Bacalhau) e um punk niilista (Pança), habilitou-se prontamente a se apresentar.

De repente os integrantes dessa banda, que assistiam de perto a abertura da gig feita por integrantes da Desgraça Sonora juntamente com Chorão, começaram a se convidar mutuamente para tocar, todos sentindo de imediato a espontaneidade uns dos outros.

Bacalhau (o guitarrista) e Animal (o baterista), ambos aparentando entre dezessete e dezoito anos, pegam quase que ansiosamente os instrumentos, quando começam a tocar parecem, às vezes, se divertirem e brincarem com os instrumentos, outras vezes parecem com eles brigarem.

⁸² Eles ainda tocaram sozinhos umas duas ou três músicas.

Pança (o vocalista) tira o microfone do pedestal e o segura na mão para cantar. Canta os hard cores muito ligeira e nervosamente, fazendo, de vez em quando, curtos discursos contraculturais e que expressam as filosofias anticomerciais do hard core e do punk em geral, entre uma e outra música.

Os integrantes desta banda não têm um visual muito agressivo. Pança, que ingressou no meio (anarco) punk da cidade em meados da década de 1990, e tinha passado cinco anos afastado, usava apenas um tênis branco e calça jeans azul, e estava sem camisa. Bacalhau usava uma bermuda com petes⁸³ que carregam mensagens e logotipos com nomes de bandas (anarco) punks, camisa com tela trazendo mensagens de protesto, jaqueta com alguns petes espalhados por todos os lados e alguns arrebites. Animal tem cabelos longos, e, assim como Pança, também estava vestido muito à vontade, sem indumentárias punks e sem camisa.

A apresentação da banda dura aproximadamente de vinte e cinco a trinta minutos e ao chegar ao final este é anunciado por Pança, que diz que o espaço está disponível para qualquer outra banda que quiser tocar em seguida, dando prosseguimento ao clima de espontaneismo e anti-estrelismo que é uma proposta do tipo anti-burocrático e anárquico de organização das atividades (e estruturação dos coletivos de militância) anarco-punks. Este espontaneismo está intimamente relacionado com a noção de liberdade anarquista presente na cultura anarco-punk, na qual a autonomia individual é muito valorizada e respeitada, enquanto parte complementar indispensável da liberdade coletiva.

Neste momento alguns dos punks que estavam na entrada do pátio voltaram aos bancos do lado de fora. Outros ficaram sem saber o que fazer, se perguntando uns aos outros quem é que iria tocar agora e uns procurando incentivar outros a tocar.

Este clima pairou no ar por mais ou menos um minuto, até que, de repente, um dos punks de Recife falou mais ou menos o seguinte para um de seus companheiros de banda: - Bora logo “Fulano”! Vamos tocar logo! É melhor que a gente fica logo livre pra beber, ver as outras bandas e pougar. Vai logo lá fora chamar “Cicrano” pra a gente tocar⁸⁴.

⁸³ Os petes, do inglês patch, que quer dizer remendo ou concerto são pedaços de pano de variadas cores com pequenas telas neles estampadas trazendo mensagens ou logotipos com nomes de bandas (anarco) punks que são afixados, geralmente através de costura, em calças, bermudas, camisetas e jaquetas dos punks e anarco-punks.

⁸⁴ Procedimentos, atitudes e comportamentos espontaneistas desse tipo são muito constantes durante a execução de todas as atividades de militância organizadas pelos grupos anarco-punks observados nessa pesquisa e fazem parte do seu tipo característico de política comunitária, no qual, “seu procedimento segue, instintivamente, impulsos anarquistas. É espontaneista e não sistemática na organização. É emocional e não racionalmente calculado [...]”

O rapaz foi do lado de fora chamar o outro e voltou com ele depois de alguns segundos. O cara estava muito tonto, aparentemente embriagado. Ele já me conhecia de outras gigs e outros eventos de anos passados organizados pelo CCS, então me pediu um gole de vinho. Estendi-lhe a mão com uma das garrafas que trouxera e que já continha bem menos da metade, de tanto eu e Galegão bebê-la.

O cara tomou um gole de vinho e saiu de novo do pátio com a garrafa, como se eu não existisse. Compreendendo e me compadecendo da sede etílica do rapaz, deixei-lhe com o resto da garrafa e voltei a aproximar-me de Galegão, que a essas alturas já tinha aberto e estava bebendo a outra garrafa de vinho.

O vocalista da banda Derriba Tus Muros (do espanhol, que significa, Derruba Teus Muros) apresentou a banda, dizendo a todos como ela se chamava e pronunciando seu slogan contracultural e underground: “Derriba Tus Muros. Onze anos sem sucesso!”⁸⁵ Também disseram que a banda era do Recife e começaram a tocar um hard core brutal, muito ligeiro e pesado com um vocal grosso e rasgado de Marreta, seu musculoso vocalista, um punk negro e de estatura mediana, cabelos com dreads (estilo rastafari), usando um tênis basqueteira branca, uma camiseta branca sem mangas e cavada, com bermuda lycra preta apertada, deixando assim os salientíssimos músculos do corpo em evidência. Na mão direita, a que segura o microfone, ele usa uma meia preta fina com cinco furos por onde passam seus dedos, tornando-a uma espécie de luva improvisada. Sobre esta estranha luva, e na altura do pulso, ostenta uma larga pulseira adornada com rebites. Marreta é considerado por alguns (anarco) punks do Nordeste como um veterano do movimento punk, pois nele permanece desde a primeira metade da década de 1990.

Seus três companheiros de banda usam um visual punk mais caracteristicamente “tradicional”. Cabelos com cortes moicanos tingidos e espetados, calças jeans, camisetas e jaquetas com estampas e petes de bandas, cintos, pulseiras e jaquetas carregados de rebites, coturnos ou tênis.

A apresentação dessa banda dura aproximadamente cinquenta minutos. Entre uma música e outra, de vez em quando o vocalista pronuncia o slogan da banda. Em determinado

obedece a princípios lúdicos [...] e não ao que vale como realidade para os estabelecidos” (Huber, 1985, p.94, colchetes nossos).

⁸⁵ No zine produzido pelo vocalista desta banda, encontrei depois uma pequena matéria intitulada “Derriba Tus Muros: dez anos sem sucesso”, a qual trazia um pouco da história da trajetória da banda.

momento da apresentação ele diz que vão tocar duas músicas que são covers de duas extintas bandas punk que “resistiram” durante alguns anos nas periferias de Recife na década de noventa.

Durante a execução das músicas todos tocam com muita empolgação e grande intensidade. Agridem furiosamente os instrumentos. Marreta grita eufórico fazendo delatarem as veias de seu pescoço. Caminha de um lado para o outro em meio à sua banda. Seu olhar não fita a ninguém enquanto canta, como quem busca de alguma maneira certo grau de concentração. Seus olhos estão fechados a maior parte do tempo.

Em alguns momentos baixa a cabeça. Em seguida ergue-a para o alto com os olhos fortemente fechados, enquanto grita muito apressadamente palavras pouco compreensíveis dentro de uma dicção vocal muito grave, rouca, rasgada e ligeira.

As expressões faciais parecem querer transmitir, juntamente com os fortes gritos, um misto de ira, agonia, revolta e dor.

Ao final da apresentação, todos da banda parecem um pouco cansados, principalmente o vocalista que é o que fica mais suado. Despedem-se de todos antes e depois das últimas músicas e finalmente deixam o local dos instrumentos e caixas de som enxugando como e com o que podem⁸⁶ o suor do corpo.

Nos momentos depois da tocada, enquanto descansam ainda ofegantes e um pouco tontos de cansaço, parecem passar por uma mutação, como quem antes estavam metamorfoseados ou possuídos por alguma força que lhes é exterior. Mas, certamente, este vigor é causado pelas suas próprias adrenalinas, e todo este processo de aparente mutação ao “estado normal” não é mais que a saída da adrenalina juntamente com a necessidade de o corpo repousar depois de um grande esforço.

Depois da apresentação da Derriba Tus Muros, houve um pequeno intervalo entre a apresentação de outra banda menos conhecida, também de Recife que, de tão “ruim” que tocava, aparentando muito desentrosamento entre seus integrantes, mais parecia uma banda improvisada e montada naquele momento. No início de sua apresentação, logo após o vocalista anunciar o nome da banda, disse que se tratava de uma banda punk com inspirações anarco-punks, que vinha na mesma mão, ou seja, na mesma linha da turma da Derriba Tus Muros,

⁸⁶ Geralmente com as próprias camisas.

dando a entender que eram punks realmente muito próximos da e influenciados pela cultura anarco-punk, de seus ideais e formas de atuação⁸⁷.

Tocaram algumas músicas com a mesma empolgação e agressividade das outras bandas que tocaram nesta gig, com a diferença de que me deram a impressão de não estarem muito bem entrosados, como se a banda tivesse sido formada à relativamente pouco tempo. Não se apresentaram por mais de vinte minutos.

Depois houve outro intervalo mais longo, de cerca de vinte minutos, antes de tocar a próxima banda, a Indigestos, de Fortaleza-CE.

Enquanto as primeiras bandas tocavam, percebi a presença de uma moça punk de estatura mediana, aparentando pouco mais de vinte anos, que prestava o tempo todo atenção à apresentação das bandas enquanto tomava goles de vinho em um copo descartável de plástico branco. Por algumas vezes nossos olhares se cruzaram com um pouco de curiosidade e seriedade de ambos os lados, eu acho. Fiquei curioso em saber quem era ela, uma vez que nunca a tinha visto em todos os anos que frequento o meio anarco-punk da cidade.

Perguntei a Galeão se ele a conhecia e ele disse que não, mas achava que ela tinha vindo com o pessoal de Fortaleza. Durante o intervalo da segunda banda de Recife para a Indigestos, banda a qual depois ela me disse que era a vocalista, aproveitei que ela conversava com um conhecido meu e me aproximei para puxar conversa.

Começamos a conversar sobre quais seriam as próximas bandas a tocar e foi então que depois de o meu conhecido ser chamado por outro punk e ficarmos conversando sozinhos que nos apresentamos e quando ela revelou o seu nome me dei conta de que estava conversando com uma conhecida poetisa punk do nordeste, da qual eu já tinha ouvido falar muito e lido alguns poemas seus em alguns zines que folheara anos atrás.

⁸⁷ Faço esta consideração embasando-me em observações de atividades, como gigs e encontros anarco-punks a nível regional, em anos anteriores de pesquisa enquanto preparava minha monografia na graduação, ocasiões nas quais a presença de punks (“não” anarquistas) de Recife e Natal e outros estados do Nordeste sempre foi uma constante tanto como espectadores como quanto organizadores e protagonistas, o que revela grandes proporções de afinidades culturais e ideológicas por parte de muitos punks com relação às propostas de organizações de atividades e eventos providos de contornos de influências do ideal anarquista que lhes são adicionados pelos anarco-punks. Nesta perspectiva, podemos inferir que, em certos casos, a diferença entre punks e anarco-punks pode significar apenas a diferença entre se ter na mente, ou no plano das idéias, um anarquismo mais “erudito” e/ou intelectualmente mais articulado, com sua influência sendo adquirida através de um contato direto com a tradição do pensamento social anarquista (no caso dos anarco-punks), ou um anarquismo mais instintivo que tem como uma fonte secundária de influência receptiva a prática de movimentações político-culturais do tipo anarco-punk (no caso dos punks), passando a assimilar o anarquismo através da organização de atividades político-culturais ou político-sociais.

Quando reconheci o seu nome apertei-lhe a sua mão demonstrando-lhe surpreendente satisfação que, embora não me tenha demonstrado, acho que acabou por “envaidecê-la” e/ou “constrangê-la”, “envergonha-la”. Depois de perguntar o meu nome, deu uma olhada para a minha camiseta na qual estava estampada uma tela da capa do CD Terrorismo de Estado da banda de hard core “campinense” C.U.S.P.E. Em seguida perguntou-me o que eu era.

Respondi-lhe ironicamente que sou um “vivedor”, mas compreendi o que ela queria saber. Se eu era ou já tinha sido punk, anarco-punk, anarquista, simpatizante ou não passava de um “porralôca”. Então lhe disse que já tinha sido militante do CCS entre 1992 e 1993, integrando um extinto grupo de anarquistas conhecido como Reação Anarquista, também que saíra há muitos anos dos coletivos de militância, mas que estudava no mestrado de sociologia da UFPB e pesquisava a cultura anarco-punk desde 1999, tendo produzido sobre ela uma monografia de conclusão de curso de graduação e estando em vias de produzir dissertação de mestrado. Acrescentei que ainda tinha muita admiração e simpatias tanto pela cultura punk quanto pela ideologia anarquista.

Neste momento a garota expressou-se falando: Aaah! Entendo! De maneira como se estivesse entendendo um recado em código, sentindo-se mais familiarizada e aproximada de mim, aparentando-me ainda ter ficado mais tranqüilizada por ter satisfeito suas curiosidades⁸⁸.

Desenrolando a conversa, perguntei-lhe como iam as movimentações anarco-punks lá em Fortaleza e ela disse que vez por outra acontecem algumas atividades meio que “devagar e sempre”⁸⁹. Quando perguntado se sabia como estavam andando as movimentações aqui em João Pessoa, respondi-lhe que não podia falar muito, pois andava afasta do meio anarco-punk durante o ano de 2006, ocupado com as disciplinas da faculdade e compromissos familiares,

⁸⁸ Questionamentos como estes são bastante freqüentes em eventos do meio anarco-punk quando eles estão conhecendo as pessoas. Com estas perguntas parecem querer avaliar se vale a pena ou o grau de segurança em aproximar-se ou deixar alguém se aproximar deles. Certa vez, anos atrás, durante o período de pesquisa da minha monografia, enquanto conversava com um anarco-punk bebendo em um bar no extinto complexo de bares conhecido como Beco dos Excluídos, por trás do prédio do Teatro Ciláio Ribeiro, ele me dizia que algum tempo atrás um indivíduo paulista branco e alto tinha se aproximado dos punks passando a freqüentar o referido teatro e puxando conversa com o pessoal. Disse que o indivíduo falou que já tinha sido punk em São Paulo e, de maneira ansiosa e anormalmente curiosa, fazia perguntas sobre os procedimentos e lugares freqüentados pelos punks aqui em João Pessoa, as quais eram pouco e mal respondidas pelo meu conhecido anarco-punk, que desconfiando com comportamentos autoritários e doutrinários do indivíduo, enquanto conversava com outras pessoas que não os punks, logo considerou a possibilidade de estar lidando com um “careca” (indivíduo partidário de uma ideologia e praticante de uma cultura fascista que é um tipo de adaptação brasileira da cultura skinhead nazi-fascista). O que nos leva a considerar o alto grau de cautela e desconfiança que os anarco-punks têm ao se relacionarem com os desconhecidos e sua preocupação em identificar indivíduos que lhes possam ser nocivos, através de suas atitudes e comportamentos.

⁸⁹ Aspas minhas.

pretendendo voltar a estabelecer contatos mais estreitos a partir de março de 2007, quando poderia apreciar mais frequentemente, inclusive para coletar dados para minha dissertação, a situação do meio em termos não só de atividades quanto de planos.

Todavia, lhe disse que fora a mostra de cultura punk organizada pelo NAD em novembro de 2006 e, segundo comentários de algumas pessoas com quem andei conversando, as movimentações por aqui estão escassas. Falei um pouco da situação do (antigo) CCS, de que com o termino da reforma do prédio do Teatro Ciláio Ribeiro eles perderam o espaço da sala que ocupavam como sua sede no prédio. Falei também da saída de dois rapazes que passaram a se dedicar a estudos e trabalho, deixando a entidade reduzida a três moças e um rapaz que, por motivos semelhantes como a necessidade de trabalhar e muita falta de tempo, acabam por não terem tantas condições de fazerem movimentações mais sólidas e freqüentes.

Depois que falei estas passagens, esta anarco-punk de Fortaleza me disse que nada disso justifica uma desarticulação das movimentações. Falou que é estudante de Direito e trabalha num fórum, atividades que lhe ocupam muito tempo, mas sempre que pode, procura nas horas vagas e nos finais de semana, junta com outr@s anarco-punks, fazer algum plano ou execução de alguma movimentação.

Em determinado momento de nossa conversa, perguntei por curiosidade se ela conhecia alguma das três meninas do CCS citando seus nomes, sobretudo porque assim como ela uma delas também é poetisa libertária e, pelo menos até 2004, organizava um zine que rodava vários estados do Nordeste e do Brasil.

Para meu espanto, mas não surpresa⁹⁰, a moça respondeu-me de maneira muito enfática e direta, e aparentando estar sentindo revolta, que não as conhecia e nem queria conhecê-las, pois disse não gosta de pessoas “hipócritas”, que vivem de fazer casos e falam mal das pessoas sem sequer as conhecer.

Durante esta gig, confesso que não percebi, mas, retornando as minhas leituras metodológicas, e mais especificamente aos escritos de Becker, lembrei-me da questão da equação “grupo-informante-pesquisador”, na qual este autor ressalva que, durante o trabalho de campo e no seio da comunidade pesquisada “... uma pessoa pode dizer ou fazer alguma coisa quando está sozinha com o observador [...] mas que [tais coisas ditas ou feitas] seriam inibidas

⁹⁰ Já seria a terceira vez nesta tarde que alguém falaria comigo sobre antipatias, rixas ou inimizades no meio anarco-punk de João Pessoa.

pela presença do grupo” (1993, p.54. colchetes nossos). Lendo esta passagem de Beker percebi que quando conversavam comigo estes anarco-punks vindos de Fortaleza não se encontravam na presença de outros anarco-punks, sobretudo dos que atuam nos coletivos de João Pessoa. No meu entender, este fato revela a atribuição de certa gravidade à questão das desavenças pessoais no e para o meio por parte desses anarco-punks com quem conversei, os quais não desejavam acentuar as desavenças existentes na cena anarco-punk de João Pessoa.

Como a moça não falou mais que isso, revelando-me apenas a vontade de expressar estas críticas ocultas, também não perguntei de que atitudes especificamente criticáveis se tratavam, entendendo que por algum bom motivo ela preferia deixá-las ocultas, bem como porque os problemas de caráter mais pessoal não são objetos principais de análise desta pesquisa.

Não obstante, é coerente registrar que eles existem e vez por outra vem à tona de conversas informais que tenho com anarco-punks e outras pessoas que conhecem e freqüentam o meio, as quais em sua maioria quase sempre se demonstram preocupados com esta situação e lamentam a existência desses problemas que, segundo eles, muito impede o advento de maiores movimentações na cidade, existindo ainda os que preferem omitir suas opiniões e outros que (estes são raros) curtem o clima das rixas, intolerância, inimizade, repulsa e até ódio que cultivam para com pessoas do meio que são seus desafetos.

Podemos compreender esta problemática na cena anarco-punk de João Pessoa aproximando-nos das considerações de Melucci (2001) sobre os (chamados) novos movimentos sociais, onde ele nos explica que nestes movimentos:

A agregação tem caráter cultural e se situa no terreno da produção simbólica na vida cotidiana. Existe um inter-relacionamento crescente entre os problemas da identidade individual e a ação coletiva; a solidariedade do grupo não está separada da busca [pela realização] pessoal e das necessidades afetivas [...] dos membros, na sua existência cotidiana (p.97. colchetes nossos).

O que implicaria dizer que há, no seio de coletividades (ou meios) como o anarco-punk, tensões existentes entre a troca de solidariedade (ou apoio mútuo, na linguagem e ideário dos anarco-punks) para alcançar os objetivos comuns e a busca das realizações pessoais e afetivas. Pois ao contrário de como acontecia com os movimentos sociais mais clássicos, como o operário, e ainda acontece nos casos das militâncias nos partidos da esquerda oficial, a realização pessoal

não está separada e nem é concebida, idealizada ou realizada necessariamente como uma consequência da concretização dos objetivos comuns, mas como algo a que se atribui à mesma importância conferida a esses últimos e a ser conquistada simultaneamente.

Pouco antes de a banda da anarco-punk de Fortaleza começar a tocar, percebemos eu, ela e Galegão, que os nossos vinhos estavam prestes a acabar. A moça nos disse que ela e alguns outros tinham feito um “racha” e compraram um tubo de cinco litros de vinho num supermercado e eu e Galegão pensamos em ir comprar alguma bebida no Hiper Bompreço da Lagoa, que fica a mais ou menos setecentos metros do Sebo Cultural. Enquanto tentávamos arrumar pessoas para o racha a anarco-punk já se preparava para tocar com seus companheiros de banda.

Todos que convidamos para o racha disseram estar sem dinheiro. Então eu e Galegão fomos comprar sozinhos.

Com o Hiper Bompreço fechado, já por volta das 17h00min, terminamos rachando três litros de vinho em um quiosque da Lagoa⁹¹. Ao voltarmos a Indigestos já estava tocando seus ligeiros e barulhentos hard cores. Sua vocalista, agora minha conhecida, alternava os tons da sua voz em graves e agudos sempre rasgados e mais gritados que cantados.

Seu visual me fez lembrar muito o dos punks estadunidenses da década de 1980. Cabelo mais ou menos longo e amarrado, maquiagem de lápis preto no contorno dos olhos, camiseta branca com alguma tela de protexto, por cima um blusão preto, bermuda jeans com comprimento um pouco abaixo dos joelhos sobre meia calça preta com pequenos e grandes furos e rasgões, calçando coturno.

Às vezes anda de um lado para o outro enquanto grita ao microfone, outras vezes pula para o alto tirando os dois pés do chão.

Seus companheiros de banda parecem, às vezes, sentir-se embalados pelo seu comportamento e com ela entram em comunhão agredindo mais fortemente os instrumentos em algumas passagens das músicas. Guitarrista e baixista tentam pougar enquanto tocam. Dão passos para frente e para trás sacudindo o braço e o corpo da guitarra e do contra baixo velozmente no ritmo dos acordes.

⁹¹ Parque Solon de Lucena, Centro de João Pessoa.

O visual dos membros dessa banda é um estilo punk notavelmente anarquista, com o aparecimento de muitos “A’s” circulados além de frases libertárias e de protesto presentes em telas de camisetas e petes costurados nas calças e jaquetas.

Em determinado momento da apresentação dessa banda, enquanto eu assistia a ela e aos (anarco) punks pougarem do lado de fora da roda de pougo, senti repentinamente (sem esperar) um forte escorão de um corpo grande e pesado nas minhas costas empurrando-me para o meio daquele turbilhão de corpos suados e embriagados. Era o Galegão me convidando pra pougar. E ao me escorar para dentro da roda já foi entrando nela ao seguir meu vácuo.

Ao penetrar na roda de pougo, numa fração de segundos, senti meu corpo sendo arranhado e espetado por moicanos e pelos arrebites das pulseiras, cintos e jaquetas dos punks e anarco-punks que estavam pougando. Também senti quadris, ombros e cotovelos esbarrando ligeiramente em meu corpo.

Nessa fração de segundos, e já meio embriagado de vinho, a adrenalina invadiu o meu corpo, não contive meus ânimos e comecei a pougar em meio aos (anarco) punks.

Daí por diante eu e o Galegão ficamos pougando e revezando a garrafa aos goles de vinho, nos intervalos entre as músicas, até o final da apresentação da Indigestos.

Acabada apresentação desta banda foi a vez da Desgraça Sonora voltar a tocar depois de ter feito a abertura introdutória da gig.

Tocam por mais ou menos trinta minutos. Neurótico (seu vocalista) apresenta a banda como sendo anarco-punk. Enquanto “canta” gritando bem alto e se esgoelando, o vocalista desta banda por vezes encolhe o corpo quase se acorando e logo enverga o corpo para trás, chegando a apontar sua cabeça muito para o alto e meio para trás, às vezes fechando os olhos com muita força.

Nesta e em outras oportunidades, Neurótico costuma fazer discursos anarco-punks entre os intervalos das músicas. Fala contra o capitalismo e a indústria cultural criticando os *for funs*⁹² e a cultura pop em geral, exaltando sempre a proposta de produção (contra) cultural underground do hard core.

Depois da apresentação da Desgraça Sonora, alguns punks e anarco-punks se revezaram nos instrumentos formando bandas espontaneamente improvisadas para tocar algumas músicas conhecidas a mais, ou, ensinando uns aos outros as bases de sons (músicas) de suas bandas,

⁹² Os punks denominam de *for fun*, as bandas que copiam seus ritmos e estética para ganhar dinheiro.

num verdadeiro improvisar anárquico e espontâneo que caracteriza e diferencia as gigs anarco-punks dos planejados shows das bandas comerciais.

Num momento em que todos já estavam dando a gig como praticamente encerrada, notei que estava se travando uma acirrada discussão entre Neurótico e um punk de Natal, guitarrista da banda Destroços. Enquanto discutiam, os outros membros do NAD e a companheira do punk de Natal observavam com curiosidade e um pouco de apreensão, talvez temendo que a discussão estivesse ficando muito séria.

Neste momento também fiquei muito curioso para saber do que se tratava a discussão, em torno do que girava o seu conteúdo. Mas preferi ficar a uma distância considerável que não permitiu escutar nada do que discutiam, até mesmo porque o som mecânico, que estava ligado, estava baixo e os dois, embora um pouco exaltados, falando um com o outro de maneira agressiva ao pronunciar muito ligeiramente as palavras com os rostos quase colados, porém em volume relativamente baixo, como se desejassem certa privacidade.

Depois de alguns minutos de discussão, o punk de Natal chamou um companheiro baterista, pegou a guitarra e um microfone com pedestal e juntos começaram a tocar muitos hard cores de curta duração, um minuto, talvez um pouco mais, ou um pouco menos, sem muitos espectadores para prestigiá-los além de mim, a companheira do punk de Natal e os membros do N.A.D.

Os hard cores são muito ligeiros e pesados. O punk de Natal canta tocando a guitarra quase sempre com uma das pernas meio levantada, deixando a outra meio que de ponta de pé. Grita no microfone com muita fúria, chegando às vezes a engolir parte da cabeça do microfone, inchando as veias do pescoço e fazendo avermelhar seu rosto, talvez um misto de seu estilo próprio com a quentura do sangue esquentado na discussão com Néurótico.

Enquanto eles tocam, algumas pessoas, especialmente os membros do NAD, que aparentavam cansaço e querer recolherem os instrumentos, observavam o revoltado vocalista botar pra fora todo aquele vigor hard core pra fora, como se perguntassem a si mesmo: quando é que ele vai parar?

Depois de uns vinte minutos ou mais, os dois pararam de tocar dando finalização às apresentações desta gig.

O vocalista guitarrista punk vindo de Natal despediu-se de Neurótico e dos outros membros do NAD agradecendo pela paciência de terem esperado mais um pouco para que ele e

seu amigo baterista pudessem tocar. Em seguida, dirigiram-se para o lado de fora onde já se encontravam muitos dos participantes desta gig⁹³.

Enquanto os, nesta ocasião, retraídos membros do NAD recolhiam a aparelhagem de som e os instrumentos, fiquei conversando um pouco com alguns membros do antigo CCS, o atual coletivo Farpa, que acabavam de chegar ao final da gig, sentado em um meio fio próximo ao portão de acesso ao pátio do Sebo Cultural. Eles me disseram que não chegaram antes porque estavam no bairro de Mangabeira, na casa de uma das integrantes do coletivo onde se reuniam programando alguma atividade a realizar.

Enquanto conversávamos, os rapazes do NAD passavam com instrumentos e peças da aparelhagem de som para colocá-las num carro que iria levar parte delas para a casa de uma mulher no bairro de Jaguaribe, que lhes aluga, por cem reais⁹⁴, um pequeno quartinho no seu quintal para que eles o usem como uma espécie de sede do coletivo.

Outra parte dos materiais foi levada por alguns deles caminhando, uma vez que as imediações do bairro de Jaguaribe onde fica a casa desta mulher, ficam relativamente próximas do local da gig, no vizinho bairro do Centro.

Depois de os rapazes do NAD se ausentarem, fiquei conversando com alguns punks restantes durante mais ou menos quarenta minutos. Uma parte estava de saída para as suas casas e outros queriam se juntar para tomar alguma bebida na Lagoa do Parque Solón de Lucena.

Depois de alguns minutos de discussão o punk de natal, que discutiu com Neurótico, começou a dizer que algumas das pessoas que os ajudaram a levar as caixas de som estavam ou poderiam estar interessadas em beber mais e chamou alguns, que sabiam onde é a casa da mulher que lhes aluga um quartinho do seu quintal, para encontrá-los e chamá-los pra beber.

Notei um interesse muito grande do punk de Natal em ir conhecer a sede do NAD. Talvez ele soubesse de sua existência e estava curioso para conhecê-la.

Alguns dos que iam me chamaram para ir atrás do pessoal do NAD e depois ir beber com eles. Porém, resolvi não ir com eles, pois como o pessoal do NAD passou grande parte da

⁹³ Neste momento eu me situava no portão de acesso e saída do pátio lateral do lugar, podendo observar tanto a desempenho desta ultima banda quanto as conversas e despedidas dos (anarco) punks que estavam do lado de fora, alguns dos quais já se despediam – como uns de Fortaleza e Campina Grande – pois preferiam viajar no ônibus das 19h00min ou 19h30min de volta para suas cidades. Alguns outros de outras cidades preferiram ir embora no dia seguinte ou iam ficar alguns dias na cidade.

⁹⁴ Numa conversa que tive com um dos membros do N.A.D. no dia 09 de julho de 2007, ele me disse que o aluguel do espaço era dividido entre os quatro membros desse coletivo, porém, algum tempo depois dessa gig não tiveram mais condições de pagar pelo aluguel e deixaram o espaço voltando a ficar sem nenhuma “sede”.

gig muito retraído e um de seus membros já tinha discutido com o punk de Natal, preferi não ir com eles, uma vez que temi que o pessoal do NAD pudesse pensar que eu estava apoiando o comportamento crítico agressivo que o punk de Natal teve para com um deles e que poderia tê-los magoado.

Disse que estava cansado e iria pra casa. Despedi-me deles e fui embora quando já estavam se preparando pra sair.

3.2. – Debates

Os debates são tipos de atividade muito importante na cena anarco-punk de João Pessoa, pois, através da realização destes, os integrantes da cena discutem sobre os mais variados temas e questões sociais e comunitárias.

Estas atividades podem ser realizadas separada ou conjuntamente com outras atividades, como gigs e mostras de cultura punk, por exemplo, funcionando também, muitas vezes, como oportunidades de propagação do ideal anarquista e da cultura (anarco) punk através das quais novos simpatizantes (e/ou potenciais futuros “militantes”) aproximam-se e adentram-se na cena.

Nesta pesquisa foram observados dois debates. O primeiro, sobre prostituição e o segundo sobre contracultura, respectivamente nos dias 28 e 29 novembro de 2006, durante o evento Exposição de Cultura Punk, sob organização do coletivo N.A.D.

Tal como em muitas das ocasiões em que me encontro afastado do meio anarco-punk, tanto por motivos de ordem acadêmica ou pessoal-privada quanto por eventuais períodos de desarticulações ou inatividade dos coletivos, soube da realização desse evento através de eventual encontro com um dos protagonistas da cena – o Neurótico – o qual encontrei vendendo bijuterias artesanais no calçadão da praia de Tambaú.

Nesta ocasião, por ele não dispor de um fly do evento, pedi emprestada uma caneta a sua companheira e anotei dias e horários de sua realização em um pedaço de papel que garimpei dentro de minha carteira.

Em outras ocasiões, as informações acerca das datas, locais e horários de realização dos eventos no meio anarco-punk se dão através de encontros com membros dos coletivos ou

simpatizantes e ex-membros freqüentadores da cena na UFPB ou em outros lugares da cidade, podendo também ficar ciente de informações dessa ordem por divulgações feitas através da afixação de cartazes pelos murais e paredes dos corredores da UFPB ou em outros lugares da cidade.

Esse evento realizou-se numa área lateral do SESC - Centro⁹⁵ e seu início estava programado para as 14h00min do dia 28 de novembro de 2006.

Aqui cabe uma ressalva perceptiva de que a condição na qual foi realizado este evento nos faz lembrar a conceituação das situações de autonomia relativa (parcial e relacionada, não-total ou absoluta) teorizadas por Huber (1985) ao analisar os projetos de movimentos alternativos europeus. Situações estas que, por exemplo, são diferentes da organização de atividades nas ruas, como no caso das manifestações de rua, ou em lugares ocupados e geridos pelos anarco-punks anos atrás em João Pessoa, como no caso do C.C.S. no Teatro Ciláio Ribeiro até a primeira metade de 2005.

Chegando ao local por volta das 14h10min o “cenário” do evento já estava praticamente montado, cerca de oito punks entre os integrantes do NAD (Núcleo de Ações Diretas), coletivo organizador do evento, e punks advindos de outras cidades e estados, também já se encontravam no lugar alguns simpatizantes ou curiosos.

O N.A.D. é um coletivo anarco-punk fundado por Neurótico, um remanescente de outro extinto coletivo anarco-punk, o C.R.L. (Coletivo de Resistência Libertária) e outros anarco-punks.

Pelo que pude saber até agora, através de informações cedidas por integrantes do N.A.D., o C.R.L. foi um coletivo que se formou entre jovens (rapazes e moças) freqüentadores das Rodinhas da Lagoa, em torno de uma banda de hard core chamada Desgraça Sonora e por influência de pessoas que, assim como Neurótico, já tiveram contato com o extinto C.C.S. de João Pessoa, entidade fundada em 1992 por anarquistas e anarco-punks tendo como objetivo difundir a ideologia anarquista e a cultura punk em João Pessoa, tendo militado na cidade desde o ano de sua fundação. Sua dissolução se deu em finais de 2004 e/ou início de 2005,

⁹⁵ Desde já se torna oportuno destacar que o SESC cede eventualmente suas dependências aos anarco-punks de João Pessoa para organizarem eventos pelo menos desde meados dos anos noventa. Outras informações que chegaram ao meu conhecimento através de conversas informais com antigos punks da cidade dizem que bandas punks já se apresentaram algumas vezes no SESC nos anos oitenta e noventa. É um dado interessante de se analisar o fato desta entidade associativa do comercio ceder espaços aos punks não apenas em João Pessoa como também em São Paulo desde o ontológico “show” Começo do Fim Do Mundo que ocorreu no SESC-Ponpéia em São Paulo no ano de 1982, reunindo as bandas mais influentes do movimento punk daquele estado.

coincidindo um pouco com a desocupação do prédio do teatro Ciláio Ribeiro para uma reforma feita pela prefeitura, depois da qual só permaneceram as entidades de alguma forma ligadas ou com ela bem relacionadas.

Posteriormente, em 2006, ex-integrantes do CCS fundaram outro coletivo libertário chamado Farpa que vem levantando, através da organização de debates, discussões sobre anarquismo, anarco-feminismo, contracultura, vegetarianismo, veganismo e contra a matança de animais.

Durante algum tempo entre meados de 2005 e 2006 o pessoal do CRL, dentre eles os integrantes da Desgraça Sonora, se reunia aos sábados à tarde numa estrutura de um pequeno anfiteatro (teatro ao ar livre) abandonada, situada ao lado do restaurante Cassino da Lagoa no Parque Sólon de Lucena, e vinham organizando algumas gigs. Com a saída de uns e a entrada de outros membros, a sigla do coletivo mudou de CRL para NAD, que permanece até então.

Logo que dei a primeira olhada panorâmica no ambiente da exposição pude perceber uma grande mesa formada pela junção de mesas pequenas onde dois anarco-punks, o Neurótico e o Mago arrumavam livros e revistas anarquistas, além de fanzines punks e anarco-punks. Os livros e revistas anarquistas são vendidos por preços geralmente relativamente bem acessíveis. Os zines geralmente são doados ou trocados por outros com pessoas que por eles demonstram interesse, com a exceção dos exemplares os quais o coletivo só possui uma cópia que, todavia, podem ser emprestados para serem fotocopiados aos que merecerem a confiança suficiente.

Numa parede do lado esquerdo da área da exposição, já se encontravam afixadas por fita crepe fotos de rolés (passeios), points (pontos de encontro) e gigs punks da década de noventa em João Pessoa, trazidas e expostas por Pança, um então ex-punk bem chegado do pessoal do NAD. As fotos mostravam os punks em momentos de descontração em seus points, tocando instrumentos e cantando em suas gigs, exibindo um visual (estilo de vestir) agressivo com predomínio do preto, arrebitos nas jaquetas, pulseiras e cintos; cabelos tingidos e cortes estilo moicano, penteados com cabelos espetados em forma de alfinete que fazem as cabeças lembrar ouriços do mar.

Nestas fotos, apesar da expressão de grande naturalidade e espontaneidade (característica daqueles que sendo adeptos de ideologias como o anarquismo e a contracultura desdenham de culturas idólatras como o pop e ideologias que cultuam a personalidade como os imperialismos e os vanguardismos), eu tive a impressão do transparecer de um leve posar para

as fotos por parte dos punks fotografados, como se desejassem aparecer, se registrarem, para a posteridade.

Como a maioria do pessoal do NAD é muito nova na cena e eu só tinha avistado alguns deles uma ou duas vezes bem ligeiramente, cumprimentei ligeiramente alguns dos quais eu ia passando por perto e me direcionei para a mesa onde estavam expostos os livros e zines, onde Neurótico e Mago (outro integrante do N.A.D.) ainda davam uma arrumada nos zines. O primeiro é mais antigo na cena e eu já o conhecia de eventos mais antigos organizados pelo CCS, também foi fundador dos coletivos CRL e NAD e é um dos maiores incentivadores do N.A.D. e da banda Desgraça Sonora.

Cumprimentei-os e comecei a conversar com Neurótico, que foi meu porteiro para o coletivo NAD. Começamos com aquelas conversas bem universais e informais, tipo: E aí cara, como vai? O que é que andas fazendo? Como vai a tua vida? Como andam a articulação e as atividades do teu coletivo? E por aí vai...

Depois de alguns minutos de conversa entreguei-lhe algumas cópias de alguns números de um jornal anarquista chamado Reação Anarquista, publicação anarquista da cidade de João Pessoa extinta há alguns anos e organizada pelo também extinto N.P.A. (Núcleo de Propaganda Anarquista), do qual fui integrante.

Este “trocar de figurinhas” (do tipo: “jornais pra lá, zines pra cá”) foi, juntamente com o comportamento o mais natural, cooperativo e participativo possível nas atividades (bebendo, poughando, ajudando a arrumar cadeiras, não anotando nada em agendas na frente dos anarco-punks, dispensando o uso do gravador, intervindo nos debates etc.), foi uma importante tática e procedimento de pesquisa, auxiliar da técnica de coleta de dados da observação participante & participação observante que muito me ajudaram na tarefa a coletar os dados desta pesquisa, uma vez que tornou possível o clima de proximidade interpessoal necessária com a comunidade pesquisada para um pesquisador como eu que, por muitos anos vivenciei e de certa maneira ainda vivencio (em determinados momentos) de forma ativa e direta, as movimentações do meio anarco-punk de João Pessoa.

Tais posturas e comportamentos foram essenciais e indispensáveis, na medida em que propiciaram a conquista da confiança e respeito necessários à penetração, permanência e circulação no seio da comunidade para a realização dessa pesquisa. Acreditem! Sem estes comportamentos e procedimentos ela, com certeza, teria sido muito mais difícil e talvez

impossível para mim no seio desta comunidade tão radicalmente sética e arredia à instituições/agentes estatais e pelegos ideológicos.

Depois que entreguei os jornais, o rapaz agradeceu-me e então passei a folhear zines de vários estados do país que estavam expostos. Comecei a conversar com Neurótico sobre aqueles zines, perguntando-lhe se eram legais, de onde vinham, se ele conhecia os indivíduos ou os coletivos que os publicavam, do que tratavam seus conteúdos, se eram punks ou anarco-punks, comentários sobre o teor de suas estéticas e arte iconográfica (desenhos) dentre muitos outros aspectos observados, comentados e discutidos.

Dentre os zines folheados encontrei dois de São Paulo os quais muito me interessaram, pois traziam matérias que falavam sobre a fundação do MAP (Movimento Anarco-Punk) de São Paulo. Dando uma olhada nas revistas e livros anarquistas, deparei-me com o livro *Os Carecas do Subúrbio*, de autoria da historiadora Márcia Regina da Costa, que eu há muito tempo procurava. Este livro é uma das principais referências bibliográficas sobre o movimento punk no Brasil, uma vez que, apesar de ter focado mais diretamente os carecas do subúrbio, traz relatos sobre um pouco das origens do movimento punk em São Paulo, as dissidências internas do movimento e a fundação dos carecas do subúrbio, movimento de dissidência ao punk.

Um dos zines me foi doado por Neurótico e o outro, que não tinha cópias disponíveis, pedi-lhe para tirar cópia numa papelaria em frente ao local da exposição, o que me foi permitido depois de garantir que lhe devolveria em poucos minutos. O mesmo ocorreu com o livro que não estava à venda (pois é muito raro) e sim exposto apenas para divulgar a referência.

Continuamos a bater um pouco de papo sobre os zines, revistas e livros expostos, e também sobre o passado da cena anarco-punk da cidade. Em seguida, aproveitando um momento em que o rapaz foi chamado por um dos outros membros do NAD para conversar algo sobre o desenrolar do evento, fui fotocopiar os zines e o livro.

Ao retornar, depois de quarenta minutos aproximadamente, já se encontravam presentes no local muitas outras pessoas entre ex-militantes anarco-punks, simpatizantes e curiosos freqüentadores habituais do SESC. Devolvi o livro e os zines agradecendo ao rapaz e fui conversar com uns colegas ex-anarco-punks que tinham chegado enquanto me ausentei e que estavam olhando as fotos expostas. Observando melhor as fotos, juntamente com meu colega,

alguns punks de outras cidades e o próprio então ex-punk que as tinha trazido, o Pança⁹⁶. Pude perceber que as fotos eram de um pessoal punk próximo do antigo coletivo de punks pessimistas⁹⁷ dissidentes do CCS desde 1992 e conhecido como NAL (Núcleo de Ação Libertária), também dissolvido desde o final da década de 1990.

Nas fotos esses punks, ao contrário dos anarco-punks, que ostentam símbolos anarquistas e slogans (frases de efeito) libertários, caracterizam-se de maneira menos comunicativa e mais anti-político-social, raramente ostentando quaisquer simbologias ou mensagens político ideológicas em seu visual, tendo, no lugar disso, e na maior parte das vezes, telas com logotipos ou fotos de bandas punks no lado frontal de suas camisetas ou nas costas de suas jaquetas.

Para este primeiro dia do evento estava previstas além da exposição de fotos e materiais libertários (livros, revistas e fanzines) também um debate sobre prostituição que teve como incentivadoras a companheira (namorada) de Neurótico, que é membro da ONG Amazonas - de prevenção à DST's e AIDS -, e uma prostituta que juntamente com esta ONG realiza trabalhos de conscientização no sentido do combate às DST's e AIDS entre as prostitutas de pontos e casas de prostituição de João Pessoa.

O debate que estava marcado para as 15h00min só teve início por volta das 15h40min e, depois de os membros do NAD e alguns dos presentes (inclusive eu) arrumarem as cadeiras em forma de um círculo.

Nas preliminares do debate apenas eu, as incentivadoras e alguns membros do NAD fomos de imediato nos sentando nas cadeiras. Percebendo depois de alguns segundos a timidez de alguns dos presentes e a dispersão de algumas pessoas mais chegadas da cena, Neurótico começou a divulgar o tema do debate que estava para acontecer naquele momento e a convidar as pessoas que se interessassem para ingressarem no círculo para que pudéssemos iniciar o debate.

Aos poucos alguns rapazes e moças jovens e adolescentes, militantes, simpatizantes e curiosos começaram a se aproximar e se sentar espontaneamente, mas, depois da chamada de

⁹⁶ A partir de meados de 2007, pude perceber, em conversas informais que tive em eventuais encontros com Pança, a sua volta a se assumir como punk niilista. Tendo como um dos sintomas a volta ao uso de visual punk mesmo que de maneira mais leve do que usava nas fotos da década de 1990, as quais ele estava expondo.

⁹⁷ Também conhecidos como niilistas.

atenção de Neurótico, ficando outros do lado de fora do círculo e de pé, porém bem aproximados e prestando atenção a toda a dinâmica do debate durante toda a sua execução.

Tendo conquistado a atenção de bom número de pessoas⁹⁸, Neurótico começou um discurso de apresentação do seu coletivo, do evento e do tema do debate falando um pouco das propostas de atuação do seu coletivo, explicando que buscam realizar eventos de caráter libertário na cidade, tais como gigs anarco-punks, debates de caráter libertário sobre variados temas como: cultura punk, anarquismo, contracultura, relações de gênero, dentre muitos outros. Em seguida apresentou-se, apresentando também os outros membros do NAD (Mago, Animal e Bacalhau), e as mulheres que iriam incentivar o debate, ressaltando também a exposição de fotos e materiais libertários que estava acontecendo simultaneamente. Logo depois, passou a palavra às incentivadoras do debate.

A companheira de Neurótico, militante da ONG Amazonas, foi a que fez uso da palavra inicialmente. Apresentou-se e também à moça prostituta e começou a falar um pouco dos trabalhos realizados pela sua ONG, tais como, palestras sobre DST's/AIDS e sua prevenção, distribuição de preservativos, trabalhos de conscientização sobre o uso de preservativos e prevenção às DST's/AIDS, dentre outros.

Em seguida, as duas propuseram aos participantes um tipo de dinâmica preliminar para a abertura das discussões, pedindo que as pessoas da roda que estavam sentadas ou de pé, e num sentido de rotação anti-horário, dissessem alguma palavra que lhes vinha à mente quando escutam ou lembram-se da palavra “prostituta”.

Esta tática da rodada inicial é muito usada nos debates organizados pelos coletivos anarco-punks de João Pessoa ao longo de sua existência e entendo-a como uma maneira de desinibir e incentivar as pessoas a intervirem e participarem de maneira o mais natural e informalmente possível, procurando fundar uma cultura relacional oposta aos tipos de palestras e debates do tipo burocrático característicos das organizadas por instituições acadêmicas e partidos políticos de direita e esquerda.

Desta maneira, iniciou-se então uma rodada de intervenções que de início eram bastante curtas com as pessoas falando apenas uma palavra. Gradualmente, as intervenções foram aumentando com as pessoas falando duas, três e algumas palavras, posteriormente

⁹⁸ Em minhas estimativas participaram do debate ao todo cerca de vinte e cinco a trinta pessoas entre os que sentaram no ciclo ou preferiram ficar em pé, fazendo ou não uso da palavra.

acrescentando-se além das palavras comentários opinativos ou de experiências pessoais, isso do meio para o fim do círculo, e alternando com algumas pessoas que falavam apenas uma ou duas palavras.

Ao longo do círculo foram saindo palavras como rapariga, puta, quenga, preconceito, discriminação, repressão, sofrimento, vulgaridade, promiscuidade, profissional do sexo, exploração, exclusão social, dentre outras palavras e expressões que foram citadas como sendo relacionadas à imagem ou à condição das prostitutas na nossa sociedade.

Dentre os que teceram comentários nesta rodada inicial do debate houve quem falou sobre a passagem cultural hereditária (dos pais para os filhos) dos preconceitos e discriminações contra as prostitutas e mulheres em geral por parte de seus pais que tratam as mulheres de maneira sexista, como meros objetos de prazer sexual ao incentivarem seus filhos a perderem a virgindade o mais rápido possível, bem como por parte de suas próprias mães, que magoadas com as amantes dos seus pais as xingam de raparigas.

Muitas das intervenções dos debatedores e debatedoras presentes também ressaltaram que existe de fato uma boa margem de valorização oculta das prostitutas e de suas funções sociais na sociedade, destacando que a prostituição é um trabalho e profissão que merece respeito como qualquer outra.

Uma das incentivadoras do debate que é prostituta fez questão de enfatizar que as prostitutas além de profissionais do sexo, que satisfazem à libido sexual de seus clientes, também atuam como realizadoras de suas fantasias eróticas, servindo ainda como companhia, psicólogas, tornando-se às vezes boas colegas e até amigas dos que procuram suas variadas habilidades profissionais.

Tanto os debatedores quanto as incentivadoras do debate frizaram a existência ancestral da prostituição desde os períodos históricos mais remotos das várias civilizações e aqui mesmo no Brasil, onde, inicialmente as escravas negras, durante o período colônia, e posteriormente as prostitutas faziam a iniciação sexual dos filhos dos senhores de engenho e das aristocracias urbanas, respectivamente. Uma vez que, devido a questões religiosas e principalmente de manutenção do controle sobre a propriedade, a vida sexual das mulheres das famílias mais nobres da sociedade era muito reprimida e muitas vezes só tinha início depois de casadas.

Sempre que as perguntas ou considerações dos debatedores acabavam por colocar as prostitutas numa situação de desvalorização e inferioridade social ou moral, as incentivadoras

procuravam intervir e contrabalançar a situação lembrando os aspectos positivos e as funções sociais necessárias dessa profissão para a sociedade, além de procurarem despertar a sensibilidade e relativismo dos outros debatedores chamando a atenção para a situação socioeconômica bastante precária da maioria das prostitutas.

Em duas oportunidades durante o debate eu fiz uso da palavra. Primeiramente durante a rodada inicial quando as incentivadoras propuseram que nós disséssemos uma palavra que nos vinha à mente quando lembrávamos à palavra prostituta. Como eu fui um dos que falaram do meio para o fim do círculo dos debatedores, acabei por falar um pouco mais do que uma ou duas palavras.

Falei que tinha sido, durante um curto período de minha vida, filho de pais separados por questões de adultério por parte de meu pai, que acabou tendo uma filha fora do casamento, o que gerou muita indignação e mágoa por parte de minha mãe, tias e outras mulheres da família que sempre se referiam pejorativamente à amante do meu pai como “a rapariga”, acrescentando que este tipo de mulher só vive para explorar economicamente os homens casados e destruir suas famílias.

Procurei ressaltar que este tipo de conceituação rancorosa e generalista por parte das mulheres que educam os homens acaba por influenciá-los a se tornarem seres preconceituosos e discriminatórios com relação às mulheres em geral e com relação às prostitutas especialmente. Porém destaquei que existem grandes diferenças entre o que venha a ser uma prostituta, que é uma profissional do sexo, a amante, uma mulher que mantém casos com homens casados e que porventura seja uma pessoa usurpadora, e a vulgarmente denominada “ratoeira” ou “galinha”, ou seja, mulher que simplesmente gosta de se relacionar sexualmente com vários homens, todas elas denominadas generalista e pejorativamente pela palavra “rapariga”, que nada mais é do que uma palavra que serve para desclassificar, moral e socialmente, reprimir e oprimir as mulheres.

Depois desta minha intervenção alguns outros debatedores e debatedoras fizeram intervenções dando exemplos de situações supostas e reais envolvendo estes tipos de mulheres e seus estilos e condições de vida, às vezes destacando que a extrema discriminação que sofrem é fruto da dominação da cultura patriarcal que ainda é muito predominante na nossa sociedade.

Logo depois das ligeiras intervenções de alguns dos debatedores, uma mulher negra e feminista, que tinha chegado um pouco atrasada, mas presenciou minha intervenção, fez uso da palavra e teceu o que interpretei como sendo um tipo de elogio indireto à minha intervenção e

considerações, falando que elas trouxeram à tona da discussão interessantes reflexões que muito contribuíram para o debate.

No segundo momento em que fiz uso da palavra, a discussão estava girando um pouco em torno da ética da profissão e logo depois de um momento em que as incentivadoras do debate e outros debatedores falaram sobre a organização classista, legal e sindical que as prostitutas de outros estados do Brasil, sobretudo as de São Paulo, conseguiram erguer apropriando-se de direitos profissionais como férias, licença maternidade e aposentadoria,

Em certo momento, perguntei para a incentivadora que é prostituta se ela achava que toda a forma de prostituição é “politicamente correta” (ou seja, eticamente sensata) e se ela nunca tinha visto ninguém se prostituir de maneira insensata. A mulher ficou simplesmente sem saber o que responder, me deixando com uma grande dúvida de se ela não tinha entendido a pergunta ou se não se sentia segura em responder um questionamento que me pareceu novo para ela pelo modo como ela reagiu, deixando inquieta e preocupada a sua companheira da ONG Amazonas que reagiu de maneira a querer interferir e responder pela sua companheira.

Quando a militante da Amazonas quis interferir tentando responder pela moça prostituta, eu pedi-lhe que deixasse a moça responder, pois esta última era da profissão e sua resposta nos traria a experiência social de quem vive o cotidiano da prostituição tornando a resposta mais rica e legítima. Então a tal moça logo me pediu para que procurasse exemplificar de maneira que ela(s) pudesse(m) melhor entender e pergunta em questão.

Desta maneira, citei-lhe a suposição de uma mulher que se prostituísse de maneira a trapacear alguém, vendendo o seu sexo para algum tipo de patrão ou superior hierárquico de algum ramo profissional vindo a sobressair-se em detrimento de alguém que por méritos profissionais merecesse ascender a algum cargo ou ganhar algum benefício em determinada esfera profissional.

Como a moça continuou a se sentir insegura para responder à questão, não fazendo muito além de meditar, a militante da Amazonas interferiu como se precisasse ou fosse sua função auxiliar a moça, respondendo-me mais ou menos que tudo depende muito do ponto de vista, e que quem se prostitui por alguma razão é porque tem necessidade, acrescentando ainda que os empregadores ou superiores hierárquicos são os maiores responsáveis pelo zelo da ética profissional no ambiente de trabalho, e que acabam sendo eles os responsáveis pelas injustiças cometidas contra as pessoas profissionalmente lesadas nestes tipos de casos.

Daí em diante não quis prolongar este ponto da discussão uma vez que em torno dele já tinham saído muitas e profundas reflexões e eu já tinha matado um pouco de minhas curiosidades sobre as opiniões das incentivadoras, além de não querer terminar centralizando a discussão.

Fiz questão de pedir desculpas se meus questionamentos acabaram sendo por demais constrangedores ou ingênuos demais. Ressaltei, todavia, que este tipo de debate é um tipo de aula de formação social que eu ou muitos dos presentes nunca tivemos no seio de nossas famílias ou mesmo no âmbito escolar, o que torna ocasiões como este tipo de debate momentos oportunos para tais questionamentos que nos ensinarão muito a melhor nos relacionarmos uns com os outros.

Mais uma vez é importante perceber o apoio libertário, solidariedade, acolhimento e abertura que os anarco-punks dão aos excluídos e oprimidos da sociedade (neste caso às prostitutas) se expressar colocando para fora de si e para os outros seus sentimentos, pensamentos e fazendo com que os próprios anarco-punks e os simpatizantes que freqüentam suas atividades e eventos conheçam suas realidades, passando a se tornarem mais sensíveis as suas condições e situação social, contribuindo no sentido de quebras de preconceitos e discriminações que propiciam maiores graus de respeito com relação aos excluídos.

Depois de mais alguns minutos de discussão⁹⁹ as incentivadoras do debate, sobretudo a militante da Amazonas, que estava tentando regular um pouco à dinâmica do debate, foram cuidando do seu fechamento. Agradeceram ao pessoal do NAD pela oportunidade e foram se despedindo. Ressaltaram ainda ter muita coisa para se discutir sobre prostituição, patriarcalismo, machismo, feminismo, relações de gênero e tudo o que foi discutido neste debate, e que isso poderia ficar para outra oportunidade.

Disseram ainda que ficaram muito satisfeitas pois tinham conseguido concretizar o objetivo de levantar e discutir muitas questões envolvendo o tema proposto e ainda terem aprendido muito com as intervenções de todos que participaram.

Depois disso, elas duas e a mulher negra feminista divulgaram para todos que em alguns minutos um grupo de mulheres prostitutas (que estavam participando de outro evento) iria encenar uma peça teatral sobre a vida das prostitutas na área frontal do SESC, convidando assim todos para assisti-las.

⁹⁹ O debate deve ter durado cerca de uma hora e meia.

Logo em seguida Neurótico as agradeceu a presença das duas em nome do pessoal do NAD, agradecendo também a presença de todos os presentes. Muitos dos debatedores fizeram agradecimentos às incentivadoras do debate e então uns começaram a se dispersar, outros foram cumprimentá-las mais pessoalmente.

Neste momento me aproximei das incentivadoras do debate para parabenizá-las pela atividade, dizendo-lhes que tinha gostado muito, e acabei puxando um pouco de conversa com a militante da ONG Amazonas.

Em determinado momento da ligeira conversa que tivemos¹⁰⁰, enquanto lhe dizia que os anarco-punks eram muito abertos a estes e outros tipos de intervenção, e que elas sempre seriam bem vindas entre eles, ela me disse que percebeu muito ligeiramente, logo que os conheceu, que eles tendem sempre a apoiar todos os tipos de grupos sociais excluídos e oprimidos, percebendo no discurso deles uma clara oposição ao patriarcalismo e ao machismo. Ressalvou, porém, sem estarmos na presença de nenhum dos anarco-punks ou punks presentes no evento, que percebera uma incompatibilidade estrutural no interior do coletivo NAD, que não tem uma só mulher anarco-punk¹⁰¹.

Neste momento da conversa, em que a mulher negra e feminista estava presente, a integrante da Amazonas acrescentou ainda que sempre percebeu constante presença de mulheres jovens e adolescentes em eventos promovidos pelo pessoal do NAD, ressaltando que as mulheres geralmente gostam muito de estar onde tem muitos homens, comentário que contou com a concordância da feminista negra¹⁰², fazendo-me refletir sobre esta curiosa questão de gênero intrínseca ao coletivo NAD e no meio anarco-punk de João Pessoa, se lembrarmos das críticas e do sentimento de solidão revelados pelo texto “Anarco-feminismo é Clube da Luluzinha??”, lido e debatido no debate sobre anarco-feminismo no 2º Encontro de Confraternização Anarco-punk à Nível Nordeste, o que daria uma outra pesquisa.

¹⁰⁰ A conversa não durou mais do que dez minutos.

¹⁰¹ Embora eu já tenha percebido a presença de algumas mulheres punks, anarco-punks ou não em alguns dos eventos e situações mais informais em que avistei o pessoal do NAD, desde os tempos em que ainda se chamavam CRL, ainda não tive conhecimento de que uma mulher que se assumiu como anarco-punk tenha integrado o coletivo.

¹⁰² Quando conversávamos neste momento a militante da Amazonas falou também comigo, pois eu estava com elas conversando, porém, estava falando mais com a feminista negra e em tom de conversa de comadre, como se dividisse sentimentos e impressões femininas. Foi dessa maneira que a militante da Amazonas falou mais ou menos assim:- Num lugar como esse onde tem tanto homem qual é a mulher que não gosta de estar? E a feminista negra afirmou concordando: É!

Em determinado momento, a conversa com a militante da Amazonas e a feminista negra foi interrompida por pessoa que vieram conversar conosco fazendo com que mudássemos de assunto, também pelo começo da encenação da peça das prostitutas que fomos assistir.

Assisti algumas passagens da peça intercalando-as com eventuais pequenas conversas que tive com alguns conhecidos.

Um pouco depois do término da encenação da peça despedi-me do pessoal do NAD, sobretudo de Neurótico e do Mago, os que eu mais conhecia até então, também de algumas outras pessoas que participaram deste primeiro dia do evento e fui-me embora dizendo que voltaria no dia seguinte.

Por motivos que revelarei mais à frente, não pude observar por completo toda a programação do segundo dia desse evento, porém não deixei de fazer observações e registrar no diário de campo os momentos preliminares e uma interessante primeira parte do debate sobre contracultura que se deu neste dia, as quais me revelaram interessantes aspectos do caráter intelectual do anarco-punk provocador do debate com relação à conceituação da contracultura e sua visão da academia, bem como sobre a própria estruturação organizativa e da dinâmica de participação dos envolvidos no debate, que não poderiam ser desperdiçadas ou passadas como despercebidas nessa pesquisa.

Para o segundo dia do evento estavam programados além da exposição de materiais também um debate sobre contracultura e por ultimo uma gig com algumas bandas anarco-punks, incluindo a Desgraça Sonora, a C.U.S.P.E. (Condenados Unidos São Potências Extremas, a antiga Condenados Unicamente a Serem Pobre e Enjeitados¹⁰³), de Campina Grande-PB e a Discarga Violenta, de Natal.

No dia 29, chegando ao local do evento por volta das 15h00min lá já estavam alguns dos integrantes do NAD, um rapaz que aqui chamarei de Tentativily (ex-membro do CCS e estudante universitário) e alguns punks e anarco-punks de Natal, que iriam se apresentar com suas bandas à noite na gig.

Marcado para começar às 15h00min o debate sobre contracultura só teve início por volta das 16h40min e teve como incentivador o guitarrista e vocalista da Discarga Violenta, que é participante do movimento punk desde os primórdios do movimento em João Pessoa, em 1984,

¹⁰³ Segundo Ieda Euma Fontes (2006), esta última nomenclatura era o que dava significado à sigla C.U.S.P.E. na época inicial da banda. Posteriormente a nomenclatura da banda foi mudada por seus integrantes, porém conservando a sigla.

e já foi militante do extinto CCS de João Pessoa durante a segunda metade da década 1990 e início da primeira década de 2000.

Enquanto não se iniciava o debate sentei numa cadeira para conversar um pouco com Tentativily e o incentivador do debate. Ambos são estudantes de graduação em ciências sociais, na UFPB e UFRN respectivamente. Daí eles me perguntaram como é que está o andamento do meu mestrado e eu perguntei como estão nos seus cursos de graduação e “por aí vai”.

Respondi sucintamente que estava pagando os créditos das cadeiras neste ano e que iria começar a escrever a dissertação no próximo ano, sobre um estudo da organização e da dinâmica da participação nas atividades organizadas pelos anarco-punks de e em João Pessoa. Tentativily nos contou que sua monografia trataria de manifestações culturais populares num bairro de João Pessoa. Já o nosso colega anarco-punk da Discarga Violenta, provavelmente me soltando uma crítica indireta, falou que quando fosse escolher algum tema para monografia iria tratar criticamente de algo sobre a organização e disciplina da academia, fazendo a questão de frisar que não queria transmitir para a academia conhecimentos sobre o anarquismo, talvez querendo com isso dizer (acho eu) que estaria doando munições ou mantimentos ao inimigo, ao seja, ao sistema.

Enquanto conversávamos, passou a me incomodar a presença de um homem moreno claro e alto aparentando quase cinqüenta anos, que sentado numa cadeira próxima ao nosso pequeno circulo de conversa nos olhava de vez em quando prestando atenção em nossa conversa como quem estava curioso para saber o que conversávamos. Em tom de brincadeira chamei a atenção de Tentativily para o homem, dizendo-lhe que ele estava prestando atenção na nossa conversa e pedi para que ele desse uma observada no homem disfarçadamente. Depois de olhá-lo perguntei se o homem podia ser um policial federal disfarçado, e então ironicamente caímos na risada.

Em determinado momento de nossa conversa falei que não poderia ficar muito tempo hoje no evento e que por isso não prestigiaria a gig e nem boa parte do debate, neste momento o anarco-punk incentivador do debate retrucou de maneira que me pareceu tanto lamentosa quanto disciplinar, falando mais ou menos o seguinte: - Mas rapaz, logo você que estuda contracultura e poderia contribuir e aprender com a discussão. Expliquei-lhe então que iria viajar no dia seguinte para participar do II Congresso Nacional do Programa Conexões de

Saberes no Rio de Janeiro e ainda precisava entrar em contato com algumas pessoas e arrumar malas.

Por volta das 16h40min começaram os preparativos finais para o início do debate. Como de costume entre os anarco-punks as pessoas arrumaram as cadeiras em forma de um grande círculo, de modo que todos possam se enxergar e a estrutura do debate fique o mais horizontal (igualitária) possível, com o mínimo possível de centralismo de atenção sobre alguém (por exemplo, o próprio provocador do debate). Assim como acontece em muitas oportunidades de debates por eles promovidos, o círculo inicialmente formado ficou pequeno para a quantidade de pessoas que queriam participar. Desta forma, assim como acontece habitualmente, as pessoas foram abrindo mais o círculo para que outras pudessem inserir mais cadeiras e se sentarem, inserindo-se e participando desse tipo de debate onde a atenção sobre o provocador do debate é bem mais diluída, e o poder de intervenção em todos os participantes é bem mais fortalecido, do que nos debates característicos de organizações burocráticas (exemplo: partidos políticos de direita e de esquerda).

Presentes no círculo de cadeiras do debate estavam pessoas integrantes do NAD, curiosos e simpatizantes da cultura punk e do anarquismo, além do homem que observava minha conversa com Tentativily e o incentivador do debate.

Para iniciar o debate Neurótico, mais uma vez, talvez por ser o militante mais experiente dentre os integrantes do N.A.D., anunciou que teríamos a partir daquele momento um debate sobre contracultura tendo como incentivador o vocalista da Discarga Violenta, passando para este a palavra.

Neste momento o incentivador apresentou-se falando o seu nome, dizendo em seguida que traria a tona da discussão alguns tópicos sobre os diferentes conceitos de contracultura e a história de movimentos contraculturais, somente para provocar a discussão, uma vez que todos que se dispusessem poderiam com ela contribuir com seus questionamentos e as informações que possuem.

O provocador do debate sugeriu então que cada pessoa presente no círculo do debate se apresentasse falando um pouco de si e de seu interesse no debate. Durante esta rodada inicial de apresentações cada um (a) ia dizendo o seu nome e falando sua denominação ideológica e cultural ou outras (punk, anarquista, anarco-punk), sua profissão, dizendo-se simpatizante da

ideologia anarquista ou da cultura punk, dizendo estar (curiosos) querendo aprender mais sobre estas coisas, ou simplesmente falando o nome e passando a vez.

Algumas pessoas que não se sentaram por falta de cadeiras, mas que estavam interessadas em participar do debate e ficaram de pé ao redor do círculo de cadeiras, também se apresentaram tal como ou outros.

Durante a rodada de apresentações, me apresentei como ex-militante do CCS e antigo conhecido e freqüentador do meio anarco-punk da cidade, estudante de mestrado em sociologia e pesquisador da cultura anarco-punk¹⁰⁴. Para a minha surpresa, quando o homem que espiava a minha conversa com Tentativily e o incentivador do debate apresentou-se, revelou que tinha militado durante muito tempo em coletivos anarquistas de São Paulo, disse que atualmente estava morando em João Pessoa por motivos de trabalho e estava ali porque queria saber o que é que estava rolando sobre anarquismo em João Pessoa.

Terminado este ponto inicial, o provocador do debate levantou alguns pontos sobre as origens da contracultura contestando a versão do senso comum que situa o surgimento da contracultura nos anos sessenta e a partir do advento do movimento hippie, explicando que a contracultura já existia desde a década de quarenta e a partir do surgimento do movimento existencialista, passando pelo movimento beatnik nos anos cinqüenta, ambos oriundos dos Estados Unidos.

Este tipo de concepção histórica, razoavelmente aprofundada, do surgimento das contraculturas juvenis contemporâneas não é comungado por todos da cena anarco-punk de João Pessoa, mas, de certa parcela que se preocupa em estudar autodidaticamente sobre tal processo. Todavia, em situações como estas e através de conversas que tem entre si um número cada vez maior de pessoas da cena ficam sabendo destas versões não-oficiais e que são geralmente mais creditadas pelos indivíduos do meio.

Prosseguiu falando também de alguns movimentos de contracultura europeus e anteriores ao punk, como o movimento original dos skinheads¹⁰⁵, surgido na segunda metade da década de cinqüenta, e outros que existiram nas décadas de sessenta e setenta, como o situacionismo e o movimento fluxus, dentre outros. Demonstrando assim um amplo domínio de informações.

¹⁰⁴ Expondo assim os papéis que desempenhei no meio anarco-punk durante a pesquisa.

¹⁰⁵ Que no seu início não tinha nenhuma proximidade com o nazismo.

Em seguida, foram expostos, também de maneira crítica, alguns dos estilos de se conceituar a contracultura, onde além de o incentivador denunciar que muitas vezes atribuem o surgimento da contracultura ao movimento hippie, tendendo também a falar de contracultura no passado, como se manifestações de tal natureza não mais existissem. Denunciou ainda que a maioria dos pesquisadores estudiosos da contracultura confunde muito suas manifestações com as provenientes da cultura de massas.

Por volta das 17h30min, um pouco antes de eu me ausentar do evento e quando já não estava mais sentado no círculo de cadeiras do debate, mas sim num batente lateral da área, Rogério¹⁰⁶ e um rapaz baterista de Campina Grande, ambos integrantes da banda C.U.S.P.E., acabavam de chegar. Cumprimentei-os rapidamente dizendo que estava de saída e explicando os já mencionados motivos porque não poderia ficar para a gig e ligeiramente me despedi deles.

Com alguns gestos e acenos despedi-me de Neurótico, Tentativily e do incentivador do debate e fui embora certo de que tinha valido apenas ter observado pelo menos parte dos preparatórios e do debates, pois disso poderia coletar e aproveitar bons dados para melhor entender o ideário anarco-punk.

3.3 - “Palestras”-Debates

O termo “palestra(s)”-debates, com (ou sem) a(s) palavra(s) “palestra(s)” entre aspas, será aplicado aqui no sentido de observar o distanciamento de sentido e estilo organizativo existente entre as palestras convencionais - dotadas de elementos e aspectos ordenadores e reguladores da participação - e as organizadas pelos coletivos anarco-punks observados que, na realidade, se configuram de maneira bem mais informal do que os estilos de palestras mais convencionais realizadas por organismos empresariais e político-partidários (de direita e esquerda).

Na prática, as “palestras”-debates organizadas pelos coletivos da cena anarco-punk de João Pessoa configuram-se como debates, embora às vezes chamados de palestras pelos anarco-punks nos cartazes de divulgação das atividades e eventos que organizam. Todavia, esta

¹⁰⁶ Anarco-punk e antropólogo pesquisador do movimento operário anarquista do Brasil, professor da UFCG.

denominação tem caído em desuso gradativamente ao longo dos anos, cedendo espaço para a denominação debate(s), que melhor representa a configuração de tal tipo de atividade.

Foram observadas três “Palestras”-debates. Uma delas, em março do ano 2000, teve como objetivo reunir movimentos, entidades e ativistas sociais para se unirem em protesto contra as festividades comemorativas dos quinhentos anos do Brasil, e as outras duas sobre pedagogia libertária e anarco-feminismo, durante o 2º Encontro de Confraternização Anarco-punk à Nível Nordeste - Julho/2000.

No dia 23 de março de do ano 2000, uma quinta feira, realizou-se no auditório da A.P.I. (Associação Paraibana de Imprensa) uma palestra intitulada Contra a Farsa dos Quinhentos Anos.

A palestra teve seu horário marcado para as 19h00min, mas só se iniciou às 19h30min. Para esta palestra estavam anunciados como palestrantes o anarquista Paulo Marques, integrante do N.P.A. (Núcleo de Propaganda anarquista de João Pessoa), o também anarquista e professor de antropologia da atual UFCG (então UFPB Campus – II) Rogério Nascimento, Luciano do MEL (movimento do Espírito Lilás) e um integrante do movimento negro que não compareceu à palestra.

A palestra teve como objetivos principais a exposição de visões críticas do período pós quinhentos anos da chegada das caravelas do império português no território que hoje conhecemos pelo nome de Brasil. Outra finalidade da palestra era expor para o público presente as intenções, por parte de alguns movimentos sociais, entidades e indivíduos da cidade, de organizar um comitê de repúdio e protesto à ação da mídia de encobrir com ações festivas a história de tragédias e desigualdades sociais pela qual passou e passa a sociedade brasileira durante estes cinco séculos de sua existência.

Ao chegar ao auditório da A.P.I., por volta das 18h45min, lá já se encontravam alguns integrantes do CCS, os palestrantes e algumas pessoas da platéia. Cumprimentei a todos os que conheciam e comecei a conversar com dois dos palestrantes, Rogério Nascimento e Paulo Marques. Uma vez que não sou tão estranho ao meio anarco-punk e os conheço há muitos anos, começamos a conversar um pouco sobre as nossas vidas pessoais, entrado, em seguida no assunto sobre a possibilidade e viabilidade de formação de um comitê crítico aos processos comemorativos dos quinhentos anos do Brasil orquestrados pela mídia e o Estado brasileiro, uma vez que a organização desta palestra veio a acontecer influenciada por trocas de idéias

entre pessoas de algumas entidades e movimentos sociais, como C.C.S., o M.EL e o Movimento Negro, que sentiram a necessidade de trazer à tona uma discussão crítica sobre estes processos.

Podemos perceber desta forma o afastamento dos anarco-punks com relação às formas mais tradicionais de se fazer política e sua aproximação e “aliança” estratégica e eventual com movimentos, entidades e grupos sociais que lutam por causas e liberdades específicas (no caso, étnica e sexual) com as quais também se identificam, compartilhando também com estes grupos sociais militantes uma visão crítica com relação ao clima de alienação promovido pela mídia e o Estado brasileiro por ocasião das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento do Brasil. Estratégia atuações e lutas com trocas mútuas apoio e solidariedade característica dos “novos movimentos sociais”, como diria Melucci.

Segundo o pessoal do CCS, tais pessoas, inclusive eles mesmos, já haviam considerado algumas possibilidades de intervenção social por parte do possível futuro comitê, tais como, realização de palestras, entrevistas às rádios e tevês, manifestações de rua, passeatas e atos públicos, dentre outras formas de manifestações contrárias às comemorações festivas promovidas pela mídia e o Estado brasileiro que procuravam passar para a população a crença no mito da democracia racial, encobrendo a realidade de discriminações e desigualdades que assola a sociedade brasileira.

O público presente na palestra era constituído de pessoas do meio anarco-punk, jovens rockeiros, pessoas do Movimento Negro e do MEL, alguns jovens e adultos militantes de partidos de esquerda e algumas feministas, totalizando aproximadamente de vinte e cinco a trinta pessoas.

Como de costume em ocasiões de organização de atividades dos anarco-punks, e deles em conjunto com seus potenciais ou eventuais aliados, a ordem de intervenção dos palestrantes se deu de maneira bastante espontânea e improvisada no momento do início da palestra, iniciando-se com Luciano do M.E.L., que foi sucedido por Paulo Marques, e por último Rogério Nascimento.

Muito difícil, em meio a este estilo espontaneista de tomada de decisões (e em situações de atividades protagonizadas pelos anarco-punks, conjuntamente com outras entidades movimentos sociais), é saber até que ponto isso se dá devido à influência dos anarco-punks (pela influência de sua atuação política anarquista) na organização dessas atividades ou se é

uma característica inerente às formas de atuações conjuntas dos chamados “novos movimentos sociais”, nos quais Melucci atesta uma maior diluição da autoridade e das lideranças e um ambiente propício à preponderância da democracia.

Em sua exposição de pouco mais de dez minutos Luciano, como os outros dois depois dele, teceu uma esplanção geral crítica sobre a questão do “descobrimento” do Brasil, apontando as atrocidades cometidas pelos primeiros europeus que aqui chegaram contra os nativos, como, por exemplo, os etnocídios cometidos contra a população local e a escravidão contra indígenas e negros, a expulsão dos nativos de seus próprios locais de nascimento, a imposição e repressão religiosa, dentre outras.

Luciano dissertou um pouco, assim como os outros dois palestrantes, sobre a questão da escravidão dos negros no Brasil tecendo também alguns comentários sobre a discriminação sexual para com os homossexuais no país ao longo desses quinhentos anos, trazendo um pouco a problemática para os dias atuais e citando relações sociais da contemporaneidade.

Depois de ter falado o primeiro palestrante foi à vez do membro do N.P.A., Paulo Marques, que falou por aproximadamente quarenta minutos. Em sua falação, Paulo, que é historiador, além de ter dado uma esplanada geral crítica na história do Brasil, passando pelos períodos da colônia, império e república, teve a preocupação de dar ênfase ao relato de lutas armadas e outros tipos de resistências proferidas pelos nativos na fase inicial da colonização, como a fuga para lugares mais remotos e longe dos colonizadores, como os sertões e outras áreas interioranas.

Até mesmo a catequização dos nativos foi citada (de maneira bem relativista), em certos casos, como uma forma de resistência, uma vez que os nativos que se catequizavam pelo menos sobreviviam, “não eram escravizados” e “não sofriam grandes maus tratos”.

Por ultimo foi a vez de Rogério Nascimento que também falou por aproximadamente quarenta minutos. Em sua exposição, Rogério fez considerações sobre a denominação pejorativa e generalista do índio brasileiro, denominação esta que foi idealizada e instituída pelos colonizadores.

Rogério Nascimento teceu também comentários sobre a Lei Áurea que apenas, em sua opinião, só fez mascarar a escravidão, incluindo na esfera da escravidão capitalista além dos negros, também os brancos, os índios e os mestiços, que se submeteram ao trabalho assalariado sob as regras dos padrões burgueses, regras estas que são ditatoriais e exploratórias.

Rogério levantou ainda questões sobre o período republicano e seu caráter social opressor e desigualitário. Falou da concepção de liberdade dos anarquistas aludindo ao pensamento de Bakunin, pensador clássico do anarquismo, que via a liberdade como uma construção social onde as liberdades individuais ao se somarem, sem se ferirem por autoritarismos ou explorações, criam sociabilidade, se engrandecem cada vez mais individual e mutuamente contribuindo para o engrandecimento e fortalecimento da liberdade coletiva e socializada.

Após o termino da exposição de Rogério abriu-se o debate, que não contou com a presença de todos os que estavam na parte das exposições iniciais. Pois, entre as pessoas que foram embora do auditório, a maioria eram adolescentes do meio rock alternativo que fazem point na lagoa do parque Sólon de Lucena, os quais talvez tanto pela sua condição de adolescentes como pelo adiantado da hora (já passava um pouco das dez horas), e, portanto pela necessidade de apanhar talvez o último ônibus para seus bairros, tiveram que se ausentar do debate.

Porém, depois do termino do debate, que não durou tanto por causa do adiantado da hora, algumas das pessoas da platéia fizeram intervenções, mas sem que em suas falas fizessem nenhum questionamento, em vez disso, fizeram elogios à iniciativa dos organizadores e palestrantes e apoiaram a causa da formação de um comitê contra a farsa dos quinhentos anos de descobrimento do Brasil perante a ação do Estado e da imprensa.

Depois de algumas trocas de idéias entre organizadores, palestrantes e o público ficaram decididos um dia e o local para uma reunião dos interessados na organização de um comitê.

Marcou-se uma reunião para o dia 29 do mês de março às 19h00min no Teatro Ciláio Ribeiro e assim encerrou-se a palestra.

Aqui e agora cabe uma ressalva sobre esta “palestra” no sentido de tentar esclarecer questões relativas às características inerentes a ela e à cultura anarco-punk. Palestra esta, que, no meu modo de ver, teve mais a forma de uma palestra-debate (ou de debate mesmo), pelo modo não-burocrático como se desenrolou e pelo modo como a platéia participou, às vezes interferindo nas falas dos palestrantes, sem que recebessem nenhum tipo de repressão em proceder dessa maneira. O que atesta a valorização, por parte dos anarco-punks e seus aliados, desse estilo anárquico e não-burocrático de organização política - valendo-se apenas de uma organicidade simplificada, com divisão de papéis bastante horizontalizante - nas ocasiões das

atividades que protagonizam, como bem podemos observar nestas passagens do item AVALIAÇÃO DO ENCONTRO, presente no Relatório do 5º Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste¹⁰⁷, realizado em João Pessoa, entre 22 e 25 de dezembro de 2001:

Na avaliação foi unânime a opinião de que o encontro foi produtivo, principalmente por não ter perdido tempo com burocracias **características de organizações de esquerda**, como: mesa diretora, controle do tempo e inscrição para a fala, etc... as discussões fluíram muito bem sem esses tipos de artifícios (Relatório do 5º Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste, João Pessoa, dez., 2001, grifos nossos).

E acrescentam:

Outro avanço do encontro foi o fato de não ter existido aquela velha cobrança para a participação de tod@s¹⁰⁸ @s presentes nas discussões, quem participou (grande maioria d@s presentes) fez isso de forma espontânea e efetiva (Relatório do 5º Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste, João Pessoa, dez., 2001, negritos nossos).

Nestas passagens, podemos perceber a franca e aberta oposição unânime aos modos de organização burocráticos tradicionais e, onde citam como exemplo as organizações de esquerda, dotadas de cargos hierárquicos e aspectos reguladores da participação, além da valorização de uma participação espontaneísta em meio às atividades organizadas no evento.

No dia 14 de julho do ano 2000, uma sexta feira, realizou-se o primeiro dia do 2º Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste. O local do encontro foi a sede sociocultural do DCE da UFPB Campus-I, em João Pessoa.

Segundo informações que obtive conversando com membros do CCS de João Pessoa, este espaço foi conseguido através de uma anarco-punk integrante do CCS que é estudante do curso de jornalismo e conhece algumas pessoas do DCE e, talvez gozando de certo grau de bom relacionamento com pessoas integrantes desta entidade estudantil, conseguiu a liberação deste espaço durante um final de semana para a realização desse encontro.

¹⁰⁷ Anexo nº 5 desta dissertação.

¹⁰⁸ O uso da arroba, como neste caso, é de uso muito freqüente entre os anarco-punks, tem sentido libertário e é presença muito marcante nos seus zines, panfletos e outros instrumentos de comunicação por eles escritos. Procuram assim referir-se simultaneamente a indivíduos dos sexos masculino e feminino, com o intuito de contribuir o máximo possível para o estabelecimento de uma igualdade cada vez mais crescente entre homens e mulheres nas suas relações de gênero. Completa o sentido libertário da aplicação da arroba, neste e em semelhantes casos, o fato de a arroba lembrar, em seu formato, uma letra “a” circulada que representa simbolicamente o anarquismo. Ideologia esta que é influência manifestamente receptiva dos anarco-punks e que prega entre outras liberdades sociais a que advém da igualdade nas relações de gênero. Com o intuito de mergulharmos o mais compreensivamente possível no universo de sentidos dos anarco-punks procurei transmitir, através do uso da simbologia da arroba, a manifestação desta estratégia libertária de signos e símbolos por eles utilizadas com estes intuitos, sempre que percebê-la nas entrelinhas de seus discursos ou estiverem presentes nos seus escritos, logotipos de bandas ou grupos de militância, etc.

Isto nos faz lembrar as teorizações de Joseph Huber (1985) sobre o conceito de autonomia relativa que ele cunhou ao estudar os movimentos alternativos europeus, para designar certa condição de autonomia parcial/relacional e não total daqueles movimentos com relação às instituições estatais ou à iniciativa privada, e o qual pode ser aplicado na análise da cultura anarco-punk nos momentos em que eles organizam seus eventos e atividades recorrendo ao apoio de iniciativas privadas, instituições ou entidades ligadas ao Estado, como nessa ocasião.

Desde já, torna-se oportuno destacar que, embora contando com a realização de debates abordando temas sociais, não houve ampla divulgação deste encontro através da colagem de cartazes ou outras formas de propaganda por parte do CCS.

No folder do encontro, a programação para este primeiro dia do encontro estava montada da seguinte maneira: 08h00min às 12h00min – chegada dos participantes; 12h00min às 14h00min – almoço; 14h18min – informes e oficina de dinâmica de relacionamento em grupo, organizada por uma jovem anarquista de Natal-RN; 18h00min às 19h00min jantar e das 19h00min às 22h00hmin as palestras sobre pedagogia libertária, que teve como palestrante o anarquista Paulo Marques, militante do N.P.A. (Núcleo de Propaganda Anarquista de João Pessoa), e sobre anarco-feminismo que, apesar de na programação só constar o nome de uma militante do CCS como incentivadora, contou também com a participação de uma anarco-punk de São Paulo e da anarquista de Natal, que também organizou a oficina acima mencionada.

Já na parte da noite desse primeiro dia do evento, e ao chegar à hora das “palestras”-debates, notou-se que alguns dos participantes não se encontravam no local do encontro. Corriam rumores de que os dois integrantes do M.A.P. da Bahia e alguns outros (anarco) punks daqui de João Pessoa e outros estados estavam bebendo em bares próximos à universidade. Foi então que um dos anarco-punks integrantes do CCS e outro de Petrolina foram tentar chamá-los para participarem das palestras, porém sem sucesso, uma vez que muitos argumentaram que não queriam participar dessas atividades, uma vez que num encontro de confraternização o clima deveria ser mesmo de confraternização.

Percebe-se assim a recusa de certa parcela dos indivíduos participantes do encontro em participar de atividades de discussões sociais das quais outros se propõem. Para os primeiros, a finalidade do encontro era mesmo a confraternização, o estar juntos e se divertindo em situações mais lúdicas. Percebe-se que as propostas de organização e ações coletivas

acontecem, mas são, vez por outra, esvaziadas ou tencionadas pelos interesses e desejos dos indivíduos e de grupos que coexistem na cena a cena.

Enquanto isso se iniciava a primeira das palestras da noite sobre pedagogia libertária, proferida por Paulo Marques, integrante do Núcleo de Propaganda Anarquista de João Pessoa. Em sua exposição ele falou durante aproximadamente cinquenta minutos sobre os primeiros passos da pedagogia libertária; a influência do pensamento de alguns clássicos do anarquismo, entre eles Mikhail Bakunin e Pierre Jeoseph Proudhon, na pedagogia libertária; as contribuições que a pedagogia e os pedagogos libertários deram para a educação escolástica¹⁰⁹ e outros temas e fatos que remetem à história da pedagogia libertária, como a tentativa de muitos setores e grupos sociais como os burgueses, eclesiásticos e militares para tentar apagar a memória da pedagogia libertária, tentando criar condições para melhor dominar e oprimir as classes menos privilegiadas do sistema capitalista em vários países.

O palestrante falou ainda em experiências de pedagogia libertária no passado e até mesmo na atualidade em alguns países do mundo, inclusive no Brasil. Também das perseguições e outras conseqüências a que foram submetidos os pedagogos libertários, como em casos semelhantes ao de Francisco Ferrer y Guardia, que foi executado por teorizar e propagar a pedagogia libertária na Espanha.

Depois da exposição do palestrante, iniciou-se um instigado debate em torno do tema e questões por ele levantados e de dúvidas e contribuições dadas pelos participantes do debate. Nestes momentos são feitos alguns questionamentos ao puxador do debate, são expostas dúvidas diferentes pontos de vista pelos participantes do debate sem que se marque tempo para as considerações de cada um. Todavia, se alguém acaba falando muito, sua atenção pode ser chamada por qualquer dos outros participantes no sentido de concluir mais rapidamente as suas considerações, de modo que não acabe por centralizar ou monopolizar o debate. Mais um dos recursos de organicidade simplificada/minimizada do estilo de atuação anarco-punk para rechaçar as práticas de centralização e burocratização dos tipos convencionais de organização.

A essas alturas, quando já passava da metade da discussão posterior à exposição de Paulo Marques, chegavam ao local punks e anarco-punks da cidade de Natal acompanhados da turma que estava bebendo fora da universidade. Neste momento muitos dos que chegavam

¹⁰⁹ Como a proposta da educação integral, incluindo a educação física, e a proposta de juntar pessoas dos sexos masculino e feminino na mesma sala de aula.

estavam aparentemente embriagados e, como estavam falando muito alto, as conversas paralelas fizeram muito barulho tirando a tranquilidade, a concentração, e prejudicando o andamento das discussões, obrigando alguns dos participantes a chamar a atenção por algumas vezes no sentido de se conseguir silêncio para se poder dar prosseguimento¹¹⁰.

Enquanto isso, eu observava a tudo atentamente sem intervir nas tensões. Percebi que aquela situação causou uma mistura de embaraço, tristeza e revolta entre o pessoal da roda do debate, que pediu silêncio por algumas vezes, mas conseguiu terminar os debates sem discussões mais diretas, profundas ou acirradas com o pessoal que acabara de chegar.

Além dos militantes presentes (anarco-punks, punks, anarquistas e libertários sem rótulos) também havia uma simpatizante que lá estava desde a hora dos informes, e três estudantes de biologia, um brasileiro e um casal de estudantes franceses, que estavam estagiando durante alguns meses na UFPB, mas não permaneceram muito tempo no local e pouco participaram da discussão, não fazendo muito mais do que elogiar a iniciativa dos anarco-punks e perguntar desde quando o movimento punk chegou aqui em João Pessoa.

Uma presença muito marcante nesta noite foi a do pai de um dos anarco-punks integrantes do CCS, que chegou ainda na parte expositiva da primeira palestra e procurou se enturmar com a roda de participantes. Assumiu-se como marxista de formação libertária e contribuiu com a discussão das duas palestras fazendo fluentemente interessantes intervenções em ambas.

Pude perceber que apesar das diferenças de idade e de formação intelectual existentes entre este homem e o resto dos debatedores¹¹¹ ele foi muito bem aceito e mesmo querido entre eles, como fez questão de afirmar um anarco-punk de São Paulo.

Nesta época, o contato com os chamados “marxistas libertários” já era uma coisa comum entre os anarco-punks e anarquistas de alguns estados do nordeste, fato que tinha desmistificado um pouco entre eles¹¹², a predominante opinião de que todo marxista é

¹¹⁰ É interessante lembrar que um dos integrantes do CCS fez uma tentativa de convidar os que estavam bebendo para participar da palestra-debate, porém, sem sucesso.

¹¹¹ O homem aparentava pouco mais de cinquenta anos, enquanto o restante dos debatedores era composto de adolescentes e pessoas entre dezoito e vinte e quatro anos, talvez o mais velho tendo trinta anos.

¹¹² É claro que tanto entre os anarco-punks quanto entre anarquistas existem desconfianças e ceticismos com relação à real libertariedade de certos marxistas que se assumem como libertários. Há os que pensam que isso é fase passageira e acham que estas pessoas não passam de ditadores em crise que depois, quando conveniente, voltarão a defender antigas posições autoritárias e vanguardistas características do marxismo clássico, mas outros apostam que pessoas que vem de uma formação político-intelectual do lado marxista do socialismo podem chegar

necessariamente um autoritário, vanguardista e ditador estatizante por excelência, uma vez que por estas datas o forte movimento autônomo-libertário de Fortaleza, juntamente com grupos e indivíduos autônomos e libertários dos estados do Nordeste, pensava na criação de uma rede de solidariedade e troca de experiências a nível regional, e militantes marxistas libertários de Fortaleza muito críticos do leninismo, stalinismo e trotskismo, mais aproximados das propostas de autogestão e federalismo, e valorizadores de discussões sobre relativismo cultural, relações de gênero e liberdade sexual, trocavam idéias com os anarco-punks e faziam planos de trocas de experiências de militâncias e organização de manifestações sociais simultâneas em seus respectivos estados. Fato que comprova uma atitude de relativa tolerância na militância anarco-punk e uma razoável abertura para o diálogo e a negociação com tendências políticas diferenciadas das mais convencionais.

Depois da palestra sobre pedagogia libertária chegou à vez da palestra sobre anarco-feminismo, puxada por uma anarco-punk integrante do CCS com a colaboração de outra anarco-punk de São Paulo e da anarquista de Natal, que já havia ministrado a oficina com a dinâmica de grupo¹¹³.

Logo de início, a puxadora do debate distribuiu e em seguida leu coletivamente um texto intitulado “Anarco-feminismo é clube da Luluzinha??”¹¹⁴, o qual falava um pouco do caráter anarco-feminista de atuação social expondo sua contraposição em relação ao feminismo tradicional/convencional.

As críticas, neste texto, ao feminismo convencional traduziam-se em: repúdio à exclusão da participação e conversação com os homens em debates sobre questões de gênero; a luta pelo poder por parte das mulheres ou pela inversão do gênero dominante e à mera luta por cargos políticos. Aspectos de ideário que refletem o desprezo das anarco-feministas com relação a estes procedimentos e atitudes que consideram improdutivos e obsoletos para a luta pela emancipação feminina, que no entender delas pressupõe uma cultura relacional igualitária entre mulheres e homens no cotidiano atual.

Neste mesmo texto a anarco-punk do CCS denunciava ainda o seguinte sobre o seu próprio meio:

a concepções político-ideológicas libertárias muito semelhantes às de pessoas oriundas da tradição do pensamento anarquista.

¹¹³ Tópico 3.8 deste capítulo, a partir da página 136.

¹¹⁴ Anexos N°1.

Temos que reconhecer que mesmo em espaços libertários, nós somos esquecidas, pouco mencionadas e devido a isso, alguns homens anarquistas não dão importância a nossos trabalhos. Nossa luta. Como também algumas mulheres anarquistas agem de forma machista e não se reconhecem como agentes da revolução, apenas receptoras (Anarco-feminismo é clube da Luluzinha?!, panfleto, s/d).

O texto ainda ressaltava que:

O anarco-feminismo trouxe e colocou em pauta questões importantes, e creio, pouco ou nem discutidas no meio anarquista, como relacionamentos, homossexualismo, amor livre, aborto, saúde e participação da mulher na vida partidária, sexualidade, entre outros campos (Anarco-feminismo é clube da Luluzinha?!, panfleto, s/d).

Pra mim foi notória a relativa nostalgia e sentimento de solidão e decepção transparecido pela leitora do texto e puxadora do debate em certas passagens. O quinto parágrafo do texto, dizia ela: “... Mas preciso conversar com mulheres, sinto falta de mulheres, principalmente aqui em João Pessoa que, que sou apenas eu de menina atuando no movimento” (Anarco-feminismo é clube da Luluzinha?!, panfleto, s/d). Estes e outros aspectos se encontraram no texto e na leitura coletiva que a puxadora do debate proferiu no início da palestra.

Após a leitura do texto, com a intercalação de algumas ressalvas feitas pela incentivadora do debate em seu decorrer, bem como algumas pequenas intervenções das outras duas que auxiliaram, num clima de desabafo, e após algumas colocações e discursos por parte das três, elas pediram a colaboração dos homens presentes no ciclo da palestra, bem como que expressassem suas opiniões sobre o que leram.

Daí por diante, além da discussão de vários pontos do texto, surgiram ainda discussões sobre o machismo e o feminismo (bastantes críticas, diga-se de passagem); a relação entre homens e mulheres na sociedade e no movimento libertário em geral; o culto do macho na sociedade (entre homens e mulheres); o sofrimento das mulheres e o dos homens com o machismo; questões pertinentes à sexualidade e aos papéis sociais do homem e da mulher na sociedade, dentre outros aspectos das problemáticas sociais que envolvem homens e mulheres.

Ao final da palestra-debate sobre anarco-feminismo, ou melhor, quando pelo adiantado da hora (quase 23h00min) e pelo tempo de discussão o pessoal notou que o primeiro dia do encontro estava chegando ao fim, as pessoas começaram a dizer que tinham sido muito boas as duas palestras, particularmente a segunda da noite¹¹⁵, comentavam alguns, me fazendo

¹¹⁵ Detalhe! Os que expressaram esta opinião eram todos homens, uma vez que nas duas palestras proferidas nessa noite as únicas mulheres participantes foram as três que foram as provocadoras do debate.

questionar se essa alusão de preferência se deu por ter sido a palestra sobre anarco-feminismo a última da noite, e, portanto estava mais fresca na memória de todos, ou se isso se deu como manifestação de uma necessidade muito cara ao meio anarco-punk no Nordeste, de se discutir os temas trazidos à tona por este segundo debate.

Após o encerramento desta segunda e ultima palestra da noite, foi sugerido por um anarco-punk de São Paulo, que estava participando do encontro, um abraço coletivo entre as pessoas que participaram da mesma, lembrando o final da oficina de dinâmica de grupo proferida pela tarde¹¹⁶. Depois do abraço, quando as pessoas já se preparavam para se dispersarem, o mesmo anarco-punk nos sugeriu alguns segundos do que ele chamou de “terapia do grito”, que ele disse ter aprendido em encontros anarco-punks lá em São Paulo, e que segundo ele serve para aliviar as tensões.

Gritamos por alguns segundos o mais alto que pudemos dentro da sede sócio-cultural do DCE e depois muitos de nós caímos na risada. Depois, aos poucos as pessoas foram se dispersando naturalmente, algumas indo para casa e outras saindo para passear e beber pela praia ou em bares da redondeza da UFPB.

Outros como eu, se despediam prometendo participar, no dia seguinte pela manhã, da manifestação contra as eleições e pelo voto nulo, na lagoa do Parque Sólon de Lucena, que estava prevista no folder.

E assim se encerrou a programação do primeiro dia do Segundo Encontro Anarco-punk a Nível Nordeste.

Para o segundo dia desse evento, 15 de julho de 2000, estavam programadas para a parte da tarde a palestra-debate “Anarquismo na Prática” e um “Debate Sobre Cultura Punk”, que terminaram não sendo realizadas, tanto por atraso¹¹⁷ quanto por falta de boa comunicação e voluntariedade de alguns indivíduos, uma vez que o suposto provocador do debate sobre anarquismo na prática (um membro do R.A.P.¹¹⁸ de Aracajú), que estava para ela anunciado argumentava desde a quinta feira antes do início do encontro, que apenas tinha proposto o tema

¹¹⁶ O que podemos interpretar como práticas de encenação simbólica da unidade em torno da cultura anarco-punk e da proposta de organização dos grupos e indivíduos das cenas envolvidas, no sentido de estabelecimento de um movimento anarco-punk á nível regional.

¹¹⁷ A manifestação só se iniciou propriamente às 11h00min, terminando por volta das 14h30min, quando o pessoal ainda precisava pegar ônibus para a UFPB e estavam famintos querendo almoçar ainda precisando cozinhar algumas coisas, atividades que demandaram juntas muito tempo da tarde. Somado a isso ainda tiveram o cansaço da manifestação que se realizou debaixo de forte sole calor.

¹¹⁸ Resistência Anarco-Punk, coletivo atuante em Aracajú.

e a palestra, e não se voluntariado como palestrante. Desta forma, sem incentivador o debate não aconteceu.

Quanto ao debate sobre cultura punk, ele também não ocorreu porque alguns dos integrantes do CCS não compareceram, pois uns estavam bebendo, outro talvez trabalhando ou cuidando de compromissos familiares (por isso não pode estar presente neste momento) e uma integrante do CCS não quis encarar a tarefa sozinha, uma vez que o coletivo tinha se comprometido a protagonizar o debate.

À noite, por volta das oito horas e depois do jantar, houve uma mostra de vídeos na qual foi exibido um vídeo que tinha chegado há pouco tempo na caixa postal do CCS e vindo do México.

Era um vídeo do 1º Encontro Pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, que ocorreu em 1996, na região de Chiapas, México, território insurrecional zapatista.

O vídeo foi assistido por um número bastante reduzido do total dos participantes do encontro. Isso por causa dos “problemas de dispersão” acima referidos, porém, entre os espectadores estavam anarco-punks, punks, anarquistas, libertários sem rótulos e simpatizantes.

Depois de exposição do vídeo¹¹⁹, o segundo dia do encontro teve seu termino. Algumas pessoas de João Pessoa que, não quiseram dormir no local do evento, foram para suas casas ou saíram para baladas, uma vez que não haviam atividades programadas para a manhã do dia seguinte.

3.4 - Exposição de lançamento do vídeo “Conseguiste tua liberdade, mas não tua emancipação” (Seguida de debate) – 31/08/2002.

Embora as exposições de vídeos sejam atividades não-raras na atuação da cena anarco-punk de João Pessoa, a que passo a analisar foi muito particular por expor e posteriormente discutir, pela primeira vez, um vídeo produzido por indivíduos provenientes de um coletivo anarco-punk atuante nesta cena.

¹¹⁹ Desde o início da exposição do vídeo, alguns dos (anarco) punks que estavam bebendo já tinham chegado. Estes não deram muita atenção à exposição do vídeo.

Este tipo de atividade, por vezes, como ocorreu nesta ocasião, é sucedida de discussão sobre o vídeo exposto, mas não necessária ou obrigatoriamente.

Tal como as gigs, debates e outros tipos de atividades que organizam, as exposições de vídeos dão-se como momentos nos quais simpatizantes e/ou curiosos passam a conhecer melhor as idéias e políticas (contra) culturais anarco-punks em João Pessoa.

* * *

Dia 31 de agosto de 2002, um sábado. Com horário marcado para as 15h00min, realizou-se a exposição de lançamento do vídeo intitulado “Conseguiste tua liberdade, mas não tua emancipação, produzido por anarco-punks integrantes do CCS de João Pessoa. Vídeo este que, segundo uma integrante do CCS, tem duração de aproximadamente dezenove minutos, e tem seu tema e temáticas que suscita referentes à situação social da mulher, e um teor francamente anarco-feminista, pelo tipo característico de críticas de relações de gênero e propostas de lutas político-sociais que propõe.

Lá chegando, por volta das três horas da tarde, encontrei no portão da entrada do Teatro Ciláio Ribeiro, local da exposição ¹²⁰, um dos anarco-punks integrantes do CCS. Cumprimentamos-nos e então perguntei pelo resto do público da exposição do vídeo, pois depois da exposição estava programado um debate sobre as impressões acerca do mesmo, tal como constava no cartaz de propaganda do evento, o qual eu tinha visto dias antes pelos corredores do CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) da UFPB.

O rapaz então me respondeu, entre goles da garrafa de cerveja longneck que estava bebendo e me ofereceu, que algumas pessoas já se encontravam no interior do teatro.

Agradei e neguei o convite da cerveja do rapaz e fui me adentrando no mini-teatro Ciláio Ribeiro, onde de fato já estavam presentes algumas pessoas esperando sentadas nas fileiras de cadeiras móveis do teatro. Dentre essas pessoas (a maioria jovens do meio alternativo e hip-hop da cidade que me eram conhecidos), encontrei as duas integrantes do coletivo anarco-feminista Insubmiss@s¹²¹.

Comecei a conversar com as duas e lhes perguntei pelo início da exposição. Elas então me responderam que era bom dar mais um tempo para chegar mais gente. Desta forma, sentei-

¹²⁰ A qual deu seguimento a um debate.

¹²¹ Nos textos e panfletos que produzem ou divulgam, as integrantes do Coletivo Insubmiss@s assinam o nome do coletivo com a arroba (@) ao invés de com a letra “a”.

me um pouco para esperar e depois fui dar uma olhada num birô de exposição de materiais de militância que estava colocado à esquerda da porta de entrada do teatro.

Expostos no birô podiam ser encontrados vários exemplares e cópias de zines anarco-punk-feministas, uma cartilha sobre os direitos das mulheres em caso de estupro, cartilha esta que foi confeccionada por um coletivo feminista de estudantes universitárias (dentre elas uma anarco-punk integrante do Coletivo Insubmiss@s e do CCS). Também neste birô estavam expostos vários cartões de bilhetes pintados e confeccionados de maneira delicada com “um quê” de feminilidade, talvez especialmente para a ocasião. Cartões estes que estavam sendo expostos à venda por um jovem artista que eu nunca tinha visto antes nos eventos organizados pelos anarco-punks.

Depois de algum tempo, por volta das 15h40min, e já com um número maior de pessoas presentes começava a se formalizar o início da exposição. Uma das integrantes do Coletivo Insubmiss@s chamou a atenção dos presentes e falou um pouco sobre os objetivos da produção e exposição do vídeo, uma vez que ela, ao contrário da outra, foi uma das idealizadoras do vídeo, juntamente com um rapaz anarco-punk também integrante do C.C.S. que não estava presente no dia.

Aqui nesta ocasião, vemos a manifestação do espontaneismo, no exercício dessa função e por parte dessa integrante do Insubmis@s, associado ao domínio de informações relativas ao projeto de produção do vídeo, uma vez que a outra integrante do Insubmiss@s, não participou do processo de concepção da proposta e produção do vídeo, portanto, menos interada para o desempenho desta função.

Passagens marcantes do seu discurso foram as quando ela falou em situação da mulher, e relacionou a situação da mulher com o título do vídeo e as conquistas que a mulher conseguiu até então (como voto, “independência” econômica, etc.), como que dando a entender que apesar das conquistas das mulheres, ainda falta muito para a conquista de uma emancipação feminina plena.

Após este breve comentário, esta nossa “anfitriã” ligou o vídeo e todas as pessoas presentes podiam assisti-lo atentamente. Atentamente mesmo, pois o volume do televisor era relativamente baixo para o ambiente.

O vídeo se inicia com uma espécie de abertura, uma vinheta, mostrando imagens de mulheres de diferentes lugares e etnias, e de vez enquanto passava, de um lado para o outro da tela, o título do vídeo escrito em letras brancas.

Em seguida, prosseguem imagens de mulheres em diferentes lugares e situações, e um fundo narrativo surge falando das origens e dos “porquês” do dia 8 de março ter se tornado um dia de luta pela emancipação da mulher. Reconheci a voz que estava narrando o texto do vídeo. Era da mesma anarco-punk integrante do CCS e do coletivo Insubmiss@s, a que cuidou da parte inicial da exposição do vídeo.

Desta forma, ouvimos um pouco da história das mulheres operárias que nos Estados Unidos foram queimadas vivas pelos seus patrões, no início do século XX, como forma de repressão a uma greve por melhores condições de trabalho e vida.

Numa segunda parte do vídeo, acontecem entrevistas com algumas pessoas, aonde as perguntas vão aparecendo escritas em letras brancas sobre uma tela eletrônica azul. As perguntas que foram aparecendo eram do tipo: A mulher é livre hoje?; As conquistas alcançadas até agora mudaram a situação da mulher?; Mulher no poder? Uma após outra as pessoas iam respondendo a essas perguntas de maneira bem descontraída e natural, opinando e aprofundando os seus pontos de vista.

Em geral as respostas tendiam, unanimemente, à negatividade ou a declarações de insuficiência das conquistas e da situação atual da mulher na sociedade para o estabelecimento considerável de uma emancipação feminina. Todavia temos que perceber que os tipos de perguntas que eram feitas mais induziam as pessoas a tais respostas do que as faziam refletir sobre as questões de gênero. Fato que acaba por desvirtuar (de certa forma e em certa proporção), na configuração da estrutura do vídeo, a proposta libertária da produção do mesmo.

Primeiramente foram entrevistadas, em geral, pessoas mais ou menos próximas do pessoal do CCS, como por exemplo: dois rapazes e uma moça do movimento hip hop, mulheres capoeiras de um grupo de capoeira existente no Teatro Ciláio Ribeiro, uma dona de bar do Beco dos Excluídos¹²² (o qual os anarco-punks freqüentavam); uma prostituta; uma membra do

¹²² Pequeno complexo de bares de nível baixa renda que existia por trás do Teatro Ciláio Ribeiro, freqüentado por anarco-punks, punks, anarquistas, comerciários, prostitutas, peões de obra (operários da construção civil) e outros trabalhadores, mendigos, moradores de rua e etc. Quando o teatro foi reformado, entre os anos de 2005 e 2006, os bares foram removidos para que as paredes laterais do teatro e a calçada da Praça Aristides Lobo, que fica por trás do teatro, fosse reparada. Com a reforma do teatro e da praça os bares não retornaram mais a aquele lugar.

Coletivo Feminista 8 de Março; algumas mulheres transeuntes que foram entrevistadas pelas ruas do Centro da cidade; além de três anarco-punks integrantes do CCS.

Detalhes que me chamaram a atenção enquanto assistia a parte das entrevistas foram os fatos de que sempre que alguém estava dando os depoimentos, o microfone sempre era segurado pelo próprio (a) entrevistado (a), uma postura que, muito provavelmente, foi planejada pelos anarco-punks produtores do vídeo, com o intuito de transmitir um clima de auto-representatividade nas intervenções dos entrevistados, influencia notória da ideologia anarquista na cultura anarco-punk, que renega os mais diversos estilos de representatividade político-social. Quando os entrevistados eram integrantes do CCS, as entrevistas ocorriam sempre na sala da sua sede¹²³, aparecendo pendurada ao fundo uma bandeira negra com um “A” circulado vermelho¹²⁴.

Numa terceira e conclusiva parte do vídeo, voltam a aparecer às imagens focalizando mulheres, com algumas tomadas que foram feitas na Avenida Duque de Caxias, e novamente a narradora do vídeo começa a discursar falando da necessidade de mais lutas pela emancipação feminina.

Partes marcantes do discurso final do vídeo foram, sem dúvida, às alusões feitas no tocante às religiões que, na opinião dos produtores do vídeo, colocam em geral a mulher como elemento de papel secundário e em situação de inferioridade em relação ao homem.

Também no tocante à organização social estatal, que juntamente com os cleros religiosos, sempre legam à mulher a situação de gênero subjugado, bem como à inserção da mulher nas esferas do poder social que, para as (os) anarco-punks, pouco adianta tendo em vista que a emancipação feminina é algo que não se conquista com acumulação de poder ou através de formalizações legais, mas sim com o despertar da consciência libertária entre as mulheres e os homens, que não devem ser excluídos da luta pela emancipação feminina e sim integrados a ela como uma parte complementar e participativa que precisa se libertar do machismo, tanto quanto as mulheres, despertando para uma sensibilidade e consciência libertárias que gerará uma nova cultura de relacionamento igualitário entre mulheres e homens.

Encerrado o vídeo, a apresentadora pronunciou-se dizendo que era mais ou menos sobre as questões trazidas pelo vídeo que o debate deveria se transcorrer, e que antes de tudo deveria

¹²³ No interior do complexo do Teatro Ciláio Ribeiro.

¹²⁴ Símbolos clássicos do anarquismo.

ser colocado o que as pessoas presentes entendiam por liberdade, para em seguida discutir a liberdade da, e para a, mulher, ressaltando em especial a opinião dos homens presentes, como sendo um ponto objetivado pelas organizadoras do debate.

Percebam que esta tática de interação entre os gêneros em ocasiões de debates sobre temas relativos à condição da mulher ou relações de gênero protagonizados pelas anarco(punks)-feministas também foi usada no debate em meio ao 2º Encontro de Confraternização Anarco-punk, em julho de 2001, e é um estilo de organização e proposta de participação presente nessas atividades idealizadas e promovidas por elas.

Depois de alguns segundos de silêncio que pairaram no ar, depois da última fala da expositora do vídeo, uma mulher, que depois soube ser integrante do Coletivo Feminista 8 de Março¹²⁵, iniciou as intervenções desprezando os apelos da expositora e sem colocar nenhuma opinião acerca do que entenderia por liberdade ou liberdade feminina. Começou a tecer observações críticas sobre o vídeo, falando que as pessoas que nele foram entrevistadas sempre colocavam a mulher como a culpada pela própria situação de submissão.

Daí por diante o debate teve muito “pano para as mangas”. A discussão tendeu mais a girar em torno do que a mulher tinha colocado, ou seja, em torno de se a mulher era realmente culpada ou não pela sua situação atual de submissão, se era ela em parte culpada ou se os homens eram totalmente culpados por isto, etc.

A priori me surpreendi de as meninas do Insubmiss@s não terem intervindo de forma a responder às críticas, ou observações, feitas pela mulher do Coletivo 8 de Março, pois, ao invés disso, elas deixaram o debate rolar com a intervenção dos outros participantes presentes.

Depois de mais de vinte minutos de acirrada discussão provocada pela intervenção da militante do Coletivo 8 de Março, e sem resposta direta às críticas que ela fizera, por parte das meninas do Coletivo Insubmiss@s, não pude agüentar de tanta curiosidade e me desloquei da cadeira que estava para uma outra junto das meninas do Insubmiss@s para perguntar-lhes o porquê de elas não terem dado respostas às considerações da mulher, pois considerei as críticas infundadas, uma vez que assisti ao vídeo atentamente na íntegra e percebi que de fato muitos dos entrevistados tocavam nos pontos de parcela de culpa e relativa alienação da mulher com relação a sua situação de oprimida, porém, não atribuindo (na opinião da militante) à mulher total culpa pela sua condição de oprimida.

¹²⁵ Atuante na cidade de João Pessoa.

Já conhecendo histórica, teórica e praticamente o estilo de atuação anarco-feminista¹²⁶, logo percebi, durante a exposição do vídeo, que em grandes proporções os discursos, sobretudo os dos membros do CCS entrevistados, traziam por vezes críticas ao relativo comodismo de parte das mulheres e à fácil sedução midiática e sexista a que se submetem parte delas. Tais críticas, que também são compartilhadas e foram expostas por três membros do CCS que foram entrevistados, traduzem uma grande necessidade que têm as anarco(punks)-feministas de tirar das mulheres o estigma de “coitadinhas” e “sexo frágil” que a sociedade patriarcal e machista lhes imputa, muitas vezes, segundo elas próprias, com a ajuda de mulheres e das entidades feministas pouco atentas.

Depois da pergunta que as fiz sobre os porquês de não terem respondido às críticas feitas pela mulher do Coletivo 8 de Março, o que incluiu boa parte das considerações presentes no parágrafo anterior, as meninas do Insubmiss@s me responderam mais ou menos da seguinte maneira:

Insubmiss@s: - E por que você não colocou isso em discussão rapaz?

Eu: - Mas eu estava esperando que vocês quem fizessem isso, afinal de contas foi de vocês a ideia e a direção do vídeo. E vocês são mulheres, e tal.

Insubmiss@s: - E você é homem rapaz!

- Coloque isso depois!

Afastei-me delas e voltei a me sentar no lugar de origem (quase de frente para a mulher do Coletivo 8 de Março). Depois de algum tempo de discussão, quando alguém concluiu uma fala, uma das integrantes do Coletivo Insubmiss@s interveio e pediu-me, em meio a olhares atenciosos do público debatedor, que eu colocasse as considerações sobre as críticas da mulher que eu tinha percebido e as minhas discordâncias com relação à primeira intervenção da militante do Coletivo 8 de Março.

Quando coloquei minhas considerações, a integrante do Coletivo 8 de Março enrolou um pouco fazendo comentários de como a sociedade é injusta com as mulheres e que a maioria das pessoas joga mesmo sobre a mulher a culpa pela submissão. Depois disso ainda voltou a dizer que se fossemos voltar a assistir o vídeo iríamos ver que os depoimentos tendiam a reproduzir as injustiças sociais contra a mulher.

¹²⁶ Ao longo dos anos de pesquisa envolvendo os períodos da graduação e do mestrado.

Depois que a mulher teceu estas argumentações, a apresentadora do vídeo sugeriu uma nova exposição do vídeo para tirar as dúvidas, e também sob o pretexto de que como muita gente tinha chegado atrasada, tinha perdido parcial ou quase que integralmente a exposição.

Passados mais alguns minutos, já lá pelas 17h20min da tarde, o com o dispersar de algumas pessoas, o debate foi tomando a forma de um bate-papo muito informal, com muitas conversas paralelas e quase nenhuma discussão comum a todos.

A essas alturas a mulher do Coletivo 8 de Março já estava juntando bolsa, sacolas e escarcelas para ir embora. Então se despediu das meninas do Insubmiss@s, acenou para alguns dos presentes, exceto eu, e foi embora sem querer reassistir ao vídeo.

Interessante foi que ao analisar criticamente aquela atitude das meninas do Coletivo Insubmiss@s, considerei a hipótese de elas terem, propositalmente, evitado atritos com a integrante do Coletivo 8 de Março, talvez temendo que ela e a sua entidade passassem a evitá-las não as convidando a participarem de futuros eventos organizados por este ultimo. Além disso, as meninas do Insubmiss@s podem ter querido evitar atritos diretos numa expectativa de posteriores retornos de mulheres do Coletivo 8 de Março a debates por elas promovidos, uma vez que em algumas vezes que conversei com as meninas do Insubmiss@s, percebi que elas ansiavam tanto adentrar em eventos promovidos pelo Coletivo 8 de Março, e outros coletivos feministas atuantes na cidade, quanto propagar suas idéias anarco-feministas para as membras destes coletivos e mulheres por eles atendidas.

Outra hipótese que me veio à cabeça foi a de que as integrantes do Insubmiss@s podem ter me incentivado a colocar minhas considerações críticas para a integrante do Coletivo 8 de Março, tanto para quebrar o tabu dos homens em discutir com feministas “convencionais”, quanto para mostrar à membra do 8 de Março a confiança com que convidam homens a com elas debaterem questões relativas à sua(as) condição(ões) social(is), numa autentica didática da atuação anarco-feminista.

Por volta das 17h30min da tarde, teve início uma segunda exposição do vídeo, que contou com uma platéia expectadora quase toda renovada, integrada por pessoas que tinham perdido parcial ou totalmente a primeira exposição.

Por uma questão de pura cisma de pesquisador, assisti integralmente à segunda exposição do vídeo para tirar as minhas dúvidas com relação à discussão provocada pela integrante do Coletivo 8 de Março e sinceramente não constatei, ou não pude perceber, nenhum

discurso coerente com suas considerações, isso tendo comentando sempre as passagens do vídeo com uma das meninas do Coletivo Insubmiss@s.

Depois de terminada a segunda exposição do vídeo, fiquei algum tempo conversando com alguns anarco-punks e alguns integrantes do movimento hip hop, que também participaram da exposição e debate sobre o vídeo.

Depois coletei alguns materiais anarco-punks que estavam expostos em cima de um birô (na entrada do teatro), dentre eles uma cartilha (em forma de zine) anarco-(punk)-feminista que conta um pouco da vida e da militância das mulheres anarquistas no Brasil ao longo da história.

Por volta das 18h10min, despedi-me de todos os que eu conhecia e fui embora com a certeza de que tinha vivenciado uma experiência de observação participante, que muito contribuiria para minhas pesquisas sobre a cultura anarco-punk e a organização de suas atividades de movimentações.

3.5 - Mostra Zine Punkontrautoridade. Organização: NAD e Punx¹²⁷ da Cidade – 09/06/2007.

A freqüentação de points é um programa bastante informal, de caráter cultural e comunitário onde eventualmente podem ser organizados diversos tipos de atividades também bem informais, como: troca de informações e de idéias sobre organização de atividades; troca de materiais literários de militância (como fanzines, poesines, panfletos, etc.); beberagens ao som de violão, onde tocam músicas das bandas punks e anarco-punks; e exposições de materiais do movimento que são abertas a todos, e tem como intuito difundir sua cultura e ideologia.

Estas atividades servem para diversos fins possíveis dentro do universo de sociabilidades dos anarco-punks e, de uma maneira ou de outra, acabam por fortalecer a sua identidade e acabam contribuindo para o advento de organização de novas atividades de movimentação que constituem seu estilo de atuação sócio-político-(contra)cultural.

¹²⁷ O plural para punks feito com “X” (punx), assim como a recriação de palavras e expressões a partir de corruptelas ou transgressões gramaticais dos tipos como “kontra kultura”, punkontrautoridade e outras como @-punx (para significar anarco-punks) é uma constante nas telas de camisetas e petes da composição do estilo visual, assim como entre textos e poemas dos zines, poezines, panfletos e outros escritos produzidos pelos anarco-punks e punks de João Pessoa, que procuram com isso produzir uma escrita e linguagem estética contracultural e libertária nestas áreas de sua produção cultural.

O relato que se segue, é sobre a observação de uma exposição de (fan) zines organizada, no lugar de um point, por integrantes do coletivo anarco-punk N.A.D. contando com a colaboração de um punk niilista amigo deles e a participação de curiosos e simpatizantes da cultura anarco-punk.

Apesar da mostra de zines - que foi o propósito inicial da freqüentação da ida a um point dos anarco-punks do N.A.D. no dia dessa observação - ter cunho propagandístico¹²⁸, e por isso se dar em situação relativamente social, pôde-se perceber, através da ocorrência de situações de sociabilidades culturais e lúdicas que se desenrolaram durante e na seqüência da atividade da mostra, como o exercício da cultura e da(s) política(s) (ou relação (ões)) sociais e comunitárias se de maneira associada no cotidiano real da cena anarco-punk de João Pessoa. O que atesta a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de separação rígida entre as esferas do cultural-comunitário e do político-social nas movimentações anarco-punks desta cena.

* * *

Nove de junho de 2007, um sábado. Não estava de relógio. O meu tinha quebrado, mas pela hora que saí a pé de minha casa no bairro da Torre, às 13h45min, já deveriam ser aproximadamente entre 14h05min e 14h10min.

Vindo da Torre ao Centro pela Avenida Dom Pedro I, dobro à direita na “Rua do SESC Centro” que liga a Lagoa do Parque Solón de Lucena à vulgarmente chamada, pelos anarco-punks, de Praça do Prontocor¹²⁹, referência a um hospital de cardiologia localizado ao lado da referida praça, na Rua Odon Bezerra, vizinho ao clube ASTREA.

A praça dá as costas para o Parque Arruda Câmara, a popular Bica¹³⁰, e é já há algum tempo, point dos anarco-punks durante meados das tardes e começos de noites de quartas-feiras e sábados, eventualmente também em outros dias e horários.

Fiquei sabendo desta mostra de zines na quinta-feira anterior a este sábado, quando ao passar pela Praça da Alegria, no CCHLA da UFPB, me deparei com um cartaz de divulgação

¹²⁸ Tanto ideológico quanto cultural.

¹²⁹ O batismo desta praça como “Praça do Prontocor”, na realidade Praça Coronel Antônio da Silva Pessoa, assim como o da “Rua do SESC Centro”, na realidade Rua Desembargador Solto Maior, são denominações e demarcações imagéticas que os anarco-punks imprimem como uma releitura sobre os pontos e ruas da cidade de João Pessoa, as quais fazem parte dos percursos culturais de sua sociabilidade.

¹³⁰ Um tipo de mistura de zoológico e jardim botânico localizado numa tríplice fronteira entre os bairros de Tambiá, Centro e Roger.

do evento, o qual continha além do nome, data, dia da semana, local e horário previsto para o início do evento, também a divulgação de quem foram os protagonistas da mostra (NAD (Núcleo de Ações Libertárias) e Punx (Punks) da Cidade). O cartaz prometia ainda, além da exposição de zines, também de livros (que não foram bem expostos), brechó (que não houve) e artesanato que, tendo alguns anarco-punks que fazem bijuterias artesanais, também foram expostas.

No lado superior esquerdo do cartaz a inscrição “kontra kultura marginal”, um pouco mais abaixo um recorte colado de um “A” circulado do anarquismo e um pouco mais ao centro um grande desenho de dois punks com cortes de cabelos estilo moicano. Um deles com o símbolo do hard core pintado na manga da camisa e o outro com um pete pregado no peito da camisa onde vemos a inscrição “Morte ao Capital” e um símbolo do cifrão (\$), que representa o capital, cortado por um “X”.

Enquanto subia pelo lado esquerdo da rua percebi a presença de dois rapazes anarco-punks que eu já conhecia, ainda com pouca intimidade, de outras atividades culturais desenvolvidas pelo pessoal do NAD, a exemplo da exposição de cultura punk organizada no SESC Centro em novembro de 2006 e a gig por eles organizada em janeiro de 2007. Eram Bacalhau e Mago.

Estes rapazes estavam descendo a rua enladeirada no sentido Praça-Lagoa. Fazendo-me pensar que iam ligeiramente a algum lugar ou a mostra de zines tinha sido abortada por algum motivo.

Enquanto eu subia e eles desciam a rua, Mago parou na frente de uma galeria e ficou a observar curiosa e atentamente para o seu corredor lateral, como que procurando algo.

Poucos segundos depois, eu e Bacalhau também chegamos à frente da tal galeria. Cumprimentei ambos os rapazes e perguntei por Neurótico, de quem eu já era mais íntimo. Um deles me respondeu que ele tinha viajado pra Fortaleza, dar um “role” (passeio) e um tempo por lá.

Perguntei-lhes se já tinha mais alguém na praça e eles então me responderam que sim.

Foi então que um deles me falou da possibilidade de trazer os materiais que iriam ser expostos para o terraço da galeria, uma vez que o clima naquele começo de tarde estava meio nublado e ameaçava chover e molhar os fanzines e o próprio pessoal envolvido na mostra de

zines. E como já passava das duas da tarde de um sábado, esta galeria, assim como boa parte do comércio do centro de João Pessoa, já se encontrava fechada¹³¹.

Os rapazes analisaram o lugar e tanto por servir de abrigo para as possíveis chuvas, quanto por não ter vigia acharam que seria bom para a mostra de zines caso fosse preciso.

Este tipo de “proeza marginal”, como chamaria Matza¹³², ou seja, atitudes transgressoras de várias ordens (como o burlar de leis e pequenas expropriações (roubos)) e exercidas em vários lugares e contra os mais variados tipos de pessoas e instituições, é muito constante nos projetos de movimentações e em outros momentos comunitários e sociais da vida dos anarco-punks em João Pessoa.

Subimos para a praça e como a chuva nesta tarde não passou de uma ameaça com poucos respingos, não foi preciso nos dirigir para a referida galeria.

Na praça já se encontravam Animal e Pança, que estava com sua companheira¹³³ e uma colega dos anarco-punks. Reparei logo ao chegar, noutro lado da praça, a presença de dois rapazes, aparentemente curtidores de música trash metal, sentados num dos bancos. Um deles, de cabelos longos, com uma camisa dos Ratos de Porão.

Ao me aproximar dos outros (anarco) punks e das meninas cumprimentei todo mundo e então começamos a conversar. Em meio à conversa perguntei-lhes se tinham trazido muitos zines, onde eles iriam expô-los, quem dentre eles editava algum zine, coisas do tipo. Uma a uma as perguntas foram sendo respondidas enquanto conversávamos fluentemente.

Disseram que iriam expor os zines sobre uns pedaços de faixas pretos que tinham recolhido em algum lugar. Depois de algum tempo, abriram duas mochilas e começaram a estender os pedaços de pano, estirando-os, procurando pedras e colocando-as nas extremidades para que não voassem com o vento. Vendo a mobilização dos rapazes comecei a dar-lhes uma ajuda com a procura de pedras e ajudando-os a colocarem-nas sobre os zines que iam aos poucos sendo retirados de suas mochilas e escacelas.

¹³¹ A partir das doze horas dos sábados, boa parte dos estabelecimentos comerciais do centro de João Pessoa fecha suas portas.

¹³² A proeza é um aspecto identificado por Matza como muito manifesto e típico das comunidades juvenis que podem ser identificadas como fazendo parte da tradição juvenil marginal (ou “delinquente”).

¹³³ No meio anarco-punk, chama-se de companheira (o) o que se entende geralmente por namorada (o). Esta (s) denominação (ões) serve (m) para demarcar diferença cultural entre os relacionamentos amorosos convencionais, geralmente marcados pela relação de dominação do gênero masculino sobre o feminino, aos quais os anarco-punks procuram se opor.

Depois das esteiras de pano já armadas e os zines expostos, comecei a pergunta-lhes quem deles editava zines. Neste momento me disseram que todos do NAD, e também Pança, que muito cola¹³⁴ com eles e é vocalista integrante da banda Rastros de Ódio (juntamente com Animal e Bacalhau), editam zines individualmente.

Conversando com Pança, ele me disse que possuía (guardados em casa), zines que ele editou durante meados da década de 1990 criticando atitudes coletivas e individuais inerentes á cena anarco-punks de João Pessoa nesta época e protagonizadas por pessoas do meio.

Perguntei-lhe se ele poderia me dar acesso a este material para fins de pesquisa ou mesmo para arquivo pessoal e ele me respondeu que não queria expor este material, pois o mesmo trata de questões pessoais e coletivas da cena já passadas e podem despertar magoas e reacender antigas rixas entre ele e as pessoas que criticou nestes zines.

Entendi a colocação e preocupação de Pança e, respeitando sua intenção de preservar a paz na cena e entre as pessoas do meio anarco-punk desta cidade que, aliás, já tem bastante problemas causados por desavenças e rixas pessoais, não insisti para que me desse acesso a este material. Neste momento, de repente tive a idéia de fotocopiar alguns dos zines deles que estavam expostos para ficar interado do que eles estão falando atualmente nestes veículos de expressão e comunicação.

Com a ajuda de Mago, Animal e Pança¹³⁵ eu juntei alguns exemplares de zines e poezines¹³⁶, e desci a rua em direção ao SESC para numa papelaria em frente a esta associação para tirar cópias deste material. Não sem antes prometê-los muito cuidado e voltar ligeiramente.

Antes de ir fotocopiar os fanzines, puxei de minha bolsa a tiracolo uma cópia de minha monografia sobre cultura anarco-punk que eu em outra oportunidade tinha prometido doar-lhes. Falei-lhes um pouco sobre do que tinha nela discutido, li o sumário, mostrei-lhes também os anexos com as cartas de princípios do CCS e do GLON¹³⁷, alguns desenhos de telas de camisas e capas dos zines anarco-punks de João Pessoa nela analisados e chamei-lhes a atenção para uma dedicatória ao NAD que escrevi na capa.

¹³⁴ Agrega-se, anda e organiza movimentações.

¹³⁵ Apesar de colar muito com os anarco-punks do NAD, Pança se assume como punk niilista.

¹³⁶ Como o próprio nome sugere, os poezines são zines criados com o objetivo de editar, pelo menos na maioria dos casos, poesias. Como fez questão de me explicar Pança, estes diferem um pouco de outros tipos de zines que também, embora não exclusivamente, trazem além de poesias, também artigos sobre temas diversos, informes de cenas de vários lugares, entrevistas com bandas, etc.

¹³⁷ Grupo Libertário Ovelhas Negras, que foi um instigador do CCS durante a segunda metade da década de 1990.

Passei a cópia da minha monografia para as mãos de Mago, que me agradeceu e começou a folheá-la meio curiosamente, e enquanto este lia a dedicatória eu e os outros conversamos por alguns poucos minutos.

Antes que eu saísse da praça para tirar as cópias dos zines, Mago, que leu em silêncio a dedicatória, agradeceu-me novamente. Os outros então também agradeceram timidamente com um “valeu cara!”¹³⁸, e eu fui enfim copiar os zines.

Quando retornei à praça, logo percebi junto aos rapazes que aparentavam gostar de trash metal, a presença de um velho colega, freqüentador das gigs anarco-punks, que conheço desde meados da década de noventa. Ele, eu já sabia, e os outros dois rapazes, que posteriormente conversando fiquei sabendo, moram mais ou menos nas imediações da praça, no bairro do Roger.

Ao chegar à praça, enquanto me dirigia pra perto dos anarco-punks, para devolver-lhes os zines que tinham me emprestado, cumprimentei este colega com um ar de riso e satisfação em revê-lo na face, e acenando-lhe fazendo o sinal de positivo com a mão fechada e o dedo polegar virado para cima. Ao que fui correspondido.

Devolvi os fanzines dos anarco-punks e fiquei conversando com eles por alguns minutos. Durante este meio tempo, Pança sacou de sua mochila uma garrafa longneck de cachaça de uma marca que eu desconhecia. Também algumas poucas maçãs. Ofereceu a quem quisesse e começou a beber a cachaça tirando o gosto com maçã.

Como esta atividade, assim como as gigs e diferentemente da exposição de lançamento do vídeo anarco-feminista sobre a situação social de mulher¹³⁹ (na qual um anarco-punk me ofereceu um gole de sua cerveja), era também uma situação de exercício de sociabilidade cultural/grupal na qual a ingestão de álcool estava sendo tolerada em meio à sua execução (não acarretando em desavenças entre os participantes), aceitei a cortesia de Pança e na boca da garrafa tomei um gole de cachaça, mordendo em seguida a maçã para tirar o gosto.

Avisei-lhes de que iria conversar um pouco com o meu colega que estava ali perto num outro banco da praça e foi com este conversar.

Enquanto os anarco-punks conversavam sobre e terminavam de arrumar seus zines para a exposição, eu, meu antigo colega e seus amigos conversávamos sobre antigas gigs (anarco)

¹³⁸ Ou, “valeu aí!”, “valeu mesmo Yuri!”, expressões desse tipo.

¹³⁹ Organizada pelo Coletivo Insubmiss@s.

punks da cidade, o passado de rixas¹⁴⁰ e tretas¹⁴¹ do meio e da cena anarco-punk de João Pessoa, e como anda a cena (anarco) punk em Natal.

O colega me disse que tinha viajado a esta cidade recentemente e dela retornado há poucas semanas, tendo contemplado uma cena punk muito populosa, diversa e ao mesmo tempo segregada. Com muitas rixas pessoais e grupais entre punks de diferentes tendências, como: anarco-punks, punks hardcorers, punks niilistas e pessimistas e, para meu estranhamento e espanto, a confusa denominação street-punk-oi, o que me parece significar skunks¹⁴² de rua.

Em determinado momento da conversa (chamou minha atenção), este rapaz, que sempre admirou a cultura anarco-punk, mas nunca chegou a se assumir como anarco-punk, comentou que o meio anarco-punk de João Pessoa muito já perdeu e ainda perde em termos de simpatizantes e possíveis “militantes”, por causa de atitudes exageradamente radicais de (anarco) punks que rechaçam pessoas que não se limitam a viver apenas a cultura (anarco) punk, mas que poderiam vir a se converterem em aliados e talvez mesmo em (anarco) punks se fossem menos rechaçados pelos (anarco) punks.

Na opinião de algumas pessoas (entre anarco-punks, punks, anarquistas e simpatizantes) que interagem na cena, esta situação relatada por este rapaz, juntamente com as rixas de ordem pessoal, são dois dos maiores problemas que prejudicam um maior fortalecimento e frequência das movimentações na cena anarco-punk de João Pessoa.

Em seguida o rapaz acrescentou a este o comentário que “não tem nada a ver” (não tem sentido) discriminar ou rechaçar alguém só porque este alguém esteja usando uma camisa dos Ratos de Porão¹⁴³, por exemplo, ou de outra banda comercial qualquer. Neste momento, o rapaz cabeludo que estava vestindo uma camisa dos Ratos de Porão manifestou concordância com meu velho colega, exprimindo um “num é meu irmão!”.

¹⁴⁰ São as intrigas, na gíria dos anarco-punks.

¹⁴¹ São as brigas, na gíria dos anarco-punks.

¹⁴² Uma estranha (e, para muitos, incoerente e contraditória) mistura das culturas skinhead e punk. Execrada (desconsiderada, repugnada, odiada) por grande parte dos punks.

¹⁴³ Esta banda foi muito influente nos primórdios do movimento punk de São Paulo, tornando-se também bastante conhecida e influente em cenas punks de vários lugares do Brasil e do mundo durante a primeira metade da década de 1980. Posteriormente, ainda durante a segunda metade da década de 1980, esta banda passou a absorver influências do trash metal, sobretudo a partir da aproximação e amizade que passou a desenvolver com a banda de trash metal (então mineira) Sepultura. Mudaram de estilo e postura passando do hardcore para o crossover (uma mescla de hard core com trash metal), assinando contratos com gravadoras renomadas e tornando-se uma banda comercial. Desde então, e até hoje em dia, Ratos de Porão é uma banda repugnada por punks do Brasil e do mundo.

Todavia, o meu velho colega me disse que mesmo com esses problemas e apesar de não falar com um dos rapazes do NAD, o Neurótico, e por isso mesmo não ter proximidade com outros integrantes desse coletivo, admira e gosta de grande parte da cultura anarco-punk e “não sabe ver os caras” desse coletivo realizando alguma atividade e simplesmente repudiar a eles e às suas iniciativas, chegando à maioria das vezes, a prestigiá-las apesar desse distanciamento. Ao contrário da maioria esmagadora dos integrantes de coletivos anarco-punks da cidade, que muitas vezes nem sequer vão prestigiar as atividades e eventos organizados por coletivos com os quais são afinados cultural e ideologicamente.

Depois de uns vinte a vinte e cinco minutos de conversa, Pança veio até nós conversar com um copo de plástico cheio de cachaça e uma metade de maçã mordida, os quais eu acabei por dividir com ele. Cumprimentou aos rapazes (uma vez que eu e ele já tínhamos conversado), em especial o meu velho colega, com quem já tinha passado algum tempo intrigado¹⁴⁴ no passado.

Ficamos conversando durante mais algum tempo sobre assuntos muito parecidos com os que estávamos conversando antes dele chegar, com o diferencial, é claro, de que nem o meu velho colega nem tão pouco eu puxamos mais conversas sobre problemas de relacionamentos pessoais existentes entre eles no passado ou entre meu colega e os membros do NAD.

Desta maneira ficamos conversando durante aproximadamente quinze minutos e, de repente, percebi a chegada de um rapaz e uma moça que já tinha visto na UFPB. O casal aproximou-se da praça como se viesse da direção da saída dos fundos do Shopping Tambiá. A moça, de cabelos curtos e encaracolados, trajava um vestido mais ou menos longo e branco. O rapaz, de cabelos longos, estava de sandálias, bermuda cinza surrada e uma camiseta de malha azul com serigrafia de conteúdo zapatista.

Este casal então começou a conversar com os anarco-punks do NAD. O rapaz era quem folheava mais os zines.

Vendo aquela cena, ligeiramente refleti que aquele casal de estudantes universitários, assim como eu, poderia ter ficado sabendo desta mostra de zines ao lerem cartazes de

¹⁴⁴ Desta informação fiquei sabendo durante a conversa que estava tendo com o rapaz com quem conversava antes de Pança chegar. E ele me falou que esta intriga aconteceu durante um período em meados da década de 1990, quando anarco-punks e punks niilistas estiveram em processo de guerra de posturas ideológicas e culturais. Apesar de não pertencer a nenhuma dessas duas tendências o rapaz sempre cultivou proximidades com os anarco-punks, o que pode de alguma maneira ter ocasionado o distanciamento entre ele e o referido punk niilista. Talvez também entre ele e os outros punks niilistas da cidade.

divulgação desse evento fixados nos murais dos corredores do CCHLA¹⁴⁵ da UFPB pelos anarco-punks.

Depois de uns dois minutos observando esta cena senti vontade de me aproximar para descobrir o que aquele casal e os anarco-punks estavam conversando e talvez também participar da conversa. Todavia, ao me aproximar do grupo o tal casal já estava de saída. Aparentemente estavam meio apressados para irem a outro lugar e/ou só passaram pela praça para matar um pouco de curiosidades sobre os anarco-punks e sua atividade.

Desta forma, foram embora antes que eu tivesse a chance de me agregar ao grupo e me adentrar na conversa.

No percurso de transição entre o banco da praça (onde conversava com meu colega de longas datas, os amigos dele e Pança) e a área onde estava o referido casal de estudantes conversando com os anarco-punks, percebi a presença de Animal que, por traz de um obelisco existente no meio da praça, parecia escutar escondido à conversa que estávamos tendo sentados no banco, do outro lado do obelisco.

No momento em que percebi sua presença, Animal encontrava-se em pé, com a coluna meio envergada para frente, as mãos meio que unidas, a cabeça um pouco abaixada e o ouvido voltado para a direção da conversa, como se estivesse se esforçando em escutá-la. Porém, e apesar de não saber a quanto tempo ele estava nos espreitando (talvez desde um pouco depois de Pança chegar para conosco conversar), acho que não estava escutando muito bem a conversa, uma vez que não me escutou pedir licença para me afastar deste grupo (quando estava me dirigindo para o grupo onde estava o casal) e não percebeu a minha aproximação, chegando se espantar (disfarçadamente) e a dissimular sua atitude e comportamento.

Depois da saída do referido casal de estudantes, só chegaram à praça, aproximando-se dos anarco-punks, e não de seus zines, alguns conhecidos seus que são moradores do Centro ou bairros circunvizinhos e com eles tem afinidades pessoais em termos de conversas e farras regadas a vinho e cachaça.

Nesta nublada tarde de sábado o dia escureceu e a noite chegou mais cedo, o que, juntamente com a precária e restrita divulgação do evento, pode ter contribuído para o pequeno público que a ele prestigiou. Todavia, apesar disso ninguém entre os presentes (incluindo os membros do NAD) falou em fracasso, decepção, tempo perdido ou coisas parecidas, o que nos

¹⁴⁵ Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

revela, ao contrário das juventudes partidárias de esquerda, uma despreocupação com relação à mera massificação das situações de atividades de movimentação organizadas por este coletivo.

Quando já estava começando a escurecer, por volta das 17h15min da tarde, os chegados¹⁴⁶ dos anarco-punks sugeriram uma vaquinha, da qual participei, para comprar alguns litros de vinho e beber.

Decidi não ir embora com o término da exposição, participar da vaquinha e beber com os anarco-punks, uma vez que não estava apressado neste dia, disposto a curtir uma biritagem com eles e precisando botar os papos em dia. Além disso, como não andávamos nos vendo com muita frequência ultimamente, seria bom reavivar contato e convivência com a comunidade pesquisada.

Enquanto os chegados dos anarco-punks foram comprar vinho no bairro do Roger, os integrantes do NAD foram recolhendo os zines e pedaços de tecidos de volta para suas mochilas¹⁴⁷.

Acabada uma garrafa de cachaça, Pança abriu outra que estava guardada em sua mochila, a qual os integrantes do NAD e também eu começamos a beber.

Um rapaz simpatizante do NAD, que veio de São Paulo e agora está morando no bairro de Valentina, trouxe, e neste momento, estava dedilhando um violão meio desafinado. Tomei a liberdade de pedi-lo para tocar um pouco e comecei a tocar algumas músicas de bandas punks da década de 1980-90, como, Delinqüentes (Belém - PA), Distúrbio (Belo Horizonte - MG) e Disunidos, daqui de João Pessoa, da qual o pessoal de NAD quase não conhecia nenhuma música.

O pessoal gostou muito e, entre goles de cachaça, iam batendo com as mãos nas próprias pernas ou na caixa do violão para simular a batida da bateria. Pança perguntou se eu sabia tocar a música “Buracos Suburbanos” da banda paulista Psikoze¹⁴⁸, extinta em meados da década de 1980. Toquei e cantamos juntos.

¹⁴⁶ Tenho percebido que ao longo dos anos de pesquisa, no meio anarco-punk, o termo “chegado” às vezes serve para denominar pessoas conhecidas que não são tão íntimas, mas que são bem relacionadas com eles. Outras vezes, o termo também serve para denominar pessoas que são seus colegas e, portanto, um pouco mais íntimas de sua convivência e bem relacionadas.

¹⁴⁷ Nesse momento não cheguei a ajudá-los, pois já tinha gente o suficiente recolhendo os zines (quatro pessoas). Chego a ajudá-los em determinadas tarefas, algumas vezes, apenas quando me pedem ajuda ou quando por mim mesmo percebo ser necessário, uma vez que, devido ao seu caráter autonomista, eles costumam fazer o que podem sozinhos e não vêm a minha ajuda como uma obrigação. Todavia, procurei sempre ser útil de alguma maneira durante a execução de suas atividades de movimentação.

¹⁴⁸ Banda punk de caráter niilista.

Depois de eu ter tocado algumas músicas, um dos integrantes do NAD me pediu o violão e junto com Pança começaram a tocar e cantar músicas de sua banda, a Rastos de Ódio.

A companheira de Pança foi comprar batata frita numa barraquinha ao lado de uma padaria em frente à praça. A moça ofereceu a batata frita a algumas pessoas, inclusive a mim, que recusei, apesar de estar com fome, pois o saco que ela comprou era muito pequeno.

Resolvi ir à padaria e comprei alguns pães para comer e dividir com o pessoal.

Enquanto ainda estávamos comendo os pães, os chegados dos anarco-punks retornaram de suas compras. Alguns deles ainda chegaram a comer alguns pedaços de pão.

Neste momento o toque do violão cessou, uma vês que a segunda longneck de cachaça já estava acabando e os chegados do NAD tinham acabado de chegar com vinho gelado, se bem que de “baixíssima” qualidade. Também pelo fato de ter chegado mais gente¹⁴⁹ e as conversas terem contribuído para interromper do toque do violão.

Depois de algum tempo conversando e bebendo, os rapazes do NAD e seus chagados começaram a querer se dirigir para o pátio do Mosteiro de São Francisco¹⁵⁰, onde numa rua ao seu lado localiza-se a Casa da Pólvora, construção militar do período colonial que era um antigo paiol de munições durante o período da colonização. Lugar no qual durante algum tempo funcionou um bar, e onde bandas punks da cidade já haviam tocado durante a década de 1980.

Em meados da década de 1990, o lugar era freqüentado por (anarco) punks, anarquistas adolescentes e jovens alternativos freqüentadores da Rodinha da Lagoa, quando queriam consumir alguma droga ilícita, uma vez que este lugar é muito tranquilo e meio isolado.

Depois de algum tempo bebendo no Mosteiro de São Francisco, o bando dirigiu-se para a Praça do Bispo, a alguns metros dali, e ainda houve outro racha, comprou-se e bebeu-se mais vinho enquanto ficamos conversando sobre vários assuntos até quase às onze horas da noite.

Nesse meio tempo, alguns rapazes e moças (aparentemente de classe média), que são conhecidos dos anarco-punks e seus chegados, estacionaram na praça e desceram de um carro, botando para tocar vários estilos musicais, sobretudo hard rock e heavy metal internacionais.

¹⁴⁹ Os chegados dos anarco-punks eram três rapazes. Somados a eles estavam, na oportunidade, Bacalhau, Animal e Mago; Pança, sua companheira e uma amiga, além de mim mesmo. Neste momento, já eram aproximadamente 18h00min, o colega com quem conversei num dos bancos da praça e seus dois amigos já tinham ido embora.

¹⁵⁰ Um point secundário, e mais noturno, do Pessoal do NAD. No caminho entre a “Praça do Prontocor” e o Mosteiro de São Francisco, existem a Praça do Bispo e uma pracinha bem pequena e em formato triangular, nas quais o pessoal do NAD e seus chegados também costumam sentar em seus bancos para conversar e beber, muitas vezes depois de ter passado pela “Praça do Prontocor”.

Depois de algum tempo na Praça do Bispo, Pança e sua companheira foram embora, pois já passava das 20h30min e ainda iam andando até a lagoa esperar ônibus, para voltarem ao seu bairro, o Rangel, que fica a muitos quilômetros de onde estávamos.

Um dos chegados dos anarco-punks começou a brincar de jogar capoeira e lutar full contact com o rapaz que estava dirigindo o carro. E esta brincadeira durou muitos minutos enquanto todos conversavam sobre assuntos diversos ouvindo as músicas ao fundo.

Durante o tempo em que permanecemos nesta praça, algumas viaturas da polícia passaram olhando, mas sem grandes graus de repreensão ou intimidação.

Por volta das 22h30min as pessoas começaram a se prepararem para ir embora.

Quando por voltadas quase 23h00min Mago, que mora no distante bairro Valentina Figueiredo, olhou a hora em seu telefone celular e disse que estava indo pegar o ônibus na Lagoa, acompanhado por uma amiga que mora no mesmo bairro, decidi acompanhá-los e também ir pegar meu ônibus, uma vez que todos já estavam indo embora mesmo.

E assim terminei este dia de observações junto a este grupo de anarco-punks, seus chegados e potenciais simpatizantes.

3.6- Boicote(s)

Na área dos conflitos acerca de questões relativas à (anti) música e à valorização de uma produção (anti) musical contracultural, pude observar esta interessante atividade de protesto contra uma banda considerada pelos anarco-punks como for-fun¹⁵¹ (comercial), machista e sexista, que transmite e sintetiza um pouco do caráter contracultural da cultura anarco-punk.

Os boicotes são atividades de protesto protagonizadas pelos anarco-punks quando querem manifestar publicamente insatisfações e repúdio contra alguma instituição, corporação, acontecimento social ou grupo de indivíduos os quais julgam opressores, repressores, autoritários, exploradores, acomodados, “alienados”, deturpadores de sua cultura ou portadores de qualquer outro tipo de adjetivo que manifeste de alguma maneira ou em algum momento

¹⁵¹ Do inglês for fun, que significa para diversão. É um adjetivo dado pelos (anarco) punks às bandas que tocam o ritmo hard core, mas não mantém postura autonomista underground (anti-comercial).

aspectos ou características por eles julgadas como socialmente injustas, opressoras, repressoras, exploradoras, autoritárias, ou seja, antilibertárias.

No dia 22 de janeiro do ano 2000, realizou-se, com horário marcado para as 21h00min, no Teatro Ciláio Ribeiro, na Avenida General Osório, o show Cactus-core II, com as bandas: Rotten Flies (JP), Matando a Pau (JP), Mob Ape (JP) e D.F.C. (DF).

Nesta ocasião, os anarco-punks do CCS de João Pessoa realizaram um ato de boicote à banda D.F.C., de Brasília-DF, pelo fato de compreenderem que a referida banda explora e banaliza a cultura punk através da deturpação da filosofia underground (anticomercial) do hard core, ritmo e postura (anti) “musical” autonomista e contracultural criado pelo movimento punk a partir da aceleração do ritmo do punk rock e depois que, nos anos de 1976-77, algumas bandas que integravam o movimento na Europa e em outros lugares tornaram-se comerciais. A criação do hard core¹⁵² por parte dos punks foi, no meu modo de ver, uma tentativa de privar o movimento das tentativas de comercialização da sua cultura orquestradas por bandas deturpadoras/comerciais e empresários e gravadoras integrantes da indústria cultural e da sua cultura de massas.

Ao chegar ao teatro bem mais cedo, por volta das 18h00min, os anarco-punks do CCS já haviam confeccionado um mural com diversos panfletos e cartazes que traziam informações relativas à cultura e ao meio anarco-punk (com informações sobre militância e convivência de cenas anarco-punks de algumas localidades do Brasil), para exporem em meio à panfletagem¹⁵³ do boicote que estavam por fazer naquela noite.

Apos subirem da sala de sua sede para o terraço do teatro, passando pelas escadas e corredores do prédio do complexo de entidades do C.A.L.¹⁵⁴, em número de cinco e acompanhados por mim e uma moça anarco-punk de São Paulo, que estava passando um tempo

¹⁵² Existem duas formas de se considerar e compreender o hard core. Como ritmo que surgiu (a partir da aceleração do ritmo do punk rock) como reação às tentativas de comercialização da cultura punk, orquestradas pela indústria cultural juntamente com bandas comerciais. E como postura contracultural autonomista e anticomercial da cultura punk no tocante à suas produções (inclusive, mas, não apenas) (anti) musicais.

¹⁵³ No meio anarco-punk de João Pessoa, as panfletagens são um tipo de atividade geralmente desenvolvida de maneira simultânea, paralela e aliada à outras atividades, como boicotes e manifestações de rua. Eventualmente são usadas como estratégia de divulgação de algumas atividades ou eventos.

¹⁵⁴ Coletivo Arte e Luta, articulação das entidades que ocuparam salas do antigo Grupo Escolar Doutor Tomás Mindelo, posterior mente transformado no Teatro Ciláio Ribeiro. Dentre as entidades que participaram da ocupação do prédio em 1992 e outras que vieram a integrar o C.A.L. posteriormente, podemos destacar dentre outra (o) s, além do coletivo anarco-punk do CCS, a Federação Paraibana de Teatro Amador (F.P.T.A.), o Movimento Negro da Paraíba, o Movimento do Espírito Lilás (M.E.L.), que é um movimento pelos direitos dos homossexuais, o Musiclube, uma entidade dos direitos humanos, um grupo de capoeira Palmares, depois renomeado como Pérola Negra e a ASTRAPA (Associação de Travestis da Paraíba).

aqui em João Pessoa, o pessoal do CCS iniciou uma pequena panfletagem abordando quatro seguranças contratados para o show que já se encontravam fechando os portões da entrada do teatro para as pessoas que não fossem integrantes das entidades do complexo, pondo para o lado de fora alguns roqueiros e headbangers¹⁵⁵ que se encontravam no terraço do teatro.

Apesar de a banda D.F.C. ter sido boicotada pelos anarco-punks do C.C.S., seu show pôde acontecer, uma vez que o C.C.S. era apenas uma das entidades do coletivo de entidades do C.A.L. O que torna difícil, sendo minoria, evitar o acontecimento de um show de uma banda que boicotam. Todavia o pessoal do C.C.S. não fez nenhuma tentativa, junto ao C.A.L., de evitar o show dessa banda. Talvez tanto por achar que não conseguiriam, pelo fato de serem minoria, quanto pelo fato de que os shows realizados no Teatro Cilaio Ribeiro servirem como fonte de recursos para a manutenção do prédio do teatro e pagamentos de água e luz, que ficavam a cargo do coletivo do C.A.L.

Conversando com os seguranças disseram-lhes que eram integrantes de uma entidade do complexo do C.A.L. e por isso tinham o direito de circular pelo terraço do teatro e o resto do prédio, embora fossem sair para continuar a panfletagem do lado de fora. Explicaram-lhes as causas e finalidades do boicote que estavam fazendo e disseram que não queriam briga com os integrantes da banda D.F.C., mas apenas conversar com eles quando tivessem oportunidade, apenas com o intuito de expressar-lhes os motivos de suas indignações para com a banda.

Com estas palavras de declarações de “pacifismo”, os anarco-punks estavam preocupados com o zelo pela imagem do teatro, onde já haviam ocorrido brigas no passado, e entre as quais em algumas delas (anarco) punks estiveram envolvidos.

Além de não precisarem brigar com os integrantes da D.F.C. para expressarem sua indignação e criticá-los, os anarco-punks temiam que a ocorrência de uma outra briga no teatro, envolvendo-os, pudesse acarretar, sob pressão das outras entidades do C.A.L., a suspensão do direito de eles organizarem gigs no teatro por tempo indeterminado.

No panfleto que distribuíram entre os seguranças e também na frente do teatro, para pessoas que iriam prestigiar o show, os anarco-punks argumentavam que a banda D.F.C. nunca fez parte da cena hard core, pois, segundo os anarco-punks, o “lance” dessa banda sempre foi apenas o som e a curtição. Neste mesmo panfleto, denunciavam que um dos integrantes desta

¹⁵⁵ Do inglês, head, que significa cabeça, e banger, que significa balançador. Traduzindo-se o mais literalmente possível, a denominação significaria “batedores de cabeças”, e é alusiva aos fãs de uma das vertentes da música heavy metal.

banda publica um zine em Brasília que elege o “paraíba” do mês, maneira discriminatória de o autor deste zine rotular, em sua concepção, o idiota do mês entre seus amigos, conhecidos e inimigos.

Através do mesmo panfleto eram denunciadas e criticadas as bandas Raimundos, Matalanamão, e Cabelo Duro, tanto pelo fato de tentarem deturpar a cultura punk e a proposta underground do hardcore, quanto por, segundo os anarco-punks, serem estas bandas constituídas por indivíduos que vivem no meio burguês e repassam nas letras das suas músicas, e através de suas atitudes, o modo de vida da classe dominante, onde imperam o machismo e o sexismo, ideologias antilibertárias, geradoras de opressões e desigualdades entre os seres humanos, repudiadas pelos anarco-punks.

Segundo os anarco-punks, a intenção da banda D.F.C. é apenas ganhar fama e dinheiro deturpando a proposta do hard core ao explorar a imagem feminina de maneira sexista, tratando as mulheres como se fossem seres inferiores e não passassem de meros objetos para a satisfação de prazeres sexuais dos homens.

Aproximando-me dos anarco-punks em alguns momentos, enquanto panfletávamos¹⁵⁶ entre o público que entraria no show, pude presenciar manifestações verbais de indignação por parte de pessoas que receberam os panfletos de suas mãos e com eles conversaram sobre seu conteúdo durante algum tempo.

Algumas pessoas ficavam revoltadas tanto contra o suposto machismo e sexismo expressado pela banda em suas letras de músicas, quanto contra o trato de preconceito e discriminação regionalista dado aos paraibanos por um dos integrantes da banda D.F.C. Outros ficavam abismados sem saber o que pensar ou dizer, ou se podiam acreditar de imediato nos anarco-punks, uma vez que muitos não conheciam o trabalho da banda.

Também pude observar muitos minutos, talvez uma hora de discussão entre dois rapazes anarco-punks e integrantes da referida banda antes do início do show, na calçada do lado de fora do teatro.

Os conteúdos das discussões que travavam entre si eram, é claro, as polêmicas trazidas à tona pelo panfleto divulgado pelos anarco-punks durante este boicote. Por vezes os ânimos se

¹⁵⁶ Por uma questão de colaboração com a comunidade, ajudei-os com a panfletagem, o que acabou por me possibilitar uma melhor penetração e visão do clima da panfletagem como um todo, das discussões travadas entre anarco-punks e os integrantes da banda D.F.C. e a reação das pessoas do público. Às vezes me desviando do ato de panfletar foi que consegui observar estas discussões atentamente, porém, sem interferir nelas de nenhuma maneira para ver no que elas iam acarretar.

exaltavam e o volume das vozes de alguns aumentava, mas sem que isso os impedisse de conversar com relativa ordem e clareza.

Em outro momento, percebi que uma garota integrante do CCS e a anarco-punk de São Paulo se aproximaram lentamente de um local onde se encontravam duas moças que estavam acompanhando integrantes da banda e pareciam ser namoradas de dois deles integrantes da D.F.C. Depois que se aproximaram o suficiente das tais moças, as anarco-punks diziam em voz alta críticas através de “indiretas” que soltavam para elas ou aos seus companheiros sem que lhes conduzissem diretamente a fala, falando coisas como: “E ainda existem mulheres que gostam das músicas desses machistas!”.

Depois de poucos minutos e incomodadas com as críticas indiretamente diretas das duas anarco-punks, as moças chamaram seus companheiros para adentrarem no teatro, tendo uma delas encarado as anarco-punks olhando para trás no momento em que subia os degraus do portão do teatro, como se quisesse demonstrar raiva e desprezo por elas.

Fora tudo isso, não houve maiores atritos entre os (as) anarco-punks, os integrantes da banda D.F.C. e suas namoradas.

Quando perceberam, por volta das 21h00min, o momento do início do show, os anarco-punks discutiram ligeiramente entre si, decidiram dispersar o boicote e ir embora, uma vez que consideravam já terem feito o seu protesto e não queriam permanecer mais no local e presenciar o andamento do show da D.F.C. e demais bandas que iriam tocar ali naquela noite.

Um deles, que tem companheira e filho, preferiu ir para casa. Enquanto os outros decidiram se encaminhar para a Feirinha de Tambaú¹⁵⁷ e tomar alguma bebida noite adentro.

Pegando o ônibus de Tambaú juntamente com eles para saltar e ir para a minha casa no bairro da Torre acabei mudando de idéia e indo para a Feirinha, onde com eles conversei sobre as discussões e outros acontecimentos ocorridos durante o boicote e muitas outras coisas, tomando algumas cervejas e doses de cachaça.

Por volta das 02h00min da madrugada despedi-me deles que ali permaneceram bebendo e conversando.

Boicotes como este, podem ser considerados como atividades de cunho autonomista, pois através delas os anarco-punks visam defender uma postura de produção e execução cultural

¹⁵⁷ Complexo de bares “alternativos” (onde tocam músicas de ritmos geralmente muito escutados pelos jovens) em frente ao Hotel Tambaú, freqüentado por jovens de diversas tribos culturais, como: roqueiros, metaleiros, clubs e outros.

underground, desprovida de aparatos como gravadoras, contratos e empresários. Combatendo também a geração do lucro e acúmulo de capital através de suas produções culturais, exaltando assim a proposta autonomista do “faça você mesmo”, lema autonomista/contracultural do movimento punk. Bem como atividades de caráter libertário, pois, através delas, visam combater manifestações de valores geradores de opressões e desigualdades entre os seres humanos, que se dão (segundo os anarco-punks do C.C.S.) através das letras de músicas de bandas como a D.F.C.

3.7 - Manifestação de Rua: durante o 2º Encontro de Confraternização Anarco-punk à Nível Nordeste – 14,15 e 16 de Jul./2000.

As manifestações de rua são um tipo de atividade que funcionam tanto como uma válvula de escape das revoltas e indignações coletivas, quanto como um instrumento de feitura de pressão político-social do meio, comunidade(s) ou coletivo(s) anarco-punk(s) com relação às instituições, valores ou convenções sociais às quais reprovam como sendo de caráter autoritário e as concebem como inimigas.

A manifestação que passo a analisar ocorreu em meio ao 2º Encontro de Confraternização Anarco-punk à Nível Nordeste, e nela podemos perceber as táticas de ocupação e comunicação simbólica no espaço público e a atuação performática dos anarco-punks presentes nesse evento em meio a esta atividade.

No segundo dia desse encontro, 15 de julho de 2000, constavam na programação do dia, presentes no folder do encontro: Manifestação na Lagoa (Centro de João Pessoa), das 08h00min às 12h00min; 12h00min às 14h00min - Almoço; 14h00min às 16h00min – Palestra: Anarquismo na prática (tendo como incentivador um anarco-punk membro do R.A.P. (Resistência Anarco-punk)) de Aracajú; 16h00min às 19h00min – Debate: Cultura Punk (Coord. CCS-JP); 19h00min às 20h00min – Jantar e das 20h00min às 23h00min – Mostra de vídeos.

No dia anterior (uma sexta feira) corriam rumores de que se chovesse pela manhã inteira não haveria manifestação no sábado, por isso, tratei de ficar atento logo cedo pela manhã em minha casa, observando o céu pra ver se ia dar para se realizar a manifestação.

Por volta das sete e meia da manhã fazia um pouco de sol, mas, depois de algum tempo, começou a chover, até que por volta das nove horas da manhã o tempo começou a melhorar um pouco. Desta forma, peguei um ônibus e fui para a Lagoa. Lá chegando, me encontrei com um adolescente que já há algum tempo vinha freqüentando o Teatro Ciláio Ribeiro nos dias em que se reunia o pessoal do CCS, seus chegados e simpatizantes da cultura punk e do anarquismo.

A essas alturas, esse rapaz, de aproximadamente quinze ou dezesseis anos de idade, já usa um bracelete adornado com arrebites no estilo punk em um dos braços, sinal característico de quem está simpatizando e/ou em processo de adesão à cultura punk¹⁵⁸.

Falei ligeiramente com ele que disse estar indo esperar um amigo em frente da loja Esplanada (antiga Mesbla). Como nenhum dos anarco-punks ainda tinha chegado ao local, acompanhei o rapaz para com ele esperar o seu amigo, uma vez que a loja Esplanada fica a poucos metros do local onde seria a manifestação. Por volta de pouco mais das nove e meia seu amigo chegou e então nos conduzimos para o local onde iria ocorrer a manifestação. Um espaço por traz da ultima parada de ônibus da Lagoa, onde no passado o CCS já havia organizado muitas manifestações durante a década de 1990.

Depois de alguns minutos, chegaram duas simpatizantes do CCS, ou talvez curiosas¹⁵⁹. Em seguida, já por volta das dez horas, chegou um membro do CCS (com idade aproximada dos trinta anos) com seu filho ainda criança. Logo após começaram a chegar às pessoas participantes do encontro que estavam alojadas na sede sócio-cultural do DCE da UFPB. Quando isso aconteceu às reações dos transeuntes foram as mais diversas. Cochichos, risos,

¹⁵⁸ Depois de pouco tempo, este rapaz tornou-se membro do CCS passando também a assumir-se como punk.

¹⁵⁹ A distinção por mim observada ao longo de quase oito anos de pesquisa e mais de quinze de conhecimento do meio anarco-punk de João Pessoa, consiste em que o simpatizante por muitas vezes adere, depois de algum tempo à cultura punk e/ou à ideologia anarquista, chegando às vezes a tornar-se membro do CCS ou assíduo freqüentador do meio. Quando isso não ocorre, o simpatizante geralmente conserva pelo menos laços de conhecimento e volta a freqüentar o meio, sobretudo, mas não somente, nas ocasiões de gigs organizadas por pessoas pertencentes ao meio. Já o mero curioso, é geralmente aquele que se aproxima do meio com o intuito de conhecer melhor as idéias, comportamentos e atividades ocorrentes no meio, matando suas curiosidades, para em seguida se ausentar do meio quase nunca ou nunca mais retornando ao mesmo, talvez por não ter com ele simpatizado e se identificado durante sua experiência de aproximação ou por nunca ter se identificado mesmo antes do momento de sua aproximação. Existem ainda casos em que o curioso passa a ser simpatizante e, posteriormente, até mesmo “militante” do meio anarco-punk (anarco-punk, anarquista ou punk).

olhares sérios e espantados, resmungos de reprovação, como, “o que porra é isso?” e “o que diabos é isso?”, tomaram conta da cena¹⁶⁰.

Isso ocorreu porque dentre os manifestantes que chegavam muito eram punks e anarco-punks e o visual pesado que esses usam causou muito estranhamento entre os transeuntes que passavam pelo local.

Alguns com cabelos tingidos e espetados com vários cones deixando a cabeça com o formato de um ouriço; vários tipos de arrebitos com diferentes formatos e afixados em jaquetas, cintos e pulseiras; camisas e jaquetas com frases de protesto serigrafadas, pintadas com pincel ou a dedo, coturnos e calças surradas e rasgadas, telas de camisetas e petes com logotipos de bandas punks e frases de protesto costuradas em diversas direções e lugares de suas camisetas, jaquetas, calças e bermudas, causavam grande impacto visual às pessoas que passavam pelo lugar. Compunham assim um universo simbólico que ajudava a demarcar um lugar de atuação, o lugar onde se daria a manifestação, bem ali, no meio do passeio público.

Todo aquele cenário me fez lembrar as teorizações e análises de Helena Abramo acerca do estilo espetacular de atuação simbólico-comportamental dos punks em centros urbanos, como os por ela pesquisados em meados dos anos de 1980-90, em São Paulo, usando a tática do espelhamento para transmitir mensagens críticas e chocar e alertar os cidadãos sobre a realidade caótica em que vivem. Porém, temos, na atuação dos anarco-punks o diferencial de que os símbolos e mensagens por eles emitidos através de seu estilo visual, não são apenas negativos ou destrutivos, mas, contem mensagens, propostas e críticas construtivas, e com pretensões sociais utópicas e libertárias, como veremos mais a frente nas faixas que também contribuíram para a demarcação do local da manifestação.

Nesse meio tempo alguns dos manifestantes foram até a sala do CSS no Teatro Ciláio Ribeiro, mais ou menos a quase um quilômetro do local da manifestação, juntamente com um membro desta entidade, para trazerem um birô no qual penduraram, na parte da frente, uma bandeira do anarquismo e alguns dos panfletos que iriam ser distribuídos.

Aos poucos foram se abrindo faixas trazidas pelos manifestantes que continham frases de efeito e com teor anarquista, que foram sendo armadas e amarradas, com pedaços de cordão

¹⁶⁰ Pude observar e ouvir essas expressões, pois me colocava, por alguns momentos, um pouco afastado dos anarco-punks e numa margem espacial onde as pessoas deles afastadas teciam sobre eles alguns comentários tendo o cuidado de falar baixo para não chegar a agredi-los, certamente temendo serem por eles revidados.

ou arame encontrados pelas imediações ou com canudos de refrigerante, nas pequenas grades dos canteiros daquele local do Parque Sólon de Lucena (a Lagoa).

As faixas não eram apenas as do pessoal do CCS. O pessoal que veio de outros estados também trouxe e expôs faixas, que ajudaram a demarcar o espaço da manifestação.

A do CCS trazia as seguintes frases: “Se ninguém trabalha por você, que ninguém decida por você. Vote nulo. Seu medo de ser livre lhe dá o direito de ser escravo”; o CCS também trouxe uma placa de mais ou menos meio por meio metro preta, com o “A” circulado ao fundo, e em primeiro plano escrita a frase: “Nos obrigam a votar, mas não a eleger. Vote nulo”.

Uma faixa vermelha trazida pelo pessoal de Fortaleza trazia estampada um dos princípios libertários propostos pelas comunidades zapatistas mexicanas durante seu período de resistência da década de 1990: “Por um mundo onde caibam vários mundos”. Slogan este suscita o incentivo e a tolerância à diversidade entre os povos do mundo. Outra que veio de Petrolina, dizia: “Brasil: quinhentos anos de massacre a índios, negros e pobres”. Só os assassinos têm o que comemorar. Uma alusão contra as festividades alienantes promovidas pelo estado brasileiro em associação com a mídia burguesa. E ainda outra que trazida por alguém de Natal, dizia: “O 1º de Maio é anarquista: Viva a luta de classes”. Mais um indício da influência da cultura anarquista na cultura anarco-punk, que alude ao caso dos assassinatos dos anarco-sindicalistas norte-americanos conhecidos como Os Mártires de Chicago, que foram presos julgados e condenados à morte pelo Estado norte-americano por lutarem contra a exploração do trabalho assalariado.

Alguns dos militantes trouxeram panfletos e uma panfletagem foi agilizada de improviso, contando, é claro, com a colaboração desse pesquisador que vos escreve, que precisava se demonstrar razoavelmente ativo e não poderia nem sequer pensar em ficar ocioso em meio às atividades as quais pesquisa, e são organizadas pela cena de seu campo de pesquisa, numa postura de mero espectador ou “parasita” no seio da comunidade anarco-punk.

Como curiosidades em termos de manifestações individuais de apoio ou repúdio aos anarco-punks, ou discussões com relação à sua manifestação, por parte dos transeuntes, pude observar as seguintes¹⁶¹: um homem que passava com sua esposa, após apreciar toda a cena da manifestação e receber um panfleto com o texto “Farsa democrática” (do N.P.A.) das mãos de

¹⁶¹ Em ordem aleatória dos acontecimentos.

um dos manifestantes, saiu andando e dizendo: “Anarquismo não. Pelo amor de Deus!”; outro homem ao receber um pequeno panfleto do CCS, intitulado “Contra a farsa das eleições” das mãos de um anarquista de Fortaleza, pediu-lhe mais panfletos dizendo que queria distribuir para seus amigos, dizia ele não gostar das eleições e da política demagoga.

Uma mulher que recebeu este mesmo panfleto, ao saber de sua temática manifestou-se favorável às eleições que em sua opinião “são bastante democráticas”, manifestando, porém que só quem vai dar um jeito no mundo é Jesus. Houve um pouco de discussão amistosa entre ela e alguns anarco-punks, mas sem muito convencimento de ambas as partes, pois só estavam expondo suas convicções sem procurar entender um o ponto de vista do outro, tanto com relação às eleições quanto com relação à existência de Deus.

Procurei saber a procedência religiosa da mulher perguntando-lhe sua religião e ela me respondeu que era da Igreja Messiânica.

Quase no final da manifestação, alguns anarco-punks e outros libertários participantes do encontro notaram a atitude de um punk e alguns anarco-punks que só ficaram bebendo enquanto eles panfletavam e conversavam tirando dúvidas das pessoas que abordavam com panfletos, fazendo a propaganda contra as eleições durante a manifestação. Disseram eles que iriam colocar isso na reunião de avaliação do encontro que ocorreria no dia seguinte.

Aqui vemos mais uma vez a manifestações de tensões entre o exercício das liberdades individuais e a organização de ações coletivas que tem se apresentado como uma das características da organização das atividades de movimentações na cena anarco-punk de João Pessoa.

Para a parte da tarde estavam programadas a palestra-debate “Anarquismo na Prática” e um “Debate Sobre Cultura Punk”, que terminaram não sendo realizadas, tanto por atraso quanto por falta de boa comunicação e voluntariedade de alguns indivíduos, uma vez que o suposto provocador do debate sobre anarquismo na prática não se voluntariou a palestrar. O debate sobre cultura punk, também não ocorreu porque alguns dos integrantes do CCS não compareceram, pois uns estavam bebendo, outro talvez trabalhando ou cuidando de compromissos familiares e uma integrante do CCS não quis encarar a tarefa sozinha, uma vez que o coletivo tinha se comprometido a protagonizar o debate.

À noite, por volta das oito horas e depois do jantar, houve a mostra de vídeo do 1º Encontro Pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, que ocorreu em 1996, na região de

Chiapas, México, território insurrecional zapatista, qual foi tinha chegado há pouco tempo na caixa postal do CCS, vindo desse país.

Depois de exposição do vídeo, o segundo dia do encontro teve seu termino.

3.8 - Oficina de dinâmica de grupo

A atividade que passo a analisar realizou-se e foi observada durante a parte da tarde do primeiro dia (14 de julho de 2000) do 2º Encontro de Confraternização Anarco-punk à Nível Nordeste, logo após uma rodada de apresentações dos participantes e repasse dos informes sobre as cenas anarco-punks do Nordeste, feito por parte dos militantes presentes.

Depois de tal apresentação inicial e troca de informes, foi anunciada a oficina “Aprender a falar sobre si e escutar o que o outro tem pra dizer”, ministrada por uma moça anarquista vinda da cidade de Natal (RN). O convite à participação foi feito por ela mesma, ressaltando que não era obrigatória a participação e que quem não quisesse participar era só sair da roda da dinâmica, pois, como explicitado no capítulo (1) teórico, a espontaneidade e não obrigatoriedade de adesão às atividades é uma característica do estilo de atuação anarco-punk percebido no campo em que realizei esta pesquisa.

Iniciando a oficina ela pediu que nos sentássemos em circulo uns próximos aos outros de mãos dadas e com os olhos fechados. Iniciou-se então uma seqüência de profundas respirações e aspirações para o alcance de um maior grau de concentração. Em seguida, aicineira disse que ao tocar no ombro de cada pessoa esta iria falar um pouco de seus problemas, defeitos, autoritarismos e um pouco do que está fazendo para tentar superar essas coisas. Ao saber no que consistia a proposta inicial da oficina algumas pessoas se abstiveram de dela participar¹⁶² e saíram da roda sem argumentar motivo algum ou serem questionados por ninguém.

Todas as pessoas envolvidas na dinâmica foram falando espontaneamente quando chegavam as suas vezes de serem tocadas no ombro, inclusive eu mesmo, que também

¹⁶² Essas pessoas foram, um punk membro do CCS, um anarco-punk membro do coletivo R.A.P. (Resistência Anarco-punk) de Aracajú e uma simpatizante daqui de João Pessoa.

participei da oficina. Falavam de seus problemas pessoais, familiares, de relacionamento com amigos, de suas revoltas pessoais e sociais e de discriminações que sofrem de outras pessoas. Também diziam como costumavam lidar com essas coisas e que tipos de táticas usavam para tentar trabalhá-las e controlá-las, promovendo um verdadeiro desabafo e socialização de idéias e táticas para se superar defeitos e descontroles de personalidade.

Uma coisa importante de ser relatada sobre esta oficina é que as pessoas ao receberem o toque no ombro para começarem a sua exposição individual não se identificavam. Isso foi uma recomendação da própriaicineira que ela propôs quando explicou de início as regras iniciais da dinâmica. No dia seguinte, pouco antes da manifestação que ocorreu na Lagoa (Parque Sólón de Lucena), quando toquei no assunto com ela, ela me falou que os recursos das pegadas nos ombros, dos olhos fechados, das respirações e aspirações profundas e a não identificação dos nomes dos indivíduos, na hora da exposição oral, eram fatores que contribuiriam para uma maior concentração, relaxamento e também para desinibir os indivíduos e o grupo como um todo.

Ao final da dinâmica, e depois de todos ter participado, aicineira nos propôs um grande abraço coletivo que foi aceito por todos os envolvidos na terapia, e que se realizou no mais alto astral e união possível, em meio a muitos sorrisos.

Após a dinâmica de grupo, eu fiquei até à hora das palestras conversando informal e descontraidamente com o pessoal participante. Sabendo que havia comida suficiente, comi um pouco de batata doce que os anarco-punks tinham preparado para a janta, para poder agüentar a fome um pouco mais ao longo da noite até acabarem as palestras-debates apresentadas anteriormente.

Aqui cabe a ressalva de que dinâmicas de grupo como esta, podem se dar na cena anarco-punk pesquisada por meio de certo grau de influência e são uma das atividades desenvolvidas pelos anarquistas somaterapeutas do coletivo SOMA, atuantes na cidade de São Paulo. Coletivo este que teve como um dos fundadores e principais incentivadores o anarquista e psicanalista Roberto Freire. Influenciados por Wilhelm Reich, um discípulo decidiste de Freud, os somaterapeutas acreditam que "a libertação social só poderia ocorrer com a libertação individual. Buscando criar relacionamentos libertários na família, no relacionamento amoroso, e buscando libertação sexual, os somaterapeutas desenvolveram técnicas [embasadas em exercícios gestuais e dinâmicas de grupo] autogestionárias para a emancipação do indivíduo [...]

reduzida a alguns coletivos, a somaterapia foi importante no resgate de uma discussão libertária sobre o comportamento humano (TEIXEIRA, 2000, p.55-56. colchetes nossos).

3.9 - Evento em parceria com um movimento “aliado”.

As eventuais, mais ou menos regulares e passageiras alianças dos coletivos anarco-punks pesquisados com outros coletivos, entidades ou movimentos sociais se dão sempre dentro de limites possíveis de cooperação e apoio mútuo, que tem, quase sempre, uma base pautada em causas sociais parcialmente comuns.

Desta maneira, sendo partidários da liberdade absoluta¹⁶³ proposta pela filosofia e ideologia anarquista, os anarco-punks podem, eventualmente, organizar atividades e evento conjuntamente com entidades e movimentos que lutam por liberdades e igualdades específicas, tais como: o movimento negro, o movimento feminista, o movimento ecológico, o movimento pelos direitos dos homossexuais, dentre outros.

Segundo deu pra perceber através de muitas conversas informais que tive com os anarco-punks do C.C.S. durante os anos da minha pesquisa para a monografia, na época de minha graduação, as alianças com estes movimentos e entidades a eles relacionadas sempre tem recessos por tempo indeterminado sempre que chegam os períodos eleitorais das políticas municipal, estadual ou nacional, quando a esmagadora maioria dos integrantes dessas entidades e movimentos aderem às campanhas de candidatos e partidos, a maioria da esquerda convencional burocrática.

Outras vezes os distanciamentos com entidades e movimentos sociais se dão por meios de discussões formais (debates) ou informais (conversas) entre eles e os anarco-punks, onde os anarco-punks acabam por defenderem posições mais críticas e radicais que acabam por desagradar aos seus eventuais aliados, que, por sua vez, embora admitam às vezes certa razão nas idéias dos anarco-punks, acabam enxergando-os como utópicos e infantis.

¹⁶³ Da liberdade que os anarquistas concebem e chamam de irrestrita, ou seja, a constante luta pela conquista da liberdade em todas as esferas (culturais, políticas, sociais, sexuais, etc.) da existência social humana. Para os anarquistas em geral, a emancipação social plena e total. Ver mais sobre esta concepção anarquista de liberdade em Rodrigues (1988).

A atividade que passo a analisar foi organizada pelos anarco-punks do C.C.S. em parceria com o M.E.L. (Movimento do Espírito Lilás¹⁶⁴), o movimento que os anarco-punks desse coletivo tinham, até a época em que fixavam sede nas dependências do prédio do antigo Grupo Escolar Dr. Tomás Mindêlo¹⁶⁵, maior afinidade pessoal e melhor relacionamento político ideológico.

* * *

Realizou-se durante os dias 04 e 05 de fevereiro do ano 2000, respectivamente sexta-feira a sábado, no Teatro Ciláio Ribeiro, Centro de João Pessoa, com horário de início marcado para as 20h00min e custo de 2R\$ (dois reais) cobrados pela entrada, o evento Arte Livre, organizado conjuntamente pelo Centro de Cultura Social de João Pessoa e o M.E.L., movimento este que quase sempre tem bom relacionamento com os anarco-punks de João Pessoa pelo fato da afinidade ideológica existente entre eles com relação à defesa da livre opção sexual e pelo fato dos anarco-punks combaterem a discriminação contra os homossexuais.

Este evento teve um caráter beneficente às duas entidades, visando à arrecadação de fundos para que ambas pudessem utilizá-los para arcar com dividas de despesas atrasadas relativas às suas parcelas de contribuição com taxas de água, luz e serviços de manutenção do prédio do teatro.

Para a sexta-feira dia 04, estavam anunciados os cantores locais Escurinho, Pedro Osmar, Paulo Ró, Gláucia Lima, Guilherme Semedo (cantor africano de Guiné Bissau, fundador, vocalista e violonista da banda Mama Jazz) e Adeildo Vieira, além da banda de rock eclético Zumbir.

Nesta primeira noite do evento tudo transcorreu bem, num clima de descontração e desejo de familiaridade no qual muitas pessoas, um público misto de pessoas jovens e de meia idade, iam chegando e entrando num clima de curtição das músicas que os artistas tocavam, uma mistura de MPB pop, ritmos regionais nordestinos e afro-brasileiros. Aos poucos muitas dessas pessoas que não se conheciam passavam umas pelas outras, se falavam, começavam a

¹⁶⁴ Um movimento de luta pelos direitos dos homossexuais.

¹⁶⁵ E onde a Federação Paraibana de Teatro Amador (F.P.T.A.), uma das entidades do Coletivo Arte e Luta (C.A.L.), fundou o Teatro Ciláio Ribeiro.

conversar e iam se conhecendo. Outras vezes os conhecimentos iam se dando com a ajuda de amigos em comum.

Esta primeira noite do evento contou com a presença de pessoas das mais variadas procedências sociais e denominações culturais que são discriminadas e rotuladas com adjetivos desqualificantes pelas parcelas conservadoras da nossa sociedade, tais como: integrantes do movimento negro, do M.E.L., anarco-punks, roqueiros adolescentes da cidade, dentre outros.

No terraço da entrada do teatro estavam sendo vendidas, tanto no primeiro quanto no segundo dia do evento, bebidas como cervejas, caipirinhas e batidas que eram consumidas pelo público presente. Também no terraço do teatro estavam sendo vendidas bijuterias artesanais por alguns artesãos que armaram seus estandes em cima de birôs emprestados das salas das entidades, o que me comprovou uma razoável cooperação e apoio mútuo existente entre outras entidades do complexo do C.A.L.¹⁶⁶, os anarco-punks do C.C.S. e o pessoal do M.E.L.

Tanto no primeiro como no segundo dia do evento, pude observar a cooperação e o revezamento tanto de membros do CCS quanto do MEL nas funções de organização do evento, tais como, a fiscalização e a cobrança da taxa de entrada e a chamada com microfone para as atrações que iriam se apresentar.

Por algumas vezes, pude observar que apesar de a taxa de entrada ter sido proposta no valor de dois reais, muitas das pessoas que queriam entrar no evento e alegavam não dispor deste dinheiro, barganhavam sua entrada com os organizadores e entravam contribuindo com o que podiam, dando um real, um real e cinquenta; cinquenta centavos, duas pessoas entrando por três reais e assim por diante. No meu entender este tipo amistoso de barganha se deu tanto pelo fato de as entidades organizadoras do evento precisarem do máximo de dinheiro para quitar suas dívidas quanto devido a influencia do princípio do *no profit* (não ao lucro) da filosofia punk na proposta de realização das atividades do evento.

Nas duas noites do evento, não foram estipulados horários de encerramento, podendo as bandas anarco-punks, os cantores e as drag queens se apresentarem durante a madrugada, até as 01h30min ou 02h00min.

¹⁶⁶ Nessa época o Coletivo Arte e Luta (C.A.L.) era integrado, além do C.C.S. e do M.E.L., por um grupo de capoeira Palmares, uma entidade representativa do Movimento Negro, e pelo Musiclube da Paraíba.

Depois do encerramento das apresentações os anarco-punks e outros participantes do evento que queriam, continuavam conversando e bebendo alguma bebida alcoólica no terraço do teatro ou dirigindo-se para algum bar das redondezas ou da praia.

E foi mais ou menos neste clima de cooperação, apoio mútuo, confraternização e descontração que aconteceu o evento arte livre organizado conjuntamente pelo CCS de João Pessoa e o M.E.L.

3.10 – Outra fonte: análise do Relatório do 5º Encontro Anarco-punk Nordeste – dez. 2001.

Durante o mês de dezembro de 2001 tive a oportunidade de fazer incursões de campo que me deram subsídios importantes para a coleta dos dados e ajudaram no andamento de minha pesquisa sobre as práticas, a organização e a dinâmica de participação nas atividades desenvolvidas pelos anarco-punks em João Pessoa.

O documento que passo a analisar relata um pouco das atividades e discussões de importantes temas, aspectos e problemas inerentes às cenas anarco-punks do Nordeste e ao estilo de organização anarquista/punk defendido pelos coletivos e indivíduos nelas atuantes – inclusive os da cena pesquisada – que muito contribui para o entendimento do referido estilo de organização.

Aconteceu, entre os dias 22 e 25 do referido mês, o 5º Encontro Anarco-punk a Nível Nordeste (seção deliberativa). No primeiro dia do encontro, foi efetuada pela parte da manhã, uma manifestação denominada “Contra o consumismo capitalista e a hipocrisia cristã”, crítica ao consumismo e a “falsa” (segundo os anarco-punks) fraternidade entre os seres humanos que se manifestam neste período que se manifesta de forma mais aguda no período natalino. Esta manifestação previa além de discursos públicos e panfletagens (que se realizaram), também a queima de um boneco do Papai Noel.

A queima do boneco não chegou a acontecer devido a pouca quantidade de expectadores no local da manifestação, que se daria no Parque Sólon de Lucena, no centro da cidade. Desta forma, os participantes do encontro que se encontravam presentes fizeram uma pequena reunião

após a panfletagem e suas falações e decidiram voltar para o local do encontro, a sede social do DCE da UFPB, sem efetuar a queima do boneco.

Na parte da tarde do dia 22, iniciou-se o encontro propriamente dito, com uma troca de informes entre os anarco-punks de várias cidades e estados do nordeste vindos a João Pessoa para esta ocasião.

No dia 23, tivemos a discussão de três temas relativos ao meio e à cultura anarco-punk, foram eles: “Padrões” no movimento punk; “Encontros @-punx (anarco-punks), para que?”; e Preparação/Discussão do Encontro Internacional¹⁶⁷, entre anarco-punks.

O primeiro tema, “Padrões” no movimento punk, trouxe a tona discussões identitárias sobre o movimento e seus integrantes através de assuntos como: comportamento, visual, som (“música” punk), formas de relacionamento e posicionamentos do e no movimento. Este tema chegou a poucos consensos devido às grandes variedades de opiniões sobre o tema central da discussão e aos subtemas sugeridos em meio à discussão. Analisando-se o relatório do encontro, evidencia-se que não é possível determinar padrões únicos de comportamento, mas apenas reafirmar princípios gerais (anti-princípios) que, pretensamente, devem ser seguidos por todos, embora se admita a possibilidade de interpretações individuais diferenciadas dos mesmos, como podemos observar:

[...] não se quis dizer que o visual punk como é visto deva ser deixado de lado, mas sim que haja respeito às diferenças e que cada pessoa possa expressar a cultura punk de acordo com os anti-princípios¹⁶⁸ que norteiam seu surgimento, como iconoclastia, antimilitarismo, anti-homofobia, quebra de padrões e estereótipos, anti-estética e com o sentimento libertário” (Relatório do 5º Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste, dezembro, 2001).

Nesta passagem podemos apreciar claramente a constituição quase que sincrética da proposta de constituição estética do visual punk na interpretação dos anarco-punks presentes nesse encontro, onde aparecem no discurso textual a valorização de aspectos político-ideológicos presentes tanto nos ideais quanto nas culturas punk e anarquista, tais como: iconoclastia (extrema reflexividade, seleção e eliminação de idéias e valores), quebra de padrões, em termos de idéias, valores e comportamento (provenientes da iconoclastia presente no ideal contracultural anarco-punk), antiestética (também associada ao já dito no parêntese anterior) e sentimento libertário, a essência inspiradora (juntamente com o autonomismo) da cultura anarco-punk.

¹⁶⁷ Que aconteceu em Salvador, na Bahia, em meados de julho de 2002.

¹⁶⁸ Ou seja, de acordo com os princípios contraculturais.

O segundo tema debatido no dia, “Encontros anarco-punks para que?”, teve início na parte da tarde. O debate sobre este tema se propôs a avaliar os encontros anarco-punks que aconteceram no Nordeste, tanto os de confraternização quanto os deliberativos, pois, como descrito no relatório deste encontro, “os mesmos vinham perdendo o sentido de realização”, frase que, em meu entendimento, aludiu criticamente aos problemas de dispersões ocorrentes no 2º Encontro de Confraternização Anarco-punk à Nível Nordeste, em julho do ano 2000.

No início do debate, colocaram a questão tema do debate e a discussão que se seguiu, dentre outros fatos e aspectos, considerou os pontos positivos e negativos dos encontros. Os pontos negativos mencionados foram:

pouca comunicação (cartas, contato pessoal); a perda do sentido e a estagnação do boletim unificado, também a falta de iniciativa e de idéias. Outra coisa que contribuiu de forma negativa foi a pouca organização de alguns grupos que realizaram os encontros (Relatório do 5º Encontro Anarco-punk a Nível Nordeste, dez., 2001).

Já como pontos positivos, foram destacados:

o encontro @-punk nordeste já vem sendo realizado a 4 anos, isso demonstra resistência e vontade de ver o movimento estruturado. Outros pontos foram colocados como positivos, mas ainda precisam ser praticados, como: intercâmbio de organização de atividades, calendário de atividades em comum, discussão do próprio movimento para que haja solidariedade com as experiências cotidianas de cada grupo, autocrítica (grupos e indivíduos) (Relatório do 5º Encontro Anarco-punk a Nível Nordeste, dez., 2001).

Os pontos positivos e negativos, as propostas e críticas construtivas acima descritas, nos sugerem o desejo declarado dos anarco-punks participantes do encontro em erguer certo grau de organização, comunicação e articulação em rede¹⁶⁹ entre as (e também no interior das) cenas de cada estado, propondo, como expresse, que “haja solidariedade com as experiências cotidianas de cada grupo”, bem como “autocrítica” entre grupos e indivíduos, além de intercâmbio de atividades e calendário de atividades comum.

No meu entendimento, o anseio manifesto de solidariedade e sincronismo de atividades e calendário comum de atividades, além da proposta de exercício da autocrítica para grupos e indivíduos, revelam uma característica dos movimentos, grupos, culturas e indivíduos

¹⁶⁹ Esta é uma tendência não só nesta região, mas também de outras regiões do mundo onde existem cenas anarco-punks e já há alguns anos tem se manifestado este desejo e tendência de articulação em rede, até em nível global, pelos anarco-punks do mundo. Dois grandes exemplos desse tipo de anseio entre os anarco-punks podem ser observados através de organizações como a I.A.P. (Internacional Anarco-punk – Site: <http://espora.org/iap/>) e a F.A.P. (Federação Anarco-punk (ESP) – Site: <http://www.geocities.com/fallasdelsistema/fap.html#a>), das quais podemos verificar seus apelos de compromisso de atuação política libertária e de articulações em rede através de suas cartas de apresentação, respectivamente postada como os anexos 2 e 3 desta dissertação.

contraculturalistas destacada por Goffman e Joy (2007), a propensão às mudanças sociais e individuais.

O terceiro tema discutido no dia referiu-se à preparação/discussão do encontro internacional. Foram expostas as preocupações com o transporte; alimentação; segurança contra os repressores oficiais (polícia e agentes do serviço de informação) e pessoas que pensam em ir ao encontro para tumultuá-lo (alusão aos punks pessimistas).

Aqui cabe uma ressalva sobre a situação de encruzilhada cultural, política e intelectual na qual se encontram os anarco-punks em meio às coletividades de militância e/ou aos movimentos punk e anarquista, uma vez que eles tendem sempre a, de um lado, manifestar uma postura crítica com relação a certas atitudes, comportamentos e posturas políticas, culturais e morais manifestas por anarquistas - como o relaxamento da prática dos princípios libertários na vida cotidiana e a rigidez da proposta de militância que, em certos casos, não reconhece os impactos construtivos das práticas (des) comportamentalistas (uso do visual, organização de atividades lúdicas) - por eles proferidas. Por outro lado, são criticados, sobretudo político-culturalmente por punks não-anarquistas, principalmente (no plano político) por adotarem algumas práticas de caráter mais explicitamente políticas, dialogando e estabelecendo parcerias com alguns grupos militantes. Também (no plano simbólico) pelo fato de abdicarem do uso de um visual punk mais pesado e agressivo, tornando-se mais político-sociais, ou seja, “mais ao agrado dos estabelecidos do sistema”.

Sobre estas questões, podemos contemplar tópicos de discussão tanto no relatório do 3º Encontro do Movimento Anarco-punk do Nordeste quanto no número quatro do Boletim Unificado das cenas anarco-punks do nordeste¹⁷⁰, do trimestre fevereiro/março/abril do ano 2000, no qual em dois pequenos textos foram comentadas as seguintes discussões:

M.A.P. e o Movimento Anarquista: Foi uma discussão não deliberativa. Porém decidiu-se a credibilidade do **M.A.P.** (Movimento anarco-punk) junto ao movimento anarquista e o comportamento do mesmo em agir com transparência não só no movimento anarquista, como também nos movimentos da esquerda política; Pessimistas e For Funs: A proposta deliberada sobre a situação entre anarco-punks e os **pessimistas**¹⁷¹ é a isolamento por completo deles. Entretanto foi discutido a elaboração de materiais direcionados tratando da importância do anarquismo no punk, no qual, servirá como campanha contra os **niilistas**. Com relação aos for funs, para quem não sabe, o pessoal que toca o estilo hardcore apenas por diversão, algo

¹⁷⁰ Este boletim era publicado trimestralmente nesta época e era editado por indivíduos e grupos anarco-punks das cenas de cada estado do nordeste que se revezavam a cada edição deste boletim.

¹⁷¹ Tendência de punks pouco sociais e bastante apolíticos, que preferem restringir o punk à esfera cultural e comunitária, não se inserindo em lutas político-sociais (Nota minha).

inaceitável para o punk, pois trata o HC como forma de protesto e vida, terá um trabalho de informação política no meio for fun (Boletim Unificado: Informativo do Movimento Anarco-punk do Nordeste, nº 4, fev./mar./abr./2000).

Voltando a falar das discussões do encontro, foram expostas ainda preocupações com a aquisição das fichas de inscrição do encontro e que nas mesmas constassem a pergunta de que noção das línguas inglês e espanhol cada participante tinha, para serem tradutores e facilitadores dos debates, dentre outros fatores preocupantes.

No dia 24 o grande tema de discussão foram os problemas no movimento anarco-punk, onde foram discutidos problemas que vêm prejudicando reuniões de grupos, encontros e grupos do movimento, como a falta de confiança e de diálogo, ideologias conflitantes com o punk, por exemplo: a existência na cena do nordeste de anarco-punks cristãos e de punks pessimistas, falta de organização e sobrecarga de atividades em algumas pessoas de alguns grupos.

A existência de anarco-punks cristãos e pessimistas na cena nordeste, citada como fato problemático para a referida cena, que nos revela certo grau de aversão, existente no meio anarco-punk, relativa às filosofias cristã (deísta) e pessimista (apolítica/distópica: antisocial/desprovida de utopias), filosofias estas que se chocam com a filosofia anarco-punk manifesta pela esmagadora maioria dos integrantes das cenas anarco-punks da região nordeste do país, majoritariamente atéia e socialmente mais ativista e utópica.

No dia 25 houve uma avaliação do encontro, onde foi explicado que os problemas sempre existiram no movimento e que “o grande lance é saber buscar soluções práticas que nem sempre tem que ser drásticas¹⁷²” (Relatório do 5º Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste, João Pessoa, dez., 2001).

Todavia, foram destacadas as muitas virtudes deste encontro, como, a praticidade do mesmo sem que se perdesse tempo com burocracias como constituição de mesa diretora, controle do tempo, inscrições para a fala etc. O que atesta a valorização de uma política e organicidade anárquicas, com o mínimo possível ou quase nenhum grau de burocratização.

Nesta mesma linha, ainda foi destacada a espontaneidade dos participantes do encontro nos debates, sem que houvesse cobranças¹⁷³; a negação da existência de uma padronização do

¹⁷² Aqui a palavra “drásticas”, relacionada à busca de “soluções práticas” para problemas de condutas como o dos roubos de materiais, relatado no parágrafo anterior, talvez esteja aludindo às execrações (desconsiderações, ignorâncias e expulsões) de indivíduos do meio.

¹⁷³ Numa clara alusão crítica, ao meu modo de ver, aos problemas de dispersão ocorrentes durante as “Palestras”-debates sobre pedagogia libertária e anarco-feminismo, durante o 2º Encontro de Confraternização Anarco-punk à Nível Nordeste em Julho do ano 2000.

ou no movimento e o enaltecimento da cultura punk, onde se negou a limitação a estereótipos e/ou apenas à música. Percebe-se, através destes aspectos destacados, que os mesmos reforçam os princípios que orientam a cultura e as movimentações anarco-punks das cenas envolvidas no encontro. Também a manifestação da preocupação dos anarco-punks em negar padronizações em seus meios e no seio de sua cultura, além da preocupação em expressar e fazer sua cultura ser reconhecida para além da estética visual e do aspecto musical, também em seu caráter de militância político-social.

Com relação ao tema dos encontros anarco-punks a nível Nordeste, foi constatada a necessidade de realização dos mesmos que, segundo como consta no relatório:

Além de possibilitar o contato pessoal e o estímulo entre @s ativistas da região, sempre surgem novas possibilidades de organização, estratégias e táticas que podem contribuir com os grupos em cada local (Relatório do 5º Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste, João Pessoa, dez., 2001).

Aqui transparece a valorização dos Encontros Anarco-punks à Nível Nordeste como ocasiões e oportunidades onde pode ser reforçada a organização de grupos e cenas locais através da socialização de idéias, estratégias e táticas de militância entre diferentes grupos e cenas. O que nos faz perceber que há uma preocupação com o reforço da proposta de organização local e regional que vai além da aparente dispersão que se reflete em certas ocasiões.

Ficou constatada ainda a inviabilidade de realização do encontro de confraternização do ano de 2002, que aconteceria praticamente na mesma data na qual se realizaria o encontro internacional em Salvador (BA).

A esta altura, torna-se relevante que eu exponha uma limitação, com relação à coleta de informações, que me foi imposta por membros do CCS e outros do meio anarco-punk do Nordeste, na ocasião deste encontro, que se mostraram muito cismados e arredios ao meu uso do gravador, sobretudo nos momentos em que no debate surgiram questões de caráter mais interno, pessoal, íntimas e polêmicas para a comunidade, nas quais alguns deles me pediram de maneira bastante direta, em meio aos debates, para que eu pausasse o gravador.

Devido a essas tensões, suspendi por tempo indeterminado o uso do gravador como instrumento de coleta de dados desde o final deste Encontro, limitando-me, para este objetivo à

coleta de materiais produzidos pelo meio¹⁷⁴, às observações participantes e às conversas informais¹⁷⁵.

* * *

Neste capítulo procurei analisar as atividades e eventos organizados pelos grupos anarco-punks pesquisados, visando identificar e explicar aspectos característicos do estilo de organização das atividades culturais e político-sociais que protagonizam.

Desta forma, foi possível identificar aspectos e (anti) princípios advindos da cultura política e da ideologia anarquistas, bem como da cultura e ideário punk, tais como: anti-hierarquia, anti-burocracia, espontaneismo, libertarismo, igualitarismo, anti-autoritarismo, anti-sexismo, anti-machismo, autonomia (marginal e relativa), faça você mesmo, não ao lucro, anti-comercialismo, postura underground e contracultural, dentre outros, que juntamente com os problemas e problemáticas de atuação analisados, nos ajudam a entender o sentido da interpretação do estilo autonomista e libertário de atuação dos indivíduos atuantes na cena anarco-punk de João Pessoa.

Estilo este que tem relação direta com as influencias anarquistas, punks e anarco-punks que chegam a esta cena através de processos comunicativos que as trazem de instâncias mais globais, que os ajudam a montar seu estilo peculiar de atuação, que funda uma nova maneira de se ser e atuar cultural, e político-socialmente, juntando essas influencias advindas das culturas e ideais punk e anarquista. O estilo de atuação anarco-punk.

¹⁷⁴ Como panfletos, zines, boletins e relatórios de encontros.

¹⁷⁵ Na época deste encontro, eu estava em meio à pesquisa para a coleta de dados da minha monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais. Nesta fase, eu ingenuamente idealizava fazer além da análise dos três elementos básicos da cultura anarco-punk (música, estilo visual e a imprensa alternativa dos zines), também esta análise das atividades sócio-político-culturais da militância anarco-punk que desenvolvo neste atual trabalho. Durante as fases de pesquisa de campo e redação da minha monografia percebi que ficaria muito pesado e que não daria tempo de fazer tudo a tempo de defender a monografia. Foi então que recortei a pesquisa limitando-a a análise dos três elementos básicos da cultura anarco-punk, mas desde este encontro, no qual pretendia usar o gravador como instrumento de coleta de dados e fui vetado por pessoas do CCS. Aboli seu uso até o dia de uma entrevista, para auxiliar na construção do capítulo histórico de minha monografia, que fiz com uma ex-militante do movimento que viveu sua fase inicial em 1984 e permaneceu no meio anarco-punk de João Pessoa até meados da década de 1990.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Bom pessoal, esta pesquisa, como devem ter percebido, se demonstrou muito complexa e complicada, pois o tema tratado e a própria cultura da comunidade pesquisada suscitam uma infinidade de aspectos e detalhes, mesmo dentro dos recortes da abordagem que lhe foi dada. Também porque esta cultura sofre influências receptivas, críticas e antagônicas de muitas

tendências de pensamentos sociais, correntes e “tradições” político-ideológicas que vão além das suas influências básicas, que são as culturas e ideários punk e anarquista.

Todavia, através dessa pesquisa foi possível analisar algumas das variadas atividades de movimentações protagonizadas pelos anarco-punks atuantes na cena da cidade de João Pessoa que, como vimos, não são apenas os anarco-punks originários dessa cidade, mas também outros advindos de outras cidades e estados que, eventualmente, participam e reforçam a cena anarco-punk de João Pessoa.

Através da observação participante, alicerçada por uma descrição densa do campo pesquisado, dos fatos ocorridos e das características comportamentais/contraculturais dos atores sociais pesquisados e suas atividades, aliada à tática complementar de participação observante, que foi tão necessária e cara a esta pesquisa, pude analisar e compreender as principais características presentes no estilo de atuação dos grupos anarco-punks pesquisados, que, como bem vimos no terceiro capítulo, também conta, por vezes, com a colaboração de simpatizantes e colaboradores (as) advindos de entidades e movimentos sociais com os quais se aliam eventualmente em torno de causas libertárias comuns.

Nestas e em outras atividades observadas e analisadas, podemos constatar claramente a negação do que Max Weber chamou de racionalidade e/ou racionalização, tipo de organização político-administrativa provida de alto grau de especialização e hierarquização de funções que são divididas entre um contingente funcionalista legal e institucionalmente estabelecido, tal como ocorre em instituições religiosas e sociais como a Igreja e o Estado; certos tipos de sindicatos; partidos políticos de direita e esquerda (oficiais e clandestinos); empresas, e mesmo em entidades e movimentos sociais que adotam as formas de organizações dos tipos burocráticos e presidencialistas.

Para o ideário, cultura e estilo de organização dos anarco-punks, esta lógica organizativa, dotada de uma especialização disciplinarmente alienante e escravizante dos comportamentos e de uma hierarquização de funções embasada numa atribuição desigual de valores às funções de dada organização, seja tal organização manifesta enquanto atividade, evento ou entidade (grupo de militância, movimento etc.) não lhes presta, não lhes serve em nada, pois, não lhes ajuda a construir uma outra cultura de relacionamentos humanos que funde um mundo diferente do que vivemos, no qual as pessoas poderiam (ou podem, em certas ocasiões) estabelecerem relacionamentos humanos igualitários entre si.

Ao invés dessa lógica organizativa, como vimos através da análise dos meus relatos de observações de campo, os anarco-punks investem num estilo de organização inspirada numa filosofia autonomista que se traduz em atitudes cotidianas e ações coletivas que, a cada momento, manifestam práticas libertárias e autogestionárias. Procurando organizar suas atividades de movimentações manifestando uma organicidade dotada de uma divisão de tarefas, politicamente horizontalizada e simplificada/minimizada.

Este estilo de organização tem como principais características negar a especialização de funções e a racionalidade instrumental, a negação de hierarquias, e valorizar a associação e participação espontâneas (sem que exista formalização da adesão ou obrigatoriedade de participação) nos grupos de atuação, atividades e eventos culturais e político-sociais que organizam, dentre outras características antiburocratizantes.

Um traço forte neste movimento é o respeito e a valorização da autonomia individual. Não há imposição de submissão às demandas e tarefas coletivas. A subjetividade de cada um, dentro de certos limites considerados legítimos pelo ideário anarco-punk, é aceita e/ou tolerada, inexistindo obrigatoriedade de adesão a práticas coletivas quando os anseios pessoais não coincidem com estas últimas.

Neste sentido, pudemos observar o apelo anti-burocrático e anti-hierárquico dos coletivos C.C.S. e N.A.D. durante as palestras-debates e debates que organizam, nos (as) quais vimos a preocupação de posicionarem-se em círculo para debaterem, rompendo com a lógica da relação palestrante-platéia de espectadores tão caras às palestras e debates de caráter mais tradicionais e convencionais; a preocupação em fazer rodada inicial de apresentações e interferências de opinião sobre o tema debatido, para combater a exclusão de participação político-social¹⁷⁶ e a cultura da intelectualidade culta acadêmica (todos podem participar dos debates contribuindo com suas experiências sociais pessoais); espontaneidade e improviso da “ordem” de apresentação das bandas nas gigs; nessa mesma linha, vimos o caráter de participação espontânea e sem planejamento de pessoas como o morador de rua Chorão, rompendo a relação elitista ídolo-fã ocorrente nas carreiras e shows de bandas comerciais integrantes da estrelada indústria cultural (algumas das quais autodenominadas e consideradas punks, por muitos). Neste último caso, destaca-se outra característica importante do movimento; a busca por autonomia para si e para o movimento é também a busca de autonomia

¹⁷⁶ Lembrem-se de como as meninas do coletivo Insubmiss@s me incentivaram a participar do debate sobre o vídeo editado pelo C.C.S.

para o outro, no caso em questão, é mais importante abrir um espaço de fala para alguém excluído da sociedade do que qualquer consideração de ordem artística ou organizativa da gig. Ao abrir espaço para o “choro” de Chorão, os anarco-punks estão reconhecendo a sua existência, valorizando a expressão artística dos seus sentimentos e assim contribuindo também para seu processo de autonomização.

Nessa mesma linha de manifestação do caráter contracultural das gigs e do seu caráter inclusivo e participativo, lembrem-se da informalidade com que Galegão me convidou pra pogar durante a gig organizada pelo coletivo N.A.D. Um escorão de surpresa nas costas, e inesperado por mim, foi o suficiente pra me fazer entrar (participar) na (da) roda de pougo e cair na (em) pougação!

Lembremos aqui de algumas virtudes anti-burocráticas que foram destacadas pelos anarco-punks no relatório do quinto Encontro Anarco-punk à Nível Nordeste, tais como, sua praticidade sem que se perdesse tempo com burocracias como constituição de mesa diretora, controle do tempo, inscrições para a fala etc. O que atesta a valorização de uma política e organicidade anárquicas, com o mínimo possível ou quase nenhum grau de burocratização (uma clara influência político-ideológica do anarquismo). Mais importante do que aquelas formalidades geradoras de impessoalidades e herarquizações de papéis e funções sociais é a possibilidade do diálogo espontâneo que gera um clima mais favorável à constituição de outra cultura relacional, igualitária e não-autoritária.

Estas e outras características presentes e observadas nas atividades e eventos organizados pelos grupos anarco-punks pesquisados são uma influência inegável da ideologia e cultura política legada pelos movimentos e focos de “militância” (atuação político-social) anarquistas existentes (não apenas, mas, sobretudo) no ocidente, que, por outro lado, também foram e são influências para a maioria dos movimentos contraculturais, inclusive o punk anterior ao surgimento da cultura e movimento anarco-punk.

Organizando-se e às suas atividades com base no estilo de organização e atuação acima mencionado e propondo uma mescla entre lutas político-sociais libertárias e a produção e organização de uma cultura e atividades (contra) culturais lúdicas e ao mesmo tempo de protesto, de caráter underground (ou seja, anti-capitalistas/comerciais), os anarco-punks atuantes na cena de João Pessoa fundam uma maneira peculiar tanto de ser anarquista quanto de ser punk em termos de atuação sócio-político-cultural.

Neste sentido, podemos perceber que os anarquistas operários das últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, exerciam sua militância operária de caráter social em determinados momentos e fomentavam esferas culturais de sociabilidade libertária, dotadas de apresentações de bandas musicais instrumentais, saraus poéticos libertários e apresentações de peças de teatro social anarquistas em outros.

E os punks não-anarquistas, principalmente (mas não apenas) os anteriores ao advento da cultura e do movimento anarco-punk no mundo, apresentavam e/ou apresentam uma feição mais restritamente comunitária, niilista e destópica, optando por um estilo de atuação mais localizado e restrito, na maior parte das vezes, à apenas a esfera da cultura e a um comportamentalismo individualista de caráter bem mais sectário e anti-social do que o dos anarco-punks.

Já no estilo de atuação dos anarco-punks da cena de João Pessoa, sobretudo na organização das suas atividades culturais e político-sociais, que foram o foco central das observações e análises desta pesquisa, percebemos um afastamento com relação à postura niilista, anti-social e sectária do punk mais tradicional e uma junção entre militância político-social e sociabilidade (contra) cultural comunitária de caráter anarco-libertário que estavam mais dissociadas no estilo de atuação anarquista mais tradicional, uma vez que neste último se davam em diferentes momentos.

Desta maneira, percebemos que os eventos que organizam juntos em um só dia e momento atividades político-sociais como palestras-debates sobre temas diversos (sempre associados às questões das causas libertárias e da emancipação social) com exposição de literaturas anarquistas e zines punks e anarco-punks, e ainda todo clima cultural, confraternização, protesto contraculturalista, diversão, comportamentalismo, alegria e irreverência de uma *gig*.

Neste mesmo sentido, os debates podem ser sobre cultura punk ou contracultura e em meio às *gigs* os integrantes das bandas fazem discursos anarquistas, criticando a sociedade patriarcal, a política burocrática e institucional do Estado, a hierarquia clerical e exploração da Igreja, o machismo e a homofobia. Também discursos contraculturalistas de valorização da produção de uma cultura underground, criticando ainda a indústria cultural e execrando bandas *for fun*s (comerciais).

Isto apenas para citar alguns exemplos, nestes dois parágrafos anteriores.

Preocupações, discussões e atuações culturais-comunitárias e político-sociais estão indiscutivelmente mais associadas - na prática - no estilo de atuação anarco-punk, do que nos estilos de atuação anarquista e punk mais “tradicionais”.

Com a perda da sede que o C.C.S. tinha no prédio do antigo Grupo Escolar Dr. Tomáz Mindelo, as movimentações anarco-punks na cidade de João Pessoa perderam espaço “próprio” (ocupado), onde podiam exercitar com mais liberdade e aparato estrutural suas praticas autogestionárias. Sobretudo o pessoal do coletivo Farpa (remanescentes do extinto C.C.S.) que, assim como o pessoal do N.A.D. vem recorrendo ao apoio de instituições como o SESC, Sebo Cultural e a própria UFPB, com o intuito de levar a frente à organização de suas atividades de movimentações e divulgar sua cultura e ideologia libertária.

Este tipo de tática, que geralmente não é considerada a ideal, nem é regra geral, nas movimentações dos anarco-punks atuantes na cena de João Pessoa¹⁷⁷, pois vimos que existem atividades como manifestação de rua e exposição de zines em praça pública, no meu modo de ver reflete uma fase de precariedade em termos de falta de espaços autônomos razoavelmente infra-estruturados para a realização de certas atividades e eventos, tais como palestras-debates, debates e encontros regionais do movimento.

Porém, a tática do uso deste tipo relativo de autonomia (como diria Huber, 1985), está longe de significar peleguismo e/ou entreguismo político-ideológico (afrouxamento da postura político-ideológica) por parte dos anarco-punks.

A autonomia relativa traduz-se em uma estratégia que pode ser usada eventualmente, sempre que as condições e recursos forem considerados escassos e/ou ela for considerada necessária ou pertinente pelos anarco-punks, uma vez que, os movimentos sociais não coexistem na atualidade em um paraíso autogestionário e socialista libertário. Estamos vivendo em lugar e momento histórico no qual predominam socialmente as relações de propriedade e político-econômicas do sistema capitalista.

Neste sentido, e relativo a esta questão, lembremos também aqui das considerações de Sader (1988) sobre a questão da autonomia nos movimentos sociais, onde ele nos explica que:

¹⁷⁷ Porém foi uma das características presentes nas suas movimentações durante o período da pesquisa do mestrado, e não somente adotada pelo N.A.D., pois durante este período mencionado houve organização de debates sobre veganismo no SESC-Centro, organizados pelo pessoal do coletivo Farpa, que na atualidade vem manifestando uma forma de atuação mais anarquista do que anarco-punk, sem tanta misturas de atividades político-sociais com atividades lúdicas e culturais embasadas na cultura punk.

sujeito autônomo não é aquele (pura criação voluntarista) que seria livre de todas as determinações externas, mas aquele que é capaz de reelaborá-las em função daquilo que define como sua vontade. Se a noção de sujeito está associada à possibilidade de autonomia, é pela dimensão do imaginário como capacidade de dar-se algo além daquilo que está dado (p.56).

Ou seja, a capacidade de ultrapassar as barreiras do que está imposto como realidade, ir adiante e realizar algo além daquilo que o sistema nos coloca como situação. Em outras palavras (na linguagem de muitas coletividades juvenis que são influenciadas pela cultura punk), “ter atitude”, ou seja, erguer conjunto de idéias e insurgir num conjunto de atitudes que visem e efetivem a superação das precariedades, escassezes e outras adversidades que são impostas pelo meio (realidade social).

Neste sentido, como nos explica Huber, os movimentos sociais nem sempre alcançam seus objetivos “nadando contra a correnteza”. Pois, de vez em quando, nadar por entre a correnteza, e não contra ela, pode ser uma estratégia através da qual novas feridas podem ser abertas e inflamadas na organização do sistema capitalista. E através da qual movimentos antagonistas/contraculturais como o anarco-punk podem reverter dominação em resistência, e assim, através desta estratégia - como diria Huber - David (os movimentos sociais), quem sabe, poderia vencer Golias (o sistema capitalista).

Se esta estratégia é coerente e pertinente com o ideário e o estilo anarco-contracultural de atuação anarco-punk, só eles mesmos, no âmago de sua realidade de atuação e resistência sócio-político-econômica e cultural, podem responder através de suas atitudes. Se tal estratégia surtiria considerável efeito e tal intenção se reverteria em vitória em favor dos movimentos sociais e da sociedade, não dá pra querer prever. Não podemos ser proféticos! Isso é uma interrogação!

Outra fortíssima, marcante e também problemática característica manifesta pelas relações estabelecidas no campo pesquisado é a questão das rixas (inimizades, intrigas) pessoais, que influenciam diretamente na forma como os coletivos anarco-punks tem se dividido e se organizado em João Pessoa, refletindo-se também direta e indiretamente na organização de suas atividades de movimentações.

Tentando compreender essa questão, recorri às considerações analíticas de Mellucci (2001), que nos explica que nos chamados “novos movimentos sociais”:

A agregação tem caráter cultural e se situa no terreno da produção simbólica na vida cotidiana. Existe um inter-relacionamento crescente entre os problemas da identidade individual e a ação coletiva; a solidariedade do grupo não está separada da busca

peçoal e das necessidades afetivas [...] dos membros, na sua existência cotidiana (2001, p.97).

Neste sentido, acrescentei que isso implicaria dizer que há, no seio das coletividades anarco-punks, tensões entre a troca de solidariedade (ou apoio mútuo, na linguagem e ideário dos anarco-punks) para alcançar os objetivos comuns e a busca das realizações pessoais e afetivas. Com destaque para os problemas de ordem afetiva.

Ou seja, realização, liberdade e emancipação individual e coletiva não estão segregadas e sim interligadas e condicionadas entre si tanto no ideário quanto na prática organizativa das atividades culturais e político-sociais protagonizadas pelos grupos e na cena anarco-punk pesquisada.

Esta problemática característica faz parte e ocupa um espaço considerável na cultura dos coletivos e da cena anarco-punk na cidade de João Pessoa, segundo alguns¹⁷⁸, decepcionando, afastando e inibindo a participação de pessoas que, a priori, simpatizam com a cultura e o ideário anarco-punk e que poderiam se tornar “militantes” em potencial, além disso, impedindo a possibilidade de movimentações mais frequentes e melhor organizadas nesta cidade que também contribuiriam no sentido qualitativo e de maior margem de realização das pretensões autonomistas e libertárias da cena.

Ao final do primeiro capítulo desta dissertação, tentei contribuir para o entendimento desta problemática, fazendo uso da hipótese da influência do estilo de atuação anarquista dos grupos de militância da região européia dos países bascos, que teve (ou ainda tem, em certo grau) sua coesão associativa embasada em afinidades sócio-político-culturais, ideológicas e pessoais/afetivas.

Sendo algum dia confirmada ou não a fidedignidade desta hipótese, é fato que o aspecto pessoal/afetivo tem ocupado lugar de destaque nas relações do meio e na configuração das movimentações da cena anarco-punk de João Pessoa. Como este aspecto neste campo de pesquisa é muito moldado pelas múltiplas características das subjetividades e fortes temperamentos de cada indivíduo, pode ser que ele mesmo, que durante algum tempo na década de 1990 foi tão bem visto e valorizado por militantes da época, ajude a explicar as causas das

¹⁷⁸ Lembremos nesse momento das falas de uma moça e dois rapazes anarco-punks durante a gig organizada pelo N.A.D., e da fala de um rapaz simpatizante e velho frequentador do meio, durante a mostra de zines, também organizada por este coletivo, na “Praça do Centrocor”.

expressivas manifestações de desafeição ou antipatia que pairam entre indivíduos e grupos do meio e da cena anarco-punk desta cidade.

Falando com a mais extrema sinceridade, já pensei incontáveis vezes numa solução possível para esta questão das desavenças entre indivíduos (membros ou não de coletivos de atuação) que acabam por segregar os coletivos que, historicamente, atuaram e/ou atuam na cena anarco-punk de João Pessoa.

Mas agora, ao encerramento de mais esta fase da pesquisa que há anos desenvolvo sobre a cultura anarco-punk¹⁷⁹, acabo me deparando com a possibilidade hipotética de esta solução não ser tão fácil de ser alcançada (e, embora seja desejo de muitos do meio, ainda não foi alcançada) por que não será consequência de uma só atitude ou ação a ser tomada por cada um daqueles que integram ou interagem com a referida cena anarco-punk.

Quem sabe se estas pessoas, associando atitudes como, não rechaçar as pessoas a primeira vista¹⁸⁰, chamarem-se para sinceras conversas “olho no olho¹⁸¹” e dotadas de respeito mútuo (atitude muitas vezes bem valorizada pelos anarco-punks), rechaçando assim as fofocas e “hipocrisias” das quais se queixou a anarco-punk de Fortaleza na gig organizada pelo N.A.D., chamando-se e cobrando-se todos (uns aos outros) a estas e outras responsabilidades de caráter organizativo, as quais propõem as cartas de apresentação da I.A.P.¹⁸² e da F.A.P.¹⁸³. da Espanha, não conseguiriam ter maior controle sobre esta problemática questão?

De que outra melhor maneira eu poderia dar um retorno de contribuição mais útil aos indivíduos e grupos da cena anarco-punk pesquisada senão expondo-lhes críticas e propostas de soluções captadas de seus próprios sentimentos, imaginário e intelecto - durante esta pesquisa - para a problemática das desafinidades que tanto já geraram e ainda geram tantas angústias e tanto mal estar nos relacionamentos pessoais em seu meio?

¹⁷⁹ E que vem se convertendo em monografia de graduação (premiada e publicada eletronicamente, diga-se de passagem) e dissertação de mestrado.

¹⁸⁰ Sou obrigado a lembrar mais uma vez as falas e expressões dos simpatizantes que estavam presentes e mesmo que de longe prestigiaram a mostra de zines do N.A.D. na “Praça do Prontocor”: “não tem nada haver” (não tem sentido) discriminar ou rechaçar alguém só porque este alguém esteja usando uma camisa dos Ratos de Porão (...) Neste momento, o rapaz cabeludo que estava vestindo uma camisa dos Ratos de Porão manifestou concordância com meu velho colega, exprimindo um ‘num é meu irmão!’.

¹⁸¹ O que nos faz lembrar das palavras de um dos anarco-punk de Fortaleza durante a gig organizada pelo N.A.D.

¹⁸² Anexo 2 desta dissertação.

¹⁸³ Anexo 3 desta dissertação.

Quem sabe se desta forma os anarco-punks atuantes na cena de João Pessoa não conseguiriam assim realizar os votos presentes na dedicatória da monografia deste estranho familiar que escreveu as linhas desta dissertação? E os quais não estão fora de validade na atualidade: “... aos anarco-punks, anarquistas e punks da Paraíba, do Brasil e do mundo, que precisam se conhecer, se entender, se compreender, se respeitar e se apoiar bem mais mutuamente, em pró de seus movimentos e da causa libertária” (BASTOS, 2004).

Na minha opinião, e pela análise dos seus próprios discursos, os anarco-punks até já sabem o que é preciso e o que fazer para amenizar o quadro estressante e de relativa desarticulação e falta de solidariedade entre os coletivos, causado pela questão das inimizades e intrigas pessoais na cena de João Pessoa. Só receio que eles não saibam ainda como fazê-lo.

Por onde começar? Como manter tais atitudes contrárias a essa situação?

Aproximando-me das melhores reflexões teórico-metodológicas de Turra Netto (2004), um excelente pesquisador que, devido ao distanciamento das abordagens de pesquisa, pouco utilizei durante esta dissertação, mas passei por momentos e problemáticas de pesquisa semelhantes aos quais ele passou, respondo a esta questão.

Os anarco-punks são realmente os maiores responsáveis pela configuração do seu estilo peculiar de organização, dos seus coletivos de atuação e práticas. Por isso, são eles, em coerência com os princípios autonomistas que defendem, quem devem se agilizar no sentido de superar esta situação que há muito tempo vem se instalando e gerando momentos de considerável mal-estar em seu meio.

Ainda concordando com as reflexões analíticas e ressalvas metodológicas de Turra Netto, alerto que a pesquisa que realizei não esgota de nenhuma maneira ou traduz fielmente a realidade da cena anarco-punk de João Pessoa. Pois, ela carrega a marca da minha subjetividade, das experiências e impressões de ser humano e pesquisador que vivenciei dentro dos recortes temporal e espacial em que fiz minhas observações de campo. Por isso esta pesquisa não pode ser considerada a verdade absoluta sobre a cena e não dispensa, aos que se interessem em conhecer mais profundamente a cultura anarco-punk, a necessidade de interagir com os agentes produtores desta cultura.

A problemática dos conflitos pessoais na cena anarco-punk de João Pessoa me sugere a necessidade de uma pesquisa sobre execrações de indivíduos, bandas e grupos de indivíduos em

meios (anarco) punks, através da qual procurarei aprofundar o conteúdo e as fronteiras dos seus ideais autonomistas e libertários, no confronto com ações, valores e práticas por eles repudiados e suas relações com sentimentos e afetos pessoais vivenciados.

Procurarei assim contribuir para ajudá-los a ter um maior controle sobre seus conflitos pessoais, dos quais muitos deles se queixam de estarem prejudicando as articulações e movimentações da cena anarco-punk de João Pessoa.

Acrescento ainda que espero ter contribuído, através desta pesquisa e dissertação, com algo de novo e útil para a sociologia (sobretudo para com seus estudos sobre organizações alternativas à burocracia e sua racionalidade instrumental), as ciências sociais e os indivíduos e coletivos atuantes na cena anarco-punk de João Pessoa!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta, ANPOCS, 1994.

ADELMAN, Mirian. **O reencantamento do político**: interpretações da contracultura. Revista de sociologia e política, Curitiba, nº 16, jun. 2001.

ARBEX Jr, José. De rebeldes e tolos. **Revista Libertárias** - Revista Trimestral de Cultura Libertária, São Paulo, n. 4, p. 40-42, dez. 1998.

ARCE, José Manuel Valenzuela. Os punks. In:_____. **Vida de barro duro**: cultura popular juvenil. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1999, p. 108-149.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AYALA, Marcos. Cultura popular ou folclore: apontamentos para uma análise ideológica. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, UFPB, n.5, p. 17-28, abr. 1987.

BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovich. **Federalismo, socialismo e antiteologismo**. São Paulo: Cortez, 1988a.

_____. **Deus e o Estado**. São Paulo: Cortez, 1988b.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. **Partidários do anarquismo, militantes da contracultura**: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, 2004.

_____. Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk. **Caos: Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/>.

MARTÍN BARBERO, Jesús. Jóvenes: comunicación e identidad. **Pensar Iberoamérica**: revista e cultura, [S.l.], n.0, fev. 2002. Disponível em: <<http://www.campos-oei.org/pensariberoamerica/ric00a03.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2003.

BIVAR, Antonio. **O que é punk**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos, 76).

BORGES, Paulo; COVRES, Rafael. Tribos urbanas. **Revista Libertárias** - Revista Trimestral de Cultura Libertária, São Paulo, n. 4, p. 30-32, dez. 1998.

CAIAFA, Janice. **O movimento punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CESAR, Marcos. **Por que não eleger governantes**. Rio de Janeiro: Achiamé, [19--].

COSTA, Maria Regina da. **Os carecas do subúrbio**: caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: Musa, 2000.

DEBERT, Guita Grin. As classificações etárias e juventude como estilo de vida. In: **A invenção da velhice**. São Paulo: EDUSP/FASPESP, 1999, p.39-69.

ENCINAS GARZA, José Lorenzo. **Bandas Juveniles**: perspectivas teóricas. México: Trillas, 1994.

ESSINGER, Silvio. **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FEIXA, Carles. **De jóvenes bandas y tribus: antropologia de la juventud**. Barcelona: Ariel, 1998.

FONTES, Ieda Euma. **Identificação dos temas e análises das letras das bandas anarcopunks da cena pessoense**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital**. Introdução de Timothy Leary; tradução Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. **Autogestão: uma mudança radical**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HOME, Stewart. **Assalto à cultura: utopia subversão guerrilha na (anti) arte do século XX**. São Paulo: Conrad do Brasil, 1999.

HUBER, Joseph. **Quem deve mudar todas as coisas: as alternativas do movimento alternativo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MALATESTA, Errico. **Anarquistas, socialistas e comunistas**. São Paulo: Cortez, 1988.

MATZA, David. As tradições ocultas da juventude. **Revista Sociologia da Juventude**, Rio de Janeiro, n. 3 (A vida coletiva juvenil), p.81-106, Zahar Editores, 19--.

MATOS, Olga C.F. **Paris 1968: As barricadas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Tudo é História).

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas cidades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.5/6, mai/dez, 1997.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Z. Anarco-punks no Nordeste. **Revista Libertárias** - Revista Trimestral de Cultura Libertária, São Paulo, n. 4, p.33-35, dez. 1998.

ORIGEM do movimento punk. **Revista Coquetel**: cobraão ultra. São Paulo, Ediouro, n. 96, 1999, p.12.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 100).

PEY, Maria Oly. Os Anarco-punks. In: ____ (org.). **Educação libertária**: textos de um seminário. Rio de Janeiro: Achiamé, 1997, p.163- 172.

PRADO, Antonio Arnoni (Org.) **Libertários no Brasil**: memória, lutas, cultura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

EDGAR, Paulo (Org.). **Pierre-Joseph Phroudon**: Política. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

RODRIGUES, Edgar. **O ressurgir do anarquismo 1962 – 1980**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1993.

_____. **Os Libertários**: idéias e experiências anárquicas. Petrópolis: Vozes, 1987.

SADER, Edgar. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALEM, Helena. **As tribos do mal**: o neonazismo no Brasil e no mundo. 6 ed. São Paulo: Atual, 1995. (Coleção História Viva).

SOUSA, Rafael Lopes de. **Punk**: cultura e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva – São Paulo 1983/1996. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Estadual de São Paulo. Assis, São Paulo, 1997.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. **Adeus às barricadas**: uma trajetória do movimento anarquista no Brasil. 2000. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de História, Universidade Católica Goiana. Goiânia, Goiás, 2000.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado Vivo**: Identidade punk e território em Londrina. São Paulo: Editora ENESP, 2004.

VACCARO, Salvo. Foucault e a anarquia. **Revista Anarquista Mensal Novos Tempos**, São Paulo, n. 2, p. 45-58, nov. 1998.

VALLADARES, Eduardo. Juventude e rebeldia. Revista Libertárias - **Revista Trimestral de Cultura Libertária**, São Paulo, n. 4, p.36-39, dez. 1998.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Chon. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

ANEXOS

Anexo 1 – Texto (panfleto): Anarco Feminismo é Clube da Luluzinha??. Rede Anarco Feminista Obirin Onijá. CX. Postal: 3297 – CEP: 01060-970 – São Paulo – SP.

Anexo 2 - Boletim Unificado: Informativo do Movimento Anarco-punk do Nordeste, nº 4.

Anexo 3 - Carta de Presentacion de la Internacional Anarco Punk (I.A.P.), <http://espora.org/iap/>, 21/01/2008.

Anexo 4 – Carta de Presentación de la F.A.P. (Federación Anarco-punk (ESP)), <http://fap.alphasv.com/?page=presentacion>, 20/02/2008.

Anexo 5 – Relatório do 3º Encontro do Movimento Anarco-punk do Nordeste, dez, 1999.

Anexo 6 - Relatório do 5º Encontro Anarco-punk Nordeste, dez., 2001.

ANARCO FEMINISMO É CLUBE DA LULUZINHA??

O Feminismo contém propostas revolucionárias. Quando de seu surgimento, as mulheres se organizaram para lutar por espaços e direitos na sociedade, até então, onde só os homens podiam decidir e participar. Lutaram pelo direito ao voto, que sabemos que não mudou nada, mas que na época tal luta tinha seus propósitos e importância. O que vemos hoje em dia em relação ao feminismo é um movimento reformista e que muitas vezes, fica apenas brigando com os homens e lutando pelo poder.

O Anarquismo respira feminismo, nosso espaço foi garantido nas lutas anarquistas ao passar do século, conhecemos muitas mulheres que militaram em associações, sindicatos, teatros, centros de cultura, entre outros lugares libertários. Algumas delas já se assumiam anarco feministas.

Anarco feminismo é apenas a fusão de uma maior liberdade de expressão e organização para nós mulheres. O Anarco feminismo é uma luta que nós mulheres anarquistas, punks e libertárias buscamos para nós conhecermos melhor, trocar experiências, etc. Temos que reconhecer que mesmo em espaços libertários, nós somos esquecidas, pouco mencionadas e devido a isso, alguns homens anarquistas não dão importância a nossos trabalhos, nossa luta. Como também algumas mulheres anarquistas agem de forma machista e não se reconhecem como agentes da revolução, apenas receptoras.

O Anarco feminismo é mais uma luta do movimento anarquista que existe para somar e não diminuir; que existe para incluir e não excluir homens. Quando nós queremos um espaço para discutir só com outras mulheres não significa que não queremos a participação dos homens na luta anarco feminista, usando a velha frase, "homem não entra." Caso contrário, como os homens vão saber o que nos incomoda? Queremos sim nos conhecer melhor, discutir entre a gente nossos problemas e é importante que aconteça, o diálogo e discussão com os homens do movimento, e acho até com os que não são.

Nós anarco feministas não somos sectárias ou queremos fazer um "clube da luluzinha", somos anarquistas, queremos espaços para conversarmos entre nós, nos sentirmos e podermos trabalhar melhor nossa feminilidade para assim, lutarmos fortemente contra a opressão patriarcal que nos aflige mais diretamente. O que se quer é maior visibilidade e participação das meninas na cena e mostrar nossos trabalhos e militância.

Eu, particularmente, gosto muito de conversar com homens, tenho grande amigos. Mas, preciso conviver com mulheres, sinto falta de mulheres, principalmente aqui em João Pessoa, que sou apenas eu de menina atuando no momento.

Devido aos séculos que nos mantiveram caladas e oprimidas, os homens foram e são vistos como inimigos e muitas mulheres preferem conviver apenas com outras, amar outras mulheres e fecham as portas para os homens. Cada um tem sua maneira, e devemos exercitar o respeito perante isso, mas não sermos extremistas. É importante se buscar o diálogo, acredito que a gente deve fazer o que nos faz bem e dá prazer!

O Anarco feminismo trouxe e colocou em pauta questões importantes, e creio, pouco ou nem discutidas, no meio anarquista, como relacionamentos, casamento, homossexualismo, amor livre, aborto, saúde e participação da mulher na política partidária, sexualidade, entre outros campos. Apesar do movimento feminista hoje se encontrar preocupado apenas com a luta por cargos políticos, quando ele surgiu trouxe à tona estes mesmos assuntos e tinha um caráter mais combativo e militante.

Apesar de vários esclarecimentos sobre nossas propostas, muitos homens e mulheres do meio anarco punk continuam não entendendo o anarco feminismo e confundindo-o como "clube da luluzinha", então achei importante fazer texto para tentar esclarecer melhor que "diabo" é anarco feminismo. Espero que tenha conseguido passar a mensagem, mas se ainda existirem dúvidas, escrevam para:

REDE ANARCO FEMINISTA OBIRIN ONUÁ
CX. POSTAL: 3297 - CEP: 01060-970 - SÃO PAULO - SP

NÚCLEO @ FEMINISTA INSUBMISS@S

CX. POSTAL: 255
CEP: 58001-970
JP - PB

COLETIVO KRII POR LIBERO

CX. POSTAL: 7251

CEP: SALVADOR - BA

+ informes punks

SERGIPE: A *Afronto Contracultural* acaba de lançar catálogo nº 03 (camisas e patches), além disso, o Curisno avisa que saiu o *Censo* a nível anarco-punk Nordeste foi publicado. Envie 01 real para adquirir (endereço no expediente abaixo).

CEARÁ: Saiu *Reflexão y Subversão* #4, zine editado por Alex Fedox, que integra o coletivo *Ruptura*, que também possui catálogo, sons e atuam na cena cearense (endereço abaixo).

MARANHÃO: A *União Libertária* (ULMA) se fortalece cada vez mais, agora soma com punks e anarquistas (vídeos do extinto *MPS* [Mov. de Protestos Suburbanos, que nos anos 80 foi muito atuante na cena local], para se reorganizarem com solidez e estão preparando um local (tipo sede), calendários de ações, biblioteca, serigrafia, informativos (Librel! saiu o 02) e etc. ■ A banda *Última Marcha* lançou nova DT (C.P. 710-São Luís/MA-65001.970) ■ A banda *Amnésia* (HC), agora trio, envolvidos com ocupação, voltou a fazer shows ■ Acabou de sair o zine *Grito Punk* #10 (C.P. 710-São Luís/MA-65001.970).

PARAIBA: A banda *Descarga Violenta* acabou, porém continuam ativistas e o Renato Maia(vc) com o zine *Íntimo Punk Estranho* e selo *Boas Novas* ■ o grupo *CCS* (endereço abaixo) agita com diversas manifestações, inclusive contra a violência racista dos skin "merda"heads, contra o preconceito sexual, boicote ao show local do DFC e etc ■ os camaradas da banda *C.U.S.P.E.* articulam projeto amplo de serigrafia e precisam de artes e precisam de idéias, frases, desenhos e fotos (CP 10115 - Campina Grande/PB 58001.970) ■ O grupo *NPA* (Núcleo de Propaganda Anarquista) atua há bom tempo e se concentra no setor universitário e oferecem seus textos de estudos libertários.

expediente

BOLETIM UNIFICADO

Nº 04 - Fev/mar/abr-2000

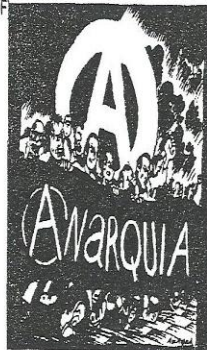
Informativo do Movimento Anarco-punk do Nordeste do Brasil

Editoração eletrônica e textos não assinados: J. Jamys (ULMA). Colaboraram os grupos: MAP/BA, Afronto/SE e CCS/PB.

PIAUI: O grupo *GEA* continuam ativos na ocupação realizada em 98 num bairro com mais de 2000 famílias. Eles possuem as bandas *Evidência*, *Reação a Opressão* e *Ingovernáveis* (endereço abaixo).

SÃO PAULO: O *ACR* está com a campanha em solidariedade a Mumia Abu-Jamal - uma luta contra a pena de morte a esse jornalista acusado de um crime forjado por ser integrante dos Black Panthers e, que espera a famigerada justiça racista dos USA a condená-lo à morte. O *ACR* prepara uma "revista" em quadrinhos biográfica do Mumia para arrecadar fundos e divulgar a luta contra o racismo e a pena de morte.

MÉXICO: Foi realizado em jan/2000 o 2º Encontro Anarco-punk a nível internacional, coordenado pelos grupos mexicanos *BSR*, *UPL*, *JIS*, *CCR*, *JAR* e *RIVAL*. Dividido em quatro mesas de trabalho e discussão com os temas: análise histórica do mov. punk, relações humanas, mulheres e @-feminismo, formas de vinculação do punk e formas de escapar do controle do estado. Estudaram a possibilidade de um boletim internacionalista e um site na internet. Participaram do encontro pessoas da Suécia, Polónia, Argentina, EUA, Canadá e etc. (*JAR* - Apldº 137.030 - CP 09291 - México DF).



Contatos: Afronto (CP. 374 - Aracaju/SE - 49001.970). *GEA* (Av. Duque de Caxias, 5465/102 - Teresina/PI-64006.221). *Coletivo Ruptura* (CP 2501 - Fortaleza/CE - 60721.970). *CCS* (CP 255 - J. Pessoa/PB 58001.970). *NPA* (CP 34 - João Pessoa/PB 58010.970). *MAPIBA* (CP 185 - Salvador/BA - 40001.970). *ULMA* (CP 710 - S.Luís/MA - 65001.970).

BU

BOLETIM UNIFICADO

Informativo do Movimento Anarco-Punk do Nordeste - Nº 04 - Fev/Mar/Abr - 2000



editorial -

Companheiros(as) revolucionários(as),

No Encontro Punk realizado em Salvador (dez/99), os grupos participantes deliberaram que o Maranhão seria o responsável pela coleta, produção e distribuição do Boletim Unificado nº 04 - esse em suas mãos. Estipularam datas para entrega de materiais, mas infelizmente, apenas dois grupos enviaram algo: fotos xerocadas e outro, as deliberações.

Por causa do prazo tão curto para receber os materiais, falta de maiores informações dos participantes e para não atrasar o lançamento desse boletim, o Maranhão resolveu publicá-lo logo, mesmo que a maioria dos grupos não enviaram *nada*!

Não publicamos as fotos enviadas pelo Curisco, porque ficaram ruins para reproduzir na máquina copiadora (copy-printer). Desculpem, ok?!

Então, será perdoado qualquer falha com a produção desse informativo. Certo?!

Então, vamos organizar ainda mais o movimento punk e derrubar essa merda toda!

Anarquia, faça uma todo dia!

AValiação

O 3º Encontro Anarco-punk do Nordeste foi considerado positivo no que diz respeito às discussões e deliberações. Apesar de alguns atrasos para iniciar as assembleias do encontro, as deliberações foram rápidas e no último dia, já haviam encerrado quase todos os assuntos.

Porém, houve problemas com a distribuição do almoço e do jantar no primeiro dia (alguns comeram muito e outros não comeram praticamente nada). As pessoas se serviam sem se preocupar como próximo. Isso foi resolvido no segundo dia e já sabemos o que fazer para não acontecer nos próximos encontros. As amizades foram boas, as brincadeiras também e o respeito nas falas foram sempre praticados, não precisando utilizar o sistema de inscrição em alguns temas, isso é sinal de que somos capazes de nos organizar em consenso.

A participação dos companheiros de outras regiões e de outros países foram bastante importantes e deu um clima de Encontro Internacional.

Participaram do Encontro os Estados da Bahia, Paraíba, Pará, Piauí, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte; as cidades de Santos e Campinas/SP; e os países foram a Espanha e a França.

Agora vamos colocar as propostas em prática e nos encontrar novamente para comemorar a vitória.

informes dos locais -

Seguem informações dadas no 3º Encontro sobre atividades nos diversos Estados, inclusive a Espanha

SANTOS (SP)

Criaram um boletim eletrônico que informa cerca de 700 pessoas por mala direta entre grupos negros, gays e de direitos humanos.

BELEM (PA)

Há três grupos de contestação social e a dificuldade no momento é espaço para reuniões.

PETROLINA (PE)

Foi formada recentemente a União Libertária Petrolinense. No momento há estudos sobre anarquismo e se pensa em uma campanha contra a fome.

CAMPINAS (SP)

Estão desenvolvendo com movimento de homossexuais, negros e de bairros. O mov. não tem muito referencial mas vem trabalhando com recursos próprios e está montando uma biblioteca. Estão participando também do OConselho Local de Saúde. Montaram uma rádio livre na UNICAMP e o Projeto A na Bola, que acontece todos os domingos.

SALVADOR (BA)

O MAP enfatizou os 10 anos de formação no Brasil, suas atividades junto aos movimentos Hip-hop, negro, MLPL, Anarquista de Cruz das Almas e sua participação no

Fórum de Direitos Humanos.

SÃO LUÍS (MA)

Trabalhos juntos ao movimento hip-hop e a organização de um ciclo libertário na Universidade Federal.

ARACAJU (SE)

Sem muitas atividades no momento.

TERESINA (PI)

Grupos de estudos e alguns cursos estão sendo feitos como esperante e capoeira. Falou-se também sobre a ocupação que ocorreu em 03/06/98 que já está com 5000 famílias alojadas.

JOÃO PESSOA (PB)

recolhimento de assinaturas pela liberdade de Mumia abu-Jamal e do término do NAL (Núcleo de Ação Libertária). As divergências com nihilistas ainda continuam.

NATAL (RN)

Manifestações pela liberdade de Mumia.

SÃO PAULO (SP)

Algumas pessoas estão se afastando do Mov. e está havendo aproximação de não-anarquistas. Há a comunidade Gulai Polé e estão fazendo curso de Promotoria Legal.

ESPAINHA

Há muitos grupos, alguns que funcionam com estrutura como FAI, CNT e CGT. Há punk de várias tendências (anarquistas, nihilistas, etc) e há vários grupos autônomos não muito grandes. A cena punk é forte, mas não muito organizada.

informes -

ENCONTRO ORGANIZA CALENDÁRIO DE AÇÕES E CAMPANHAS

DIA MUNDIAL DE LUTA PELA LIBERDADE DE MÚMIA
(data a confirmar)

CAMPANHA NACIONAL PELA NÃO OBRIGATORIEDADE DO VOTO

- Intensificar palestras e debates em Associações de bairros e escolas sobre o tema.

- Abstinência do voto ao invés de votar nulo.

- O MAP-BA irá elaborar dossiê sobre o tema "Não votar". Os grupos deverão enviar material até final de fevereiro/2000.

MANIFESTAÇÃO EM REPÚDIO À FARSA DOS 500 ANOS

Dia 22/04/00 - Porto Seguro/BA

- Participação dos grupos nos Fóruns regionais.

- MAP-BA irá enviar os endereços destes Fóruns.

- O movimento da Paraíba irá elaborar boletim referente ao tema e os outros estados deverão mandar material até fevereiro/00.

A COLETIVA LP-COLETÂNEA

A COLETIVA será um LP-coletânea lançado pelo movimento. Contudo, faltou matéria prima para sua prensagem, motivo de não ter saído na data prevista.

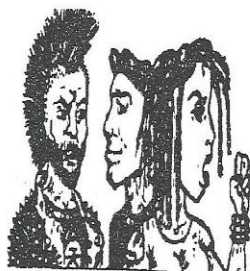
Recentemente, o LP já está na fila de espera e em breve, sairá esse pelardo.

Aguarde!

MOVIMENTO ANARQUISTA E ENCONTRO NACIONAL

A cidade de Salvador/BA, ficou como indicativo para realização do Encontro no carnaval de 2001. A confirmação será em dois meses.

Campinas formará a secretaria para discutir essa deliberação.



encontros de 2000

O próximo Encontro para **CONFRATERNIZAÇÃO DE 2000**, será realizado na cidade de João Pessoa/PB, no mês de junho.

O Encontro para **ASSEMBLÉIA DE 2000**, será em Teresina/PI, no mês de dezembro/00.

Não deixe de se organizar e participar! Vá arrumando as malas!

MAP E O MOVIMENTO ANARQUISTA

Foi uma discussão não deliberativa. Porém discutiu-se a credibilidade do MAP (Movimento Anarco-punk) junto ao movimento anarquista e o comportamento do mesmo em agir com transparência não só no movimento anarquista, como também nos movimentos de esquerda política.



boletim unificado

O Boletim Unificado, é um importante órgão de informação do movimento anarco-punk e dos encontros, já foram editado três números.

Apesar da falta e atraso de informações que os grupos não enviaram, esse quarto número foi deliberado no 3º Encontro que:

- O Maranhão é responsável pela edição e distribuição do boletim #04.
- Sua periodicidade continuará trimestral.
- As informações podem ser enviadas através de E-mail (quem tiver acesso) para o grupo responsável pelo boletim posterior.
- O material para esse 4º número deveria ser enviado até o final de janeiro/2000; (Nota do MA: apenas o grupo Afronto/SE, enviou fotos do 3º Encontro, a Bahia as deliberações e o CCL da Paraíba, alguns materiais).
- O boletim deverá ser distribuído no final de fevereiro.
- Os grupos deverão continuar enviando selos para apoio.

movimento anarco-punk

DESENVOLVIMENTO DO MAP

Entre os problemas constantes do MAP, foi citado no 3º Encontro algo sério: o movimento está fazendo muitas coisas ao mesmo tempo e acabando não concluindo nada, sempre está criando um projeto novo e não consegue concretizar outros iniciados antes.

Outra preocupação dos participantes é com a elaboração de zines e boletins, achando de grande importância para a divulgação das propostas anarco-punks e anarquistas, adquirindo assim, novos militantes e uma base mais sólida para concretizar os projetos, campanhas e ações.

Os grupos anarco-punks tem que perceber o que está ou não dando certo em suas ações e dando muito prioridade para continuar a fazer o que realmente está surtindo bons resultados.

Ampliar os contatos entre os grupos foi outro ponto que discutiram no 3º Encontro, buscando assim, maior integridade e intercâmbio entre os militantes.

MAP E MOVIMENTOS SOCIAIS

Atualmente, viu-se que fazer parcerias com organizações não-governamentais (ONGs) sem perder a autonomia e identidade libertária, é necessária.

Outro ponto discutido e analisado é o desenvolvimento de trabalhos em escolas junto ao grêmios estudantis.

A parceria com o movimento negro não só na luta contra o racismo, mas também em outras questões como desemprego, violência e outros.

Não se inserir nos DA's, universitários e sim passar, aos estudantes novas formas de participação e luta dentro da universidade.

RELACÃO COM NOVOS GRUPOS ANARCO-PUNKS

Os grupos mais novos passam a possibilitar a integração junto aos mais antigos e a correspondência junto a troca de materiais.

SOBREVIVÊNCIA E PRAZER

Foi uma discussão não deliberativa. Debateu-se sobre regiões de prazer em grupo, foram expostas teorias de William Reich sobre a união da luta com prazer.

A criação de novas formas de manifestação geram prazer ao indivíduo; o desinteresse de alguns causam frustrações em outros; o trabalho convencional é uma das formas mais negativas para o prazer; as instituições trabalhistas, os patrões e os colegas de trabalho são antiprazer, antívida.

Foi citado que este tema é importante para levantar questões práticas, como trabalho de arte e pintura em grupos. Isso cria uma sensação de prazer entre os indivíduos e uma experiência de vida nova e agitada.



POR UMA ORIENTAÇÃO SEXUAL LIBERTÁRIA

CONTRA O MACHISMO, SEXISMO, CAPITAL E TODA A AUTORIDADE.

ENCONTRO NO MÉXICO

Infelizmente, nenhum delegado foi escolhido para representar o Nordeste no Encontro do México.

Foi tirada a conclusão que o Movimento não tem condições financeiras para enviar representante.



PESSIMISTAS E FOR FUNS

A proposta deliberada sobre a situação entre anarco-punks e os pessimistas é a isolamento por completo deles.

Entretanto, foi discutido a elaboração de materiais direcionados tratando da importância do anarquismo no punk, no qual, servirá como campanha contra os nihilistas.

Com relação aos for fun, para quem não sabe, o pessoal que toca o estilo hardcore apenas como diversão, algo inaceitável para o punk, pois trata o HC como forma de protesto e de vida, terá um trabalho de informação política no meio for fun.

La Internacional Anarko Punk

INICIO

INICIO

CALENDARIO DE

ACTIVIDADES

DESKARGAS

GALERIA DE IMAGENES

LINKS

LA I.A.P.

CARTA DE PRESENTACION DE LA INTERNACIONAL ANARCO PUNK (I.A.P.)

Formulario de acceso

Usuario

clave

☐ Recordarme[¿Recuperar clave?](#)[¿Quiere registrarse?](#)[Regístrate aquí](#)

Sindicación

☐ RSS 0.91☐ RSS 1.0☐ RSS 2.0☐ ATOM 0.3☐ SPIN 0.9.1

La Internacional Anarko Punk es una red no lucrativa de comunicación y organización formada por colectivos e individualidades anarko punks activistas y/o actuantes de cualquier parte del mundo, que funciona horizontalmente de forma asamblearia, mediante un sistema de comisiones rotativas cada 2 años coincidiendo con nuestros encuentros. Existen en la actualidad adhesiones de Uruguay, México, Brasil, Chile, Colombia, España, Perú, E.U., Argentina, Alemania, Bélgica, Suiza, Polonia e Italia; expandiéndose hacia otros países.

Las características ideológico-culturales de la I.A.P. son, en resumen, las mismas que las de la pluralidad de la filosofía anarko punk; es decir: diversidad sexual y de etnias, anti-autoridad, anti-sexismo, anti-militarismo, anti-capitalismo, anti-fascismo, anti-homofobia, anti-especismo, apoyo mutuo... además de en contra de cualquier imposición dogmática, manipulación o superioridad religiosa: somos anarquistas. Llevamos intrínsecamente en ellas la lucha por la libertad de l@s seres viv@s; posicionándonos en contra de cualquier institución autoritaria.

Nos basamos en nuestras ideas y practicas para derrumbar cualquier tipo de autoridad y poder sobre l@s seres viv@s. ya que esa es una forma de sometimiento. Nos consideramos cosmopolitas, porque las fronteras fueron impuestas por los gobiernos para dominar y separar a los pueblos y al planeta. También combatimos la política institucional y/o jerárquica, que anula a las personas, que delegan su voluntad a intereses de grupos dominantes; y practicamos el hazlo tu mismo/a, autogestión y el apoyo mutuo. Tenemos la musica, el teatro, la indumentaria, la poesia, la alimentación, las comunidades, los espacios libertarios... como formas de luchas relativas a la contracultura punk, que está al margen de la sociedad capitalista. Además, luchamos contra el Estado o cualquier forma de opresión porque sofocan la libertad del/de la ser human@ y el desenvolvimiento natural de las actividades de l@s seres viv@s. Considerando que estas instituciones son l@s máxim@s representantes de la autoridad sustentada mediante las fuerzas represivas y porque son los responsables de las injusticias que afectan a l@s seres viv@s y de la destrucción de la naturaleza. No somos sectari@s, por lo cual apoyamos las luchas sociales, aunque sin perder nuestra identidad. No estamos unid@s (ni condicionad@s) a partidos políticos y/o instituciones jerárquicas, ni a grupos y/o personas que representen al Estado o a sus valores ni dejamos que gestionen nuestras actividades, publicaciones... No vinculamos nuestra imagen o identidad para fines económicos de sustento de dichas entidades. Por último, la I.A.P. no perjudica la autonomía de l@s individu@s y colectivos adheridos, respetando cada realidad.

Teniendo en cuenta todo lo anteriormente expresado, la I.A.P. se propone la difusión del ideal libertario, y de sus diferentes luchas, en el punk y a través de él, en todo el mundo; para incentivar el compromiso político en el movimiento anarko punk y en la población en general por medio de periódicos, folletos, conferencias, giras de bandas, cassetes y CDs, página web y todos los medios que tengamos a nuestro alcance; pero sobre todo con nuestro propio ejemplo en la actitud diaria. Además de mantener una red de comunicación y apoyo entre l@s divers@s colectivos e individu@s anarko punks a nivel mundial para posibilitar el conocimiento de los trabajos, necesidades, acciones, funcionamiento, etc. de dich@s colectivos e individu@s. Pretendemos ser un órgano representativo del movimiento anarko punk a nivel mundial (no somos la autenticidad ni la totalidad del movimiento, ni tenemos la verdad absoluta ni la patente del mismo. Sencillamente tenemos un proyecto concreto que nos diferencia de otras visiones del punk, lo cual tampoco nos hace superiores a nadie) frente a otras grandes organizaciones y movimientos sociales, con el fin de llevar nuestra voz de forma conjunta; y buscamos con esa organización el fortalecimiento y la unión del movimiento anarko punk, tanto cuantitativa como cualitativamente, y esperamos que sirva para encontrar nuevas perspectivas de lucha y resistencia.

Por ultimo, no aceptamos la tergiversación que le ha dado el sistema, los medios y ciertos individu@s al movimiento punk, con la actitud autodestructiva y de "no futuro", sino que entendemos este movimiento no solo como una vestimenta, un estilo musical o un pensamiento, sino como actuar constante y de lucha.

Hasta el momento, bianualmente, se han realizado cinco encuentros anarko punks internacionales: Punta Espinillo (Uruguay - 1998), Toluca (México - 2000), Salvador de Bahía (Brasil - 2002), Mar del Plata (Argentina - 2004) y Cajamarca (Peru - 2006) de donde nació la idea de continuar con este tipo de eventos, crear la organización, llevar la comunicación y coordinación a la práctica y difundir nuestras ideas. Son en estos encuentros donde, en sus asambleas generales, configuramos el funcionamiento de la I.A.P. y son el órgano máximo de decisión. La I.A.P. posee multiples proyectos de comunicación, autogestión, divulgación, etc.

INTERNACIONAL ANARCO PUNK

ASTO PITUAK "NO PUEDES DEJAR EL PUNK 2007 CHILE-PERU"

Esta es la invitación a una serie de actividades -ke están dentro de la celebración de los "30 AÑOS DE PUNK EN EL MUNDO, *El punk ke nos vio crecer y ke nos enseñó a vivir*" -a desarrollarse entre el día **Viernes 14 y Lunes 17 de Septiembre**

En esos días nos visitara la banda anarkopunk de Iruña-Pamplona-Estado Español "ASTO PITUAK" en el marco de su gira de despedida

lunes, 21 de enero de 2008

Breves

Y esta es la sección de descargas

el zine Anti-Todo no.18
(punkyline.kia)

Contador

Visitantes: 147068

¿Quién está en línea?

Hay 1 invitado en línea

PROXIMAS
ACTIVIDADES

Sin eventos

Take back
the web



Carta de Presentación

PRESENTACION

IDEARIO

PUNKZINE

ENCUENTROS

CONTACTO

ADHESIONES

FORO

LINKS

LISTADOS

MATERIALES

NOTICIAS

Cuando nos referimos al término, "anarcopunk", estamos hablando de colectivos e individualidades que ven el punk como un movimiento político surgido de la calle, serio y de carácter anarquista, en directa relación con el ideal libertario, un movimiento (y sentimiento) de rebeldía y compromiso que busca un verdadero cambio social.

El término "anarcopunk" para muchas personas puede llegar a significar una etiqueta, pero nada más lejos de la realidad, ya que dentro de este movimiento existen diferentes visiones respecto a muchos temas (liberación animal, consumo de drogas, maneras de vivir o luchar...). No obstante sí que existen unos principios comunes dentro de la F.A.P.:

-En primer lugar nos diferenciamos del rollo punk apolítico por creer que la cultura punk está estrechamente ligada al movimiento libertario debido a su base contracultural, anticapitalista y antiautoritaria, y también huimos de la imagen del punk desfasado o "destroy" por creer que con su actitud están colaborando con lo que las instituciones de poder llevan a cabo sobre los sectores de la población activos antiestatales.

No somos la autenticidad del punk, ni tenemos la verdad absoluta ni la patente sobre esta cuestión ni sobre ningún otra; sencillamente tenemos un proyecto concreto que nos diferencia de otras visiones del punk.

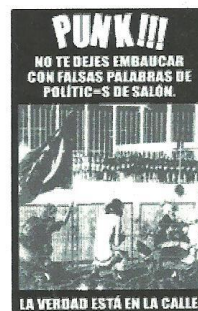
Dentro de esta aparente homogeneidad existen distintas posturas respecto a ciertos temas:

-Respecto a las drogas, rechazamos hacer apología de su consumo ya que creemos que esto es una opción personal de cada individuo, apostando por el autocontrol y su uso responsable, siempre siendo conscientes de las ventajas y desventajas de las mismas. Así como por todo lo negativo que estas han traído consigo para el movimiento punk y cualquier otro movimiento en general.

- En cuanto a la sensibilización para con los animales, rechazamos hacer apología del consumo de l=s mism=s no sólo por respeto a aquellas personas que mantienen una postura contraria a la explotación animal sino por entender que esta postura se entronca en las mismas bases de la ideología libertaria ya que dicha industria, basada en la explotación de otros seres vivos, está contribuyendo a perpetuar este sistema neoliberal, ya sea mediante el



**COMPRA BARATO
COMPRA PIRATA**
total... son una mierda de discos



consumo de animales, como la experimentación en los mismos,...

Para nosotros el punk es una cultura con un planteamiento de lucha social, que debe caracterizarse por cierto grado de compromiso y por la presencia en los colectivos antiautoritarios; y a la hora de proyectar y difundir nuestra cultura y nuestra lucha debemos utilizar todos los canales que tengamos al alcance (música, zines, artículos en revistas, boletines contrainformativos, charlas,...), pero el medio más contundente de hacer ver lo qué somos será siempre nuestra actitud, la "propaganda por los hechos" (y la coherencia entre ésta y nuestra filosofía de vida). El objetivo de esta actividad es la difusión del ideal libertario en el punk y a través de él. Estamos realizando un fanzine, con el objetivo de acercar a la gente que desconoce la existencia de este movimiento nuestra realidad y nuestra lucha.

En Septiembre de 1.999 tuvieron lugar en Zaragoza unos encuentros con el objetivo de crear una federación estatal de colectivos e individualidades anarcopunks. La idea surgió de un colectivo anarcopunk de Zaragoza y estos encuentros tuvieron tanta aceptación que se decidió crear casi inmediatamente después la Federación Anarco Punk, ya que acudió gente de distintas zonas del estado, Madrid, Murcia, Bilbao, Barcelona, Tenerife, Navarra,... Tras estas jornadas se han ido celebrando dos encuentros anuales en ciudades como Barcelona, Pamplona, Bilbao, Cádiz, St. Guim de Freixenet (Lérida), Jaraba (Zaragoza), Llodio (Álava), Leioa (Vizcaya), Madrid, Sevilla, Durango (Vizcaya), Lucena (Córdoba),... En estas jornadas se desarrollan multitud de actividades, como son los conciertos (para financiar las jornadas), actividades como exposiciones, charlas, proyecciones de videos, documentales, películas, debates, comidas, teatro... así como las asambleas que sirven para conocernos mejor y coordinar así la lucha anarkopunk, mediante campañas de información y otras actividades a nivel estatal, revitalizando este movimiento relativamente joven en el Estado.

Motivos de la creación de la FAP:

La Federación Anarco Punk representa la unión de los colectivos e individualidades que, dentro del Estado, tenemos este tipo de visión respecto al punk. Esta unión está enfocada a que el anarcopunk posea más fuerza (ya que el movimiento anarcopunk cojeaba en este sentido), y no sea el trabajo de pequeños grupos o individualidades aisladas entre sí mism@s. No podíamos dejar de comentar el porqué somos una federación y no una coordinadora: La federación implica compromiso de trabajo y acción, no una simple unión de colectivos o grupos. No decimos que la unión sea mala, lo erróneo es la falta de compromiso para

realizar actividades que difundan y practiquen el ideal libertario (anarquía). Cada colectivo posee autonomía propia, y a la hora de comunicarnos entre tod@s utilizamos mecanismos internos.

-La F.A.P. es una agrupación de gente, de ambos sexos sin distinción de etnias ni color, que tienen una inquietud social cuyo objetivo es que el ser humano sea libre (social e individualmente) e igualitario con sus semejantes con todo lo que esto supone: antipatriarcado, antisexismo, antifascismo, antiautoritarismo, ateísmo activo, antiespecismo,...

-El objetivo de la F.A.P. es luchar contra todo tipo de autoridad, en la que unas personas puedan dominar sobre otras porque recorta la libertad del ser humano y el desarrollo normal de las actividades de los seres vivos, y que es defendida mediante fuerzas represivas (ejército, policía, jueces/as,...) y por ser el culpable de las injusticias que afectan a los seres vivos. Se pretende luchar contra el Estado y combatir la política institucional ya que anula a las personas que delegan su voluntad a intereses colectivos de la falsa mayoría parlamentaria democrática. Rechazamos cualquier división artificial de la tierra y los sentimientos de patriotismo o nacionalismo porque buscan la perpetuación del concepto de estado.

-La forma que creemos adecuada para lograr nuestros fines es practicar la acción directa mediante la actuación colectiva y sin intermediarios ante los órganos estatales, usando diferentes métodos de difusión y concienciación (no sólo mediante la acción violenta como comúnmente se entiende el término acción directa). Esto puede servir como un frente de lucha contra la manipulación mediática de la que se sirven los aparatos de poder, defendiendo el derecho a que nadie gobierne nuestras vidas.

-Una de las bases de la F.A.P. es el funcionamiento de forma asamblearia y autogestionada, obteniendo con nuestras actividades nuestros propios recursos, lo que implica que no recibimos subvenciones de ningún ente político-institucional, por lo que tenemos autonomía de acción y pensamiento y no dependemos de nadie. La financiación de la F.A.P. depende de lo que cada colectivo pueda aportar realizando actividades o editando material en apoyo.

-Potenciamos el no consumismo evitando al máximo colaborar con las multinacionales porque son las responsables del agotamiento de los recursos del planeta y del control sobre los seres vivos, sobretudo de los sectores más desfavorecidos económicamente. Creemos en el apoyo mutuo y la solidaridad como forma de relacionarnos frente a los valores de competitividad, elitismo e individualismo

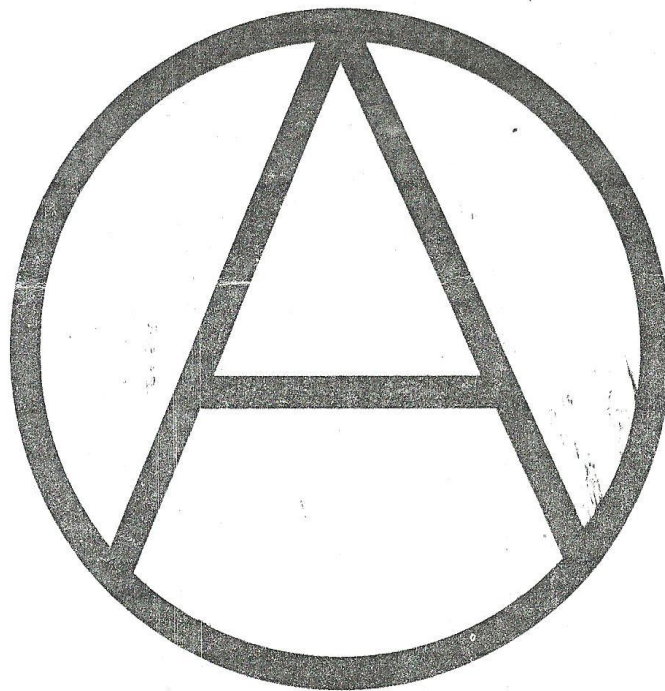
que nos inculca el sistema mediante sus medios (educativos, sociales, morales,...).

Desde que se formó la F.A.P. han ido y venido varios colectivos y/o individualidades y actualmente esta compuesta por colectivos de diversas zonas: Barcelona, Navarra, Vitoria, Castellón, Vizcaya, La Rioja, Madrid, Sevilla, Alicante, Córdoba, Segovia,... estando coordinados en la I.A.P. (Internacional Anarco Punk) con colectivos anarcopunks de América (Brasil, Chile, Argentina, México, U.S.A.,...) y de Europa (Alemania, Polonia,...).

Si estás interesad= en este proyecto, contacta con el colectivo más cercano a tu zona, el cual te dará mayor información acerca de la F.A.P. Para ello puedes contactar con alguno de estos colectivos mediante internet visitando [esta página](#) o escribiendo al e-mail fap@sindominio.net.

F.A.P.

RELATÓRIO DO 3º
ENCONTRO DO
MOVIMENTO ANARCO-
PUNK DO NORDESTE



Dias 24, 25 e 26/12/1999

Salvador - BA

O primeiro dia do Encontro começou às 16:00hs. com a auto apresentação dos participantes. Compareceram militantes da Paraíba, Pará, Piauí, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Santos/SP, Campinas/SP, São Paulo/SP, Espanha e França.

Foram lançadas as propostas para ponto de pauta para os três dias do Encontro e foram discutidas as seguintes:

- 1 – Organização interna do Encontro;
- 2 – Informes
- 3 – Boletim Unificado
- 4 – Sobrevivência e Prazer (debate)
- 5 – Encontro no México
- 6 – Desenvolvimento do MAP
- 7 – Relação com novos grupos Anarco-punks
- 8 – MAP e Mov. Sociais
- 9 – Pessimistas e For funks
- 10 – A Coletiva/Coletânea
- 11 – Calendário e Campanhas
- 12 – Mov. Anarquista e Encontro Nacional
- 13 – MAP e Mov. Anarquista
- 14 – Próximo Encontro do Nordeste
- 15 – Avaliação do 3º Encontro

1 – ORGANIZAÇÃO INTERNA DO ENCONTRO

1.1 – Decidiu-se que as discussões começariam às 09:00hs., teria uma pausa às 13:00hs. para almoço, reiniciariam às 14:00hs. e se encerrariam às 19:00hs.

1.2 – Foram organizadas comissões de limpeza e alimentação para os três dias do Encontro.

1.3. – Foi debatido meios de como se comportar perante ao inimigo (pessimistas), caso este comparecesse no local do Encontro.

1.4 – Foi circulada uma lista de presença com nome e RG dos participantes a qual ficou na portaria do local à noite, impedindo a entrada de desconhecidos.

2 - INFORMES

Antes dos informes locais foi feita uma avaliação do Encontro de Belém, onde foram lido os informes e um relatório feito por um companheiro da Espanha; foi lido também o relatório do 2º Encontro Nordestino que aconteceu em Fortaleza/CE nos dias 26, 27 e 28/12/98.

2.1 – Santos/SP – Foi criado um boletim eletrônico que informa cerca de 700 pessoas por mala direta entre grupos Negros, Gays, e de Direitos Humanos.

2.2 – Belém/PA – Há três grupos de contestação social e a dificuldade no momento é espaço para reuniões.

2.3 – Petrolina/PE – Foi formada recentemente a União Libertária Petrolinense. No momento há estudos sobre anarquismo e se pensa em uma campanha contra a fome.

2.4 – Campinas/SP – Vem sendo desenvolvidas várias atividades com Mov. de homossexuais, negros e de bairros. O Mov. não tem muito referencial mas vem trabalhando com recursos próprios e está montando uma biblioteca. Estão participando também do Conselho Local de Saúde. Montaram uma rádio livre na UNICAMP e o Projeto A na Bola que acontece todos os domingos.

2.5 – Salvador/BA – O MAP enfatizou os 10 anos de formação no Brasil, suas atividades junto ao Mov. Hip Hop, Mov. Negro, MLPL, Mov. Anarquista de Cruz das Almas e sua participação no Fórum de Direito Humanos.

RELATÓRIO DO 5º ENCONTRO ANARCOPUNK NORDESTE

Realizado nos dias: 22, 23, 24 e 25 de dezembro de 2001, na cidade de João Pessoa/PB

O 5º Encontro Anarco Punk Nordeste teve como papel principal a retomada das discussões sóbrias sobre as questões pertinentes ao movimento, o que pode possibilitar um novo impulso no processo organizacional do movimento anarco punk da região, pois os últimos encontros acontecidos haviam se caracterizado pela falta de entendimento e dispersão quase que generalizada.

Cidades presentes:

Neste encontro compareceram pessoas das seguintes cidades: Salvador, Aracaju, Petrolina, Recife, Natal, Fortaleza e João Pessoa, além da participação de duas pessoas anarquistas de Porto Alegre/RS.

DIA 22 = MANIFESTAÇÃO NA RUA / INFORMES

A maioria do pessoal chegou no dia anterior (sexta-feira, 21), isso possibilitou que seguisse a programação sem grandes problemas.

As 10:00 hs da manhã do dia 22/12 realizamos uma pequena passeata saindo da sede do CCS/JP e passando por algumas ruas do centro de João Pessoa até a lagoa (ponto mais central da cidade), onde foram expostas faixas, distribuídos panfletos contra o consumismo capitalista e a hipocrisia cristã. Também foi confeccionado um papai noel como símbolo capitalista que foi carregado durante a passeata e também ficou exposto durante toda a manifestação. O objetivo final era a queima do papai noel, no entanto foi decidido entre os participantes que seria feita uma nova manifestação no dia 24/12 e aí queimaria-se o boneco.

Após terminada a manifestação (sem maiores problemas!!!), ficou acordado de na parte da tarde acontecer a primeira reunião onde discutiríamos a pauta do encontro e em seguida seria repassados os informes de cada localidade. E assim foi feito... Depois de um almoço rápido, ficou decidido que manteria-se a pauta sugerida pelo pessoal do CCS/JP e incluiria-se apenas a nova manifestação na programação.

Assim foram repassados os informes das pessoas e grupos presentes. Tais informes estão expostos no novo Boletim Unificado que já está em circulação.

DIA 23 = 1º TEMA: "PADRÕES" NO MOVIMENTO PUNK

Foram colocados assuntos para discussão como: comportamento, visual, som e formas de relacionamento e posicionamento do mov. Punk.

A primeira questão levantada foi a cobrança que existe no meio punk em relação as pessoas que não usam o visual "padrão" do punk, como: rebites, moicanos, patches, sendo esta atitude vista como pré-conceito e até são feitos julgamentos caso algumas pessoas se digam punks mas não usem estes acessórios.

Por outro lado, não se quis dizer que o visual punk como é visto deva ser deixado de lado, mas sim que haja respeito às diferenças e que cada pessoa possa expressar a cultura punk de acordo com os princípios que norteiam seu surgimento, como a iconoclastia, anti-militarismo, anti-homofobia, quebra de padrões e estereótipos, anti-estética e com o sentimento libertário.

Nas palavras de um dos participantes do debate, o punk busca a originalidade e é essência, está dentro de cada um(a) que se identifica com essa cultura, por isso mesmo não usando o visual mais comum no movimento, não perde a essência punk.

Também foi levantado a questão de que por outro lado algumas pessoas simpalizam com a postura punk mas tem a ruptura com a família e com a sociedade de um modo geral e a forma do punk está em colocar esse poder de ruptura (seja através do visual, do som, das discussões) em prática e não apenas em teoria.

Depois a discussão seguiu pra som, onde foi salientado que muita gente ouve apenas hardcore, quando há outros sons interessantes e passando a ouvir outros sons, não quer dizer que a pessoa deve de ser punk. Do som, partiu-se rapidamente para o tema squat (na realidade, os assuntos iam e voltavam sem um fechamento dos temas), pois por experiência de alguns participantes há um rechaço aqueles que ainda moram com a família e caso conheçam punks que moram em squats ou até nas ruas, são tratados de forma discriminada. Para que isso, como todas as divergências que rolam no meio anarcopunk, tenham fim é preciso se estabelecer diálogos sinceros, abertos e diretos e que não aja pré-julgamento, nem rechaço se outr@s punks moram com a família. É a velha história: "eu sou mais punk porque estou nas ruas, quebrei com a família!", mas muitas vezes quando está na pior, procura a família que tanto nega. Muita gente faz confusão entre extremismo e radicalismo e é preciso saber diferenciar.

Foi ressaltado que rolam imposições de comportamentos para pessoas que começam a se interessar pelo movimento, sendo esses comportamentos autoritários, pois mais uma vez não há diálogo, respeito e liberdade ao outro, negando que essa pessoa se expresse ao seu jeito e possa conhecer mais o movimento.

Novamente foi tocado no tema visual punk, em que o punk deve buscar a criatividade e quebrar padrões sociais desta sociedade burguesa, buscando resgatar o significado, o sentido de cada objeto usado pelo punk. Mesmo o visual estando em evidência pela moda, nunca será capturado, justamente pelos significados e originalidade que o punk dá ao que usa.

Sobre as bandas, é importante que conheça melhor a todas, e principalmente as que estão mais próximas, pois muitas vezes se conhece mais bandas do exterior ou de outros lugares do Brasil do que as que estão mais próximas.

A discussão encaminhou-se para o anarco-cristianismo, se é coerente alguém se dizer punk e ao mesmo tempo cristão. Foi ressaltado que é importante se discutir sobre o assunto, mas com cuidado para não se afirmar nada, porque a história é falha sobre cristo e o que foi escrito na bíblia foi traduzido numa interpretação beneficiando os opressores. As opiniões variaram bastante sobre o tema não chegando a um consenso por haver uma grande diferença de opiniões.

2º TEMA: ENCONTROS @PUNK, PARA QUÊ?

Na parte da tarde, após uma parada para almoço começou um debate que propunha avaliar os encontros que acontecem no nordeste (confraternização e deliberativo), pois os mesmos vinham perdendo o sentido de realização. Dessa forma, foi colocada a pergunta: encontros @punks NE pra que? E a discussão seguiu levando em consideração os pontos positivos e negativos dos encontros.

Pontos negativos: Pouca comunicação (cartas, contato pessoal); a perda de sentido e estagnação do boletim unificado, também a falta de iniciativa e idéias. Outra coisa que contribuiu de forma negativa foi a pouca organização de alguns grupos que realizaram os encontros.

Pontos positivos: O encontro @punk nordeste já vem sendo realizado a 4 anos, isso demonstra resistência e vontade de ver o movimento estruturado. Outros pontos foram colocados como positivos, mas ainda precisam ser mais praticados, como: intercâmbio de organização de atividades, calendário de atividades em comum, discussão do próprio movimento para que haja solidariedade com as experiências cotidianas de cada grupo, autocritica (grupos e indivíduos).

Nesta discussão foi levantada a questão da continuidade ou não do Boletim Unificado e então dois integrantes do CCS/JP se propuseram a editar 3 números até o encontro internacional. Durante o enc. internacional analisará se o boletim está cumprindo o seu papel, caso contrário, outro grupo assumirá a edição ou veremos se há condições (e necessidade) de se continuar com a edição do Boletim Unificado.

-----3º TEMA: PREPARAÇÃO/DISCUSSÃO DO ENCONTRO INTERNACIONAL-----

Nesta pauta, que foi sobre a preparação e discussão do encontro @punk que irá acontecer em meados de julho de 2002 em Salvador, a maioria d@s participantes não tinha trazido propostas para o encontro internacional, apenas Aracaju expôs a preocupação com transporte e alimentação. Também foi discutido sobre algumas propostas que havia sido publicadas no jornal *Clã Destino* de Florianópolis. João Pessoa mandou alguns temas como proposta para discussão e para oficinas, e está vendo a possibilidade do aluguel de um ônibus para levar o pessoal das cidades mais próximas.

Diante disso outras idéias foram surgindo e o grupo Afim, de Natal, através de seu representante propôs ver a questão da segurança no local para se evitar a presença dos repressores oficiais (polícia e agentes do serviço de informação) e de pessoas que vão pra Salvador apenas para tumultuar o encontro. Outro ponto é se colocar na ficha de inscrição a pergunta de quem tem noção de inglês ou espanhol, para serem facilitadores dos debates. Sobre a ficha de inscrição foi esclarecido pelo pessoal de Salvador o porque da mesma e que o dinheiro estipulado será revertido para a alimentação e para outras despesas que terá por lá. Outro ponto sobre a ficha que foi discutido foi se quem não se inscrever antecipadamente, como irá fazer no dia do encontro, sobre isso ficou esclarecido que quem deixar para se inscrever no começo do encontro terá dificuldades para fazê-lo.

-----DIA 24 = TEMA: PROBLEMAS NO MOVIMENTO @PUNK-----

Foram discutidos alguns problemas que têm prejudicado reuniões, encontros e grupos do movimento, como a falta de confiança, falta de diálogos, "ideologias" conflitantes com o punk (por ex: anarco cristão e pessimistas), falta de organização e atividades sobrecarregadas em algumas pessoas da cena e de alguns grupos. E outro problema que voltou a aparecer no movimento @punk foi a questão dos roubos que têm ocorrido com uma certa frequência, seja em encontros ou até mesmo em atividades. Estes roubos aconteceram em João Pessoa e principalmente em Natal. A decisão consensual a respeito disso foi de que a sinceridade deve prevalecer em todas as situações, se alguém tem suspeita de alguma pessoa, deve falar isso abertamente, indagando mesmo para esclarecer as suspeitas e não ficar "passando a mão na cabeça" por ser amigo@ ou fazer parte do mesmo grupo.

Outro problema levantado foi as infiltrações que acontecem no movimento. Deve-se atentar para a vulnerabilidade do repasse de informações e hospedagem para pessoas que aparecem se dizendo "anarquistas" ou "punks", sem que tenha-se uma referência concreta sobre a participação dessas pessoas no movimento.

O encontro já estava no final, o pessoal já estava sem ânimo para discutir, então esses assuntos esgotaram-se logo, mas, concluiu-se que temos muitos problemas em âmbito local, regional e nacional, que geralmente são os mesmos e é preciso buscar soluções para cada um deles e de preferência de maneira conjunta. Os caminhos para isso seria a intensificação do diálogo, fazer autocríticas, críticas construtivas, buscar vivenciar os princípios do movimento e exercitar a confiança.

As discussões se estenderam por um tempo além do acordado e acabou atrapalhando a manifestação que estava combinada de acontecer na parte da tarde. Também não houve mobilização para que acontecesse o protesto.

-----DIA 25/12 = TEMA: AVALIAÇÃO DO ENCONTRO-----

Para este dia estava programado acontecer a avaliação do encontro pela manhã e a tarde rolar um ensaio ao vivo com o pessoal que toca em banda e estava presente. Esta alternativa de confraternização foi substituída por uma outra proposta de após a avaliação todo o pessoal presente ir para a praia.

A avaliação começou no período da tarde em virtude da exibição de vídeos que se seguiram de pequenas conversações.

Na avaliação foi unânime a opinião de que o encontro foi produtivo, principalmente por não ter perdido tempo com burocracias características de organizações de esquerda, como: mesa diretora, controle do tempo e inscrição para a fala, e.t.c., as discussões fluíram muito bem sem esses tipos de artifícios.

Outro avanço do encontro foi o fato de não ter existido aquela velha cobrança para a participação de tod@s @s presentes nas discussões, quem participou (grande maioria d@s presentes) fez isso de forma espontânea e efetiva.

Foi enaltecido como bastante positivo a forma de confraternização, bastante diversificada, entre o pessoal presente, como: troca de materiais produzidos por gente do próprio movimento, futebol, vídeos, oficina de biodança, e.t.c....

Sobre os temas discutidos ficou claro o posicionamento dos presentes contra os padrões estabelecidos dentro do movimento e que é necessário que se enalteça a cultura punk, sem que isso resuma-se a questão de estereótipos ou apenas música.

Com relação aos problemas dentro do movimento, isso sempre vai existir.... O grande lance é saber buscar soluções práticas que nem sempre têm que ser drásticas.

No tema sobre os encontros a nível nordeste foi constatado a necessidade da realização dos mesmos, pois além de possibilitar o contato pessoal e o estímulo entre @s ativistas da região, sempre surgem novas possibilidades de organização, estratégias e táticas que podem contribuir com os grupos em cada localidade.

Nesse encontro ficou clara a impossibilidade da realização do encontro de confraternização a nível nordeste deste ano, em virtude da organização do encontro internacional que irá acontecer em Salvador e praticamente na mesma época que seria realizado o encontro de confraternização.

Foi tirado como indicativo a cidade de Natal para realizar o próximo encontro deliberativo a nível nordeste no final desse ano. O pessoal de Natal pediu um prazo até março para analisarem se terão ou não condições de organizar tal evento.

Assim foi o ENCONTRO ANARCO PUNK A NÍVEL NORDESTE. Tentamos resumir ao máximo as informações e sabemos o quanto é difícil sintetizar tudo que rola num encontro, mas esperamos que não tenha sido esquecido ou colocado de maneira diferente, algo importante acontecido no encontro.

Relatório elaborado por: Mabel e Renato (Centro de Cultura Social de João Pessoa)
Caixa postal 255 João Pessoa/PB 58001-970
Email: ccslp@starmedia.com